

AMAURY RIBEIRO JR., LEANDRO CIPOLONI,
LUIZ CARLOS AZENHA e TONY CHASTINET
PREFÁCIO de ROMÁRIO

O LADO SUJO DO FUTEBOL

A TRAMA DE PROPINAS, NEGOCIATAS E
TRAÍÇÕES QUE ABALOU O ESPORTE
MAIS POPULAR DO MUNDO



O LADO SUJO DO FUTEBOL

A TRAMA DE PROPINAS, NEGOCÍATAS E TRAIÇÕES
QUE ABALOU O ESPORTE MAIS POPULAR DO MUNDO

Amaury Ribeiro Jr
Leandro Cipoloni
Luiz Carlos Azenha
Tony Chastinet

O LADO SUJO DO FUTEBOL

A TRAMA DE PROPINAS, NEGÓCIATAS E TRAIÇÕES
QUE ABALOU O ESPORTE MAIS POPULAR DO MUNDO

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2014

Todos os direitos reservados

O conteúdo desta obra é fruto de trabalho jornalístico dos autores e não contém necessariamente a opinião da editora e de seus dirigentes.

Todos os documentos estão disponíveis em domínio público ou fazem parte de acervo pessoal dos autores.

Preparação: Adalberto Leister Filho

Revisão: Maurício Katayama

Diagramação: Mauro C. Naxara

Projeto de capa: Companhia

Imagem de capa: Lumi Zúnica

Conversão eBook: Hondana

ESTA OBRA EM VERSÃO DIGITAL NÃO CONTÉM OS DOCUMENTOS QUE, POR RAZÕES DE
ORDENS TÉCNICAS, SÓ ESTÃO DISPONÍVEIS NA VERSÃO IMPRESSA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L158

O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo / Amaury Ribeiro Jr. ... [et al.]. - 1. ed. São Paulo : Planeta, 2014.

il.

ISBN 978-85-422-03776

1. Futebol - Corrupção. 2. Futebol - Aspectos políticos. 3. Futebol - Aspectos econômicos. 4. Reportagem investigativa. I. Ribeiro Júnior, Amaury. II. Cipoloni, Leandro. III. Azenha, Luis Carlos. IV. Chastinet, Tony. V. Título.

14-11534

CDD: 796.33406

CDU: 796.332: 061.2

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – cj. 32B

Edifício New York

05001 -100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Às nossas famílias, aos amigos Andrew Jennigns, Antonio Guerreiro, Cidinha Campos, Chico Otávio, Denyse Godoy, Domingos Fraga, Douglas Tavolaro, Fabiano Falsi, François Tanda, Gilberto Nascimento, Heleno Torres, Heloisa Villela, Juca Kfourir, Karla Dunder, Luis Felipe Andrade, Lumi Zúnica, Marcelo Rezende, Marcelo Freixo, Marcia Cunha, Maria Teresa Pinheiro Moraes, Miguel do Rosário, Octavio Tostes, Rodrigo Lopes, Rodrigo Vianna, Romário de Souza Faria, Rubens Valente, Paulo T., Sheila Fernandes, Thiago Contreira, Voltaire Simei, Valdir Zwetsch e às “fontes”, que nos forneceram valiosas informações, mas que não podem ser identificadas.

SUMÁRIO

. PREFÁCIO

1. AMIGOS ÍNTIMOS

2. VIDA A TRÊS

3. O FILHO DO SOGRO

4. OS DONOS DA BOLA

5. O ESTRATEGISTA DA SOMBRA

6. LOS TRES AMIGOS

7. CANIVETE SUÍÇO

8. TELA QUENTE

9. FESTA VIP

10. A PRIVATARIA NOS ESTÁDIOS

11. NÃO VOTEI NA FIFA

. EPÍLOGO

. BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Prepare o seu coração, leitor.

Se você é um daqueles torcedores fanáticos esse livro vai mexer com os seus sentimentos e com a sua maior paixão. De uma maneira diferente, mas não menos intensa. A crônica esportiva dará lugar a investigações policiais, a comissões parlamentares de inquérito e a processos nas Justiças brasileira e internacional.

Nas páginas a seguir, como anuncia o título, você realmente conhecerá não só o lado sujo, mas a podridão do futebol. Aquela que não é possível ver das arquibancadas e nem pela televisão. Ficaré surpreso ao perceber que o jogo é ainda mais disputado longe dos gramados. E que os dribles de craques consagrados não são tão eficientes como os que os cartolas costumam dar nos órgãos de fiscalização e controle.

Entre outras coisas, você saberá como o Ricardo Teixeira e o seu então sogro, João Havelange, criaram uma ditadura na CBF e na FIFA e como enriqueceram saqueando o futebol. Os dois não hesitaram em transformar a paixão dos torcedores em um modelo de negócios corrupto e lucrativo apenas para si mesmos e para os seus cúmplices.

Anos mais tarde, contudo, um acidente de carro nos EUA destruiu a relação familiar e mudou a trajetória de Ricardo Teixeira e os rumos do futebol brasileiro. Você entenderá logo mais.

O lado sujo do futebol é resultado da inquietação dos competentes jornalistas Amaury Ribeiro Jr, Leandro Cipoloni, Luiz Carlos Azenha e Tony Chastinet. Poucos profissionais da imprensa demonstram tamanho compromisso com a informação precisa como os quatro autores.

Com sensibilidade e técnica jornalística apuradas, os repórteres mostram que as ações inescrupulosas da quadrilha que comanda o futebol são entrelaçadas em histórias de mentiras, traições conjugais e entre parceiros de negócios, lavagem de dinheiro, chantagens e outras fraquezas humanas que seguram o leitor até a última página. Uma novela na qual não há mocinhos e nem final feliz. É triste,

mas imperdível!

Instigados pelos fatos nebulosos que envolvem o futebol e curiosos em compreender as negociatas fraudulentas dos dirigentes esportivos, os jornalistas dissecaram inúmeros contratos e prestações de contas para rastrear o dinheiro enviado para paraísos fiscais. Um trabalho de investigação impecável.

Graças a esses dados, identificaram as intrincadas operações financeiras para lavar dinheiro, assim como o enriquecimento ilícito dos cartolas que contrasta com a dívida bilionária dos clubes de futebol brasileiros.

Os documentos levantados em fontes oficiais revelam em detalhes como Ricardo Teixeira e João Havelange chegaram ao poder e criaram uma rede de relacionamentos com dezenas de autoridades, oferecendo mimos e usando a seleção brasileira de futebol, patrimônio do nosso País.

Por tudo isso e muito mais, *O lado sujo do futebol* é um golaço dos jornalistas. Instigante, a publicação embrulha o estômago dos desavisados porque desvenda o submundo da cartolagem e escancara como o esporte mais popular do planeta foi contaminado pela mentira e pela trapaça.

Não há como permanecer impassível diante de tantas denúncias e graves revelações. Arrisco a afirmar que depois de ler esse livro até a relação com o seu clube do coração pode mudar.

A apuração responsável utilizada pelos experientes repórteres garante a credibilidade das denúncias e presta um serviço dos mais relevantes ao Brasil. Afinal, o único pentacampeão mundial precisa entender como é tratado o futebol, um dos traços mais marcantes da cultura nacional.

Enfim, você tem nas mãos um texto indispensável para conhecer o que se passa fora das quatro linhas. É a oportunidade para refletir e rever os seus conceitos sobre o esporte e, principalmente, sobre quem o administra. Agora, mais do que nunca, tenho certeza de que a CBF é mesmo o câncer do futebol!

Vá em frente e aproveite.

Romário de Souza Faria



AMIGOS ÍNTIMOS

“Esse carro teve um desastre nos Estados Unidos. E faleceu uma pessoa que era muito querida minha.”

Ricardo Teixeira

O caminho que nos leva até a fonte do mistério corta os pantanos da Florida, nos Estados Unidos. Nossa viagem vai de norte a sul, de Orlando a Miami. Paramos para abastecer. O bando de corvos que cerca a lanchonete anexa ao posto de gasolina dá um ar surreal à nossa missão, que faz lembrar os contos cavernosos de Edgar Allan Poe. Mas o nosso objetivo é justamente separar ficção de realidade. Estamos atrás da verdade escondida no acidente que pode ter mudado a história do futebol mundial.

Na saída 193, fazemos o retorno na Florida Turnpike e ajustamos o contador de quilometragem. Após 26 quilômetros, paramos no acostamento, no ponto exato indicado por um boletim de ocorrência em nossas mãos. Um carro da polícia rodoviária para em seguida. Educado, o policial nos adverte que só se pode estacionar ali em casos de emergência. Explicamos o motivo de nossa presença. “Façam o que for preciso e saiam depressa.”

Um de nós já está dentro da mata. Seus gritos fazem mais barulho que o motor da viatura policial que arrancava dali. No meio da lama, peças antigas de um automóvel – um friso de plástico, um pedaço de para-choque. Coincidência ou não, aqueles pedaços de carro nos enfiam num túnel do tempo. Voltamos a outubro de 1995, uma sexta-feira 13.

Passava pouco da meia-noite quando um luxuoso BMW preto cortava em alta velocidade a Turnpike. Com o pé firme no acelerador, uma bela jovem carioca, morena, esguia, cabelos lisos escuros, sobrancelhas arqueadas. Adriane usava colares, pulseiras e anéis dourados. Estava acompanhada por Lorice, a quem havia

buscado no Hotel Marriot, em Boca Raton.

Era uma noite típica dos outonos no Estado do Raio de Sol, lema oficial da Flórida: 25 graus, céu limpo. Numa fração de segundos, o carro se desgovernou a mais de 160 km/h. Rodopiou, capotou e caiu em um lago. A jovem morena ficou presa nas ferragens. A amiga, ferida, foi retirada do veículo por motoristas que pararam no local. Adriane de Almeida Cabete, de 23 anos, morreu afogada na madrugada daquela sexta-feira. O acidente encerrou o conto de fadas que ela começara a viver meses antes no Brasil.

A maior parte desse conto de fadas havia se passado na Flórida, terra dos parques de diversão da Disney, em Orlando. Uma das principais atrações por lá é o Castelo da Cinderela, cópia do original de Neuschwanstein, na Alemanha, cenário da história da moça pobre que uma fada-madrinha transforma em princesa. Para a estudante Adriane, nascida e criada perto do morro do Alemão, subúrbio do Rio de Janeiro, o condomínio de luxo Clube do Polo, em Delray Beach – de onde ela teria saído pilotando sua carruagem conversível –, era a materialização de um castelo. Na fábula, o encanto de Cinderela se quebra à meia-noite.

O acidente que transformou em abóbora o mundo de Adriane ocorreu aos seis minutos da madrugada. Na história infantil, o sapato de cristal perdido por Cinderela ao descer correndo a escadaria do palácio do baile real leva até a moça o príncipe do final feliz. Na história de Adriane, o conversível puxa o fio da meada deste livro-reportagem: o veículo estava em nome de Ricardo Teixeira – à época, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), dono do futebol brasileiro então tetracampeão mundial e casado com Lúcia Havelange, filha do na época todo-poderoso presidente da Fifa, João Havelange.

Um eventual relacionamento de Ricardo Teixeira com Adriane, 35 anos mais nova que ele, seria uma questão privada se não houvesse no caso detalhes intrigantes. Lorice Sad Abuzaid, a amiga de Adriane, era na data do acidente empregada de Wagner José Abrahão, empresário de turismo, parceiro de negócios de Ricardo Teixeira e beneficiário de contratos suspeitos com a CBF. Desde 1995, as contas bancárias de Lorice, Wagner e Ricardo Teixeira só aumentaram. E, pelas revelações a serem feitas neste livro, vão crescer ainda mais com a Copa do Mundo do Brasil em 2014.

Adriane é apontada como pivô da separação do cartola e Lúcia Havelange e do estremecimento com o sogro que o havia lançado e protegido no futebol. O

objetivo desta reportagem é separar boatos da realidade e responder perguntas que o episódio levanta. São questões de interesse público e não de vida privada. A investigação, como se verá, traz à luz uma rede de conexões, irregularidades e indícios que, embora tenham ocorrido na paisagem ensolarada de Miami, são de fato bastante sombrios.

- - -

“Isso é um assunto pessoal. Vocês não têm autorização para falar sobre isso. Minha mãe e doutor Ricardo Teixeira estão afinados para processar vocês”, ameaçou por telefone, aos gritos, a advogada Yolanda, filha de Lorice, ao ser questionada por nós.

No final de 2013, documentos disponíveis na Junta Comercial do Rio de Janeiro, em repartições e cartórios públicos provavam que Yolanda está equivocada. O acidente não é assunto meramente pessoal. Ao contrário: desvenda o envolvimento do ex-presidente da CBF com Wagner José Abrahão, um dos principais beneficiários dos negócios envolvendo CBF e Fifa em torno da Copa do Mundo no Brasil.

Os documentos mostram que, na época do acidente, Lorice, a sobrevivente, já era funcionária de Abrahão. Foi ela também quem arranhou trabalhos esporádicos para Adriane na agência de viagens contratada pela CBF. Esses primeiros contatos foram fundamentais para que a jovem frequentasse o mundo de Teixeira em Miami.

Com exceção da família de Adriane, que vive ainda no mesmo apartamento humilde na zona norte do Rio, as demais pessoas ligadas ao acidente enriqueceram, e muito, nas últimas duas décadas. Lorice era uma simples funcionária de uma das empresas de Abrahão, dono da agência contratada para organizar as viagens da seleção brasileira e dos dirigentes da CBF (inclusive na Copa de 1994, que acontecera no ano anterior, nos Estados Unidos). Na ocasião, aos 40 anos, morava com o marido, um advogado trabalhista. Os dois dividiam um apartamento de classe média no centro de Niterói.

No ano da Copa no Brasil, Lorice – vítima e testemunha do acidente – é ex-sócia de Abrahão, que, por sua vez, tem negócios nem sempre claros com Ricardo Teixeira. Abrahão, dono do Grupo Águia, dividiu com outra empresa, a Traffic (de J. Hawilla, amigo pessoal do cartola), o direito de comercialização dos pacotes de “hospitality” (os ingressos VIPs) da Copa de 2014, uma das partes mais lucrativas

do evento. A previsão era de que o negócio chegaria a quase R\$ 1 bilhão somente com a venda dos 210 mil pacotes para o mercado brasileiro. Não é difícil adivinhar quem ajudou Abrahão na jogada: Ricardo Teixeira.

Divorciada, a hoje gerente de viagens Lorice deixou o apartamento de Niterói e vive com a filha Yolanda em um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio. Investe em imóveis no bairro. É fã de Ronaldo Fenômeno, Kaká, Ronaldinho Gaúcho e Neymar. Admiradora da seleção brasileira, tornou-se vizinha de artistas e jogadores de futebol. Como o círculo de amizades, também a aparência mudou substancialmente. Aos 60 anos, em lugar da pele pálida da época do acidente, Lorice exibe corpo bronzeado e vestidos de grife. Apesar dos quase 20 anos decorridos da tragédia, aparenta estar mais jovem. “Em terra em que leoa reina, cachorra nenhuma põe a pata”, postou recentemente na rede social Facebook. Ilustra a frase a foto de um sapato de salto alto vermelho e preto, cores do Flamengo – time de seu coração, assim como de Ricardo Teixeira.

O momento que fez Lorice se sentir a rainha da floresta aconteceu em 12 de maio de 1999. Três anos e sete meses após o acidente, ela se tornou sócia e gerente em uma das empresas de turismo de Abrahão no Rio, a RM Freire Viagens e Turismo Ltda. De acordo com a Junta Comercial do Rio de Janeiro, o empresário recorreu a um artifício para camuflar a sociedade com a ex-funcionária. Em vez de entrar na companhia como pessoa física, usou duas firmas de sua propriedade para ingressar no quadro societário da RM: a Iron Tour Operadora Turística Ltda. e a Thathithas Empreendimentos e Participações Ltda. Lorice deixou o quadro da empresa em outubro de 2000. A agência passou a ser administrada pelo próprio Abrahão. Mas a agente de viagens continua no Grupo Águia. Despacha diariamente na Barra da Tijuca, onde se tornou uma das principais executivas da empresa.

Quanto a Wagner Abrahão, patrão e ex-sócio de Lorice, ele se deu muito bem com a Copa de 2014. A expectativa era que ele faturasse cerca de meio bilhão de reais com o torneio. É uma grande fatia do bolo de turismo da Copa – bolo que, de acordo com estimativas talvez um tanto exageradas do Ministério do Esporte, divulgadas em 2010, movimentará R\$ 9,4 bilhões durante o Mundial. Mais de 40% trazidos por turistas estrangeiros.

O amigo de Teixeira, no entanto, não se satisfaz. Quatro agências de turismo do Grupo Águia foram indicadas pela CBF para operar o contrato de publicidade da entidade com a TAM: a Pallas Operadora de Turismo Ltda., a Top Service Turismo

Ltda., a One Travel Turismo Ltda. e a Iron Tour Operadora Turística Ltda. Lembra dessa última? É a mesma agência que foi sócia de Lorice na RM Freire Viagens e Turismo Ltda. De acordo com o contrato assinado por Teixeira antes de deixar a CBF, a TAM pagava US\$ 7 milhões por ano para patrocinar a seleção brasileira, uma bolada que era depositada mensalmente na conta de uma das quatro agências. (Em 2013, o sucessor de Ricardo Teixeira na CBF, José Maria Marin, quebrou esse esquema para montar o próprio: assinou com a Gol.)

O sucesso de Abrahão no ramo do turismo é antigo. Nasceu nos anos 70, com a Stella Barros, uma das pioneiras na venda de pacotes de viagens para a Disney. Mas os negócios do grupo aceleraram mesmo foi na relação com o futebol. Paulista, Abrahão, que sempre trabalhou no Rio, firmou-se no mercado de turismo esportivo na Copa do Mundo da Espanha, em 1982. A trajetória de suas empresas nesses mais de 30 anos foi marcada por denúncias de fraude e polêmicas.

Em 1994, na Copa dos Estados Unidos, a empresa já era a agência oficial da CBF, contratada sem concorrência para organizar as viagens da seleção brasileira e dos dirigentes, sob o nome SBTR Passagens e Turismo Ltda. Na Copa da França, em 1998, o grupo foi acusado de lesar os torcedores. Apesar de comprarem ingressos com meses de antecedência, os clientes de Abrahão tiveram que assistir à final, entre Brasil e a seleção da casa, do lado de fora do Stade de France. O empresário foi processado e teve de pagar fiança para deixar o país.

Na Copa da Alemanha, oito anos depois, foi acusado de outra ilegalidade: obrigar os turistas a comprar ingressos dos jogos casados com pacotes turísticos. Ele e Ricardo Teixeira foram denunciados pelo Ministério Público e processados por crimes contra a ordem econômica e as relações de consumo, pela venda casada. Para os promotores, Teixeira deu vantagens indevidas à Iron Tour, de Abrahão, a única autorizada pela CBF a vender os ingressos. Em janeiro de 2007, porém, a Justiça absolveu a dupla. Alegou-se que o Ministério Público não apresentou nenhuma prova de que outra empresa havia se interessado pelos pacotes.

Em 2000 e 2001, uma das agências de Abrahão, a Stella Barros, foi investigada pela CPI da Nike. Em apenas dois anos, entre 1998 e 2000, a SBTR recebeu da CBF R\$ 31.104.293,89, quase três vezes mais que as 27 federações ligadas à entidade. Segundo o relatório da comissão, a agência, que operava para a CBF, teria montado esquema de lavagem de dinheiro por meio de superfaturamento de passagens aéreas e diárias de hotéis.

À CPI, Ricardo Teixeira tentou minimizar sua relação com Abrahão. Disse que, ao assumir a CBF, apenas manteve uma empresa que já prestava serviços à entidade e que tinha sido uma decisão “da diretoria”. Na ocasião, o deputado Dr. Rosinha pensou alto: “Há uma suspeita minha, pelo menos, que a Stella Barros está servindo como um dos caminhos de desvio de dinheiro da CBF”. Mas a CPI não foi além das suspeitas. O relacionamento seguiu íntimo e lucrativo. Sobrevive até hoje, com as operações milionárias da Copa no Brasil. Os segredos da Flórida, pelo jeito, ainda movimentam muito dinheiro.

Uma parcela desse dinheiro parece esconder-se em transações imobiliárias favorecendo Ricardo Teixeira. Apesar de ter acumulado um patrimônio considerável nos 23 anos em que esteve no comando da CBF (1989-2012), o dirigente também recebe agrados do amigo Abrahão. Em 2011, a apuração da série de reportagens sobre a Máfia do Futebol exibida pela TV Record revelou que, em escritura lavrada no 9º Cartório de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro, Cláudio Abrahão – irmão e sócio de Wagner Abrahão no Grupo Águia – vendeu para o cartola uma cobertura na Barra da Tijuca, em 2009, por R\$ 720 mil. É o mesmo valor que o empresário havia pago pelo imóvel cinco anos antes. Só que, na escritura, Cláudio lançou o valor de R\$ 2 milhões para a base de cálculo do imposto. Na época, corretores da região avaliaram o imóvel em pelo menos R\$ 4 milhões.

- - -

A cobertura mais que subfaturada não é o único rolo imobiliário de Ricardo Teixeira. Situação bem semelhante se repete no contrato do aluguel da mansão do cartola no condomínio Polo Club, em Delray Beach, ao norte de Miami, como revelaremos adiante. O cartola frequentava o lugar até 2013.

Foi desse condomínio que Adriane, a amiga “muito querida” de Teixeira, teria partido para a morte no BMW preto conversível na noite de 12 de outubro de 1995. Estivemos na mansão, em janeiro de 2014, atrás de documentos e indícios do acidente em torno do qual giram as relações nebulosas entre Teixeira, Lorice e os irmãos Abrahão.

Na mesma viagem, conhecemos a State Road 91, ou Florida Turnpike, local da tragédia. Comparada às estradas brasileiras, a Turnpike é bastante segura. Com quatro pistas, duas de cada lado, possui boa drenagem e amplos acostamentos. Não se nota nenhuma falha ou buraco na pista. Vigilantes atentos fazem rondas

em todos os trechos da rodovia. Basta um veículo encostar e em menos de cinco minutos um xerife se aproxima em carro oficial ou camuflado, como aconteceu conosco.

Bandos de corvos se amontoam sobre placas de sinalização. Embora tenham penas negras brilhantes e um grasnido muito semelhante ao das gaivotas, nos Estados Unidos esses pássaros são considerados um mau presságio. Mais impressionantes que as aves soturnas são os *outdoors* com fotos de advogados ao longo do trajeto. Sem nenhum constrangimento, eles se oferecem para processar o Estado da Flórida em caso de acidente na pista da morte.

No trecho em que se acidentou, Adriane enfrentou algumas curvas suaves – e só. O lugar de onde ela saiu da pista é no meio de uma longa reta, tornando improvável que tenha perdido o controle por causa da velocidade. Na noite da tragédia, a pista estava seca. De acordo com o laudo assinado pelo cabo Fredrick Brown, da Polícia Rodoviária da Flórida, encarregado da investigação 795.68.23, Adriane seguia na pista interna, rumo a Orlando, quando freou bruscamente e desviou para a direita, por motivo ignorado. O carro atravessou o acostamento e começou a rodopiar num gramado ao lado da rodovia. Capotou uma vez e meia e caiu de cabeça para baixo dentro de um lago, que hoje está seco. Resta uma imensa poça de lama. No acostamento, brotou um jardim natural de flores amarelas e lilases.

Testemunhas que passavam pelo mesmo trecho da rodovia disseram que o BMW dirigido por Adriane viajava a mais de 160 km/h. Uma delas, Michael Lyons, afirmou ter visto uma pequena nuvem de fumaça ou poeira saindo do lado esquerdo do conversível antes do acidente. Outro motorista, Mike Gonzalez, disse que o carro dirigido pela brasileira viajava em alta velocidade, com as luzes desligadas. Segundo a perícia, a primeira marca de freada no asfalto ficou a cerca de 340 metros de onde o automóvel parou, indício de que Adriane estava acima da velocidade recomendada para o local, de 100 km/h. Mike Gonzalez, o motorista que parou para socorrer, disse à polícia que, ao descer da rodovia para o lago, encontrou a passageira Lorice aos gritos, pedindo socorro.

“Eu e meu amigo corremos em direção ao carro, mas não conseguíamos ver nada. Quando enfiei a mão no carro, senti a mão da outra vítima, e comecei a gritar se ela estava OK. Não houve resposta. Dei a volta e comecei a chutar a porta até ela abrir, tirei a vítima e as outras pessoas ajudaram eu e meu amigo a carregá-la”, contou no testemunho à polícia.

Adriane foi declarada morta à 1h30 da manhã, no Hospital St. Cloud, pelo serviço de emergência médica do condado de Osceola. Exames demonstraram que ela não tinha consumido álcool, nem drogas. “A motorista do veículo 1 se afogou ao ficar presa pelo solo úmido do fundo do canal”, registrou o cabo Brown. Ele culpou Adriane pela própria morte. Seguindo a recomendação do policial, a promotoria da Flórida não abriu inquérito para apurar homicídio. De acordo com o atestado de óbito, Adriane era estudante de secretariado.

- - -

Pela primeira vez, a mãe de Adriane falou sobre o assunto fora do círculo familiar. Conversamos com Mariza pouco antes do Natal de 2013, uma época que acentua a saudade da família. “Deixem isso quieto. Minha filha é sagrada.” Em entrevista gravada pelo interfone de sua casa, contou um pouco sobre a vida de Adriane. “Minha filha foi para os Estados Unidos por intermédio da Lorice, amiga da família há anos. Ela (Adriane) estudava e trabalhava. Tudo que minha filha tinha era fruto do trabalho dela.” Mariza relata que Adriane prestava serviços para Lorice, que era agente de turismo da CBF. As duas viajavam sempre juntas.

Viúva há três anos e doente, Mariza conta que a família não se conforma até hoje com a perda da filha Adriane. Aos 73 anos, ela diz que nunca havia falado antes no nome do ex-presidente da CBF. Qualquer insinuação de que a filha possa ter tido um caso com o Ricardo Teixeira provoca indignação em toda a família. “Não conheço esse moço, não sei quem ele é. Só sei que o carro era aquele, em que minha filha morreu”, disse. “Me esqueça, pelo amor de Deus. Eu nunca vou falar sobre isso. Passou. Já foi.”

Além da dor pela perda da filha, Mariza tem outro motivo para desejar ser esquecida pela imprensa. Segundo o jornalista Juca Kfourri, a CBF pagava, pelo menos até junho de 2011, o plano de saúde da mãe de Adriane, que nunca foi funcionária da confederação, no valor de R\$ 612 mensais.

- - -

Foi Juca Kfourri quem revelou o acidente que matou a filha de Mariza. Em sua coluna na *Folha de S.Paulo* de 23 de outubro de 1995, deu a notícia da tragédia e informou que, por causa de Adriane, o casamento entre Ricardo Teixeira e Lúcia Havelange havia entrado em crise.

“A pivô da possível separação – que traria consequências óbvias para o futuro do futebol brasileiro – morreu num acidente de automóvel no último dia 12 de outubro, na estrada que liga Miami a Orlando. Ela teria dormido ao volante, capotado três vezes e caído num lago à beira da estrada. Atendida, faleceu na ambulância”, escreveu.

A informação estava correta no geral, apesar da imprecisão nos detalhes: segundo a polícia da Flórida, o acidente aconteceu na madrugada do dia 13 e o número de capotagens noticiado não corresponde ao que consta na investigação oficial. O parágrafo seguinte deu uma informação nunca confirmada: “O presidente da CBF estava com ela, algo que a família da jovem nega, mas que os amigos íntimos confirmam detalhadamente, ressaltando que Teixeira prestou toda a ajuda necessária, embora buscando não se envolver publicamente com o episódio”.

A coluna, com o título “Interesse público”, causou um furacão no meio esportivo. Em longa entrevista à revista *Playboy*, em dezembro de 1999, o presidente da CBF foi questionado pelo repórter Carlos Maranhão se “teria se envolvido em um acidente de carro na Flórida em que morreu uma brasileira que seria sua namorada”. Teixeira respondeu: “Não houve nenhum acidente comigo. Eu não me encontrava na Flórida nem nos Estados Unidos nesse dia. Sabe onde eu estava? Assistindo a um jogo entre Brasil e Uruguai, em Salvador, ao lado de Antonio Carlos Magalhães. Como esse fato podia ser facilmente comprovado, surgiu depois uma nova versão: eu teria ido de Salvador para Miami de jatinho, apanhado um carro e me envolvido no tal acidente. Ora, fui de Salvador para o Rio de Janeiro junto com a delegação, e esse também é um fato público. Trata-se de uma infâmia. Mas, para alguns, virou verdade”. Nenhum documento oficial sobre o acidente cita a presença de Teixeira no automóvel.

Sobre Adriane, nenhuma palavra. Não negou, nem assumiu que a vítima fosse sua namorada. Kfoury mantém a informação: “Ela era namorada dele. Consta até que ele foi muito correto com os familiares dela e que os atendeu muito bem”, conta o jornalista, que nunca foi desmentido ou processado pela revelação bombástica.

A notícia da morte da “pivô de sua separação” em um jornal de circulação nacional incomodou Teixeira. Pode ter enterrado de vez qualquer chance de reconciliação com Lúcia. Algum relacionamento existia entre Adriane e Teixeira. Ele mesmo admitiu em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito

instaurada no Congresso Nacional em 2000 – cinco anos após o acidente – para investigar contratos da CBF com a Nike, fabricante de material esportivo e patrocinadora da seleção desde junho de 1996. O cartola falou sobre a jovem ao ser questionado pelo deputado Dr. Rosinha (PT-PR).

– Tem também um BMW do senhor, que não está declarado no Imposto de Renda. O BMW dos Estados Unidos.

– Excelência, o senhor sabe que um carro ou qualquer propriedade que se tenha, e que ele entre e saia no mesmo ano, você não precisa declarar – respondeu Teixeira.

– Esse carro era do senhor, o senhor era proprietário e vendeu no mesmo ano?

– Excelência, acho que o senhor está querendo chegar a uma coisa que para mim é muito triste.

– Eu não vou chegar a lugar nenhum que seja triste para ninguém – retrucou o parlamentar

– Esse carro teve um desastre nos Estados Unidos... e faleceu uma pessoa que era muito querida minha.

Era tão querida que, segundo a investigação da polícia norte-americana, o endereço que constava da carteira de habilitação de Adriane era no mesmo condomínio da casa de Teixeira. No documento da moça, estava registrado: 16881, Knightsbridge Lane, Delray Beach. O automóvel do presidente da CBF estava registrado no número 16879 da mesma rua. Fomos investigar.

- - -

Delray Beach é fruto da tremenda expansão imobiliária ocorrida na Flórida a partir de Miami, ao sul em direção a Homestead e ao norte em direção a West Palm Beach. Na imensa faixa de areia banhada pelo oceano Atlântico se instalaram aposentados vindos de outras partes dos Estados Unidos para fugir do frio e investidores da América Latina, muitos deles trazendo dinheiro sujo para a “Lavanderia Flórida”. Ao contrário da areia branca e fina da maioria das praias do vizinho Caribe, ali a areia é escura e grossa. A paisagem deve muito em beleza se comparada com os destinos turísticos do Nordeste do Brasil. O grande atrativo fica aquém da areia barrenta: as mansões em condomínios oferecidas a preços relativamente acessíveis para quem quer investir dinheiro de forma segura, longe de casa.

Outra vantagem da Flórida é a facilidade de, a partir dali, fazer negócios com

os paraísos fiscais, como as ilhas Cayman, no Caribe, e outros. Muita gente tem empresa registrada nas ilhas sem nunca ter estado lá: são meros ancoradouros para dinheiro de origem indefinida. No mundo das transações eletrônicas, o dinheiro gira fisicamente, de fato, nas contas bancárias de Miami. A cidade dispõe de um exército de advogados dispostos a ajudar quem pretende montar empresa ou esconder dinheiro.

Foi nesse cenário que Ricardo Teixeira se instalou. O condomínio Polo Club impressiona. Quem estaciona próximo à portaria assiste a um desfile de carrões: Mercedes, Camaros, Porsches. Um dos seguranças – de farda cáqui e chapéu, à semelhança dos xerifes do policiamento ostensivo norte-americano – nos informou que o número 16881 da Knightsbridge Lane, que constava da carteira de motorista de Adriane, não corresponde a um imóvel. Mas o número 16879 é, sim, de uma casa: a de Ricardo Teixeira.

O visitante que percorre as ruas do condomínio encontra jardins bem cuidados, no estilo marcante da região: não há muro entre as casas. É um lugar silencioso, sem a violência e o estresse das metrópoles. A Knightsbridge Lane é uma rua circular. No meio dela há um lago artificial. A casa que Teixeira chegou a ocupar ali, a primeira dele na Flórida, é confortável, com 215 metros quadrados, três quartos e piscina integrada a um lago nos fundos, compartilhado com os vizinhos. O imóvel estava em nome de uma empresa, a Globul, com sede no principado de Liechtenstein, micropaís encravado nos Alpes, localizado entre a Áustria e a Suíça. O local é um refúgio fiscal europeu conhecido por garantir sigilo absoluto a quem usa seu sistema bancário.

Mas, no dia 13 de dezembro de 2000, foi autorizada a quebra dos sigilos bancário e fiscal de Ricardo Teixeira no Brasil pela CPI da Nike, criada para investigar os negócios da CBF. Na declaração do Imposto de Renda do dirigente em 1997, apareceu um depósito de R\$ 12.185,55 à Globul. Segundo Teixeira, tratava-se do pagamento do aluguel da casa de Miami, referente a todo o ano anterior. Perto de R\$ 1.000 por mês (R\$ 5 mil em valores atuais). Os parlamentares desconfiaram da versão de Teixeira. Cobraram provas. O presidente da CBF enviou um contrato de aluguel, assinado em 15 de março de 1995 – sete meses antes do acidente de Adriane. O custo mensal: US\$ 1.500. Mas os membros da CPI foram além: telefonaram para uma corretora de imóveis em Miami, que garantiu que o aluguel de uma casa como essa, naquela região, não sairia por menos de US\$ 5 mil por mês.

Em 1996, poucos meses depois do acidente em que morreu Adriane, a casa foi vendida para um casal norte-americano. Quem intermediou? A Solimare International Inc., empresa de um amigo de Ricardo Teixeira, o empresário paulista Waldemar Verdi Junior. Mas o dirigente não ficaria muito tempo sem ter um teto na região. Logo depois, em abril de 1997, a mesma Solimare intermediou a compra de uma casa no mesmo condomínio. Dessa vez, porém, o tamanho era três vezes maior. Adivinhe para quem! Para a mesma Globul.

Agora, chute quem foi morar lá! Não é preciso ser muito esperto: Ricardo Teixeira. Segundo consulta feita pela CPI junto ao registro de imóveis da Flórida, o valor da transação foi de US\$ 924.400. Mais uma vez, Teixeira disse que não era o dono da casa, e que pagava aluguel à Globul pelo imóvel de 600 metros quadrados, no número 5896 da Vintage Oaks. Em 2001, o *grand finale*: a Globul vendeu a casa a Ricardo Teixeira, por US\$ 800 mil. Ou seja, a empresa topou repassar ao cartola a propriedade com uma desvalorização de quase US\$ 125 mil! É como se você vendesse sua casa por um valor 14% menor ao que você desembolsou quatro anos antes.

Nas páginas 192 e 193 de seu relatório final, a CPI lançou mais questionamentos sobre as transações de Teixeira: “Em 26 de dezembro de 2000 (a CPI CBF/NIKE acabava de ser instalada), no penúltimo dia útil do ano, numa mesma data, Ricardo Teixeira fez duas remessas de dinheiro para o exterior, transferências internacionais de reais, em seu próprio nome: uma de US\$ 602.160,00 e outra de US\$ 246.628,44. As duas remessas foram através do Rural International Bank, de Nova York”. São desconhecidos os objetivos dessas remessas.

Era um período em que o cartola estava sob a lupa de investigadores. Se pretendia regularizar a “compra” da casa em Miami, para poder declará-la ao Imposto de Renda de 2001 no Brasil, livrando-se de eventuais problemas, esse seria o caminho. Aliás, no seu depoimento à CPI Teixeira manifestou intenção de incluir a casa na próxima declaração de renda. Ainda assim, sempre negou ser dono ou sócio da Globul. Fez isso em relação a outra empresa muito mencionada mais adiante, neste livro: a Sanud. Porém, neste caso, foi desmentido espetacularmente.

- - -

Quando a tragédia da morte de Adriane na Flórida aconteceu, o presidente da

CBF tinha 48 anos de idade. Estava casado há 23 com Lúcia, a filha de João Havelange. Ainda saboreava as glórias de uma vitória recente. No ano anterior a seleção brasileira havia conquistado o primeiro título mundial sob o comando de Teixeira – curiosamente, ou não, nos mesmos Estados Unidos. A vitória nos pênaltis contra a Itália veio quando Roberto Baggio, principal craque rival, chutou a bola por cima do travessão defendido pelo goleiro Taffarel. Um chute nas arquibancadas consolidou a imagem do cartola como vencedor!

Enquanto milhões de brasileiros soltavam o grito da vitória entalado na garganta por 24 anos, Teixeira dava o seu grito da independência. Até aquele momento, ele ainda era somente o “genro”. Havia alcançado o cargo mais importante do esporte nacional, em 1989, sem ter dirigido um clube sequer. Fora alçado ao cargo de presidente da confederação de um país apaixonado por futebol pelas mãos de João Havelange. Quando Dunga levantou a taça no estádio Rose Bowl, Teixeira finalmente começou a sair da sombra do sogro. Com uma distinção clara em relação a Havelange: enquanto este sempre se movimentou discretamente nos bastidores, tendo no jogo político sua principal arma, Teixeira era ousado e arrogante. Ao longo da carreira, o homem que nunca jogou bola trombou com alguns dos maiores ídolos do futebol brasileiro, dentre os quais Pelé, Zico, Romário e Ronaldo.

Na embriaguez da vitória na Copa dos Estados Unidos, Teixeira expôs outro traço de sua personalidade: a crença na impunidade. O cartola bancou o que se tornou conhecido na crônica esportiva como a mãe de todos os voos da muamba: 11 toneladas de bagagem extra de jogadores e cartolas entraram no avião que trouxe a delegação campeã de volta ao Brasil. Quando a Receita Federal interveio, Teixeira mexeu os pauzinhos em Brasília. Conseguiu liberar a bagagem da galera. Mais tarde, a CBF assumiu o pagamento de cerca de R\$ 50 mil em impostos, por causa de uma ação na Justiça.

O escândalo nem chamuscou Teixeira. Para ele, o único voo que importava era o que o levaria a Zurique, para o lugar de Havelange. Depois de 20 anos, o presidente da Fifa pensava em aposentadoria – e, claro, em sua sucessão. O projeto era entregar o cargo ao genro e deixar tudo em família.

Tudo caminhava bem, até aquela sexta-feira 13, em outubro de 1995, quando a morte de Adriane na rodovia dos corvos mudou a sorte de Teixeira. E alterou de forma definitiva sua relação com Havelange, iniciada quase 30 anos antes, sob uma chuva de confetes.

VIDA A TRÊS

“A organização. A atenção para os detalhes. A eficiência. Os Jogos de Berlim [em 1936] foram um dos melhores espetáculos que vi na minha vida. Tudo era grandioso e perfeito. Você precisa lembrar que período da história era aquele. Todos admiravam o progresso da Alemanha.”

João Havelange

O Carnaval de 1966 foi trágico. No início do ano, fortes chuvas castigaram o Rio de Janeiro na pior tempestade do século passado. Deslizamentos soterraram dois prédios, uma casa e atingiram milhares de pessoas. O esgoto transbordou e contaminou as galerias de águas fluviais. Gás e energia foram racionados. Duzentas e cinquenta pessoas morreram e mais de 50 mil ficaram desabrigadas.

O desastre afetou também as escolas de samba, que tiveram carros alegóricos e fantasias destruídas. O símbolo daquele carnaval foi o desfile da Império da Tijuca: com o barracão destroçado, a escola entrou na avenida com apenas um pequeno grupo de foliões, sem samba-enredo, nem avaliação dos jurados. Os governos estadual e municipal lançaram campanhas para incentivar a população a sair às ruas. Criada em abril do ano anterior, a TV Globo fez a sua primeira transmissão dos desfiles das escolas, blocos do centro da cidade e também do tradicional baile do Copacabana Palace.

Sem o requinte do famoso hotel cinco estrelas da avenida Atlântica, um baile em Teresópolis fazia sucesso entre a elite carioca refugiada do calor na região serrana. Entre máscaras, serpentinas e confetes, dançava a adolescente Lúcia Hermann Havelange, filha única de um dos homens mais importantes do País. João Havelange completava naquele ano uma década à frente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Mandava e desmandava no esporte nacional – em especial, no futebol. A seleção brasileira era a atual bicampeã do mundo e a força do cartola era sentida até na caserna. Os militares estavam no

poder após o golpe de 31 de março de 1964.

Enquanto o pai voltava de viagem ao Espírito Santo – onde fora pedir ajuda a Nossa Senhora da Penha para a conquista do tricampeonato mundial de futebol (como já havia feito em 1958 e 1962) –, a jovem Lúcia se preparava para brincar o Carnaval. Ela não sabia que sua vida iria mudar em um baile do clube das Iúcas. E não só a dela. Se o pai soubesse prever o futuro, teria conversado mais com Nossa Senhora da Penha.

Em meio à folia, Lúcia foi apresentada a um rapaz mineiro, de 1,78m. Tinha um rosto simpático, bochechudo, rendondo feito uma bolacha trakinas. Aos 18 anos, no entanto, Ricardo Terra Teixeira mesclava timidez com atitude. Não era baixo, nem alto; nem feio, nem bonito; nem magro, nem gordo. Mas era esperto, bem esperto. Os dois começaram a papear e se encantaram.

Marchinhas de João Roberto Kelly, Osvaldo Nunes, Jorge Goulart e Chacrinha embalavam a festa. Tanto quanto “Tristeza”, de Haroldo Lobo e Niltinho, último samba tradicional a fazer sucesso em carnavais. “Tristeza/ Por favor vai embora/ Minha alma que chora/ Está vendo o meu fim.” Se decretava o fim de uma era no samba, “Tristeza” também poderia lamentar o início de novos tempos no futebol. No ano seguinte, “Máscara negra”, de Zé Ketí e Hildebrando Matos, sucesso instantâneo na voz de Dalva de Oliveira, inauguraria novos tempos das marchinhas de Carnaval. Lúcia, Havelange e Ricardo não sabiam, mas a música soaria aos ouvidos do rapaz como um hino particular. “Tanto riso, oh, quanta alegria. Mais de mil palhaços no salão.” Mil que os anos transformariam em milhões.

O tempo que era ruim no Rio ficaria feio também para o futebol brasileiro.

- - -

João Havelange já dava seus primeiros passos como cartola quando Ricardo Teixeira nasceu. Era 20 de junho de 1947. O futuro marido de Lúcia veio ao mundo em Carlos Chagas, pequena cidade encravada no Vale do Mucuri, no norte de Minas Gerais, a menos de 50 km da divisa com a Bahia. Segundo o Censo de 2010, o local tem pouco mais de 20 mil habitantes. A pacata cidadezinha, daquelas que orbitam em torno da praça da igreja, tem também o Campo do Boroló, palco de um dos momentos mais importantes de sua história.

Tido como “estádio” Anita Rodrigues, o gramado já recebeu uma partida oficial do Flamengo, time de coração de Teixeira. E não foi qualquer time: foi o Flamengo

de 1981, que se consagraria naquele ano campeão da Taça Libertadores e da Copa Intercontinental, o equivalente na época ao Mundial de Clubes. No dia 14 de maio, Mozer, Andrade, Nunes e Carpegiani, entre outros craques, enfrentaram o “poderoso” Carlos Chagas Futebol Clube. Chiquinho e Leandro, lateral-direito da mítica seleção de 1982, marcaram os gols da vitória do time carioca, por 2 a 0. O então prefeito da cidade, Celso Miranda, lembra com carinho do jogo. Conta com gosto que foi ao Rio articular a visita do Flamengo, que excursionou pelo interior mineiro.

Para Celso, porém, o grande dia da cidade deveria ter sido outro – o de um jogo que não aconteceu. Em 1994, prefeito novamente, preparou uma enorme festa para o carlos-chaguense mais ilustre, que acabara de conquistar o tetracampeonato mundial na presidência da CBF. Guardou na agenda da cidade o Dia da Independência para homenagear Dom Ricardo I. Convidou políticos e dirigentes esportivos, chamou a imprensa, enfeitou a cidade com as cores do Brasil e adornos de futebol. Teixeira, que, segundo ele, havia confirmado presença no papel e tudo, não apareceu. “Ele é malandro. Fez um contrato comigo aqui e não cumpriu. Não apareceu e nem satisfação deu”, esbraveja Miranda, cheio de mágoa. “Agora, ele demonstrou um monte de coisa e teve de ir embora do Brasil.”

Antes, bem antes disso, Teixeira se mandou de Carlos Chagas, com a qual não parece ter guardado qualquer vínculo sentimental. Tinha meses de vida quando os pais se mudaram para Belo Horizonte. Na capital mineira, estudou em colégio interno dos nove aos 11 anos de idade. Como todo garoto, cresceu no meio de rodas de futebol. Mas ele mesmo assume: não dava muito para a coisa, não.

Eduardo José Farah, presidente da Federação Paulista de Futebol por 15 anos, costuma dizer que é preciso cutucar o braço de Ricardo Teixeira durante os jogos para não deixá-lo cair no sono. Fonte pouco confiável por natureza, Farah pode até exagerar no relato de como o desafeto se comportava nas tribunas. Fato é que Teixeira nunca jogou futebol na vida. Não teve intimidade alguma com a bola antes de comandar seus destinos.

Na adolescência, a família trocou novamente de endereço e foi para o Rio de Janeiro. Seu pai, Expedito Teixeira, funcionário do Banco do Brasil, era transferido de tempos em tempos. Quatro anos depois da chegada ao Rio, veio nova mudança. Mas, dessa vez, Teixeira não seguiu os pais; já namorava a filha de Havelange.

Genro e sogro foram apresentados por Lúcia logo após o trágico Carnaval de

1966. Os dois contam que houve encantamento imediato e recíproco. Ricardo Teixeira entraria na vida de Havelange talvez com mais intensidade do que na da filha dele. Havia uma lacuna a ser preenchida: Havelange sempre quisera um filho homem. Antes do nascimento de Lúcia, em 1º de outubro de 1949, sua mulher, Anna Maria, perdera dois meninos durante a gestação – um aos sete meses, outro aos cinco. Depois de Lúcia, fizeram uma nova tentativa, mas foi gerada outra menina, que nasceu prematura aos seis meses e viveu apenas poucas horas.

Ricardo Teixeira supriu a carência paternal de Havelange. Após cinco anos de namoro, o pai entregou a mão da filha ao genro. E, três anos após o casamento, Teixeira conquistou de vez aquele que estava em vias de se tornar o homem-forte do futebol mundial: deu a ele um neto. Um neto Havelange.

Em 4 de maio de 1974, a cerca de um mês da eleição na Fifa, nasceu o primeiro dos três filhos de Lúcia Havelange e Ricardo Teixeira: Ricardo Teixeira Havelange. Sim: Teixeira Havelange. O genro astuto – e traquinas – foi ao cartório e inverteu a lógica dos sobrenomes. Agora, João Havelange, cria da patriarcal elite carioca do início do século XX, estava plenamente realizado como chefe de família: tinha no genro um filho homem e assegurada a continuidade de sua árvore genealógica. Numa canetada, Teixeira tinha dado demonstração impressionante de fidelidade, submissão e competência estratégica. Provou ao sogro estar pronto para seguir os passos dele.

- - -

João Havelange não veio ao mundo a passeio. É um competidor nato, que encarou com gosto todas as disputas que enfrentou. A primeira foi contra o acaso. Nem vivo era, mas conta como se a vitória fosse mérito seu. Assim como o genro, é adepto do lema “eu ganhei, nós empatamos, vocês perderam”. Quatro anos antes de João nascer, Faustin Joseph Godefroid Havelange, seu pai, escapou de uma tragédia. Em abril de 1912, Faustin, que passava uma temporada em Liège, na Bélgica, onde nasceu, comprou uma passagem de navio para resolver pendências no Peru. A partida seria no dia 12, de Southampton (Inglaterra), com destino a Nova York (Estados Unidos), onde pegaria outra embarcação para a América do Sul. O navio: Titanic. Como em poucas vezes em sua vida, Faustin perdeu a hora. E João Havelange ganhou seu primeiro jogo.

“O Titanic – cujo destino final todos conhecem – estava previsto para ser um dos meios de transporte da última viagem de seu pai ao Peru antes de pegar a

noiva belga, Juliette Ludivine Calmeau, e vir ao Brasil.” Aqui, Faustin seria representante de vendas da empresa bélica Veuve Laport et Fils. Curiosamente, a loja de armas e munições do Havelange pai ficava na rua da Alfândega, no centro do Rio, mesmo local em que seria construída a sede da CBD/CBF. E foi no segundo andar da loja que, em 8 de maio de 1926, nasceu Jean-Marie Faustin Godefroid Havelange, o João.

Ele, Jules (irmão mais velho, que ficaria conhecido como Júlio) e Helena (a irmã caçula) foram criados com educação rígida. Sempre em francês. Linha dura que, segundo João Havelange, o impediu de se tornar jogador de futebol profissional no Fluminense, clube pelo qual foi campeão juvenil em 1931 – apesar da resistência do pai, que não via nesse esporte uma oportunidade de ascensão social. Faustin queria o filho competindo, mas nas águas. Supervisionava pessoalmente João e Júlio nos treinos nas piscinas e nutria a expectativa de que disputassem os Jogos Olímpicos.

Faustin não viu, mas João competiu. Em 8 de novembro de 1934, dois anos antes de o filho embarcar para a Olimpíada de Berlim, ele não resistiu a um derrame cerebral. “Antes de meu pai morrer, prometi a ele que atenderia ao pedido de ser nadador nos Jogos Olímpicos”, contou à *Folha de S.Paulo*, em junho de 1998.

João Havelange não ganhou nada na capital alemã, mas saiu encantado com o país de Adolph Hitler. “A organização. A atenção para os detalhes. A eficiência. Os Jogos de Berlim foram um dos melhores espetáculos que vi na minha vida. Tudo era grandioso e perfeito. Você precisa lembrar que período da história era aquele. Todos admiravam o progresso da Alemanha”, declarou Havelange, na década de 90, frase reproduzida pelo escritor inglês David Yallop no livro *Como eles roubaram o jogo*, que expõe as vísceras da Fifa. Declaração no mínimo irônica, considerando que em uma das incursões do exército nazista sobre a Bélgica, na Segunda Guerra, um primo de Juliette, a mãe de João, foi executado pelos alemães, que ocuparam uma fábrica da família.

Hitler, que ainda rearmava a Alemanha na época da Olimpíada de Berlim, usou o evento para apresentar ao mundo uma nova potência, construindo um estádio suntuoso, promovendo cerimônias grandiosas como o revezamento da tocha olímpica, dando início às modernas técnicas de filmagem do esporte que exaltavam os heróis olímpicos, em especial os da raça ariana. Desde então, os ângulos inusitados presentes em *Olympia*, filme da cineasta Leni Riefenstahl sobre

os Jogos, serviriam de base para o registro dos grandes eventos esportivos.

A morte do pai e a fascinação pela Olimpíada de Hitler dizem muito sobre a personalidade de João Havelange. Um sujeito apegado ao ambiente familiar, conservador, persistente, obcecado e autocrático. Enquanto o “organizado” Hitler já traçava planos expansionistas, João pensava na medalha que dedicaria ao pai.

Como a natação era um esporte amador, João precisava trabalhar para se sustentar. Em 1937, conseguiu emprego no escritório da siderúrgica Belgo Mineira, presidida por Jules Verelst, de quem Faustin havia sido padrinho de casamento. Dois anos depois, pediu as contas e se mudou para São Paulo. Com o *know-how* no setor, montou com o irmão Júlio no centro da capital paulista um escritório de representação comercial na área de siderurgia. Depois de pouco tempo, João passou a prestar serviços de advocacia para a Auto Viação Jabaquara (que passaria a se chamar Viação Cometa, na qual trabalhou por 62 anos e viria a ter participação minoritária).

Paralelamente a tudo isso, o sonho esportivo estava mantido. João, que já era um dos principais nadadores do Brasil, não abandonou o esporte um dia sequer. Assim que chegou a São Paulo, entrou para o Clube Espéria, um dos mais tradicionais da cidade, localizado às margens do rio Tietê. E ali era realizado um dos eventos mais importantes do País: a Travessia de São Paulo a Nado. As provas, que aconteceram entre 1924 e 1944, eram assistidas por milhares de pessoas e rivalizavam em popularidade com a Corrida de São Silvestre.

A penúltima edição do evento quase marcou a última etapa da vida de João Havelange. Em 28 de dezembro de 1943, dois dias após conquistar o tricampeonato da Travessia, João sentiu fortes dores de cabeça. Ele estava no Rio, para passar o *réveillon* com a família e a namorada, Anna Maria Hermann, que havia conhecido na virada do ano anterior. Sentiu-se mal e pediu para a mãe levá-lo ao hospital, porque temia ter um tumor no cérebro. Foi internado imediatamente: havia contraído tifo durante a prova. “O médico disse a minha mãe: ‘de mil, só um sobrevive’”, conta. Ficou quatro meses internado e perdeu metade dos 85 quilos de peso. Sobreviveu.

Recuperado de tifo, João prometeu casamento a Anna Maria. Marcaram a festa para 6 de outubro de 1945, dia do aniversário de sua mãe. No ano do enlace, Juliette descobriu que estava com câncer em estágio avançado. João avisou Anna que só casaria depois que a mãe morresse. Sem pai nem mãe, João teve a esposa como seu novo alicerce familiar. Casaram-se em 25 de janeiro de 1946, dia de

aniversário da cidade de São Paulo, porque ele achava que a metrópole lhe dava sorte.

A grande oportunidade de sua vida ele recebeu, de fato, em terras paulistanas. Em 1948, o ainda nadador tornou-se dirigente na Federação Paulista de Natação e começou a ganhar traquejo. Presidiu a entidade até 1951. Naquele ano, ainda no papel de cartola-atleta, integrou a seleção brasileira de polo aquático que disputou a primeira edição dos Jogos Pan-Americanos, em Buenos Aires. Mas não foi a ascensão de Adhemar Ferreira da Silva no salto triplo ou a revelação do futuro medalhista olímpico Tetsuo Okamoto, só para citar alguns valores da delegação brasileira, o que mais marcou o dirigente.

Nem mesmo o fato de ter subido ao pódio em sua única participação como atleta em Pan-Americanos para receber a medalha de prata após derrota para a Argentina na final. Foi novamente a figura de um líder político o que mais lhe chamou a atenção. “Considero o lado mais marcante daquela competição a presença, quase constante, do presidente Perón”, afirmou, referindo-se ao líder político argentino, que aproveitou a visibilidade do evento para angariar votos: seria reeleito presidente em novembro daquele ano. Mais algumas lições preciosas para o exercício futuro do poder.

Em 1952, atraído pelas origens e, principalmente, pela força política da então capital federal, voltou a morar no Rio de Janeiro com Anna Maria. Assumiu a presidência da Federação Metropolitana de Natação e, no mesmo ano, foi convocado para disputar sua segunda Olimpíada, a de Helsinque, na Finlândia. Dessa vez, como capitão da seleção de polo aquático. O atleta-cartola voltou sem medalhas, como era esperado (o Brasil terminou em 13º lugar entre 21 países). O polo aquático, como de resto todas as modalidades olímpicas, estava bem longe do profissionalismo e tinha dificuldades para competir com equipes falsamente amadoras, vindas principalmente dos países do Leste Europeu. Naquele ano, a Hungria ficou com o título.

Se essa participação não rendeu medalhas, valeu um cargo. Havelange se tornou diretor de Esportes Aquáticos da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) em 1954. Naquele instante, a medalha tinha se tornado objetivo secundário nos planos do atleta-cartola. Havelange já postulava uma cadeira mais alta na CBD. Em 1955, a dupla Sílvio Corrêa Pacheco e João Corrêa da Costa foi eleita presidente e vice da confederação. Havelange recebeu o convite para ser vice-presidente de esportes amadores, que já representava um alto cargo na

hierarquia da entidade, responsável por gerenciar 23 modalidades. No ano seguinte, com o afastamento de Corrêa da Costa, que abdicou do cargo para tomar conta de seus negócios, Havelange herdou a vice-presidência. Estava criado o monstro: começava aí a Era Havelange.

- - -

Estimulado pelo próprio Sílvio Pacheco, João Havelange começou em 1957 sua campanha para a sucessão presidencial da CBD. E logo deu mostras de sua capacidade de articulação política. O dirigente, que havia passado toda a década anterior em São Paulo, conhecia a disputa ferrenha entre os cartolas paulistas e cariocas pelo comando do futebol. Estava confiante de que conseguiria o apoio dos dois lados. No Rio, estava fácil – era o candidato indicado pelo atual presidente. Em São Paulo, precisava de alguém tão forte quanto. E foi atrás de Paulo Machado de Carvalho.

Dirigente do São Paulo Futebol Clube, campeão paulista de futebol naquele ano, o empresário tinha ainda outras características que agradavam a Havelange: além de ser aficionado pelo esporte, ter dinheiro e ser de São Paulo, Carvalho era o dono da TV Record. Foi a primeira grande sacada do dirigente Havelange. O estreitamento com as emissoras de televisão mudaria a sua vida. Em sua biografia autorizada, *Jogo duro*, escrita pelo jornalista Ernesto Rodrigues, confessa: “Para me atacar, teriam de atacar o Paulo. E o Paulo também era muito amigo do pessoal da Tupi, e eles não atacariam a gente”. Tática perfeita. Na época, Record e Tupi eram as duas grandes empresas de um meio que dominaria a comunicação no País. De imediato, propôs a Carvalho um plano para a disputa da Copa do Mundo que aconteceria no ano seguinte, na Suécia. O empresário adorou a ideia.

Vencer o adversário na disputa pela presidência da CBD havia se tornado mera formalidade. Até mesmo porque do lado de lá estava Carlito Rocha, folclórico presidente do Botafogo, que tornou o cachorro vira-latas Biriba amuleto do time. Havelange venceu a disputa de goleada: 158 a 19 sobre Carlito. Eleito, cumpriu a promessa: entregou a seleção de 1958 a Paulo Machado de Carvalho.

O presidente da CBD acompanhou a Copa da Suécia trocando telefonemas com Carvalho – a cada dois dias. E seria assim durante todas as Copas, o que fortaleceria o discurso dos inimigos de que Havelange não gostava de futebol. Ele se defende, deixando claro do que mais gosta: “Não é assistindo a jogo que você faz dinheiro. O jornalista assiste porque tem quem lhe pague ou lhe garanta um

lugar de graça na tribuna. Quem pagava o meu time, o hotel, o bicho, as viagens e os prêmios?”. Mais: “Eu não ia a vestiário. Não escalava, não queria ver homem pelado, não tinha o que fazer lá. Quem quisesse me ver que fosse à tribuna ou ao meu escritório”. O negócio de Havelange não era o esporte, era o poder. Na tribuna, aliás, é onde ele tinha admirado, como atleta, Hitler e Perón.

Na Copa seguinte, no Chile, Havelange repetiu a fórmula: deixou tudo com Paulo Machado de Carvalho. O empresário voltou a ser escalado como chefe da delegação em 1962. Mas, às vésperas do embarque, criou-se uma rusga que abalaria a amizade entre eles. O motivo não poderia ser outro: dinheiro. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, Havelange reclamou da “quantia irrisória” que as emissoras de televisão pagavam à CBD pelos direitos de transmissão. As emissoras, no caso, eram a Tupi, a mexicana Televisa e a Record, de Paulo Machado de Carvalho. Havelange queria mais.

O Brasil voltou do Chile como bicampeão, e o chefe da delegação eternizado como o “Marechal da Vitória”. O que não atenuou as diferenças na relação entre os dois dirigentes. Ao contrário: piorou nos meses seguintes. Em 1965, eles se viram em lados opostos na briga por causa de um projeto de lei que tratava dos direitos de transmissão para os clubes – cada qual puxando a sardinha para sua brasa. Carvalho estava enfurecido com Havelange, o que deixou a seleção de 1966 sem chefe de delegação. Não sobrou alternativa para o dirigente: teve de tirar o traseiro da poltrona da tribuna de honra para saber o que acontecia dentro do vestiário.

Era uma Copa diferente. Os militares tinham tomado o poder em 1964. Havelange, o tipo de pessoa que serve ao rei do momento, independentemente de quem seja, queria mostrar serviço. Mas não tinha a menor ideia de por onde começar o trabalho de organizar uma seleção para a Copa do Mundo, já que, nas duas anteriores, havia dado a missão a quem era do ramo. Tinha, no entanto, uma única certeza: a ajuda do melhor jogador do mundo era imprescindível. Para isso, não poupou esforços – com o chapéu alheio, é claro. Havelange soube que Pelé estava quebrado. Havia perdido grande parte de seu dinheiro em negócios furados. Adepto do lema “quem quer rir tem que fazer rir”, o dirigente doou ao jogador do Santos o equivalente a quase R\$ 23 mil, em valores de hoje. Dinheiro da CBD, é claro. Os números apareceram em documentos divulgados no final da década de 90, que revelaram que a ditadura militar acompanhou de perto os passos do então manda-chuva do futebol brasileiro e de seu principal jogador.

Os militares sabiam que Havelange era apolítico, do tipo bajulador de governo. Mas não queriam perdê-lo de vista. Afinal, o cartola já havia se pendurado em Juscelino Kubitschek (chegou a sair candidato – derrotado – a deputado federal, a pedido do então presidente) e em João Goulart, presidentes no poder no momento das conquistas de 1958 e 1962, respectivamente. Problema de comportamento não houve nenhum: durante a década em que comandou a CBD sob regime militar, o fã da organização de Hitler e da liderança de Perón foi um cordeirinho. Chegou a declarar: Houve uma Copa sob o sr. Kubitschek, e ele era meu amigo pessoal. Houve uma Copa sob o sr. Goulart, e ele era meu amigo pessoal. O general Castelo Branco estava governando o Brasil durante a Copa da Inglaterra de 1966, outro amigo. E a Copa de 1970, no México, era quando o general Médici estava no poder, ele era meu amigo pessoal. Assim, eu nunca tive problemas, nem o futebol”.

A capacidade que Havelange tinha de usar o futebol sempre foi inversamente proporcional a seu conhecimento de como o esporte é jogado. A organização para a Copa de 1966 foi uma bagunça. Durante a preparação, o técnico Vicente Feola convocou nada menos que 47 jogadores. A confusão era tanta que um dos chamados, o raçudo zagueiro Ditão (Geraldo Freitas Nascimento), do Corinthians, acabou nem sendo convocado oficialmente porque a secretária da CBD confundiu os nomes e colocou na lista o irmão dele, também apelidado de Ditão (Gilberto Freitas Nascimento), que atuava pelo Flamengo. Nenhum membro da família Freitas Nascimento disputaria a Copa. A equipe nacional passou por cinco cidades antes de viajar para a Inglaterra – tudo para acomodação política com diversas federações do País. Só poderia acabar em tragédia: 11º lugar, após vitória sobre a frágil Bulgária (2 a 0) e derrotas para Hungria e Portugal (ambas por 3 a 1). Era a primeira vez, desde a Copa da Itália, em 1934, que uma seleção brasileira não passava da primeira fase do Mundial. Seria também a última.

Na prática, Havelange usou da função para tentar capitalizar o bicampeonato conquistado nos Mundiais anteriores. O cartola foi a Londres não interessado na campanha da seleção, mas em sua própria campanha política: queria tomar o poder de um inglês, sir Stanley Rous, na presidência da Fifa. Para isso, contava com o tri, que não só não veio como deu lugar ao primeiro título da própria Inglaterra, o que teoricamente favoreceria o adversário.

Havelange apostava tanto na conquista que preparou terreno para um sucessor: Antônio do Passo, presidente da FCF (Federação Carioca de Futebol) e

seu dedicado aliado. Suposta sequência de diálogos, divulgada pela revista *Veja* em 25 de março de 1970, revelou o plano: “Nós vamos ganhar a Copa, eu me elejo presidente da Fifa, e quero você como presidente da CBD”, teria dito Havelange ao amigo. A Octávio Pinto Guimarães, representante do Botafogo, ele prometeu a federação do Rio de Janeiro: “Eu vou me eleger presidente da CBD, e quero você como presidente da Federação”. Havelange perdeu a Fifa, ficou na CBD, Guimarães manteve sua candidatura à FCF, e Passo dançou. Enquanto isso, em São Paulo, Paulo Machado de Carvalho confabulava com outros dirigentes paulistas. Projetavam um golpe contra Havelange e os cariocas: tomar não apenas a presidência como também levar a sede da CBD para São Paulo.

No retorno de Londres, Havelange descobriu o plano do Marechal da Vitória e também uma articulação de setores do governo para investigar as razões do fracasso no Mundial. Os militares avaliavam que o futebol poderia ser usado como instrumento de propaganda da ditadura, além de projetar uma imagem positiva do Brasil dentro e fora de seu território. Nos anos subsequentes, os governos fariam grandes investimentos nessa política: ajudaram, direta ou indiretamente, na construção de 13 grandes estádios entre 1969 e 1975, normalmente batizados com nome de algum político local. Para evitar os milicos em seu encalço depois do fiasco de 1966, Havelange criou a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena). Ficaria nas mãos da Cosena escolher o treinador, a comissão técnica e avalizar a lista de convocados. Era uma maneira de sair da linha de tiro e ter tempo para alçar voos mais altos.

O presidente da CBD, mesmo enfurecido com a movimentação de Paulo Machado às suas costas, sabia que o Marechal da Vitória era o nome certo para tomar conta do novo órgão. Com cara de cachorro pidão, foi atrás do empresário. Paulo Machado ganhou afago e, vaidoso, abraçou a causa da Copa de 1970. Lágrimas, abraços e promessa de amizade eterna: “Estarei sempre ao lado de João Havelange para trabalhar pelo futebol brasileiro”, afirmou Carvalho. Ele ganhou o beijo da morte.

Em uma das primeiras providências, Carvalho trocou Feola (técnico campeão de 1958) por Aymoré Moreira (treinador de 1962). Essa havia sido uma das brigas entre os dois cartolas, porque o chefe da delegação queria Aymoré em 1966. O novo técnico teve altos e baixos durante o primeiro ano de retorno. Em um dos triunfos do treinador, a seleção conquistou a Copa Rio Branco, disputada entre Brasil e Uruguai, em Montevideu.

No retorno, a imprensa carioca plantou a informação de que o chefe da delegação do Brasil naquela viagem, um grande amigo de Havelange, assumiria o lugar de Carvalho: o bicheiro Castor de Andrade, que era presidente do Bangu. Elegantemente, Havelange desmentiu o boato. Mas, aos poucos, foi cercando o empresário paulista de dirigentes cariocas. Antônio do Passo assumiu como diretor de futebol e Evaristo de Macedo (técnico do Fluminense) e Mario Jorge Lobo Zagallo (treinador do Botafogo) se tornaram assessores da Cosena. Isolado, Carvalho colocou o cargo à disposição logo após a virada de 1968 para 1969. Seu técnico, Aymoré Moreira, não resistiu à pressão carioca. Em 4 de fevereiro, o Marechal da Vitória ficou sabendo que, do Rio, Antônio do Passo anunciava que João Saldanha, jornalista de prestígio e ex-técnico do Botafogo, seria o novo treinador da seleção. Era o adeus. Carvalho mandou uma carta de demissão a Havelange. A amizade tinha chegado ao fim.

Notório nome ligado ao Partido Comunista Brasileiro, Saldanha definiu logo seus 11 titulares: Félix; Carlos Alberto Torres, Brito, Djalma Dias e Rildo; Piazza, Gérson e Dirceu Lopes; Jairzinho, Tostão e Pelé. Também divulgou os reservas: Cláudio; Zé Maria, Scala, Joel Camargo e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Paulo Borges, Toninho Guerreiro e Edu. Era uma maneira de o treinador se prevenir contra ingerências políticas na seleção. Com esse time, o Brasil fez campanha histórica nas eliminatórias e venceu seus seis jogos contra Paraguai, Colômbia e Venezuela. A classificação ocorreu em jogo no Maracanã, em que Pelé aproveitou rebote do goleiro Aguilera e fez o gol da vitória sobre o Paraguai (1 a 0). O artilheiro da campanha, porém, foi um jovem atacante do Cruzeiro. Aos 22 anos, Tostão tinha no currículo uma participação na fracassada campanha da Copa de 1966, aos 19 anos (marcou um gol), e o título da Taça Brasil do mesmo ano, quando o time mineiro apareceu para o Brasil ao derrotar o Santos de Pelé.

Apesar da boa campanha, tropeços do Brasil e declarações polêmicas do próprio Saldanha abreviaram a passagem do treinador pela seleção nacional. Ele chegou a dizer que Pelé era míope, o que causou enorme mal-estar entre os membros da comissão técnica. Em 2004, o ex-jogador foi operado por causa de um descolamento da retina, indicando que provavelmente Saldanha estivesse mesmo certo. A saída, em 17 de março de 1970, nunca foi justificada. João Saldanha morreu em julho de 1990 jurando ter sido vítima de mais um golpe dos militares. Segundo ele, o general Emílio Garrastazu Médici, que havia assumido a presidência em outubro de 1969, era fã do atacante Dadá Maravilha, do Atlético-

MG, e fazia questão que o jogador fosse convocado. Saldanha deu de ombros para a pressão. Apesar disso, essa história nunca foi confirmada por outra fonte. A três meses do Mundial, o treinador foi demitido. Em seu lugar, assumiu Zagallo.

Se nunca pôde ser comprovada oficialmente a participação militar na queda de Saldanha, a caserna mostrou que estava de olho nos destinos da seleção brasileira na Copa de 1970. Boa parte da comissão técnica tinha origem militar. Para chefiar a delegação, foi nomeado o brigadeiro Jerônimo Bastos. A chefia da segurança estava a cargo do major Roberto Guaranyr. O capitão Cláudio Coutinho dividia a preparação física com Carlos Alberto Parreira e Admildo Chirol. O trio era auxiliado por mais dois oficiais, os capitães Kleber Camerino e Benedito José Bonetti. A preparação dos goleiros estava a cargo do subtenente Raul Carlesso.

No livro *Jogo duro*, Roberto Médici (filho do então presidente) e Jarbas Passarinho (ministro daquele governo) confirmam que ao menos Bastos havia sido uma indicação do general Médici a Havelange. O ex-presidente da CBD nega sem negar: “Nunca recebi na CBD interferência da Revolução. Na Copa de 1970, quem chefiou a comissão técnica foi o Antonio do Passo. Na parte da delegação em si, foi o brigadeiro Jerônimo Bastos, mas ele era um homem de esportes da Aeronáutica, diretor da CBD e militar na ocasião”. Detalhe: para Havelange e toda a caserna, o golpe no governo constitucional de João Goulart foi Revolução (assim mesmo, com maiúscula).

Para a alegria dos então 90 milhões de brasileiros e dos militares em ação, em 21 de junho de 1970 o Brasil goleou a Itália por 4 a 1 no estádio Azteca, na Cidade do México. A seleção saiu de campo perseguida pelos torcedores mexicanos que invadiram o campo e consagrada como o maior time de futebol de todos os tempos. Festa na caserna, comemoração no sofá de Havelange. Assim como havia feito em 1958 e 1962, quando o presidente da CBD ficara em casa – talvez para não dar azar e/ou morrer de tédio. No término da partida, o general Médici, torcedor do Grêmio e fanático por futebol, ligou para o apartamento do cartola, no Leblon, e determinou: queria colocar as mãos no troféu. Médici, famoso por acompanhar os jogos ouvindo um radinho de pilha, queria capitalizar ao máximo a popularidade da seleção. Imediatamente, Havelange tomou um avião e fez os jogadores descerem em Brasília com a Taça Jules Rimet, conquistada pelo Brasil de forma definitiva com o tricampeonato. O troféu seria roubado e derretido já nos estertores do regime militar, no final de 1983.

Com o sorriso no rosto dos militares e a Jules Rimet na prateleira, Havelange

foi atrás do trono da Fifa. O cartola já sabia como derrotar os ingleses. Lançou mão da mesma estratégia que o catapultara para a presidência da CBD. Em 1953, quando fez campanha para Sílvio Pacheco (seu antecessor e padrinho político na entidade), Havelange desviou-se dos dirigentes poderosos do futebol e foi ao Norte e Nordeste atrás dos cartolas de outros esportes. Alguns deles representavam até cinco entidades diferentes, em razão da ínfima estrutura de algumas atividades esportivas nas regiões em que comandavam. Na prática, isso significava que esses dirigentes tinham direito a cinco votos, contra apenas um da Federação Paulista de Futebol, por exemplo. Era o pulo do gato. De olho no mapa-múndi da bola, o negócio era dar voz aos países marginalizados pelos europeus.

O alvo principal passou a ser a África, que brigava por mais vagas na Copa do Mundo e para que a Fifa tomasse uma atitude em relação à África do Sul e seu regime de segregação racial, o *apartheid*. Em 1958, a CAF (Confederação Africana de Futebol) havia expulsado os sul-africanos da entidade após o país se recusar a colocar em campo um time misto de negros e brancos. Em meio ao chá da tarde, Stanley Rous mandou dizer que não se metia em problemas políticos dos outros. Havelange, por sua vez, era um terceiro-mundista de nascimento, apesar da carcaça de mordomo de castelo real e de ter como língua materna o francês. Sabia como ninguém descer do salto Luís XV. Mas, para entrar na África, o par de olhos azuis não era o melhor passaporte para enunciar suas promessas. Ele tinha na manga o nome certo: Pelé, de novo. O cartola era já um dos homens mais poderosos do futebol e também membro do COI (Comitê Olímpico Internacional) desde 1963. Mas estava longe de ter a força da imagem do maior atleta do planeta. Abaixo da linha do Equador, Pelé era mais que um jogador: era deus.

O jogador tinha dívidas com o cartola – assim mesmo, no plural. Antes de ir à Copa de 1970, novamente Havelange tivera que se mexer para deixar seu principal astro feliz. Segundo documentos oficiais revelados no final de 1999, os agentes do SNI (Serviço Nacional de Informação) identificaram que, um ano antes do Mundial, Havelange pagou uma dívida de R\$ 471 mil do jogador com o Banco do Brasil (valores atualizados). E teve de socorrê-lo novamente em meio à campanha pela presidência da Fifa.

Os militares ficaram incomodados com a decisão de Pelé de se aposentar da seleção em 1971. Desde que assumiu o comando, Médici usou o atleta para projetar a imagem de um país vencedor. Comandante dos “anos de chumbo”, os mais violentos do regime, o general impunha a presença do craque do Santos até

a Copa de 1974, que seria na Alemanha e no último ano de seu mandato. A relação não andava bem.

Pelé se recusou a jogar a Taça Independência, em 1972, um dos eventos em homenagem aos 150 anos do Grito do Ipiranga. Apelidado de forma ufanista de Minicopa, o torneio contou com a participação de 20 equipes. O Brasil foi o campeão, com gol de Jairzinho, o Furacão da Copa de 1970, na vitória por 1 a 0 sobre Portugal. Do time que entrou em campo na decisão, no Maracanã, havia seis titulares do Mundial do México. Mas Pelé não estava lá.

Em retaliação, a Receita Federal começou a investigar os ganhos do jogador e o autuou em mais de R\$ 1,1 milhão, em valores atualizados, por declarar ao Imposto de Renda menos de um quarto do que realmente recebia. A CBD e o Santos, clube de Pelé na época, arcaram com mais de 55% do valor da multa. A investigação do regime militar mostraria ainda que, entre 1965 e 1973, o jogador recebeu da CBD ao todo cerca de US\$ 320 mil (aproximadamente R\$ 1,5 milhão).

Nada mais justo, portanto, que Pelé aceitasse o cargo de garoto-propaganda de Havelange no *tour* pelo mundo. Em março de 1972, começou o giro por 86 países, que duraria dois anos e dois meses. E quem pagou essa conta? Questionado em 1986 pela revista *Playboy*, o cartola respondeu assim: “Paguei do meu bolso. Depois de trabalhar quase 50 anos, posso me dar alguns luxos. Isso foi quando decidi ser presidente da Fifa”. Quanto custou? “Não tenho a mínima ideia.” O autor britânico David Yallop calcula que essa brincadeira ficou entre R\$ 9 milhões e R\$ 13 milhões (números atualizados). Na época, além da Cometa, na qual recebia cerca de R\$ 26 mil mensais (em valores corrigidos), o cartola era dono de 40% de uma empresa de produtos químicos e explosivos. E, segundo balanços da companhia, revelados mais tarde, Havelange não podia se dar a luxos naquele tempo – pelo menos era o que apontava o caixa 1 da Orwec Química e Metalurgia Ltda. Em meio à campanha, a empresa tomou um empréstimo que correspondia a cinco vezes o valor de seu capital. Um dos sócios de Havelange, José Roberto Haddock Lobo, afirma que a campanha à Fifa foi financiada pela Orwec e por “dinheiro roubado” da CBD.

Com grana no bolso e amplo apoio das federações sul-americanas, o cartola saiu de casa rumo à África e à Ásia, principalmente às ex-colônias britânicas. Ele tinha Líbano, Tunísia, Iraque, Síria e Kuwait já conquistados; Sudão e Egito estavam com o britânico Stanley Rous. O restante não tinha alfinete sobre o mapa. No mesmo ano, Havelange organizou a tal Taça Independência. As grandes

seleções europeias não prestigiaram o cartola brasileiro. Itália e Alemanha, semifinalistas no Mundial de 1970, foram ausências sentidas. Mas a africana CAF e a Concacaf (que representa América do Norte, América Central e o Caribe) mandaram suas seleções continentais. Com elas, um trem da alegria de dirigentes de diversos países. Calcula-se que a CBD teve um prejuízo de R\$ 44 milhões com o torneio. No ano seguinte, como a seleção brasileira não precisava disputar as eliminatórias para a Copa da Alemanha Ocidental (estava automaticamente classificada por ser a atual campeã), Havelange levou o time para excursionar pela África, fazendo jogos contra Argélia e Tunísia. Também usou a imagem de Pelé, já fora da equipe brasileira, para amealhar mais apoios políticos pelo planeta.

Onde chegava, a frase do descarado Havelange era sempre a mesma: “Eu tenho dois pecados em minha vida. O primeiro é nunca ter estado aqui. E o segundo é não ter trazido minha mulher, Anna Maria”. A desfaçatez não tinha limite. O cartola conta que, durante a campanha pela Fifa, ao chegarem na Nigéria, estenderam um tapete na porta do avião. “Anna Maria foi ao presidente da República, Shehu Shagari, e eu fui até a esposa dele. Nos beijamos nas bochechas e o aeroporto paralisou. Não podiam acreditar que dois brancos beijaram duas pessoas negras com tanto afeto. Eles não estavam acostumados com isso.” Tudo caminhava bem, mas o brasileiro tinha um obstáculo. E dos grandes: a Adidas. A gigante alemã de material esportivo já dava as cartas na Fifa. Em 1970, a empresa colocou em campo a primeira bola oficial dos Mundiais. O nome era um prenúncio de como a Adidas pretendia tomar conta dos negócios do futebol: Telstar, em alusão ao primeiro satélite de comunicação civil, responsável pela transmissão da Copa do México para o mundo inteiro.

O dono da empresa, Horst Dassler, acompanhava de perto o processo sucessório. Percebeu a movimentação forte de Havelange em outros continentes e decidiu olhar para o cartola sul-americano com mais carinho. Afinal, um novo mercado se abria tanto para a Fifa quanto para a expansão da empresa de material esportivo. Mais uma vez, Havelange usou Pelé e fez uma triangulação genial, digna do meio de campo da seleção de 1970. Chamou os dois para a jogada, tabelou e mandou a bola para o gol.

O cartola apresentou Pelé ao dono da Adidas. De Dassler, queria se aproximar e mostrar que tinha influência sobre o melhor jogador do mundo. A Pelé, quis mostrar que estava fazendo *lobby* por contratos publicitários que beneficiassem o

atleta. De fato, a Adidas fez uma oferta de R\$ 1,7 milhão para que Pelé disputasse a Copa da Alemanha, outro grande interesse do presidente da CBD. Pelé não voltou atrás na decisão de aposentadoria da seleção. Ele não jogou a Copa de 74, mas manteve a relação com a Adidas após o Mundial.

Encastelado na Europa, Stanley Rous estava tão convicto da vitória que não deu bola para essa movimentação. Tinha certeza de que um grupo europeu, já parceiro de sua gestão, não debandaria para um sul-americano. Ledo engano. O método de negócios de Havelange era agressivo, de quem trabalhava com a indústria bélica. O brasileiro prometeu mundos e fundos a Dassler, inclusive fidelidade eterna. E cumpriu a promessa com rigor.

Em 11 de junho de 1974, Havelange chegou ao topo da Fifa com apoio da Adidas. No primeiro turno da eleição, não atingiu os dois terços necessários para maioria qualificada: no placar, 59 a 47 dos votos dos 122 membros presentes. No segundo turno, oito minutos depois, valia a maioria simples: Havelange 68, Rous 52. Estava quebrado o monopólio europeu. Desde a sua fundação, em 1904, a Fifa havia tido seis presidentes: três ingleses, dois franceses e um belga. Rous não acreditava. A América do Sul, o Leste Europeu, o Oriente Médio e, principalmente, a África faziam festa no salão de convenções do Frankfurt Airport Hotel. Mas, mais uma vez fazendo caridade com o chapéu alheio, Havelange ofereceu uma gorda aposentadoria a Rous pela Fifa.

A Copa começou dois dias depois da eleição na Alemanha Ocidental. O Brasil foi eliminado pelo mítico Carrossel Holandês de Cruyff, e a equipe anfitriã venceu seu segundo Mundial. Mas quem ganhou mesmo foi a empresa da casa. Pouco depois, Havelange e Dassler apertaram as mãos e decidiram que Fifa e Adidas seriam parceiras. Nestes termos: sem contrato, sem protocolo, sem sequer um papel de pão para registrar a aliança. Pode-se concluir também que sem qualquer controle de entrada e de saída de dinheiro. Havelange é grato, mas econômico nas palavras: “Há um ponto que devo dizer em favor do sr. Dassler. Quando queria montar programas de desenvolvimento no futebol, ele veio à Fifa e disse: ‘Eu tenho a possibilidade de colocá-lo em contato com as pessoas da Coca-Cola’. Antes de assinar o contrato com a Coca-Cola eu fui em 1975 a Nova York, à Warner Brothers; eles controlavam a Pepsi-Cola. Eu submeti a eles vários projetos da Fifa, que eu precisava financiar. Eles disseram: ‘Vamos responder logo’. Tenho esperado por 24 anos. Enquanto isso, assinei com a Coca-Cola”. Sob apadrinhamento de Dassler, o acordo com a multinacional de bebidas foi firmado

em 13 de maio de 1976, em Londres, com validade de 25 anos.

Havelange tinha Adidas e Coca-Cola como parceiros importantes, mas vivia em Zurique cercado por desconfiança e rejeição. Ele era detestado pelos europeus, suas companhias no dia a dia. Dassler tomou a frente para resolver o problema: indicou Joseph Blatter, um executivo suíço da relojoaria de luxo Longines, que se tornaria o número 2 da Fifa e sucessor de Havelange em 1998.

O cartola brasileiro foi para a Suíça em 1974, mas não largou o osso no Brasil. Continuava presidente da CBD. Milicos metidos em esporte, que já estavam de olho na cadeira ainda com Havelange sentado, avançaram violentamente sobre o cargo assim que ele ganhou a eleição da Fifa. Os maiores interessados eram os irmãos Barros Nunes: o almirante Heleno, presidente da Aliança Renovadora Nacional (a Arena, partido de sustentação da ditadura militar) no Rio de Janeiro e ex-diretor da CBD; o general Antonio, também ex-diretor da CBD; e o almirante Adalberto, ex-ministro da Marinha do governo Médici. Foi Adalberto Nunes quem colocou sobre a mesa do general Ernesto Geisel, que havia assumido a presidência em março, o dossiê com as informações dos agentes do SNI (aquelas que seriam reveladas em 1999) sobre o uso de verbas da CBD. O objetivo era mostrar ao presidente que, para fazer campanha, Havelange financiou Pelé e excursões da seleção e, com isso, quebrou a confederação. O rombo era enorme, segundo a papelada. No ano da eleição, o prejuízo fora de R\$ 23,6 milhões (valores atuais). Não bastasse torrar dinheiro da entidade, nessa ânsia de tomar a Fifa, Havelange cometeu um erro estratégico na relação com os militares: em troca de voto, apoiou a reintegração da China comunista no quadro de filiados da Fifa. Era a cereja que faltava no bolo do dossiê dos irmãos Barros Nunes.

Havia pressão até para meter um processo em João Havelange. Mas os militares avaliaram que seria péssimo para a imagem do País ter um importante representante em Zurique com o rótulo de corrupto. Seria vergonhoso para o regime. Geisel optou por uma solução salomônica: tapar o buraco deixado por Havelange na CBD e entregar a cadeira dele aos milicos famintos. Isso resolvia também um velho problema de confiança. Não interessava manter no comando de um dos maiores “símbolos nacionais” um sujeito cuja personalidade funcionava como biruta de aeroporto – na primeira mudança de direção do vento, trocava de lado.

Em 2 de novembro de 1974, Havelange foi comunicado pelo ministro da Educação, Ney Braga, de que não mais continuaria à frente da CBD, depois de 17

anos. Dos cinco Mundiais que disputou, ganhou três. Curiosamente, nas derrotas o cartola estava presente, nas vitórias tinha ficado na poltrona acolchoada de casa. Em janeiro de 1975, Heleno Nunes assumiu a presidência da CBD. Foi eleito por unanimidade e, segundo a prepotência de Havelange, “foi assim porque eu quis”.

Em março, Geisel tapou o maior legado do ex-presidente da CBD: o presidente do regime mandou a Caixa Econômica Federal depositar cerca de R\$ 68,5 milhões nas contas da entidade. O valor foi debitado do Fundo de Assistência Social. Com o cofre cheio, Heleno Nunes começou a usar o futebol para também fazer política. O Campeonato Brasileiro, criado em 1971 para dar expressão nacional a clubes de federações pequenas, tinha 40 times no último ano de gestão de Havelange. Nunes colocou outros dois e inchou ainda mais o torneio. Para agradar a Arena, partido de sustentação da ditadura, promoveu um crescimento estratosférico. Em 1976, o número de clubes aumentou para 54; no ano seguinte, foi para 62; em 1978, saltou para 74; e, em 1979, chegou à marca inacreditável de 94 participantes. A Heleno Nunes é atribuída a frase “onde a Arena vai mal, um clube no Nacional”.

Mas essa política de agradar o partido virou bagunça. Passou a incomodar os grandes clubes e prejudicava a imagem do esporte. Começou a pressão para que uma antiga reivindicação saísse do papel: o grito de independência do futebol. A Fifa já havia determinado que, a partir de 1979, as federações nacionais filiadas a ela teriam que ser responsáveis apenas pelo futebol. A antiga CBD era um balaio de gatos, com mais de 20 modalidades abrigadas. Em 24 de setembro de 1979, a entidade foi extinta e foi aprovado o estatuto da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). As demais modalidades criariam suas próprias entidades, fragmentando a administração do esporte olímpico do País e dando a cara atual à administração esportiva sob a supervisão do COB (Comitê Olímpico Brasileiro).

A mudança aconteceu já em estágio avançado da abertura política no País. O general João Baptista Figueiredo havia assumido a presidência em 15 de março daquele ano sob promessa de “fazer deste País uma democracia”. Não tinha clima para colocar Nunes no comando da nova CBF. A presidência da entidade ficou a cargo do empresário carioca Giulite Coutinho, ex-presidente do América, do Rio. Nunes morreria cinco anos depois.

João Havelange estava longe, mas estava perto. Acompanhava cada uma das trapalhadas dos dirigentes da CBF. Mandando na Fifa, queria retomar o poder no futebol do Brasil.

O FILHO DO SOGRO

“Ganhamos, apesar da imprensa paulista. Filhos da puta!”

Ricardo Teixeira

“O gol é apenas um detalhe.”

Carlos Alberto Parreira

A trajetória de Ricardo Teixeira como dirigente máximo do fute-bol brasileiro é marcada por duas famas. Uma, a de nunca ter jogado uma partida de futebol. A outra é a de que Teixeira enxerga uma bola de capotao como a melhor maneira de aumentar sua cole-ção de retratos esverdeados de Benjamin Franklin, herói norte-americano que estampa as notas de cem dólares.

Até 1989, Ricardo Teixeira nunca havia dirigido sequer um clube de bairro. Mas se especializara em um ramo que o ajudaria demais nos anos como dirigente: o mercado financeiro. Mesmo tendo abandonado o curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no quarto ano, incorporou o título de “doutor” no período em que esteve no trono da CBF. Começou a vida profissional como operador na Bolsa de Valores do Rio e depois, com a ajuda do pai, virou sócio de uma corretora de investimentos em Belo Horizonte, que o obrigava a viver na ponte aérea.

Teixeira gaba-se de ter sido um Midas do mercado financeiro: onde enfiasse a mão, o valor triplicava. Segundo ele, ganhava muito dinheiro – mais do que viria a lucrar na CBF. Não era bem assim. Em 1986, o sogro teve de socorrê-lo. Em *Jogo duro*, Havelange conta que primeiro entrou na sociedade (ao lado do pai e do irmão de Teixeira, além do próprio). E, quando viu que o negócio não ia dar certo, foi pedir socorro a um amigo. Quem topou abraçar a causa foi Antônio José Carneiro, então dono da maior financeira do País, a Losango (que hoje pertence

ao banco HSBC). O empresário é conhecido pelo apelido de Bode no mercado financeiro, no qual começou a trabalhar também como operador da Bolsa do Rio. Hoje, Carneiro é acionista da Energisa, empresa de Minas Gerais, e aparece na lista dos maiores bilionários do mundo na prestigiada revista *Forbes*, dos Estados Unidos. O Bode, que é Carneiro, deu jeito de tirar o mico das mãos de Teixeira, antes que desse zebra.

Em meados dos 80, Havelange já tinha planos para o genro, a quem chamava de “o filho que nunca tive”. Desde que foi tirado do comando do futebol brasileiro, o então presidente da Fifa passou a agir nos bastidores, esperando a hora para dar o bote. Em 1983, a dupla cedeu uma sala da Minas Investimento – que ficava próxima à sede da CBF – para o comitê de campanha de Rubens Hoffmeister à presidência da entidade. O principal trunfo da dupla era a candidatura do Brasil a sede da Copa do Mundo de 1986. Caso Hoffmeister vencesse, teria o apoio de Havelange na Fifa para o empreendimento – megalomaniaco naquele momento em que o Brasil enfrentava estagnação econômica.

Não bastasse a plataforma política discutível, a escolha de Hoffmeister não foi das mais sensatas. Folclórico, o candidato era conhecido jocosamente na imprensa gaúcha como Rubis. Jogara pelo Cruzeiro de Porto Alegre nos anos 50, presidira o time e depois a Federação Gaúcha de Futebol. Uma devassa de sua gestão na entidade descobriu dezenas de notas fiscais de *lingeries* no que ficou conhecido como o “escândalo das calcinhas”. Foi o mote para que, em 1987, Márcio Braga, então presidente do Flamengo, chamasse Hoffmeister de “bichona” em uma mesa redonda na extinta TV Manchete. O gaúcho agrediu o carioca ao encontrá-lo em uma reunião na CBF. “Se ele não me respeitar como autoridade, vai me respeitar no pau”, afirmou. Já naquela época era do mais alto nível o debate entre os dirigentes do futebol brasileiro.

Hoffmeister opunha-se a Giulite Coutinho, ex-presidente do América, do Rio, e presidente da CBF durante a Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Foi o primeiro Mundial em que a equipe brasileira não teve nenhum ex-integrante da mítica seleção tricampeã de 1970 no México. A equipe dirigida por Telê Santana contava com jogadores de técnica refinada e vivendo o auge da carreira, como Sócrates, Zico e Falcão. Com um futebol recheado de jogadas plasticamente bonitas, a seleção empolgou não só brasileiros, mas os amantes de futebol. Derrotou sucessivamente União Soviética, Escócia, Nova Zelândia e Argentina.

O time, porém, sempre demonstrou falhas na defesa. O teste final daquela

equipe que encantou o mundo seria contra a desacreditada Itália. O time dirigido por Enzo Bearzot, apesar de toda a tradição que cercava a Itália, vinha de campanha medíocre na primeira fase, com três empates contra as pouco badaladas seleções de Polônia, Peru e Camarões. Bearzot era bastante contestado pela imprensa de seu país por insistir em um atacante que havia passado em branco na primeira fase, Paolo Rossi.

Naquele 5 de julho de 1982, o atacante da Juventus mostrou oportunismo para marcar três vezes e despachar o Brasil daquela Copa com um surpreendente 3 a 2. A “Tragédia do Sarriá”, como ficou conhecida aquela partida, em referência ao estádio do Espanyol que foi sede do duelo, marcou uma geração brilhante de jogadores que jamais ganhariam uma Copa.

Apesar do sentido fracasso no Mundial anterior, o histórico de controvérsias prejudicou Hoffmeister. Giulite Coutinho se reelegeu. No fim daquele ano, uma trapalhada mancharia sua administração. Na noite de 19 de dezembro de 1983, a Taça Jules Rimet, com seus 30 centímetros e quase quatro quilos de ouro, foi roubada na sede da CBF e depois derretida pelos ladrões. Um ano depois do trauma do Sarriá, o futebol brasileiro via destruído o principal símbolo de sua sala de troféus. Em 20 de janeiro, o País já havia perdido Mané Garrincha, bicampeão mundial (1958 e 1962) e um dos maiores ídolos da história do futebol brasileiro. Eram tempos tristes dentro de campo.

Giulite Coutinho, porém, acertou no planejamento de longo prazo. Investiu na infraestrutura com a construção do Centro de Treinamento da Granja Comary, em Teresópolis, na região serrana do Rio, até hoje a casa da seleção brasileira. Fora de campo, o País vivia a redemocratização após 20 anos de ditadura militar. Em 1984, o movimento de massas pelas eleições diretas para presidência tomou o País com a participação de craques como Sócrates e Casagrande, do Corinthians, e de destaques da crônica esportiva, como Osmar Santos, locutor oficial dos comícios. Mas a emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas, foi derrotada no Congresso. Eram tempos tristes também fora de campo.

Em 15 de janeiro de 1985, o mineiro Tancredo Neves derrotou o paulista Paulo Maluf na eleição indireta do Colégio Eleitoral, formado pelo Congresso Nacional, no que é considerado o fim oficial dos 21 anos da ditadura. Raposa da política mineira, conciliador, Tancredo contou com amplo apoio. Mas a catarse e esperança representadas por sua vitória durariam apenas três meses. Em 21 de abril, ele morreu sem ter tomado posse, vítima de uma diverticulite, inflamação no

intestino. O vice-presidente José Sarney, que tinha feito carreira na Arena, o partido da ditadura, assumiu. Dentro e fora dos gramados, eram tempos realmente tristes.

Um ano depois da desilusão com Tancredo, o País voltava suas atenções para outra eleição indireta, o pleito na CBF. A disputa definiria muita coisa do futuro do futebol do País. Apesar dos percalços e da fama de autoritário, Coutinho vinha de uma gestão elogiada em dois mandatos. Como sucessor, lançou em janeiro de 1986 seu diretor de futebol, João Maria Medrado Dias, ligado ao Vasco da Gama. Na esteira, o apoio da dupla Havelange-Teixeira, que novamente montaram o *bunker* da campanha na Minas Investimento.

Em uma eleição tumultuada, Medrado Dias perdeu para a dupla Octávio Pinto Guimarães e Nabi Abi Chedid. No início da candidatura, Chedid encabeçava a chapa. Mas, pouco antes do pleito, inverteram-se as posições. O motivo: o estatuto previa que, em caso de empate, o candidato mais velho seria eleito. Guimarães, ex-presidente da Federação do Rio, tinha 64 anos; Medrado Dias, 62. Chedid, de 53 anos, não impôs qualquer obstáculo. Outra raposa política (era deputado estadual em São Paulo e líder do governista PFL na Assembleia paulista), acreditava que seu colega de chapa sobreviveria somente alguns meses a um câncer já diagnosticado no estômago. Guimarães tocaria o mandato, enquanto Chedid gastaria os dedos com a figa. Mas o presidente sobreviveu aos três anos de mandato. Morreria somente um ano depois.

A gestão de Guimarães, contudo, foi mais que desastrosa. A entidade sobrevivia com poucos recursos, oriundos de um patrocínio irrisório do Instituto Brasileiro do Café, que teve a logomarca estampada no escudo da seleção. Basicamente, o governo bancava o futebol nacional. Como se não bastasse, o comando era péssimo. Guimarães e Chedid se pegavam nos corredores da CBF, o que afetava a organização dos campeonatos.

O conflito se refletiu em campo. Com 80 times, o Brasileirão de 1986 foi uma bagunça. A eliminação do Vasco da Gama na primeira fase deu início a uma série de ações nas justiças esportiva e comum, envolvendo também Joinville e Portuguesa, que a CBF pretendeu eliminar – não é de hoje – para resolver o impasse. Sem definir quem sairia, a entidade tentou solucionar o problema aumentando o número de participantes, com 33 times na segunda fase. Imediatamente se deu conta da impossibilidade de organizar uma tabela decente com número ímpar de participantes e... a CBF botou mais clubes dentro da

competição. Com tanta confusão no calendário de um ano complicado – o Brasil tinha disputado a Copa do Mundo do México, entre maio e junho –, só restou à CBF encerrar o torneio no ano seguinte. No dia 25 de fevereiro, o São Paulo derrotou o Guarani na final, nos pênaltis, trazendo de volta um título que os paulistas não viam desde 1978.

Com Telê Santana novamente no comando, a seleção havia fracassado na tentativa de conquistar o tetra no México. Com o caldeirão da sucessão na CBF fervendo, a dupla Havelange-Teixeira se enfiou no avião e foi junto com o time. Não só isso: os dois bancaram passagem, hospedagem e ingresso para presidentes de clubes e federações e suas famílias. O trem da alegria do clã Havelange deu resultado. O genro bolachudo passou o Mundial xavecando os cartolas com um discurso moderno repleto de palavras em inglês emprestado do mundo corporativo, como “profissionalismo”, “*merchandising*”, “competitividade”. Era um punhado de eufemismos para “dinheiro”, que soou como música aos ouvidos da cartolagem, já cansada da gestão atabalhoada de Guimarães e Chedid.

A campanha eleitoral seria coroada com a desclassificação da geração Telê nas quartas de final. Depois de empatar por 1 a 1 com a França no tempo regulamentar, a seleção brasileira – tendo ainda os veteranos Zico e Sócrates como nomes mais famosos – perdeu a decisão nos pênaltis por 4 a 3. Na volta ao Brasil, os jogadores foram recebidos com carinho por uma torcida que gostava de assistir ao futebol lúdico daquele time. Mas a disputa pela CBF corria solta e nesse jogo ninguém brincava. Havelange atribuiu a derrota ao comando da confederação, pela “desorganização da seleção na fase preparatória”. Com desfaçatez, criticou: “Perderam muito tempo com a eleição e cometeram um erro”.

Nas rajadas de Havelange, sobrou para Sócrates, que perdeu um dos pênaltis, e até para Telê Santana – quase unanimidade no País, com fama de pé-frio após dois fracassos seguidos. O presidente da Fifa disse que o técnico não tinha competência suficiente para vencer todos os jogos de uma Copa e que havia cometido o “erro técnico” de escalar Zico. O jogador do Flamengo voltava de lesão no joelho e, ainda frio, minutos após entrar em campo, perdeu um pênalti quando o placar estava em 1 a 1. Telê, que àquela altura já havia pedido afastamento da seleção, não engoliu: “João Havelange é um grande da Fifa, mas entende pouco de futebol. Nunca o vi assistindo a uma partida ou dando um chute na bola”, devolveu o treinador.

Naquele momento, o “grande da Fifa” já se considerava um gigante na CBF. A

missão México dera certo e servira de alicerce para a eleição do genro, outro que Telê certamente jamais vira chutando uma bola. Em 1987, a CBF era um veículo descontrolado pronto para se esstraçalhar no poste. Os clubes tentavam assumir o volante. Em julho daquele ano, Octávio Pinto Guimarães anunciou que a entidade não tinha “condições de organizar o Campeonato Brasileiro” por falta de recursos. Nascia assim o Clube dos 13, a união dos maiores times brasileiros (Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Santos, Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Atlético-MG, Cruzeiro, Grêmio, Internacional e Bahia). Com a nova entidade, surgia um campeonato nacional paralelo, com a inclusão de Santa Cruz, Coritiba e Goiás: a Copa União, torneio até hoje polêmico.

O campeonato do Clube dos 13 teve o mérito de ser o primeiro Brasileirão organizado efetivamente pelas maiores agremiações do País. No entanto, pecou pela escolha atabalhoada de seus membros. Guarani e América-RJ, semifinalistas do Brasileirão de 1986, foram relegados ao Módulo Amarelo, espécie de segunda divisão do País. Já o Coritiba, que havia feito campanha vergonhosa no ano anterior – terminara em 44º lugar –, ganhou vaga na elite por conta de poder político e força de sua torcida.

As 16 equipes foram divididas em dois grupos de oito clubes. Na primeira etapa, os times enfrentaram os adversários da outra chave. Na seguinte, os rivais do mesmo grupo. Os quatro melhores da fase de classificação foram para as semifinais, disputadas pelos dois grandes de Minas Gerais – Atlético-MG e Cruzeiro –, que contavam com vantagem de decidir as semifinais em casa, e Flamengo e Internacional. Nos mata-matas, porém, melhor para os forasteiros, e cariocas e gaúchos decidiram o título. Uma nova geração de jogadores despontava e dois futuros tetracampeões mundiais eram destaques dos finalistas. Pelo Internacional, o goleiro Taffarel, de 21 anos, mostrava atuações de veterano. No Flamengo, o atacante Bebeto, aos 23, começava a justificar o investimento feito quatro anos antes em sua contratação junto ao Vitória, da Bahia. Bebeto, aliás, seria decisivo, marcando nos dois jogos finais.

O título do Flamengo, porém, seria cercado de controvérsias. A CBF decidiu que os finalistas da Copa União, também chamada de Módulo Verde, teriam que enfrentar Guarani e Sport, que haviam decidido o Módulo Amarelo, com vitória dos pernambucanos. O quadrangular decidiria o campeão brasileiro. Flamengo e Internacional se recusaram a jogar, e a fase decisiva viu dez de seus 12 jogos terminarem em W.O. pelo não comparecimento de pelo menos uma das equipes. O

Sport venceu a disputa com o Guarani após um empate em Campinas e uma vitória no Recife. Até hoje, o título de 1987 segue em disputa na Justiça.

Tamanha confusão só favorecia a candidatura de Ricardo Teixeira. O novo cartola já estava no aquecimento, pronto para entrar em campo na politicagem. O genro de Havelange vendia a imagem de modernidade e de administração profissional, de quem tinha experiência no mercado financeiro. Em meio à zorra, ele e o sogro mantinham clubes e federações em rédea curta. O principal articulador da campanha de Teixeira era o presidente da Federação Goiana: Luiz Miguel Estevão de Oliveira, irmão mais velho de Luiz Estevão, que em 2000 entrou para a história do País de maneira pouco honrosa, como o seu primeiro senador cassado. O político chegou a ser preso duas vezes e teve de ressarcir a União em R\$ 468 milhões por desvio de dinheiro na construção do Fórum Trabalhista de São Paulo.

Com uma mãozinha da família Estevão, Teixeira confirmou, em setembro de 1987, o que todos já sabiam: seria candidato à eleição da CBF. E mais: declarou-se a favor do *impeachment* do então presidente, “assim como de 22 dos 26 presidentes de federações”. A dupla Guimarães-Chedid se manteve no comando da entidade até o último dia do mandato, mesmo com a ameaça de intervenção federal. Em 16 de janeiro de 1989, Ricardo Terra Teixeira foi eleito presidente da CBF. No dia seguinte, foi saudado pelo diário *Gazeta Esportiva* com um título sintomático: “O futebol mostra a sua cara. Nova?”.

Quem escreveu o título merece parabéns. Conseguiu antecipar que Teixeira iria repetir todas as velhas traquinagens dos cartolas que criticava.

- - -

Foi sempre difícil saber onde terminavam os negócios da CBF e começavam os da dupla Havelange-Teixeira. Acertos obscuros causavam polêmica. Até a conquista da Copa dos Estados Unidos, em 1994, Ricardo Teixeira teve sua gestão na entidade marcada por várias controvérsias. No ano da posse, em 1989, por exemplo, houve uma convocação em que dez dos 39 jogadores selecionáveis eram ligados ao poderoso empresário uruguaio Juan Figer. Teria sido uma forma de valorizar os passes antes de transações milionárias para clubes europeus.

Os negócios interferiam no mundo da bola no mesmo momento em que a CBF buscava resgatar o prestígio da seleção canarinho. Teixeira assumiu em um momento em que a equipe brasileira estava prestes a completar 20 anos sem

títulos mundiais. Pior, a Copa do ano seguinte, em 1990, seria disputada na Itália, o que colocava a Squadra Azzurra, desde já, como uma das favoritas. O time italiano também era tricampeão mundial. Em casa, poderia superar o Brasil em número de títulos. Sequer no plano continental o Brasil tinha motivos para festejar. Tradicionalmente, os clubes brasileiros não davam valor à Taça Libertadores. A última conquista tinha sido do Grêmio, em 1983. A Copa América, principal competição entre países do continente, não era vencida pela seleção nacional desde 1949.

Novo presidente, novos rumos? Teixeira achou por bem não dar continuidade ao trabalho de Carlos Alberto Silva, treinador que havia levado o Brasil, um ano antes, à medalha de prata olímpica nos Jogos de Seul, na Coreia do Sul. O cargo de treinador da seleção brasileira estava tão desvalorizado que, após ouvir algumas negativas de profissionais mais badalados, a CBF optou por Sebastião Lazaroni. O técnico, mineiro como Teixeira, havia se destacado no Rio de Janeiro, onde tinha conquistado um tricampeonato estadual em 1986, dirigindo o Flamengo, e em 1987 e 1988, no comando do Vasco da Gama, época em que revelou o atacante Romário. Apesar disso, nunca havia vencido um Brasileirão.

Assim como Teixeira, Lazaroni tentou mostrar a imagem de um treinador moderno, atento às novidades táticas do futebol internacional e usando um discurso empolado. Termos como lastro físico, ala, galgar parâmetros, pijama *training* e treinamento invisível passaram a fazer parte do dia a dia da crônica esportiva, que apelidou a fala do comandante da seleção de “lazarônês”. Brincadeiras à parte, Lazaroni procurou trabalhar a base já montada por Carlos Alberto Silva, agregando novos nomes. Os principais desafios daquele ano de 1989 seriam a Copa América, que voltaria a ser disputada no Brasil após 40 anos, além da obrigação de classificar o País nas eliminatórias da Copa.

A preparação para a Copa América passou por uma fracassada excursão à Europa, onde o Brasil foi humilhado pela Dinamarca, então uma seleção badalada pela boa campanha na Copa de 1986. O time dos irmãos Laudrup impôs impiedosos 4 a 0 nos comandados de Lazaroni. Na partida seguinte, a equipe sofreu novo vexame, agora diante da Suíça, 1 a 0.

Na Copa América, Lazaroni começou a acertar uma base para a equipe brasileira, que capengou na primeira fase. O Brasil estreou com vitória por 3 a 1 sobre a frágil Venezuela, empatou sem gols com Peru e Colômbia. Com dois gols de Bebeto, o Brasil bateu o Paraguai e garantiu a vaga em segundo lugar de sua

chave. No quadrangular final, porém, no Maracanã, a equipe engrenou, com vitórias sobre Argentina (2 a 0), Paraguai (3 a 0) e Uruguai (1 a 0). Romário fez o gol que garantiu o título da equipe após jejum de 40 anos.

As eliminatórias para a Copa foram ainda mais turbulentas. O Brasil goleou facilmente a Venezuela em seus dois encontros (4 a 0, fora, e 6 a 0, no Morumbi, em São Paulo). O problema era o Chile, que vinha sendo um trauma para a seleção. Os chilenos tinham eliminado o Brasil da Copa América de 1987 com um humilhante 4 a 0. Em Santiago, a pressão da torcida fora suficiente para que o árbitro J. Palacios apitasse um polêmico sobrepasse do goleiro Taffarel, que resultou no gol de empate chileno. A partida de volta, no Maracanã, que o Chile precisava vencer, teve um primeiro tempo tenso e foi decidida com um gol de Careca, logo aos 4min do segundo tempo. O jogo, no entanto, ficou marcado pelo episódio do sinalizador disparado pela torcedora Rosenery Mello, que atingiu o gramado próximo ao goleiro Roberto Rojas. O chileno simulou um machucado e, anos depois, admitiria ter se cortado com um aparelho de barbear. Os jogadores do Chile deixaram o campo carregando Rojas ensanguentado. Pela simulação, a Fifa aplicou severa pena ao Chile, que foi suspenso de competições internacionais por quatro anos. Quem se deu bem foi a Rosenery, que ganhou um bom dinheiro para posar nua numa revista masculina.

Para a Copa de 90, a seleção brasileira não chegou assim tão badalada. A Argentina, do craque Maradona, campeã em 1986, a Itália, dona da casa, e a Holanda, campeã europeia dois anos antes com craques como Van Basten e Gullit, eram as principais apostas.

Com um futebol burocrático e utilizando o esquema 3-5-2, uma novidade no País, o Brasil avançou da primeira fase com vitórias simples sobre Suécia (2 a 1), Costa Rica (1 a 0) e Escócia (1 a 0). O grande teste seria contra a Argentina nas oitavas de final. Uma grande jogada de Maradona, que deu assistência ao atacante Caniggia, determinou a sorte da seleção brasileira. Era o fim da chamada “Era Dunga”, jogador símbolo daquela equipe agora mais conhecida pela retranca do que pelo passado de toques refinados do futebol-arte. Quatro dos titulares daquele jogo iriam erguer a taça da Copa do Mundo quatro anos depois, nos Estados Unidos.

Fora de campo, o clima não era dos melhores. Segundo Teixeira, em 1990, a CBF ainda devia os bichos da Copa de 1986. “Tínhamos fama de caloteiros. Tanto que um jogador chegou a me pedir, antes de um amistoso, para ver o dinheiro do

bicho que seria pago naquela partida. Ele não acreditava que tivéssemos a grana”, contou o cartola em entrevista à revista *Playboy*. “Não estávamos preparados. Eu mesmo não estava, pois assumira pouco antes a presidência da CBF.”

Aquele ano mostrou a que vinha o neófito dirigente: não entendia nada de futebol, mas conhecia muito bem o mundo dos negócios e das leis que o envolvem. Teixeira aproveitou a balbúrdia e deu um pulo do gato. Em 1990, a CBF abriu mão de sua única grande receita: o dinheiro oriundo da Loteria Esportiva. Sob o discurso de profissionalização, escondia-se uma jogada genial: sem dinheiro público, Ricardo Teixeira se livrou de ser processado, ao longo dos anos, por crimes como peculato, corrupção passiva e ativa, improbidade e outros que envolvam grana do contribuinte.

O presidente da CBF sabia que, principalmente depois de se preservar juridicamente, teria muito trabalho para colocar em ordem a casa do futebol. Os campeonatos no Brasil eram deficitários, o que fazia com que os principais clubes do País tivessem como melhor fonte de renda a venda de jogadores ao exterior. A média de público do Brasileirão de 1989, ano da chegada de Teixeira ao poder, foi de 10.857, a pior dos últimos dez anos. A bagunça era generalizada. Faltava credibilidade ao campeonato, que mudava constantemente as regras para acomodar interesses dos times grandes.

Porém, Teixeira não acabou com o casuísmo.

Em 1991, o Grêmio caiu para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. O clube, apontado como um dos favoritos ao título, fez campanha medíocre, sendo rebaixado na última rodada, após derrota por 3 a 1 para o Botafogo, no estádio Caio Martins, em Niterói. Os gaúchos tiveram que passar pelo vexame de disputar a Segundona no ano seguinte. Pior: terminaram apenas em nono lugar, não conseguindo o acesso à Série A de 1993. Paraná e Vitória fizeram a final do torneio e eram os dois clubes que, de direito, seriam promovidos à elite. Foi aí que a CBF interveio e virou a mesa, beneficiando o time gaúcho. Em decisão inédita, 12 clubes foram promovidos para o Brasileirão do ano seguinte, que passou de 20 para 32 equipes. Além de Grêmio, beneficiaram-se da benesse Criciúma, Santa Cruz, Remo, América-MG, Fortaleza, União São João-SP, Ceará, Desportiva-ES e Coritiba.

Isso não arranhou em nada a administração Teixeira no que interessava ao cartola: o colégio eleitoral. A cartolada garantiu o segundo mandato de quatro anos do dirigente, driblando a lei que mais tarde ampliaria aos clubes o direito ao

voto. O presidente da CBF contou com apoio unânime dos presidentes das 27 federações, encantados não só com as verbas recebidas da entidade, mas com a dedicação de Teixeira à Copa do Brasil, o torneio que ele inventou para dar promoção nacional a clubes locais. O campeonato, criado pelo cartola logo após assumir a CBF, em 1989, contou com 32 clubes em sua primeira edição, vencida pelo Grêmio. Esse número só inchou nos anos seguintes, chegando a 86 agremiações, de todos os Estados do País, em 2014.

A antecipação do pleito, porém, também gerou rugas. Zico, então secretário nacional dos Esportes, criticou a iniciativa, que driblava a lei batizada com o nome do ídolo do Flamengo, time do qual Teixeira é torcedor: “A antecipação mostra o caráter de quem está dirigindo o futebol brasileiro”, afirmou o ex-jogador na época. A manobra deixou claro que, se o genro de João Havelange era tão ruim de bola quanto o sogro, navegava os bastidores da política com a mesma destreza do mentor.

Também o patrimônio do cartola que mandava nos negócios do futebol brasileiro começou a crescer na mesma progressão geométrica com que a CBF conquistava patrocínios e fazia acordos comerciais.

Teixeira sempre contestou essa ideia, dizendo que seu aumento de renda foi normal, compatível com quem já se considerava um homem rico antes de assumir a confederação. Questionado pela revista *Playboy*, em 1999, sobre a origem de seu patrimônio, o cartola não titubeou: “Está no meu imposto de renda. Em 1988, antes de entrar para a CBF, portanto, vendi minhas empresas. Só por uma delas, a Minas Investimentos S/A, recebi um total de 2,5 milhões de dólares (equivalentes a 12,3 milhões de dólares em 2014). Sobraram duas outras empresas, um prédio próprio no Rio de Janeiro e outro em Belo Horizonte”.

O que a resposta esconde é o estreitamento das ligações comerciais entre ele e Havelange. Os laços empresariais foram consolidados em um documento registrado na Jucerj, a Junta Comercial do Rio de Janeiro, em maio de 1992. Sob número 33202660505, o contrato celebrou a formação da RLJ Participações Ltda. As iniciais de Ricardo, Lúcia e João não deixavam dúvidas de que se tratava de um negócio familiar. Mas João Havelange não tinha participação formal na empresa.

O capital inicial da RLJ foi de 3 milhões de cruzeiros, equivalentes a R\$ 7.832,92 em janeiro de 2014, uma ninharia diante do que o trio iria movimentar no futuro. Ricardo, nomeado sócio-gerente com amplos poderes, tinha 1.501.000 cotas; Lúcia, 1.499.000. Em resumo, Lúcia era mais que a esposa de Ricardo

Teixeira. Mais que o elo entre ele e o sogro. Era oficialmente parceira de negócios. O nome do advogado Alberto Ferreira da Costa aparece no rol dos que atestaram a abertura da RLJ Participações, mas ele não assinou. Já Guilherme Terra Teixeira, irmão de Ricardo, deixou registrada sua assinatura. Tudo em família.

No contrato foi escrito: “No caso de falecimento, impedimento ou renúncia de um sócio-gerente, a sociedade será administrada pela sócia Lúcia Havelange Teixeira”. Poucos meses depois, ainda em 1992, veio a primeira alteração contratual. Sustentaria, mais tarde, a suspeita levantada por parlamentares que investigaram os negócios de Teixeira: a de que a RLJ era uma empresa-ônibus, criada para internar no Brasil dinheiro de fonte indefinida. A alteração foi datada de 28 de setembro de 1992. Nela, a RLJ recebeu como sócia uma empresa chamada Sanud. Pode ser mais que coincidência: a Sanud era sediada no mesmo refúgio fiscal que a Globul, empresa com a qual Teixeira se envolveu em transações imobiliárias nos Estados Unidos: o principado de Liechtenstein, na Europa.

Em setembro de 1994, apenas dois meses após o Brasil ter conquistado o tetracampeonato mundial nos Estados Unidos, foi registrada nova alteração na sociedade. Ricardo e Lúcia continuavam casados. Mas Guilherme Terra Teixeira, irmão do cartola, passou a assinar como o novo procurador da Sanud, substituindo Alberto Ferreira da Costa. Com o irmão assinando pela Sanud, Teixeira tinha controle absoluto da sociedade. Como demonstraremos mais tarde, os negócios do cartola no Brasil realmente decolaram depois da sociedade com a Sanud.

- - -

Em 1994, Ricardo Teixeira desfrutava da popularidade resultante da conquista do tetra. Era o primeiro título mundial da seleção brasileira após um jejum de 24 anos. O grande craque daquela conquista seria um futuro desafeto do cartola: Romário. Jogador do Barcelona e artilheiro do Brasil na Copa, com cinco gols, o Baixinho havia assumido a responsabilidade de conduzir o País de volta ao topo. Para isso também foi fundamental um sistema de marcação eficiente, elaborado pelo técnico Carlos Alberto Parreira, que contou com o auxílio do veterano Zagallo, ambos presentes na comissão técnica da seleção brasileira na Copa de 1970. A equipe chegou à final contra a Itália tendo tomado apenas três gols em seis jogos. Só Suécia (1 a 1, ainda na primeira fase) e Holanda (3 x 2, nas quartas de final) tinham conseguido superar a barreira protetora formada pelo goleiro

Taffarel, um veterano da Copa de 1990, pelos zagueiros Aldair e Márcio Santos e pelos volantes Dunga e Mazinho. Os demais jogadores auxiliavam na marcação, dando liberdade à dupla de ataque.

Apesar do poder ofensivo de Bebeto e Romário, ambos em grande fase, o Brasil passou em branco diante da Itália, mesmo após longos 120 minutos de futebol entre tempo regulamentar e prorrogação. O título veio nas cobranças de pênalti, após Roberto Baggio, principal astro do time rival, chutar na arquibancada o sonho do tetra italiano. Sinal dos tempos, era a primeira vez na história que a final terminava empatada. “O gol é apenas um detalhe”, frase do técnico Parreira para destacar a importância da posse de bola no futebol moderno, foi tirada do contexto por muitos para expressar a fama retranqueira daquela equipe, que teve média de 1,6 gol por jogo.

O título renderia dinheiro e prestígio a Teixeira e sua trupe. Na noite de 17 de julho, porém, o cartola queria só comemorar e mostrar o altíssimo nível em que havia chegado a direção do futebol brasileiro. Ele chegou ao hotel Marriot, de Fullerton (próxima a Los Angeles), onde estava hospedada a delegação do Brasil, visivelmente embriagado. Teve que ser conduzido ao quarto por funcionários do hotel. Falava alto, gesticulava e andava cambaleante. Também não se preocupava em obedecer aos princípios que o ex-presidente José Sarney chamava pomposamente de “liturgia do cargo”. Falava alto e xingava aqueles que via como inimigos. “Ganhamos, apesar da imprensa paulista. Filhos da puta!”, berrava no saguão do hotel, expondo seus fantasmas. Irritou-se ainda com Wilson Pedrosa, fotógrafo do jornal *O Estado de S. Paulo*, membro da tal “imprensa paulista”, que trabalhava no local.

Marco Antonio Teixeira, tio do cartola e secretário-geral da entidade, também parecia disposto a arrumar encrenca. Com uma garrafa de cerveja na mão, tentou confiscar a câmera de Pedrosa. O fotógrafo se recusou a fornecer o equipamento e foi xingado. Em seguida, Marco Antonio olhou a credencial do repórter Luiz Antonio Prósperi, que estava por ali. Identificado outro membro da “imprensa paulista”, o secretário-geral da CBF teria xingado o jornalista de “babaca” ou “filho da puta”, dependendo da versão. Prósperi só respondeu um “babaca é você”, antes de levar um soco e sentir o nariz sangrar. O repórter revidou a agressão, deixando o cartola também com o nariz sangrando. A briga foi apartada pelos presentes. Marco Antonio sentou-se em uma cadeira e começou a chorar. Prósperi foi levado ao banheiro pelos colegas para fazer curativo. Funcionários do

hotel aconselharam o jornalista a não registrar queixa contra Marco Antonio, pois a Justiça norte-americana exigiria a permanência dos dois nos Estados Unidos por pelo menos mais dois meses.

Nitidamente despreparado para o cargo, Marco Antonio seria defendido pelo sobrinho na famosa entrevista à *Playboy*: “Marco Antônio é reconhecido como um excelente administrador. Quem o contratou fui eu. Foi uma escolha pessoal minha. (...) [Ele não] poderia ser prejudicado pelo fato de ser meu parente”. O nepotismo era prática herdada de seu criador. À frente da CBD, Havelange contratou a irmã Helena como secretária e o sobrinho Rudolf como preparador físico. Além do tio Marco Antônio, Ricardo Teixeira colocou também naquela Copa de 94, como assistente de preparação física, o primo Marcos Moura – que se tornaria homem-forte da seleção até 2000, sendo chamado de “primeiro-ministro” por funcionários da entidade.

Na festa do Marriot de Fullerton, Ricardo Teixeira não só esfregava o caneco nos rosto dos críticos como também tripudiava a ausência de Pelé. Sim, o maior jogador de todos os tempos estava fora da comemoração do tetra. Ele havia se tornado *persona non grata* para os donos da bola. No ano anterior à Copa, Pelé dera uma entrevista bombástica à revista *Playboy*, na qual denunciara um esquema de corrupção na CBF de Ricardo Teixeira. O ex-jogador entrou na briga pelos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro daquele ano, com sua empresa *Pelé Sports & Marketing*, e disse ter esbarrado num pedido de propina de US\$ 1 milhão. Pelé tomou um processo de Ricardo Teixeira e viu um grande amigo do dirigente, J. Hawilla, ganhar a “licitação” com a empresa Traffic.

O ex-jogador havia mexido num vespeiro. Desde o início da década de 80, José Hawilla era um dos homens mais poderosos dos bastidores do futebol brasileiro. Ainda apresentador da TV Globo, Hawilla comprou a Traffic por algo próximo a R\$ 20 mil, então apenas uma pequena empresa de anúncios de ponto de ônibus. Com a influência que tinha nos bastidores do futebol, chegou a Giulite Coutinho e ofereceu um projeto para comercializar as placas de publicidade na beirada dos campos de futebol. Criou um império bilionário.

Pelé, que havia apoiado Teixeira à presidência da CBF (“Ele vai acabar com a desorganização do futebol no Brasil, que está fazendo os jogadores e os torcedores perderem o respeito pelos dirigentes”), queria usar o seu nome para tomar para ele aquela mina de ouro. Talvez não imaginasse que a relação entre Teixeira e Hawilla já fosse tão próxima. Mais do que perder a disputa pelo contrato, Pelé

levou um processo de Teixeira e ganhou um inimigo dos piores.

O presidente da CBF conseguiu fazer a cabeça do sogro Havelange, seu santo protetor. Nos anos seguintes, Pelé pagaria todos os seus pecados. “Dei todas as atenções e fiz gentilezas a esse moço. Gosto muito dele. É um mito do futebol. Um jogador inesquecível. Mas jogar futebol é uma coisa, ser empresário é outra. Não é porque perdeu uma concorrência que ele pode ir atacando violentamente os outros. É preciso saber que, na vida, a gente ganha e perde. Esse moço não podia me fazer o que fez. O Ricardo é casado com minha única filha, é pai de meus netos e tudo o que ele precisa eu faço”, disse Havelange à revista *Veja*, uma semana antes do sorteio da Copa de 94.

O impensável aconteceu: Havelange proibiu a participação de Pelé no evento. A relação de ajuda mútua – em que o dirigente pagara dívidas de Pelé e se valera do prestígio deste na campanha para a conquista da Fifa – das décadas de 60 e 70 entre os dois havia sido sepultada pela verve de Ricardo Teixeira. Ao maior jogador de todos os tempos, que havia desbravado o futebol nos Estados Unidos, sobrou o papel de comentarista da TV Globo. Desgraçadamente, teve de se consolar nos ombros de Galvão Bueno.

A briga cresceu. No final de 1994, Pelé aceitou o convite de Fernando Henrique Cardoso, recém-eleito presidente da República, para assumir o Ministério Extraordinário dos Esportes, que seria criado em sua gestão. Em setembro de 1995, o ministro Edson Arantes do Nascimento anunciou que mandaria para o Congresso projeto de lei para endurecer a legislação esportiva do País e reduzir o poder dos mandatários do futebol. Teixeira enlouqueceu.

Para piorar o inferno astral do presidente da CBF, no mês seguinte Adriane, a “amiga” de Teixeira, perdeu o controle sobre a BMW do cartola e morreu numa estrada da Flórida. Resultaria na primeira grande fissura na sua relação com o sogro, que, no entanto, ficou restrita ao campo familiar.

Pragmáticos, ambos sabiam que o problema conjugal não podia, naquele momento, ser um entrave para os negócios da dupla. Acima de tudo, era preciso preservar a imagem e o patrimônio da família. Os interesses de Havelange e Teixeira já estavam de tal forma enredados que seria impossível desfazer os negócios sem pôr abaixo a estrutura de poder que ambos haviam erguido. O maior dos esquemas, o propinoduto ISL, estava a todo vapor, como veremos adiante. A ISL, ou International Sport and Leisure, intermediava a venda dos direitos de transmissão das competições da Fifa para as emissoras de televisão do mundo

inteiro. Ela se tornou uma fonte inesgotável de dinheiro que jorrou em contas de Ricardo Teixeira e João Havelange durante toda a década de 90, segundo a Justiça Suíça.

Não por acaso, Havelange continuou ao lado de Teixeira na guerra contra Pelé, mesmo após o acidente que pôs fim ao casamento com Lúcia Havelange. Em 1997, o ex-jogador quis mais uma vez interferir em negócios do presidente da CBF. A nova investida tocava num ponto sensível, que remetia ao capotamento da Flórida. O então ministro queria que sua *Pelé Sports* se tornasse a agência oficial de venda dos pacotes turísticos para a Copa de 1998. Isso significaria destronar a Stella Barros, dos irmãos Abrahão. Era murro em ponta de faca. Ao jornal *Folha de S. Paulo*, o Comitê Organizador do Mundial confirmou, à época, que preteriu a agência de Pelé pelo mau relacionamento com Teixeira. Mesmo tendo oferecido preço menor que a STBR, a empresa do ex-jogador foi descredenciada na licitação.

Concomitantemente, o projeto da “Lei Pelé” corria no Congresso. Havelange ameaçou tirar a seleção brasileira da Copa de 1998 se ela fosse aprovada. O ministro rebateu: disse que o presidente da Fifa estava gagá. De novo, Pelé perdeu dinheiro. De novo, Pelé ficou fora do sorteio da Copa. O “atleta do século” não foi chamado para o evento que aconteceu em 4 de dezembro de 1997, no estádio Vélodrome, em Marselha, na França. Ele só voltou a ser convidado para ser a principal estrela da festa anual da entidade em janeiro de 1998. Havelange estava de saída da Fifa.

Se nos negócios a parceria dele com Teixeira não foi abalada, dentro de casa o bicho pegou. Ricardo Teixeira e Lúcia estavam se separando, como previsto. Era a quebra de uma estrutura familiar desejada, pavimentada, construída e calorosamente adornada por João Havelange. Ele havia feito de tudo por aquele genro – tudo e mais um pouco. Nem mesmo o acidente de 1995 havia sido suficiente para escorraçá-lo. Mas sabia que ali começava a ruir o seu mundo ideal de patriarca. Só não imaginava que fosse parar nos tribunais.

A separação entre Ricardo Teixeira e Lúcia Havelange foi litigiosa. As discussões entre eles foram acaloradas e enfureceram João Havelange. Não se conformava com que, após dar tudo para o genro, ele tivesse coragem de brigar com sua filha por dinheiro, principalmente da forma como aconteceu. “Minha família não merecia isso”, dizia Anna Maria, segundo o jornalista Ernesto Rodrigues, em *Jogo duro*.

Teixeira sabia que ficaria fragilizado sem o apoio incondicional de Havelange,

ainda que agora ele fosse apenas “presidente de honra” da Fifa. O sonho de presidir o futebol mundial, com a aposentadoria do ex-sogro após a Copa da França, já havia ido por água abaixo. Havelange apoiou o secretário-geral da entidade, Joseph Blatter, para sua sucessão. Em troca, Blatter teria assumido o compromisso de trazer a Copa para o Brasil, onde Teixeira reinava. É o toma lá dá cá dos bastidores sombrios do futebol.

Agora sem acesso irrestrito ao gabinete do presidente da Fifa e estremecido com o sogro, Ricardo Teixeira sabia que precisava se amparar em um novo parceiro. Não demorou. Logo descobriu que não precisava de nomes complexos, belgas, para se manter como um dos mais influentes dirigentes esportivos do mundo. Bastavam quatro letras.

OS DONOS DA BOLA

“A Nike é uma empresa séria e honesta, que investe no Brasil mais por interesse em ajudar o esporte brasileiro que para ter lucro.”

Ronaldo Nazário

Nos rolezinhos que agitaram os *shoppings* brasileiros em 2013 e 2014, o símbolo máximo de *status* era um par de tênis que cus-tava R\$ 1 mil. Não foi por acaso que o calçado esportivo se tornou ícone de ostentação. A proeza é resultado de um longo trabalho de *marketing* que associa o sucesso de grandes atletas - homens e mulheres ricos e famosos - ao que eles vestem nos pés.

Como em todos os grandes negócios do esporte, a competição entre os fabricantes para calçar as estrelas envolve o pagamento de propinas. É impossível contar a história moderna dos grandes eventos esportivos sem falar da batalha dos tênis - a disputa global entre corporações para associar suas marcas à imagem dos campeões. Uma briga que começou quando a norte-americana Nike decidiu enfrentar a hegemonia da alemã Adidas no mercado mundial.

Nos anos 90, a Nike percebeu que, para avançar além dos Estados Unidos, tinha de entrar firme no futebol. Não seria com basquete, beisebol ou futebol com as mãos que a empresa invadiria o território Adidas. No início daquela década, a Europa já havia transformado o *football association* em um grande negócio. Na Alemanha, a Adidas injetara dinheiro na International Sport Leisure, a ISL, controladora de direitos de transmissão de eventos esportivos internacionais. Na Espanha, a Telefónica colocou dinheiro nas transmissões. O Canal Plus investiu pesado para exibir os jogos na França. Silvio Berlusconi comprou o Milan na Itália e adquiriu os direitos de transmissão para sua rede de TV, a Mediaset. Na Inglaterra, o Manchester United, um dos principais clubes do país, abriu o capital, encheu os cofres de dinheiro e acumulava seis dos dez últimos títulos ingleses. O

futebol-empresa estava bombando.

Em 1998, a Nike entrou de cabeça – e pés. Não havia alternativa: a Fifa tinha virado aquele ano com 205 países associados (hoje, são 209) e cerca de 400 milhões de pessoas filiadas em todas as categorias do esporte. A empresa norte-americana decidiu que investiria em um jovem brasileiro: Ronaldo Luís Nazário de Lima. Naquele ano, o atleta-símbolo do esporte-símbolo da Nike até então, Michael Jordan, estava se aposentando do basquete. Era preciso inventar um novo ídolo mundial, no esporte de alcance global. Nascia o “Fenômeno”, a combinação perfeita de talento e *marketing*.

Concomitantemente, a Nike mirava as seleções que mais rapidamente lhe rendessem dimensão globalizada. Em um lance apenas, arrematou Itália, Holanda, Nigéria, Coreia do Sul e Estados Unidos. Eram, estrategicamente, uma potência mundial no esporte, uma seleção reconhecida pelo futebol-arte, a do país mais populoso da África e a mais promissora da Ásia – além, é claro, da terra-pátria.

Porém, nada disso era tão importante quanto a seleção do Brasil – “país do futebol”, detentor do maior número de títulos da Copa do Mundo, berço do atleta do século e a camisa mais conhecida no planeta. Àquela altura, tudo isso tinha um dono: Ricardo Teixeira. Depois de conhecê-lo, a história da Nike mudou para sempre.

- - -

Foi um passo e tanto para uma empresa “caipira” surgida em torno de um dos centros do atletismo dos Estados Unidos, na pequena Beaverton, no Estado de Oregon. O modelo Cortez, produto icônico na história da Blue Ribbon Sports – assim se chamava a empresa depois rebatizada de Nike –, foi lançado no início dos anos 70 para o que na época era chamado de *jogging*, a corrida individual de rua de hoje.

O hábito de correr em ruas e parques para se manter saudável ainda era raro. A Blue Ribbon faria muito para promovê-lo. Importava os tênis da Ásia por cerca de US\$ 10, enquanto se preparava para lançar nos Estados Unidos um modelo tido como “revolucionário” ao custo de US\$ 50. A diferença entre o custo de produção e o preço cobrado ao consumidor? As campanhas de *marketing*.

Hoje, mesmo o estagiário de uma grande corporação sabe que os preços não são mais determinados apenas pelos custos de matéria-prima e mão de obra. São definidos por especialistas, que entre outras coisas estudam quanto o consumidor

está disposto a pagar para associar sua imagem àquela marca. No século 21, o do consumismo individualizado, *status* por associação é fórmula que não falha. E as grandes empresas de material esportivo estão intimamente ligadas à ideia de que um tênis, uma camiseta ou um agasalho são mais que vestuário: são símbolos que em suas cores e modelos expressam *status* social.

Muito embora a Nike seja hoje reconhecida por suas campanhas publicitárias ousadas, foi uma briga entre irmãos na Alemanha que impulsionou a corrida para associar material esportivo a atletas campeões.

Os fundadores da Adidas e da Puma foram Adolf e Rudolf Dassler, filhos de um sapateiro, que se estabeleceram na pequena cidade de Herzogenaurach, na Bavária. Ambos filiaram-se ao Partido Nazista, de Adolf Hitler. Os detalhes da participação da família no período nazista sumiram da biografia oficial dos fundadores das empresas. Rudolf, que criou a Puma, serviu à SS, a tropa de elite do regime de Hitler. Ficou preso quase um ano pelas forças de ocupação dos Estados Unidos. Só foi libertado quando os norte-americanos se concentraram na reconstrução da Alemanha e libertaram os prisioneiros que não consideravam ameaça à segurança. Adolf, criador da Adidas, chegou a ser declarado culpado pelo comitê de desnazificação de Herzogenaurach por ter colaborado com o regime de Hitler e por ter lucrado com ele. Corria o risco de perder a empresa, então chamada de Gebrüder Dassler. Porém, recorreu da punição e conseguiu reverter a decisão.

A longa disputa dos irmãos pelo controle da companhia, que vinha desde antes da Segunda Guerra Mundial, explodiu de vez depois do conflito. Eles dividiram o negócio. Adolf, conhecido como Adi, criou a Adidas. Do outro lado do rio que corta a cidade, Rudolf criou a Puma.

Na descrição da jornalista holandesa Barbara Smit, desde cedo os irmãos haviam entendido a importância de promover seus produtos através dos atletas. Jesse Owens, o negro norte-americano que ganhou três medalhas de ouro na Olimpíada de Berlim, em 1936 – e foi desprezado por Hitler –, vestiu calçados produzidos por Adolf Dassler. Quem não se lembra da final da Copa do México, entre Brasil e Itália, em 1970, quando Pelé brilhou usando chuteiras da Puma? Segundo Smit, o craque brasileiro recebeu US\$ 120 mil de um emissário de Rudolf, pela promoção da marca de suas chuteiras para todo o planeta.

Em 1972, na Olimpíada de Munique, a Adidas deu o troco: convenceu o nadador Mark Spitz, dos Estados Unidos, recordista com sete medalhas de ouro, a

carregar nas mãos um modelo de tênis da empresa, depois da cerimônia de premiação. Enquanto agradecia diante das câmeras os aplausos da torcida, promovia o tênis da Adidas.

“Convencer” Spitz, segundo a escritora, foi trabalho de Horst Dassler, o filho de Adi, que herdou a empresa do pai e é visto hoje como o verdadeiro gênio por trás da transformação do esporte em uma máquina de fazer dinheiro. Horst fundou a ISL, através da qual a Adidas assumiu o controle de direitos de transmissão de grandes eventos esportivos internacionais, Olimpíadas e Copa do Mundo incluídas no pacote. A ideia surgiu antes de uma final do torneio de tênis de Wimbledon, nos anos 70, disputada entre dois atletas patrocinados pela Adidas: o romeno Ilie Nastase e o norte-americano Stan Smith. Ambos usavam discretos logos da Adidas em seus uniformes.

Dassler pensou: por que não capitalizar os uniformes, oferecendo espaço realmente visível, na TV, a quem pagar mais para ser visto? Detentor do monopólio dos direitos de transmissão e do *marketing* das Copas do Mundo, Dassler sempre teve grande influência sobre João Havelange, depois que este assumiu a Fifa. Porém, os planos de turbinar os negócios do empresário alemão esbarravam num problema: a cartolagem amadora e voraz, agarrada aos cargos por vaidade ou pequenas vantagens.

A solução de Dassler para quebrar a resistência dos dirigentes tinha nome: Jean-Marie Weber. Era o homem encarregado de “lubrificar” o sistema, distribuindo gratificações aos cartolas das entidades com as quais a ISL fechava contratos milionários. Ninguém fez mais do que a dupla Dassler-Weber para enterrar de vez a ideia do francês Pierre de Frédy, o barão de Coubertin, segundo presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional) e idealizador do movimento olímpico, para quem “a coisa mais importante nos Jogos Olímpicos não é vencer, e sim participar; a coisa essencial na vida não é conquistar, mas competir bem”.

A dupla implodiu o amadorismo defendido pela Carta Olímpica, livro de regras do COI, explorando a revolução do consumo propiciada por uma nova tecnologia. A partir dos anos 60, a TV se tornou o veículo ideal para a formação dos primeiros mercados globais. A escala de produção das grandes empresas tinha o potencial de gerar lucros até então inimagináveis. Aos poucos, vencer no esporte passou a representar milhões e milhões de dólares para empresas de material esportivo, emissoras de TV, agências de publicidade e patrocinadores, com migalhas distribuídas a cartolas e atletas.

Era o nascer do fenômeno que testemunhamos hoje, quando marcas de alcance global concentram investimento em eventos ou clubes reconhecidos em todo o planeta, como o Barcelona ou o Manchester United.

Nos anos 80, uma nova geração de atletas competitivos estava plenamente consciente de que suas conquistas atrairiam patrocinadores. Embora veladamente, astros olímpicos como Carl Lewis queriam mesmo era colecionar medalhas douradas para entrar para a história e assinar contratos vantajosos. Ayrton Senna, tricampeão de Fórmula-1, já mostrava que no automobilismo a frase famosa do barão já tinha sido enterrada. “O importante é ganhar. Tudo e sempre. Essa história de que o importante é competir não passa de pura demagogia”, sentenciou o brasileiro, em meio às brigas por títulos com o francês Alain Prost, na principal rivalidade do automobilismo daqueles anos.

- - -

Nas Olimpíadas de 1992, em Barcelona, as primeiras em que atletas profissionais puderam disputar o campeonato de basquete, o Dream Team dos Estados Unidos protagonizou um episódio emblemático da corrupção dos ideais do amadorismo. Ao subir ao pódio, campeões, os norte-americanos se negaram a vestir os agasalhos da patrocinadora oficial do torneio, a Reebok: tinham sido contratados coletivamente pela Nike.

Diante disso, não é inverossímil a tese de que a Nike poderia ter “escalado” um Ronaldo combalido para jogar pela seleção brasileira a final da Copa de 1998, na França, embora não haja provas de que isso tenha de fato acontecido. Fato é que o poder dos patrocinadores nos bastidores do esporte é real e cada vez maior.

Todos sabemos da disputa entre Pelé e Maradona pelo título de melhor do mundo no futebol. Pouco sabemos de outro confronto de titãs. Se Horst Dassler, da Adidas, teve um competidor à altura, foi Phil Knight, o fundador da Blue Ribbon Sports. A empresa, nascida em 1964, nos Estados Unidos, foi rebatizada de Nike em 1971. O nome inspirou-se na deusa grega da vitória, Niké (ou Nice). Curiosamente, a Taça Jules Rimet – o ouro roubado dos cofres da CBF – também foi inspirada em uma imagem de Niké.

A empresa que bem mais tarde se associaria à imagem dourada da seleção brasileira começou com um truque eticamente duvidoso. Um dos sócios de Knight era um treinador de atletismo que popularizou os produtos da empresa entre atletas dos Estados Unidos sem revelar sua condição de sócio oculto da Blue

Ribbon. Uma das primeiras campanhas de *marketing* da empresa, ainda sem dinheiro para ações milionárias na TV, foi dar propinas de US\$ 2 mil a técnicos amadores para distribuírem produtos da Blue Ribbon a seus atletas.

Com esta base, de atletas que consumiam seus produtos compulsoriamente, Knight foi além. Sua jogada de gênio foi perceber, antes dos concorrentes, que através do *marketing* poderia convencer qualquer norte-americano a se tornar um “atleta” sem compromisso com a competição, mas apenas com seus próprios limites. De repente, o mundo ganhou milhões de corredores de fim de semana, que aderiram ao que era conhecido, então, como *jogging* ou *cooper*.

Phil Knight começou no atletismo, mas logo enxergou lucro em outros mercados. O golfista Tiger Woods tornou-se o primeiro grande fenômeno do esporte associado à Nike, mas o auge veio com Michael Jordan e os tênis coloridos da linha “*air*” – que convenceram milhões de pessoas no mundo de que seriam capazes de voar feito o astro do Chicago Bulls e viraram objeto de desejo adolescente em todo o planeta.

Knight, como Dassler, investiu cada vez mais na lucrativa identidade entre campeões e consumidores. Esses, ainda que frustrados na vida pessoal e profissional, podiam ao menos se “sentir” vencedores por associação. Foi nos anos 90 que a Nike finalmente superou a Adidas na disputa pelo gigantesco mercado dos Estados Unidos e estava pronta para seu voo internacional.

Por isso insistimos que cartolas como João Havelange e Ricardo Teixeira tiveram um papel menor que o atribuído a eles no mundo do esporte. Quem manobrava e continua manobrando as decisões mais importantes são empresas como a Adidas e a Nike. Os cartolas são apenas os rostos visíveis diante de estratégias de negócio armadas nos bastidores. Grosseiramente, não passam de *office boys* de megacorporações.

- - -

A primeira grande vitória da Nike no futebol ocorreu nos anos 80, através da subsidiária da empresa na Europa. O ex-corredor Brendan Foster, que gerenciava a Nike no Reino Unido, fechou um acordo de patrocínio com o Aston Villa, o campeão inglês. O time surpreendentemente avançou até a final da Copa dos Campeões da Europa – atual Liga dos Campeões – de 1982. A vitória, por 1 a 0, em Roterdã (Holanda), teve sabor especial para a Nike, ao ser obtida sobre o Bayern de Munique, patrocinado pela Adidas.

A entrada da empresa no futebol, no entanto, não foi repentina. Resultou de um longo processo de prospecção, já que a empresa do interior dos Estados Unidos tinha, em sua origem, pouca intimidade com o mercado global. Depois do atletismo, investiu no beisebol, no futebol americano, no golfe e deu um grande salto com o basquete.

Àquela altura, o basquete ainda não tinha a mesma popularidade do beisebol ou do futebol americano no mercado dos Estados Unidos. A Nike se juntou à ESPN, então uma emissora iniciante, e promoveu tanto a liga universitária quanto a profissional. Contratou técnicos e jogadores. Planejou e promoveu a carreira de Michael Jordan desde o início. E lucrrou imensamente com o astro do basquete. Aprendeu, com Jordan, que a mina de ouro estava nos iniciantes.

Patrocínios de longo prazo vinculavam à Nike toda a vida profissional de um craque. Mesmo com altos e baixos. Derrotas e a rebeldia dos atletas em campos e quadras não eram necessariamente um problema. A fidelidade da Nike a seus patrocinados, afinal, mimetizava a fidelidade do consumidor à marca. A redenção de um atleta, derrotado hoje e vitorioso amanhã, tinha também um grande potencial para estimular as vendas.

A relação comercial da Nike com o Brasil, através do futebol, só engatou para valer nos anos 90, a partir da Copa dos Estados Unidos. Em vias de transferir o jovem centroavante Ronaldo do Cruzeiro para o PSV Eindhoven, da Holanda, os empresários do craque procuraram a empresa. Reinaldo Pitta e Alexandre Martins, então procuradores de Ronaldo, se encontraram em Los Angeles com um dos diretores da Nike, Cees van Nieuwenhuizen. Ficaram insatisfeitos com a oferta de patrocínio: US\$ 150 mil anuais. Tinham propostas melhores. Da japonesa Mizuno, que queria renovar contrato com Ronaldo, e da italiana Diadora. Mas, àquela altura, já sabiam que era negativo para um atleta começar a carreira patrocinado por uma marca e virar a casaca em seguida. Pensando a longo prazo, fecharam com a Nike.

Quando foi assinado, o contrato era uma aposta. Mais tarde, esse acordo provaria ter sido visionário para ambas as partes. Ronaldo ainda não era o “Fenômeno” e ficou no banco durante toda a Copa dos Estados Unidos. O retorno para a Nike só veio nos campeonatos europeus em que o jogador defendeu o PSV, o Barcelona e a Inter de Milão. O relacionamento do craque com a empresa atingiu tal grau de intimidade que, quando ele sofreu uma séria lesão no joelho pela Inter, em 2000, a empresa se dispôs a recuperá-lo em Beaverton, no Oregon.

Ronaldo passou menos de um mês na cidade, antes de trocá-la por Biarritz, na França. A justificativa foi não só o provincianismo de Beaverton, onde tudo fechava cedo, mas uma suposta tentativa dos norte-americanos de influenciar no tratamento do craque, sob os cuidados do francês Gerard Saillant.

“No fundo, o futebol não passava de uma necessidade de mercado no jogo da empresa”, registra Jorge Caldeira no livro *Ronaldo – Glória e drama no futebol globalizado*. De fato, a hierarquia da Nike levou um bom tempo para descobrir que o futebol era a chave em sua disputa global com a Adidas. A ficha tinha começado a cair na Copa de 1998, na França, quando a empresa entrou em campo para jogar a final. Com Ronaldo e a seleção brasileira.

- - -

Todos temos dias bons e ruins. Às vezes só conseguimos separar uns dos outros em retrospectiva, ou seja, quando percebemos o encadeamento dos fatos. Popularmente chamamos isso de “destino”. Há pessoas tão crentes na força do destino que procuram controlá-lo. O ex-presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, seguia as ordens de um astrólogo contratado pela primeira-dama Nancy. Depois do atentado que sofreu, só participava de eventos públicos nos dias considerados astrologicamente “bons”.

Desde 1980, quando o diretor Sean Sexton Cunningham deu início à longa série de filmes de terror *Sexta-feira 13*, esse dia é assustador para qualquer supersticioso. Já escrevemos anteriormente como essa data marcou terrivelmente a vida de Ricardo Teixeira em 1995, com a morte da jovem Adriane Cabete em acidente automobilístico na Flórida. A notícia propagada a partir da tragédia teria sido o estopim da crise no casamento do cartola com Lúcia Havelange.

Àquela sexta-feira 13, pode-se acrescentar um 12 de julho no calendário negro de Teixeira. Foi um domingo de 1998, data da final da Copa do Mundo. Era mais que uma partida entre Brasil e a anfitriã França: acontecia ali o primeiro grande confronto entre Nike e Adidas no futebol. O investimento pesado da empresa norte-americana tinha tudo para ser um sucesso. Apesar de visitante, a seleção brasileira entrava em campo como favorita.

Se o jogo era importante para as pretensões da Nike nos gramados, era histórico para o maior parceiro da história da Adidas no esporte: João Havelange se aposentaria naquele dia. Seu último ato depois de 24 anos como presidente da Fifa seria entregar o troféu para a Adidas, vestida de França, ou a Nike, vestida de

Brasil. É improvável que a pátria-mãe tenha pesado mais na torcida de Havelange, especialmente porque o presidente da CBF andava às turras com o sogro: o litigioso divórcio entre Ricardo Teixeira e Lúcia havia terminado naquele ano. Certamente houve um inconfidenciável gostinho de Havelange naquela derrota brasileira.

A desgraça de Teixeira veio menos pela vergonhosa derrota de 3 a 0 e mais por conta do episódio apresentado como explicação para o retumbante fracasso da seleção. Naquele dia, o craque Ronaldo, o principal garoto-propaganda da Nike, teria sofrido uma convulsão na concentração que abalara o time e provocara fragorosa derrota. O centroavante teve de ser levado a uma clínica local pouco antes do início da partida.

Os exames, segundo os médicos da CBF, tiveram resultados normais. O atleta, que ficou de fora da escalação inicial do time, foi levado às pressas para o Stade de France, entrou em campo, teve uma atuação apagada e assistiu ao *show* de Zinedine Zidane, que fez dois dos três gols franceses. Ronaldo teria sido escalado por influência da Nike.

Em seu livro, o cientista político Jorge Caldeira diz que tudo não passou de uma sucessão de equívocos. Não houve convulsão. Ronaldo tinha histórico de sonambulismo. Segundo Caldeira, o que aconteceu se enquadra mais num caso de “parassonia”, no qual a emissão de ondas no cérebro produzem movimentos corporais involuntários durante o sono. Algo sem maiores consequências. Porém, assustado com o que testemunhou, o lateral Roberto Carlos, que dividia o quarto com Ronaldo, deu o alerta e desencadeou uma reação atabalhoada que levou jogadores e a comissão técnica ao frenesi.

O episódio pode, sim, ser revelador de falta de profissionalismo: dirigentes de qualquer equipe de alto nível deveriam conhecer detalhadamente o histórico dos atletas que a compõem. Se o sonambulismo de Ronaldo era público e implicava a possibilidade de “parassonia”, todos deveriam ter sido alertados, especialmente o colega de quarto do craque. Aparentemente, nada disso aconteceu. Ainda assim, mesmo que o Brasil não tivesse perdido a final apenas por jogar pior que a França, seria impossível atribuir responsabilidade pelo desastre a Ricardo Teixeira. Porém, como veremos a seguir, o cartola sofreu as consequências da convulsão que não houve muito mais do que o próprio Ronaldo. Coisas do destino.

Sem o anteparo de Havelange e fragilizado emocionalmente, o presidente da CBF se tornou uma presa mais fácil. Foi decretado pela opinião pública que Ricardo Teixeira era o culpado pela vexatória derrota em Paris, especialmente após o vazamento de detalhes controversos do contrato entre Nike e seleção brasileira. Pelo acordo, a empresa norte-americana tinha direito de promover amistosos do Brasil onde fosse melhor para suas campanhas de *marketing*, e tinha o direito de contar com os grandes craques em campo. Em outras palavras, quase escalar o time.

Pairava nos bastidores a ideia de que, se antes João Havelange havia entregue o futebol mundial à Adidas, Teixeira associara a seleção brasileira à Nike, com a qual a CBF firmou contrato em 1996. Isso seria investigado mais tarde no Congresso brasileiro por duas Comissões Parlamentares de Inquérito, uma no Senado e outra na Câmara. Elas se debruçaram sobre os negócios da CBF, de Ricardo Teixeira e do futebol brasileiro. Foram consequência direta, ainda que tardia, de três fatores: a revolta da opinião pública com o desastre da França em 1998; a versão de que Ronaldo, o craque da Nike, entrara em campo apenas para “pagar” o patrocínio; e a sensação de que uma empresa dos Estados Unidos tinha, “indiretamente”, derrotado o Brasil para preservar seus negócios. “Não existe mistério no meu contrato. Não existe nada que eu possa decepcionar meu público”, disse Ronaldo, à CPI, assessorado por um advogado. “A Nike é uma empresa séria e honesta, que investe no Brasil mais por interesse em ajudar o esporte brasileiro que para ter lucro.”

A multinacional norte-americana era pressionada pelos parlamentares, mas Teixeira teve a vida devassada. Das acusações da CPI, o presidente da CBF só sobreviveu graças à ajuda da chamada “bancada da bola” no Congresso (deputados e senadores ligados a clube e federações) e de amigos influentes no Judiciário. O que importa dizer agora é que, àquela altura, o cartola desenvolvia uma relação pessoal que se revelaria tão importante para sua carreira quanto o empurrão recebido, anos antes, do sogro João Havelange. Teixeira gozava da amizade do homem que seria o presidente do clube mais poderoso do mundo, o Barcelona: o catalão Alexandre “Sandro” Rosell Feliu, que desembarcou no Brasil para trabalhar na Nike logo depois de a empresa norte-americana ter conquistado a CBF. Rosell tinha um objetivo que Ronaldo Fenômeno não havia conseguido atingir: ganhar a próxima Copa do Mundo. Ao contrário do craque, ele sabia direitinho o que precisava ser feito nos bastidores para que isso acontecesse.

O ESTRATEGISTA DA SOMBRA

“Tinha um objetivo claríssimo: ganhar a Copa do Mundo de 2002. Essa era minha ‘job description’.”

Sandro Rosell

Neymar, Daniel Alves, Thiago Silva, Julio Cesar, Robinho, Ganso, Alexandre Pato, Ramires, demais jogadores, comissão técnica. O desembarque da delegação brasileira transcorria normalmente em La Plata quando uma figura desconhecida da maioria dos jornalistas surgiu ao lado do técnico Mano Menezes. Era Sandro Rosell, presidente do Barcelona. Alguém de um canal de TV argentino percebeu o elemento estranho no grupo. “O que faz o presidente do Barcelona com o Brasil?”, questionou a emissora Fox, após o empate em 0 a 0 entre a seleção brasileira e a Venezuela, pela Copa América. Cartó-rios no Brasil sabiam a resposta.

Amigo de Ricardo Teixeira, Rosell pegou uma carona no ônibus que levou a delegação ao estádio Ciudad de La Plata. Era sexta-feira, 3 de julho de 2011. No fim de semana, Rosell ficou hospedado com os jogadores da seleção. Entre poltronas de ônibus e corredores de hotel, o catalão e Neymar conversaram longamente. O objetivo era óbvio: levar o atacante do centro para a região nordeste da Espanha. Naquele período, o então craque do Santos era alvo do Real Madrid, rival do Barcelona. Mas Rosell tinha um padrinho muito forte para conquistar a noiva da vez: Ricardo Teixeira.

Exatamente dez dias depois do jogo contra a Venezuela, nós começaríamos a revelar o que estava por trás das cortinas das janelas dos ônibus e hall do hotel. Em reportagem no *Jornal da Record*, mostramos que Rosell era mais do que um grande amigo de Teixeira: eles eram sócios. O então presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, não fazia ideia disso. Tinha ido de avião até Buenos Aires para

encontrar a delegação brasileira e tentar levar Neymar para o seu clube. Encontrou o atacante do Santos e fez uma proposta milionária, embasada em duas cartas de crédito bancárias. Mas ouviu uma resposta misteriosa: “Presidente, eu não posso jogar no Corinthians. Um dia você vai saber o porquê”, disse o atacante a Sanchez. O destino de Neymar era a Catalunha, em acordo que foi decretado em La Plata, com o aval do presidente da CBF.

O atacante ficou deslumbrado. Barcelona é o sonho de qualquer moleque que cresce jogando bola na rua. As cifras foram polpudas. E mais: atenderam ao desejo do todo-poderoso do futebol brasileiro, dono da Copa seguinte, que Blatter ajudou a trazer como pagamento pelo acordo que fizera em 1998 com Havelange. Teixeira ainda man-dava e desmandava. Além de Rosell, J. Hawilla e Marcelo Campos Pinto (diretor da Globo Esportes) bajularam o presidente da CBF ao longo da viagem. O homem a quem ninguém podia dizer não. Neymar também não tinha motivo para contrariá-lo.

O acordo entre Rosell e Neymar foi efetivamente assinado poucos meses depois, mas o anúncio foi estrategicamente adiado. O craque, com contrato com o Santos até a Copa do Mundo de 2014, começou a dar indícios no começo de 2013. Dava a entender, em entrevistas ou postagens nas redes sociais, que seu tempo no futebol nacional tinha se esgotado. A confirmação da saída do jogador era disputada avidamente pelos repórteres e colunistas esportivos das principais publicações do Brasil. Ninguém confirmava, nem desmentia. Cho-viam especulações.

A contratação de Neymar teria sido um pedido do técnico Pepe Guardiola ao assumir o Bayern de Munique. O Chelsea, então cam-peão europeu, esperava atrair o atleta com a companhia de outros brasileiros que atuavam por lá, como Ramires e Oscar. O Manchester City, clube emergente na Inglaterra, confiava em seduzir o jogador com os petrodólares do xequê Sulaiman Al-Fahim, dos Emirados Árabes, novo dono da agremiação. O Paris Saint-Germain, da França, mais um clube “novo rico” da Europa, aproveitou a proximidade do brasileiro Leonardo, seu diretor esportivo, com Wagner Ribeiro, agente de Neymar, para fazer uma oferta tentadora. Real Madrid e Barcelona, os arquirrivals da Espanha, porém, eram considerados os favoritos na disputa milionária.

Furo de reportagem disputado exaustivamente por todos os jornalistas esportivos, a saída de Neymar do Brasil foi confirmada, ironicamente, por alguém sem qualquer vínculo com os meios de comunicação. No jogo de volta da segunda fase da Copa do Brasil, em maio, Santos e Joinville fizeram uma partida

modorrenta, com poucos lances de perigo e nenhum gol. O Santos, que havia vencido o jogo de ida por 1 a 0, em Santa Catarina, conquistou a vaga para a fase seguinte. Neymar caminhava para os vestiários quando foi abordado pelo goleiro Ivan, do Joinville, time da Série B do Campeonato Brasileiro. O jogador se disse fã do astro do Santos e pediu a camisa. Em meio às especulações sobre a saída do jogador do futebol brasileiro, também fez um apelo para que o craque continuasse no País. “Não dá mais”, respondeu Neymar, entregando-lhe a cobiçada notícia.

Na saída do gramado, o atacante santista se esquivou dos repórteres e se recusou a responder perguntas relacionadas ao futuro. Ivan, por sua vez, exibiu com orgulho a camisa que lhe fora presenteada e confirmou, em primeira mão, que Neymar deixaria o País. Na Espanha, Rosell gargalhava com tantas especulações infundadas a respeito de uma notícia velha. O papel estava em sua gaveta desde novembro de 2011, cinco meses após a oportuna carona no ônibus da seleção brasileira.

O acordo previa um pagamento total de € 40 milhões (cerca de R\$ 133 milhões em janeiro de 2014) à empresa N&N Sports, de Neymar e Nadine da Silva Santos, pais do atleta. Segundo Neymar pai afirmou, meses depois, esse valor serviu para que o Barcelona tivesse a prioridade na contratação do atacante. Em caso de desistência, a N&N Sports, empresa com patrimônio total de R\$ 100 mil no momento de seu registro na Junta Comercial de São Paulo, teria que indenizar o Barcelona nesse valor (R\$ 133 milhões). A N&N Sports foi registrada na Junta Comercial em 18 de outubro de 2011, mas teria iniciado as atividades no dia 21 de setembro.

Há datas coincidentes nesta história. Quatro dias depois, no dia 25, o jornal *Sport*, de Barcelona, colocou lenha na fogueira ao manchetar: “Neymar já é do Barça”. O diário afirmou que o presidente do Santos, Luiz Álvaro de Oliveira, havia confirmado a informação, algo que o dirigente não fizera para a imprensa brasileira. O quarto maior diário esportivo da Espanha noticiou também que, caso o jogador santista não tivesse como destino o Camp Nou, o Barcelona receberia uma indenização de € 40 milhões.

A reportagem, no entanto, não chegava ao detalhe de dizer que essa verba seria embolsada pela empresa da família do jogador se a contratação fosse confirmada. Mas o jornal cravou que Neymar chegaria à Catalunha no início da temporada 2013/2014. Portanto, um ano antes do término do vínculo com o Santos. Já praticamente negociado com o time espanhol, Neymar ainda teria tempo de

defender o clube paulista na final do Mundial de Clubes da Fifa, no fim daquele ano, em 18 de dezembro. O adversário? Justamente o Barcelona de Messi. O atacante teve atuação apagada, e o Santos acabou goleado por 4 a 0. Verdade que o time inteiro apresentou desempenho medíocre.

Apesar de todas as especulações, o anúncio oficial só foi feito em 13 de maio de 2013. Para ter Neymar, o Barcelona pagaria, de novo oficialmente, € 35 milhões. A contratação foi o maior trunfo do Barcelona para 2013. O jogador já era o principal ídolo do futebol brasileiro e tinha sido fundamental no título da Copa das Confederações, no Brasil. A conquista da seleção dirigida novamente por Luiz Felipe Scolari, com vitória sobre a Espanha por 3 a 0 na final, resgatou o prestígio do futebol brasileiro, abalado pela sequência de resultados ruins da equipe comandada anteriormente por Mano Menezes. Neymar, definitivamente, substituía Ronaldo Fenômeno como o grande ídolo do futebol nacional.

O esquema entre o Barcelona e a N&N Sports começaria a ser desmascarado no final de 2013, quando um sócio do clube, Jordi Cases, denunciou um desvio de € 40 milhões na transação. O caso foi parar na Justiça espanhola, que requisitou contratos e balanços para analisar a denúncia. Em 20 de janeiro, outro jornal local, *El Mundo*, afirmou que a negociação teria custado na verdade € 95 milhões (aproximadamente R\$ 300 milhões em janeiro de 2014), um aumento de sugestivos 171% em relação ao valor inicial. Esses números colocavam a transação com o craque do Santos como uma das mais caras da história do futebol, ficando só um pouco atrás de Gareth Bale, principal aposta do milionário Real Madrid, que tirou o galês do Tottenham na mesma época, por € 101 milhões (embora esse valor também nunca tenha sido confirmado oficialmente pelo clube espanhol). Após os valores reais serem divulgados pela Justiça espanhola, o Ministério Público Federal do Brasil iniciou investigação sobre suposto crime de sonegação fiscal cometido pela empresa do pai de Neymar.

Diante das evidências, Rosell capitulou, admitindo que Neymar tinha saído um pouco mais caro do que o divulgado inicialmente: € 57 milhões, sendo € 40 milhões pagos à empresa do pai do jogador e outros € 17 milhões ao Santos, que distribuiu 40% desse valor à DIS (braço esportivo do Grupo Sonda) e 5% à Teisa (grupo de empresários ligados ao Santos), empresas que detinham parte dos direitos federativos do jogador. O jornal tenta explicar o buraco negro de € 38 milhões, que seria preenchido por outras despesas diversas, uma mais obscura que a outra: € 10 milhões seriam pagos em luvas a Neymar; € 9 milhões por dois

amistosos com o Santos; € 8,5 milhões de comissão para o pai do atacante; € 7,9 milhões serviriam para reservar eventuais promessas futuras que surgissem no Santos. Finalmente, Neymar teria garantia de receber ao menos € 54 milhões por cinco anos de contrato. Aí entra o último item da despesa: uma comissão de 5% desse valor (€ 2,6 milhões) para o jogador.

Três dias depois da reportagem do jornal *El Mundo*, Sandro Rosell renunciou. Era a derrocada do principal amigo de Teixeira no futebol europeu. O espanhol reiterou que não havia ocorrido irregularidade alguma na transação com Neymar e justificou a renúncia por um motivo mais pessoal. “Eu e minha família sofremos ameaças e ataques que me fizeram pensar se ser presidente significa colocar em risco meus familiares. Acredito que minha etapa aqui terminou. Por isso, apresento meu pedido de demissão à diretoria do Barcelona em caráter irrevogável”, afirmou Rosell, sob aplausos de uma plateia colocada no recinto para falsamente dar um ar de normalidade à saída do presidente de um dos principais clubes do mundo.

Não era a primeira vez que Rosell se envolvia em negociações obscuras com craques brasileiros. Em 2010, em plena campanha pela presidência do Barcelona, houve negociações para a venda do meia-atacante Ronaldinho Gaúcho para o Chelsea, da Inglaterra. O negócio foi denunciado por Joan Laporta, que disputava a reeleição à presidência do clube. Laporta e Rosell tinham sido aliados, mas virado inimigos.

No livro *Un somni per als meus fills* (“Um sonho para os meus filhos”), o ex-presidente acusou Rosell de oferecer propina para ele aceitar a venda de Ronaldinho Gaúcho. Em 2004, os ingleses teriam oferecido € 100 milhões pelo passe do craque e 10% da transação iriam para Rosell e Laporta. O dirigente diz que rejeitou a proposta. A revelação fez com que Rosell ameaçasse processar o inimigo político. Mas a denúncia não foi suficiente para impedir a eleição de Rosell à presidência do Barcelona. Mais uma jogada de mestre do agora dirigente, que havia aprendido a trabalhar nos bastidores do futebol como ninguém. Sua pós-graduação em negociatas ocorrera justamente no Brasil, ao se aproximar do dono da bola no país do futebol.

- - -

Muita gente acreditava em 1999 que o mundo acabaria no fim do ano. A passagem de século atiçava a imaginação das pessoas. Para Ricardo Teixeira não

seria um ano fácil. Depois do fracasso da seleção brasileira no ano anterior, ele estava na mira dos brasileiros principalmente em razão das teorias que envolviam a escalção de Ronaldo na decisão do Mundial contra a França. A mais forte associava o recente contrato entre a Nike e a CBF. A multinacional norte-americana era suspeita de ter forçado o jogador a entrar em campo. Pela internet bombavam teorias conspiratórias de que o título teria sido vendido pela CBF ou pela Nike. A derrocada seria compensada, dependendo da versão, pelo privilégio de ser sede da Copa seguinte, em 2002, já marcada (e posteriormente confirmada) para a Coreia do Sul e o Japão, ou a conquista do pentacampeonato quatro anos depois, o que de fato ocorreu.

Boatos à parte, fatos concretos despertaram a atenção do Congresso Nacional. Assim que os termos do contrato da CBF com a Nike vieram a público, revelados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, a situação se complicou para Teixeira. Em 25 de fevereiro, o então deputado federal Aldo Rebelo (PC do B-SP) levou à Câmara dos Deputados um pedido de abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as relações da confederação com a fabricante de material esportivo. Naquele dia, ele tinha conseguido recolher 187 assinaturas – 16 a mais do que o necessário – e só faltava o pedido ser colocado em votação pelo então presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP). Até o deputado Eurico Miranda (PPB-RJ), ex-presidente do Vasco, rompido com Teixeira, havia assinado o requerimento.

Naquela semana, Teixeira havia ido a Brasília tentar abortar a investigação. Inicialmente, conseguiu. Alguns dias depois, a Secretaria da Câmara devolveu o pedido argumentando que havia assinaturas duplicadas. Quatorze deputados aproveitaram para retirar o apoio. A CPI parecia ter subido no telhado. Mas Rebelo insistia e tentava convencer seus colegas na Câmara a assinar o pedido de investigação. Teixeira também trabalhava intensamente para barrar a ameaça que vinha de Brasília. Fez as pazes com Eurico Miranda durante uma reunião e o deputado-cartola mudou de lado. Passou a sabotar a instalação da CPI.

Mais deputados retiraram as assinaturas e dois parlamentares ligados a Teixeira entraram em campo para tentar sepultar a iniciativa. A ofensiva da entidade contou com o apoio dos deputados Marcos Vicente (PSDB-ES) – presidente da Federação Capixaba de Futebol –, e Darcisio Perondi (PMDB-RS) – irmão do presidente da Federação Gaúcha de Futebol. Apesar dos esforços, em 11 de março a turma de Teixeira levou uma bolada nas costas: Aldo Rebelo havia conseguido 207 assinaturas – 36 além do necessário e, dessa vez, conferiu

pessoalmente as assinaturas. O destino de Teixeira agora estava nas mãos do presidente da Câmara.

O presidente da CBF passou para a artilharia pesada. Aquela investigação não poderia sair e ele escalou o técnico da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo, para entrar em campo. Dias depois de receber oficialmente o pedido de instalação da CPI, Michel Temer recebeu a visita do treinador. Ele foi a Brasília fazer *lobby* contra a CPI. Também se encontrou com o então presidente do Senado Antonio Carlos Magalhães para pedir ajuda. Na metade de abril, Temer barrou a instalação da CPI. Foi uma manobra conjunta com o governo Fernando Henrique – que também entrou no jogo escalando a base aliada para proteger o cartola. Temer usou uma artimanha para isso. A CPI da Nike era a segunda na fila de comissões a serem instaladas. Pelo regimento da Câmara, só cinco podiam funcionar ao mesmo tempo. O deputado desarquivou outros sete pedidos de CPI e a investigação sobre Teixeira foi para o fim da fila. O perigo estava afastado, temporariamente.

- - -

A matriz da Nike, em Beaverton, nos Estados Unidos, estava muito preocupada com o que acontecia no Brasil. A seleção brasileira era peça estratégica na expansão dos negócios da empresa no futebol, principalmente pela imagem fortíssima do time no planeta. E era péssimo para os negócios ter a marca associada ao nome de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, uma investigação oficial. O nome “CPI da Nike” causava enorme desconforto aos executivos da empresa.

Eles precisavam dar um jeito na situação. E escalaram um promissor executivo espanhol para a operação-abafa. Sandro Rosell parecia o nome ideal para gerenciar a crise. Ele havia revolucionado as relações da multinacional com o futebol na Europa, fechando grandes contratos para a empresa com os principais clubes espanhóis. Entre as façanhas, havia o contrato com a liga espanhola, que tinha afastado a rival Adidas. A atitude agressiva de Rosell e seu trânsito nos bastidores eram o que a Nike mais precisava para debelar o incêndio que ameaçava crescer no Brasil e poderia incinerar os interesses da empresa no maior mercado da América Latina. Ele era o homem ideal para botar ordem na casa.

Rosell chegou ao Brasil, pelo menos oficialmente, no dia 30 de agosto – cinco meses após o deputado Aldo Rebelo pedir a criação da CPI. O executivo assumiu a

direção dos negócios da Nike para a América Latina e instalou-se no Rio de Janeiro, sede da CBF e domicílio de Ricardo Teixeira. Sua primeira missão era acabar com a crise da CPI e deixar o caminho livre para o cartola voltar a atuar em paz, o que levaria mais de um ano para acontecer.

Nos meses que se seguiram à chegada de Rosell ao Brasil, a pressão pela instalação da CPI aumentou e ganhou novos ingredientes. Em meados de outubro, deputados ligados ao PT derrubaram uma manobra do governo para impedir a comissão de ir para o começo da fila. A ideia da situação era prorrogar o prazo das CPIs em andamento. “É preciso mudar para deixar tudo como está”, já ensinava o príncipe de Falconeri, personagem do romance *O leopardo*, de Tomasi di Lampedusa. A estratégia, porém, deu errado. Com isso, a investigação que tanto apavorava Teixeira aguardava apenas a conclusão da CPI do Narcotráfico.

Em novembro de 1999, Teixeira e a CBF ganhariam novos inimigos e outra frente de batalha. O Gama havia sido rebaixado no Campeonato Brasileiro, após polêmica decisão do Tribunal de Justiça Desportiva que dera os pontos do jogo São Paulo x Botafogo ao clube carioca. Em campo, o time da estrela solitária havia sido goleado por 6 a 1. Fora dele, os advogados do clube agiram rápido e pediram os pontos do jogo por causa da escalação do atacante Sandro Hiroshi em situação irregular. O casuísmo daquela decisão mais uma vez salvou um clube do Rio da queda para a segunda divisão. O Gama (DF) passou a integrar a lista dos rebaixados.

O tapetão, que salvou o Botafogo, incentivou o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB), político com base no Distrito Federal, a entrar no circuito de pressões pela instalação da CPI. Se não saísse na Câmara, ele proporia uma no Senado. No mesmo mês, vazou uma lista de jogadores e clubes em débito com o Imposto de Renda, botando ainda mais lenha na fogueira. O ano de 1999 não estava sendo nada bom para Teixeira. Ele passou a virada do milênio acuado com a iminência da abertura de duas investigações no Congresso Nacional.

O mundo não acabou na virada de 2000, mas o novo ano prenunciava mais problemas para o cartola. Para piorar o cenário, haveria eleições municipais. E CPIs eram ótimos palanques. Em fevereiro, Teixeira foi ao Congresso acompanhar a votação das mudanças na Lei Pelé e aproveitou para fazer *lobby* contra as duas CPIs. Àquela altura, no Senado, onde ele não tinha uma base aliada consolidada, já havia uma proposta de Comissão Parlamentar de Inquérito com 32 assinaturas. Em junho, eram 41 os senadores favoráveis às investigações.

No mês seguinte, o Gama reverteu a decisão do TJD e permaneceu na primeira divisão. Ganhou, mas não levou. A CBF dissolveu o Campeonato Brasileiro e delegou ao Clube dos 13 a organização de outro torneio, sem a participação do Gama – a Copa João Havelange, com o número recorde até para os padrões nacionais: 116 clubes na disputa. Em setembro, finalmente, saía a primeira comissão. No dia 14, o Senado aprovou a criação da CPI do Futebol pedida pelo senador Álvaro Dias (PSDB-PR). O objetivo era apurar as irregularidades no futebol brasileiro. A CPI da Nike ainda hibernava na Câmara. Mas não por muito tempo. Em 15 dias, o presidente Michel Temer (PMDB-SP), que havia segurado a investigação, agora anunciava que a abriria até o fim do ano. No dia 4 de outubro, Temer encerrou a CPI do Narcotráfico e instaurou a CPI da Nike.

Ricardo Teixeira colocou toda a tropa de choque a serviço da CBF para enfraquecer a CPI do Senado, que prometia dar mais dores de cabeça que a da Câmara. Ele escalou o ex-sogro João Havelange para fazer *lobby* junto ao presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. Teixeira temia que a situação pudesse sair do controle no Senado. Na Câmara ele tinha uma base melhor de deputados aliados, que fariam de tudo para atrapalhar as investigações. Já que as apurações eram inevitáveis, Teixeira também passou a receber ataques de fogo amigo. A TV Globo e o Clube dos 13 se articularam para empurrar Teixeira e a CBF para a fogueira. O objetivo era blindar a emissora e impedir que os contratos de transmissão fossem investigados. Gente ligada aos clubes preparou até um dossiê com os rolos do dirigente, e enviou aos senadores. O plano era concentrar as investigações apenas em torno de Teixeira.

Em 17 de outubro de 2000, a CPI saiu do papel, depois de novos incidentes envolvendo a seleção brasileira, a Nike e a CBF, que irritaram a opinião pública. Dois amistosos na Austrália evidenciaram a estranha relação da multinacional de material esportivo com a equipe brasileira. Novamente o atacante Ronaldo esteve no centro da polêmica. A Nike já havia combinado com os australianos que ele jogaria os dois confrontos, mas o jogador não foi chamado devido a compromissos com a Inter de Milão. Em retaliação, a Federação Australiana de Futebol realizou as partidas com os portões abertos. A Nike, por sua vez, descontou o prejuízo do que deveria pagar à CBF.

Já no dia seguinte à instalação da CPI, Ricardo Teixeira foi convocado a depor. Nesse mesmo dia, os deputados anunciaram que investigariam a influência da Nike na escalção de Ronaldo na final da Copa de 1998. Dois dias depois, foi a

vez de o Senado colocar para funcionar a CPI do Futebol. Teixeira vivia um pesadelo. Duas investigações realizadas por políticos simultaneamente seriam devastadoras para o cartola. Ele foi ouvido na Câmara e no Senado. Os negócios, negociatas, contas no exterior e a forma nada ortodoxa de administrar a CBF e o futebol brasileiro vieram a público. Durante toda essa turbulência, Teixeira foi acompanhado de perto pelo espanhol da Nike, que o apoiou e incentivou nos momentos difíceis. Tornaram-se grandes amigos. Teixeira soube retribuir – e muito – a amizade.

- - -

Sandro, na verdade, é Alexandre Rosell Feliu. Nasceu em 6 de março de 1964, em Barcelona, e é formado em Administração de empresas pela Escuela Superior de Administración y Dirección de Empresas (Esade). Antes de entrar no mundo dos esportes, o jovem Rosell trabalhou no departamento de *marketing* da Myrurgia, uma indústria de cosméticos de Barcelona. No final de 1989, integrou o Departamento de Patrocínio Esportivo do Comitê Organizador da Olimpíada de Barcelona, responsável pelas parcerias internacionais. A área de atuação de Rosell fazia parte de um programa para ampliar a captação de patrocinadores em conjunto com a ISL, a empresa ligada à Adidas e que no futuro estaria envolvida no maior escândalo de corrupção da história da Fifa, como veremos adiante. Naquela época, a ISL tinha os direitos de comercialização das cotas de patrocínio e transmissão televisiva dos eventos do Comitê Olímpico Internacional, da Fifa e de outras organizações esportivas internacionais.

Com o fim dos Jogos Olímpicos de Barcelona, Rosell continuou no Comitê até o fim de 1992, quando terminaria o contrato. Em janeiro de 1993, foi convidado para o cargo de gerente da ISL Espanha. Um de seus primeiros trabalhos foi a venda dos patrocínios do Campeonato Mundial de Esqui, de Sierra Nevada, na Espanha, realizado em 1996. Guarde essa informação, porque no futuro ela irá aparecer novamente em meio a um escândalo no Brasil.

O ingresso no mundo do futebol ocorreu quando a ISL e Rosell apresentaram um projeto de venda de patrocínio e direitos de transmissão para a Liga de Futebol Profissional espanhola. O projeto provocou uma disputa acirrada entre as grandes empresas de material esportivo e foi vencido pela Nike. Naquela época, a Adidas era a líder do segmento futebol. O sucesso do contrato alavancou as vendas da empresa norte-americana na Espanha e levou a Nike a mergulhar nessa área

fechando contratos com ligas de futebol de vários países, inclusive o controvertido contrato com a CBF.

Em razão do sucesso no projeto, Rosell foi convidado para trabalhar na Nike Ibéria como diretor do Departamento de Marketing Esportivo. Nesse período, fechou o patrocínio da empresa com o Barcelona e ampliou a presença da marca na Espanha. O trabalho chamou a atenção da cúpula da empresa. Rosell foi então destacado para uma nova missão: em tese, expandir o mercado latino-americano. Na prática, transformar a seleção brasileira em um canhão de dinheiro – e ganhar a Copa de 2002.

Assim, em agosto de 1999, o espanhol se muda com a família para o Rio de Janeiro. Inicialmente vai morar em uma mansão na Barra da Tijuca. Depois, segue para um condomínio de edifícios no mesmo bairro. A Polícia Federal registrou o ingresso do catalão no País no Diário Oficial da União de 30 de agosto de 1999. Era a concessão do visto de trabalho no processo 46000.011773/99 do Ministério da Justiça. Rosell chegou ao Brasil em meio ao bombardeio a que a CBF e a Nike estavam submetidas com a iminência da abertura da CPI e das denúncias que envolviam o presidente da CBF no comando do órgão. Muita gente diz que o espanhol foi responsável pelo polêmico contrato, mas na verdade o acordo foi firmado três anos antes da chegada dele ao Brasil e envolvia a CBF, a Traffic – que detinha os direitos de comercialização da seleção brasileira – e a Nike.

O contrato, de US\$ 400 milhões, foi firmado entre Ricardo Teixeira (CBF), José Hawilla (Traffic), Philip Knight e Cees van Nieuwenhuizen (Nike Europe BV) e Tom Clarke e Sandy Bodecker (Nike Inc.). Entre as obrigações contratuais ficou sugerido que a patrocinadora poderia interferir no cotidiano da equipe, na convocação, escalação e programação de eventos e escolha de adversários em amistosos. A parceria foi renovada e segue até 2018.

O espanhol não foi chamado a depor na CPI da Nike. A empresa decidiu que seu porta-voz seria o relações-públicas da empresa no Brasil, Ingo Ostrovsky. Em seu depoimento, tomado dia 4 de abril de 2001, Ingo foi questionado pelo deputado federal Eduardo Campos(PSB-PE) e revelou o papel de Sandro Rosell na Nike e sua relação com a seleção brasileira:

– O senhor disse há pouco que a Nike, de comum acordo com a equipe técnica, com a comissão técnica, com o técnico, definia esses jogos, quando respondia ao deputado Eurico Miranda. Queria saber do senhor quem é que, pelo lado da Nike, participa desse tipo de reunião.

– É... É... A Nike propõe alguns jogos, que são aprovados ou não pela comissão técnica. A programação da seleção é decidida pela comissão técnica. Do nosso lado participa o diretor-geral do escritório da Nike do Brasil, que cuida do contrato com a CBF.

– O senhor podia declinar o nome dele?

– É Sandro, Sandro Rosell.

– Sandro Rosell? Então, há reuniões onde a Nike propõe... é... e de comum acordo são fixadas algumas propostas à Nike, que podem até ser negadas pela CBF. Algumas sugestões podem não ser acatadas, dos cinco jogos, é isso?

– Sim, Excelência, mas eu gostaria... Algumas sugestões da Nike não são aceitas pela CBF. Sim, isso ocorre bastante. Mas, se V. Exa. me permite, eu gostaria de esclarecer, essas reuniões não são com a comissão técnica. Nenhum representante da Nike se reúne com a comissão técnica. Nós nos reunimos com a secretaria-geral da CBF, que encaminha as nossas sugestões à comissão técnica. Não há reuniões da Nike com a comissão técnica.

– O senhor disse aqui nesse depoimento. Agora, o senhor deve estar mudando o depoimento. Está gravado, quando respondia ao deputado Eurico Miranda, que a Nike, em comum acordo com a comissão técnica, definia os jogos, não é isso?

– Excelência, está previsto no contrato, isso é cláusula do contrato, que os... os amistosos da Nike, os amistosos organizados pela Nike terão sua programação aprovada pela comissão técnica. Eu posso ter sido mal interpretado...

O depoimento de Ingo foi preparado por Rosell e a cúpula da Nike nos Estados Unidos. Em seu livro de memórias, com o sugestivo título de *Bienvenido al mundo real* (em tradução livre, “Bem-vindo ao mundo real”), o espanhol descreve que foi montada uma operação de guerra para defender a empresa e o contrato na CPI. Ele descreve uma reunião de que participou na sede da Nike com executivos e advogados para preparar a defesa, na qual decidiram que nenhum executivo norte-americano iria à comissão. Eles chegaram a preparar uma sessão-treino em um hotel com uma força-tarefa que simulou a audiência na Câmara para preparar a apresentação de Ingo. Rosell comenta que a preocupação era tão grande que, antes da reunião, fizeram até uma varredura em busca de escutas telefônicas no hotel.

A CPI desnudou as negociatas de Ricardo Teixeira à frente da CBF, os desvios de dinheiro, as empresas e contas em paraísos fiscais, mas... nada aconteceu. Em 2001, a comissão encerrou os trabalhos. O relatório não foi votado por influência

da Bancada da Bola – um grupo de deputados ligados ao dirigente –, e mais uma vez o País cumpriu a tradição de concluir uma CPI sem nenhum resultado prático. Teixeira conseguiu até proibir na Justiça o livro da editora Casa Amarela que trazia o relatório final da comissão, tornando públicas as descobertas dos deputados.

Rosell compartilhou os momentos difíceis de Ricardo Teixeira e considerou o fim das investigações um triunfo do parceiro. Nessa época ficaram amigos. Na autobiografia, o espanhol declara que Teixeira é um amigo de verdade. Em dezembro de 2003, Rosell foi padrinho de casamento do cartola com Ana Maria Wigand, segunda mulher de Teixeira.

- - -

Passada a ressaca da Comissão Parlamentar de Inquérito, o executivo espanhol dedicou-se à outra missão que recebera da Nike: ganhar a Copa do Mundo de 2002. Um dos capítulos de seu livro é dedicado à façanha. Ele acompanhou toda a preparação da seleção, a escolha do técnico, dos jogadores, os amistosos, ajudou a gerenciar crises e deu palpites de toda ordem. O catalão assinala que, no início, trabalhou para animar o amigo Ricardo Teixeira, ainda abatido pela investigação do Congresso. Rosell seguiu com a seleção para a Ásia. Lá, mandou e desmandou. Em seu livro, conta que o *staff* da Nike chegou a fretar vans para levar os jogadores a uma danceteria na Coreia do Sul. Ao que tudo indica, o técnico Luiz Felipe Scolari, conhecido por ser disciplinador, não teve direito a veto. Afinal, era a Nike.

Em meio à farra, Rosell se gaba de ter ajudado um jogador da seleção a fazer sexo com uma jovem no camarote da danceteria. Segundo ele, o atleta disse a ele que estava interessado numa garota que dançava na pista. Rosell mandou um garçom buscá-la e a entregou para o atleta. “Sem perder tempo, ela e o artilheiro foram a um canto do camarote. De repente gritos seguidos de gemidos surgiram do local: ‘Sim, que homem. Sim, que homem’. Todos riram. E o artilheiro passou a ser chamado de verdadeiro craque e sempre lembrado pela história.”

O artilheiro retribuiu o favor de Rosell com o que o cartola mais desejava: a Copa do Mundo. Em 30 de junho de 2002, o Brasil bateu a Alemanha por 2 a 0 no estádio Internacional de Yokohama e levou o pentacampeonato. Era o ressurgimento de Ronaldo Fenômeno, desacreditado para o futebol após seguidas – e graves – lesões. Rosell revela que, na festa no hotel Prince, Ricardo Teixeira

entregou-lhe a taça da Fifa e disse que o título também era dele. Na sequência, Rosell chamou executivos da Nike norte-americana que estavam no Japão, pegou a taça e disse: “É o que a Nike queria? Está aqui!”. Ele ainda acompanhou a seleção na volta ao Brasil e recebeu, com o time, os cumprimentos do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Com a conquista da Copa, o prestígio de Rosell na Nike aumentou e ele foi chamado para trabalhar na empresa nos Estados Unidos, onde ficou por pouco tempo. Rosell deixou a multinacional e retornou a Barcelona, onde deu sequência aos negócios que havia iniciado no Brasil em parceria com Teixeira e outras figuras obscuras. Curiosamente, nenhuma dessas empresas é citada no livro escrito pelo executivo e futuro cartola.

LOS TRES AMIGOS

“Foi o Rosell quem apresentou o Honigman a Ricardo Teixeira. Ficamos amigos íntimos.”

Nathalie Peacock Serrano

“Só há uma forma de provar que tudo não passa de uma fraude. (...) Saber se essa operação realmente ocorreu.”

Heleno Torres

Sandro Rosell nunca admitiu ser sócio de empresas no Brasil. Quando foi desmentido por nós, em 2011, anunciou na Espanha que nos processaria, o que nunca fez. Talvez por saber que uma busca na Junta Comercial do Rio de Janeiro o desmentiria. Os segredos dos negócios do executivo-cartola no Brasil estavam repletos de personagens misteriosos, transações obscuras, traições, complôs e muito, muito dinheiro. Rastreando registros oficiais chegamos à primeira empresa da qual ele foi sócio no país: a Brasil 100% Marketing.

A empresa foi criada em 26 de dezembro de 2001, 22 dias depois do encerramento da CPI do Futebol no Senado, a última investigação que perturbava o espanhol e seu parceiro Ricardo Teixeira. Com o perigo afastado, era o momento de expandir os negócios. Novos personagens entrariam no enredo de Teixeira e Rosell. A Brasil 100% Marketing ficava em um escritório na avenida das Américas, 3434, sala 206, Bloco 2, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Bem perto da casa de Rosell, da de Teixeira e da CBF. Oficialmente, era uma consultoria em gestão empresarial habilitada para atividades de *marketing*. As atividades abrangiam da criação de estandes para feiras e exposições e *marketing* a intermediação e agenciamento de serviços e negócios em geral, promoção e produção de eventos esportivos, entre outros.

Os sócios principais eram Rosell, com participação de R\$ 4.999, e o executivo do mercado financeiro Cláudio Honigman, com R\$ 5.000. Os minoritários eram a

mulher de Honigman, Nathalie Peacock Serrano (R\$ 1), e a secretária de Rosell, Vanessa de Almeida Precht (R\$ 1). Havia ainda um quinto sócio, o ex-executivo da Ambev Alexandre Barreira Leitão (R\$ 1.000).

Em 2001, a Ambev fechou o patrocínio da seleção brasileira com as marcas Brahma e Guaraná Antarctica. Barreira costurou o acordo. Pouco depois de concluir o contrato, deixou a multinacional e entrou na sociedade da Brasil 100%. Atualmente, é diretor presidente da filial brasileira da empresa de *marketing* esportivo Octagon.

Mas Claudio Honigman é o protagonista desta história. Um homem que caiu de paraquedas de Wall Street nos bastidores do futebol brasileiro.

Trata-se de um personagem misterioso. O “Fantasma de Wall Street” nasceu rico, em 14 de agosto de 1964, em Niterói (RJ). Frequentou desde a adolescência os melhores restaurantes e se formou em engenharia no Texas. Antes de completar 40 anos, mago de operações financeiras, construiu um palacete de 1.000 metros quadrados na praia de São Conrado, área nobre da zona sul do Rio de Janeiro.

Em 1997, teve sua primeira queda. Trabalhava para a poderosa corretora Bear Stearns, em Nova York. Era a época da privataria tucana no Brasil. Sob Fernando Henrique Cardoso, o governo do PSDB entregava o patrimônio público construído com o suor dos brasileiros. Da mineradora Vale do Rio Doce, leiloadada a preço de banana, às empresas estatais de telefonia.

Desde Wall Street, Honigman tirou sua casquinha. Documento da New York Stock Exchange, a bolsa nova-iorquina, datado de 27 de julho de 2000, detalha como ele operou. Uma empresa de telefonia brasileira, às vésperas de ser privatizada, pretendia vender um bloco de ações preferenciais, aquelas exclusivas de empregados e ex-empregados, por US\$ 80 milhões. O negócio foi entregue a uma corretora brasileira, que procurou a Bear, Stearns & Co. Honigman, diretor-gerente da mesa dos mercados emergentes da corretora, participou das negociações. A Bear, Stearns decidiu comprar as ações através de uma afiliada de Londres e ajustou o preço.

Até aí, nada de anormal. O problema é que, a pedido da corretora brasileira, Honigman autorizou a venda de ações da mesma empresa telefônica, que já estavam no portfólio da Bear, Stearns, no mercado brasileiro. Objetivo: derrubar o preço das ações. De acordo com a investigação da NYSE, era uma forma de demonstrar aos que estavam se desfazendo das ações preferenciais que vendê-las por US\$ 80 milhões à Bear, Stearns era um bom negócio.

A jogada de Claudio Honigman deu certo. No dia 17 de dezembro de 1997, ele vendeu ações comuns da telefônica no Brasil, através de uma corretora, em 30 transações distintas. Derrubou o preço em cerca de 10%. Quando a bolsa fechou no Brasil, naquele mesmo dia, a Bear, Stearns comprou as ações preferenciais pelo preço previamente acertado, no pregão eletrônico de Londres.

Ficou claro que Claudio operou nas duas pontas do negócio. Manipulou o mercado. Foi censurado pela NYSE e pagou multa de US\$ 30 mil, mas não admitiu culpa. Em janeiro de 1998, deixou a Bear, Stearns. A investigação da NYSE não determinou se ou quanto ele ganhou com o negócio, nem identificou as empresas brasileiras envolvidas na trama.

Livre, leve e solto, Honigman voltou a trabalhar no Brasil. Cinco anos depois da censura nos Estados Unidos, passou a atuar no mundo do futebol ao lado de dois novos parceiros e amigos poderosos: Ricardo Teixeira e Sandro Rosell. Junto, o trio comandou operações de uma empresa que explorou a seleção brasileira ao longo de uma década.

“Foi o Rosell quem apresentou o Honigman a Ricardo Teixeira. Ficamos amigos íntimos. As famílias passavam o Natal juntas. Alugamos o iate Blue Harem (Harém Azul, em tradução livre) e saímos viajando. Depois, fizemos o mesmo no Caribe. Eu e o Cláudio, Ricardo Teixeira e a mulher, Sandro Rosell e sua esposa”, afirmou a ex-mulher de Honigman, Nathalie, em entrevista à revista *ESPN*. O aluguel do iate, registre-se, custava 100 mil euros por semana.

Embora as atividades da Brasil 100% ficassem nas sombras da seleção brasileira, a Copa da Alemanha, em 2006, trouxe à tona a verdadeira natureza do negócio. No ano anterior, Meinolf Sprink, então diretor de esportes da empresa alemã Bayer AG, proprietária do Bayern Leverkusen, acusou a Brasil 100% Marketing de tentar “subornar” o clube. Segundo entrevista de Sprink à agência alemã ABK, um executivo da empresa teria sondado por *e-mail*, em nome da CBF, quanto o Bayern pagaria pela presença da seleção brasileira no centro de treinamento de Leverkusen durante a Copa da Alemanha, em 2006.

Aquele Mundial foi realmente um divisor de águas na vida de Nathalie e Claudio Honigman. Enquanto a seleção naufragava no torneio, o casal e os amigos curtiam a vida adoidado. Além do cruzeiro particular no Blue Harem, embarcaram num jatinho na Alemanha apenas para almoçar na Espanha. Retornaram no mesmo dia.

As aventuras do sócio de Rosell e Teixeira avançaram no terreno conjugal.

Nathalie revelou que, durante o Mundial, Honigman mantinha uma amante na França. O fim da Copa marcou também o término do relacionamento. Honigman encerrou o casamento com Nathalie em Nova York. Disse que tinha outra mulher. Segundo Nathalie, essa mulher era uma garota de programa de luxo conhecida dos endinheirados do eixo Rio-São Paulo.

A denúncia do pedido de dinheiro feita na Alemanha era a ponta do iceberg das operações da Brasil 100% Marketing. Naquela época, os negócios paralelos da seleção passavam pela empresa. As digitais de Ricardo Teixeira na Brasil 100% nós só viríamos a encontrar em maio de 2011, quando produzimos uma reportagem para o Jornal da Record. Rastreando o 3º e 5º cartórios de Ofício de Títulos e Documentos, do Rio de Janeiro, descobrimos papéis que, à primeira vista, pareciam indicar uma série operações entre os três sócios, Ricardo Teixeira, Sandro Rosell e Claudio Honigman.

As operações eram tão complexas que, depois de consultar diversos especialistas, constatamos que se tratava de uma jogada para desmontar a Brasil 100% Marketing e migrar o dinheiro e um jatinho para uma nova empresa, chamada Ailanto Marketing, esta sem a participação de Honigman. À frente da Ailanto estavam Sandro Rosell e a secretária dele, Vanessa Almeida Precht.

As transações, que podem ter sido apenas um negócio de papel, envolvem cifras milionárias. Basicamente, representam um acerto de conta entre os sócios envolvendo promessa de compra e venda de ações.

Pelos documentos, Ricardo Teixeira saiu do acerto com R\$ 22,5 milhões, Rosell ficou com o mesmo valor e mais um jatinho avaliado em R\$ 8 milhões e Claudio Honigman deixou a sociedade com R\$ 17 milhões.

- - -

Os novos tempos no mundo do futebol podem ter sido um dos motivos que levaram Rosell e Teixeira a tirar Honigman da Brasil 100% Marketing. Em 2008, a CBF dirigida por Teixeira já havia vendido os direitos de organizar amistosos da seleção brasileira para a International Sports Events Company (ISE).

A empresa integra o grupo Dallah Al-Baraka, pertencente ao xeique Saleh Kamel, da Arábia Saudita. Tem sede nas ilhas Cayman, conhecido refúgio de dinheiro sujo no Caribe.

No entendimento de Teixeira e Rosell, a presença de Honigman poderia atrapalhar os negócios. Segundo a ex-mulher de Honigman, o fato de ele ser

judeu, na visão dos cartolas, poderia ser um entrave aos negócios com os árabes.

Fazendo reportagem para a TV Record, submetemos a papelada à análise do tributarista e professor de direito da Universidade de São Paulo Heleno Torres. “Vocês devem ter percebido que os números não batem. Tudo é estranho, atípico. Só há uma forma de provar que tudo não passa de uma fraude. Vocês primeiro têm de procurar urgente a corretora para saber se essa operação realmente ocorreu”, afirmou o jurista, um dos maiores especialistas em lavagem de dinheiro do país.

A corretora a que se refere é a Alpes, que atua na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). O acerto entre os três sócios envolvia a promessa de compra e venda de ações da corretora.

Seguimos o conselho de Heleno Torres. A resposta não foi surpresa. Em nota encaminhada à TV Record, a corretora Alpes sugeriu que as operações não passavam de uma fraude. De acordo com a nota, Honigman nunca poderia ter feito as transações em nome da empresa, porque ele nunca foi acionista ou detentor de qualquer direito de opção de aquisição de ações pela corretora e não tinha poderes para isso.

Quem conhecia o passado do “Fantasma de Wall Street” não deve ter se assustado ao vê-lo assombrar também a Bovespa.

- - -

Sem o aval do presidente da CBF, a Brasil 100% Marketing foi para o buraco. Na prática, foi lançada ao mar sem salva-vidas, já que a existência da empresa só era viável com os contatos bancados por Teixeira.

Embora ativa na Receita Federal, a empresa não funciona mais. Acumula dívidas tributárias com a União e processos trabalhistas movidos por ex-funcionários. Só em tributos federais deve à Fazenda Nacional cerca de R\$ 700 mil. Em ambas, Rosell e Honigman constam como partes, mas a Justiça não consegue localizá-los.

Depois de se separar da mulher, Claudio Honigman resolveu sumir no mundo. Nathalie contou à revista *ESPN* uma história que só acontece com quem gosta de viver na corda bamba. “Depois da Copa do Mundo, ele mudou totalmente o seu comportamento. Sumiu com uma prostituta de luxo e nunca mais voltou.”

Após a separação, a ex-mulher abriu processo na Justiça do Rio de Janeiro pedindo uma pensão milionária para os filhos. Disse que foi ameaçada e teve que deixar o País. Refugiou-se no Chile. Tentamos conversar com ela através de um

advogado, mas não houve resposta ao pedido de entrevista. O processo de Nathalie contra o ex-marido prosseguiu e Honigman chegou a ter a prisão decretada por falta de pagamento de pensão alimentícia. O executivo mudou-se com a namorada para Nova York.

De acordo com os registros da Polícia Federal, Honigman deixou o País no dia 19 de novembro de 2008.

Curiosamente, dia de um amistoso da seleção brasileira que exporia a sociedade entre Teixeira e Rosell e a certeza de impunidade do então presidente da CBF.

Os documentos de negócios obscuros, registrados em cartório, já eram demonstração de que o presidente da CBF estava certo de que nunca seria alcançado pela Justiça.

Importante registrar que essa certeza resultou de uma estratégia cultivada ao longo de muitos anos. Teixeira promoveu campeonatos de futebol de policiais civis e federais na Granja Comary, sede da seleção brasileira. O mesmo lugar foi cedido para confraternização de juízes federais. A CBF chegou a patrocinar um congresso da Associação dos Delegados da Polícia Federal. Sem falar nos voos da alegria das Copas de Estados Unidos e França, nas quais autoridades – inclusive desembargadores de Justiça – viajaram com tudo pago pela entidade dirigida por Teixeira.

Quanto a Honigman, reapareceu tempos depois no Brasil, em circunstâncias muito estranhas. Em agosto de 2013, foi recebido pela então ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, conforme consta da agenda oficial do Palácio do Planalto. A ministra estava acompanhada por Charles Capella, assessor especial da Casa Civil e integrante do grupo do governo que acompanha as obras para a Copa do Mundo de 2014.

Na agenda oficial da ministra, Honigman foi identificado como presidente do Banco Mizuho do Brasil. O teor da conversa não foi revelado.

Aos autores deste livro, a Mizuho desmentiu oficialmente, em nota: “O Sr. Claudio Honigman não pertence e nunca pertenceu aos quadros do Banco Mizuho do Brasil S.A. e não representa o Banco em nenhuma circunstância. Ele foi funcionário do Mizuho Securities USA Inc, por menos de um ano, até 14/11/2013, e durante este período participou de reuniões como representante daquela empresa”.

Passada a tempestade da Brasil 100% Marketing, os negócios de Rosell e Teixeira foram direcionados para a nova empresa do espanhol: Ailanto Marketing. No dicionário Houaiss, a palavra “ailanto” designa árvores ornamentais da família *Ailanthus*, também conhecidas como árvores-do-céu. É um vocábulo de origem malaia que significa “que alcança o céu”. A criação da empresa tem relação direta com o desmonte da Brasil 100% Marketing. Como tudo nesta história é enrolado de propósito, para dificultar rastreamento, vejamos algumas datas para facilitar o entendimento.

A Ailanto foi criada em 21 de maio de 2008 por Eduardo Duarte e Simone Burk Silva. A razão social original da empresa é Ailanto Participações Ltda. A primeira sede ficava na rua da Candelária, 79, cobertura, no centro do Rio de Janeiro. O capital social era de apenas R\$ 800, assim distribuídos: R\$ 799 de Eduardo e R\$ 1 de Simone. O objetivo da empresa era participação em outras sociedades. Aqui, cabe uma observação: Eduardo Duarte possui uma empresa de consultoria especializada na abertura e regularização de empresas.

Em 2011, a Polícia Federal desencadeou a Operação Alquimia, que investigou o uso de empresas fantasmas para sonegação fiscal na indústria química. Eduardo e Simone estavam envolvidos em uma das firmas investigadas. A dupla também aparece como criadora de uma empresa posteriormente vendida ao banqueiro Daniel Dantas e investigada na Operação Satiagraha, também da PF. Para resumir, a polícia descobriu que Eduardo possui mais de 700 empresas em seu nome. Firms de fachada, para quem necessita mascarar negócios. Um imenso laranjal!

Fomos até o endereço original da Ailanto. O prédio é antigo, lembra o cenário de um filme de suspense. Grades e câmeras de segurança dão um ar de *bunker*. Na entrada, o porteiro com a camisa entreaberta, gravata curta e umbigo à mostra perguntou:

–O que vocês querem?

–Vamos até a empresa Ailanto.

–Não tem nenhuma empresa aqui com este nome.

–Mas o endereço é este.

Uma faxineira idosa que passava por ali fez sinal, pelas costas do porteiro, de que a empresa realmente ficava no prédio. Insistimos e ele ligou para o escritório de Duarte.

– A moça está perguntando que empresa vocês estão procurando.

– Ailanto.

Depois de alguns segundos, nos mandou subir até a cobertura. A faxineira foi no mesmo elevador. Ela deve ter simpatizado conosco: assim que chegamos ao andar, sorriu e apontou a direção do escritório. A porta tinha grades reforçadas, com uma câmera ostensiva afixada sobre a porta. Apesar do risco, prosseguimos. Parecia que poderíamos sair dali enrolados num tapete, como nos filmes da máfia. Tocamos o interfone. Uma jovem recepcionista nos atendeu. O diálogo foi surreal:

–Pois não?

–Aqui funciona a Ailanto?

–Espera que eu preciso verificar.

Ela ligou para alguém e perguntou se ali era a Ailanto.

– Quem quer saber?

– Mas aqui é ou não a Ailanto?

– Os senhores são da polícia?

– Não, somos da Record e precisamos conversar com o responsável.

– Um momento.

Ela ligou de novo para o chefe e veio com a resposta ainda mais surpreendente:

– Para vocês aqui não funciona a Ailanto.

– Como assim?

– Isso.

– Podemos falar com algum responsável?

– Não. Melhor vocês irem embora.

Saímos animados. Todo o diálogo havia sido gravado. Era mais um indício das estranhezas que cercam esta história. Fomos para o aeroporto. Ao chegar a São Paulo, seguimos direto para a redação, ansiosos para ver a filmagem. Para nossa decepção, descobrimos que o *bunker* do Rio tinha um dispositivo bloqueador de imagens. Estava tudo gravado até sairmos do elevador e chegarmos à porta do escritório. Depois, nas filmagens, apareciam alguns minutos sem imagens – o que em televisão se chama de *black*. As imagens só reapareciam para mostrar nossa equipe saindo do prédio. Se não houvesse o intervalo em *black*, seria possível concluir que a câmera tinha sofrido pane. No entanto, uma fonte da Polícia Federal confirmou que já existem no País aparelhos para bloquear sinais de câmeras como a que usávamos. Um deles, concluímos, foi usado na estranha sede original da Ailanto.

Menos de dois meses depois da criação da Ailanto Participações, a empresa

trocou de donos, nome e endereço. De acordo com a primeira alteração do Contrato Social, registrada em 2 de julho de 2008, Sandro Rosell e Vanessa Precht assumem a companhia. O espanhol fica com 99,87% das cotas (R\$ 799), e a secretária, com 0,13% (R\$ 1). A sede é alterada para o apartamento de Vanessa, no Leblon (zona sul do Rio de Janeiro). O nome também é alterado para Ailanto Marketing. A cláusula 12 do contrato assinala que o responsável legal pela empresa passa a ser Rosell.

Os novos sócios incluíram no contrato uma cláusula estabelecendo que a distribuição dos dividendos poderia ser desproporcional à participação de cada sócio na empresa. Traduzindo: o dinheiro que entrava na firma poderia ir para Vanessa independentemente de ela deter apenas 0,13% do capital. Isso facilitaria transferências do dinheiro de amistosos da seleção para contas de Ricardo Teixeira sem passar pelas mãos de Rosell. Também resolveria uma questão operacional, uma vez que Rosell já não se encontrava no Brasil.

No dia 25 de agosto de 2008, novas alterações no Contrato Social foram registradas oficialmente na Junta Comercial do Rio de Janeiro. Em menos de dois meses, o capital social passou de R\$ 800 para R\$ 12,8 milhões, sendo que Vanessa continuou com participação de R\$ 1. A empresa também mudou a sede para a Barra da Tijuca. O novo endereço ficava em um elegante centro comercial na avenida das Américas.

Em 2011, fomos à nova sede da Ailanto no condomínio empresarial, ao lado de um *shopping center*. Entramos sem dificuldade. No andar da Ailanto encontramos apenas uma plaquinha na porta. Batemos, chamamos e nada. Perguntamos na sala ao lado e nos disseram que aquele escritório estava vazio havia muito tempo. Na portaria nos informaram que uma vez por mês uma pessoa ia ao local buscar a correspondência.

Depois de assumir a Ailanto, mudar o nome, endereço e o capital, Rosell estava pronto para continuar os negócios no futebol brasileiro. Desta vez, em um lance mais audacioso e arriscado: organizar um amistoso da seleção brasileira em Brasília. Foi uma lambança, que expôs o cartola espanhol, sua secretária e Ricardo Teixeira. Revelou também a verdadeira finalidade da empresa.

Na noite de 19 de novembro de 2008, o Brasil enfrentou Portugal em amistoso no Bezerrão, no Gama (DF). Era a festa de reinauguração do estádio da cidade-satélite do Distrito Federal. Anunciado como modelo de arena moderna, como as que seriam construídas para a Copa do Mundo de 2014, custou R\$ 51 milhões –

valor até modesto comparado com os dos estádios construídos depois.

O jogo foi promovido como duelo entre o meia-atacante Kaká, do Milan, melhor jogador do mundo na temporada, e Cristiano Ronaldo, do Manchester United, seu provável sucessor no prêmio da Fifa ao atleta que mais se destaca. O português, de fato, confirmaria a conquista dois meses depois. O time do técnico Dunga, por sua vez, amargava uma seca de gols. Nos três últimos jogos dentro de casa, pelas eliminatórias da Copa da África do Sul de 2010, contra Argentina, Bolívia e Colômbia, não passara do 0 a 0. O último gol dentro de casa havia sido marcado pelo atacante Luis Fabiano, em 21 de novembro de 2007, na vitória por 2 a 1 sobre o Uruguai. Outro tabu marcava o confronto. O Brasil não vencia Portugal desde 1989, quando goleara por 4 a 0 em amistoso no Rio de Janeiro. Mas a noite não foi de Kaká, nem de Cristiano Ronaldo. Quem roubou a cena no Gama foi Luis Fabiano. O atacante do Sevilla marcou três vezes na goleada por 6 a 2.

Fora do gramado, o evento foi uma grande e luxuosa festa. Políticos, artistas, jogadores de futebol se refestelaram nos melhores hotéis da cidade. Foram recepcionados pelo então governador José Roberto Arruda (DEM-DF) e por Ricardo Teixeira, em gastança financiada por dinheiro público. Foi o primeiro evento organizado pela Ailanto Marketing, que faturou R\$ 9 milhões. Como uma empresa com apenas seis meses de vida entrou nesse esquema e faturou uma quantia dessas?

Como já contamos, Sandro Rosell e a secretária Vanessa assumiram a Ailanto em julho, quatro meses antes do amistoso. Por envolver dinheiro público, havia requisitos legais a serem preenchidos para justificar a contratação sem licitação da empresa. Teixeira achava que podia tudo, mas não era bem assim.

Para entender como essa turma usava os negócios da seleção brasileira para enriquecimento pessoal, vamos aos detalhes do que aconteceu nos bastidores.

É a lei: contratos que envolvem órgãos públicos no Brasil ficam documentados em processo administrativo interno no qual são arquivados todos os documentos que justificam o uso de dinheiro público. No caso do amistoso, foi aberto o processo 220.001.026/2008. Começam aí as estranhezas. No nome do interessado aparece a BSM (Bonus Sports Marketing S.L.). E no assunto: Apoio Evento (Amistoso Brasil x Portugal).

A primeira página do processo é um ofício de Fábio Simão, presidente da Federação Brasiliense de Futebol, ao governador José Roberto Arruda. O

documento, de 18 de setembro de 2008, informa que a federação cedeu à BSM os direitos de comercialização da publicidade e transmissão televisiva do jogo. A empresa havia adquirido os direitos daquele jogo junto à ISE, empresa árabe que detém o contrato para promover os amistosos da seleção brasileira.

Simão termina a carta solicitando ao governador que sejam adotados os procedimentos administrativos cabíveis. Ou seja, providenciar o dinheiro para financiar o evento. No documento há uma anotação escrita à mão e assinada por Arruda com a data de 22 de setembro: *Sec. Esportes P Providencias urgentes*. O despacho do governador abria o cofre. O ofício foi recebido na Secretaria de Esportes no mês seguinte.

Na papelada do processo, existem documentos reveladores de como funcionavam, à época, as transações da CBF envolvendo a seleção. Um documento em inglês, de 18 de dezembro de 2006, em papel timbrado da CBF, assinado por Ricardo Teixeira e endereçado a Dirk Hollstein, da International Sports Events (ISE), nas ilhas Cayman, informa que essa empresa possui os direitos dos jogos da seleção brasileira desde janeiro de 2007.

Outro documento, desta vez da ISE, de 17 de setembro de 2008, assinado por Hollstein, informa que a ISE indicou a BSM para organizar e vender os direitos do amistoso.

Na folha número 7 do processo vem a bomba: uma declaração em papel timbrado da BSM cedendo todos os direitos do amistoso à Ailanto Marketing. Quem assina pela BSM? Alexandre Rosell Feliu. Sim. Sandro Rosell era o dono da Bonus – empresa sediada em Barcelona – e cedia os direitos para a empresa que havia acabado de abrir no Brasil, a Ailanto. Na prática, isso significava que todo o dinheiro desse jogo, incluindo a verba do governo, iria para o bolso do espanhol.

Seguindo o roteiro estabelecido pelo governo, a Ailanto encaminhou uma planilha simples detalhando os valores que iria gastar no evento e que deveriam ser pagos pelo poder executivo do Distrito Federal. A conta era de R\$ 9 milhões e envolvia passagens aéreas, hospedagem, refeições, transporte das duas seleções, despesas com a organização e compra de direitos da Federação Portuguesa de Futebol e da CBF. Essa despesa ficaria em R\$ 4,6 milhões.

Com base no documento, em papel comum, sem timbre nem assinatura, o governo iniciou a contratação da Ailanto. Porém, a legislação obriga o governo a submeter os contratos à Procuradoria do Estado para verificar se estão de acordo com a lei.

O parecer do procurador do DF, Marcos Souza e Silva, foi devastador. Faltando menos de um mês para o amistoso, ele analisou a papelada da Ailanto e concluiu que havia algo muito errado no negócio. Segundo o parecer, não se justificava um gasto tão alto num amistoso. Outra falha apontada pelo procurador foi uma cláusula marota no esboço do contrato: além de pagar à Ailanto, o governo bancaria também todas as despesas das seleções.

Uma empresa contratada para promover uma partida de futebol sem tirar um tostão do próprio bolso! É o mesmo que o leitor pagar a uma empresa para promover um churrasco em sua casa e pagar despesas que deveriam ser bancadas por ela, inclusive o churrasqueiro e o carvão.

O que mais chamou a atenção do procurador foi a falta de explicações sobre como a Ailanto chegou ao custo milionário do amistoso. Na avaliação dos técnicos, o governo não poderia torrar R\$ 9 milhões com base em uma simples planilha, sem assinatura ou explicação convincente. O procurador definiu a conta feita pela Ailanto como “imprestável”. Fez uma exigência que complicaria os envolvidos: a Ailanto deveria apresentar cópias de contratos e faturas de serviços referentes a outras apresentações da seleção brasileira organizadas pela empresa no país, além de demonstrar que tinha capacidade técnica e experiência para organizar o evento.

Como uma empresa criada apenas seis meses antes atenderia às exigências?

Em 10 de novembro, faltando nove dias para o amistoso, o secretário de Esportes do DF, Aguinaldo Silva de Oliveira, encaminhou carta à Ailanto pedindo os documentos e comprovações exigidas pela procuradoria. No dia seguinte, Vanessa, representando a Ailanto, encaminhou uma série de documentos ao secretário. Estranhamente, um dos papéis é uma carta de capacidade técnica expedida pela BSM, assinada por Marta Pineda Minguez. É uma declaração de que a Ailanto já havia organizado grandes eventos esportivos. Por exemplo, o Campeonato Mundial de Esqui de Sierra Nevada, em 1996. Além disso, tinha obtido o patrocínio da Liga Espanhola de Futebol, entre outros negócios. Mas como a Ailanto poderia ter organizado um evento de esqui em 1996, se só foi criada em 2008?

A BSM, lembrem-se, era a empresa de Sandro Rosell em Barcelona. Marta Pineda, administradora da Bonus, que assina a carta de capacidade técnica, era na época a esposa de Rosell.

Uma verdadeira aula de malandragem. A mulher certifica a empresa do próprio

marido na Europa, embora ela não tenha relação formal com a Ailanto, que nunca tinha organizado nada. A Ailanto, por sua vez, será paga para promover um jogo em que vai receber sem fazer ou gastar praticamente nada. Negócio da China!

Outro documento interessante enviado pela Ailanto ao governo do Distrito Federal foi uma procuração do notário de Barcelona, na qual a BSM e Alexandre Rosell Feliu nomeiam Marta Pineda procuradora e administradora da Bonus.

O documento foi arquivado no Registro Mercantil de Barcelona – algo como a Junta Comercial de lá –, em janeiro de 2003. A data é importante. Indica que, depois de ganhar a Copa do Mundo de 2002, Rosell deixou a Nike e o Brasil, e abriu na Espanha a Bonus, nos moldes da empresa que criara no Rio de Janeiro no ano anterior, a Brasil 100% Marketing.

Analisando outros papéis encaminhados pela Ailanto – como a conta de luz da empresa, enviada para comprovar o endereço – há um dado interessantíssimo: a documentação foi enviada na noite de 10 de novembro, de um número de fax no Rio de Janeiro, que aparece no topo das páginas. O fax pertencia ao escritório de advocacia BM&A – Barbosa, Mussnich e Aragão. Até a cópia da carteira de motorista e o CPF de Sandro Rosell foram enviados desse número. São os mesmos advogados que representam a CBF em assuntos que envolvem a Copa de 2014. Um dos sócios, Francisco Mussnich, é amigo de Ricardo Teixeira. Mais um indício de um negócio entre amigos.

Nos documentos enviados pela Ailanto a Brasília, faltou o principal: cópias de contratos e faturas de outros jogos da seleção brasileira que justificassem os valores cobrados. A empresa de Rosell também não forneceu informações sobre cotações de passagens aéreas e hospedagens. Mesmo assim, em 12 de novembro, atropelando o parecer contrário da procuradoria, José Roberto Arruda assinou contrato com a Ailanto, representada por Vanessa.

O documento nº 001/2008-GOV ESP previa o pagamento de R\$ 9 milhões: R\$ 5,832 milhões na assinatura e o restante quando a Ailanto apresentasse as notas fiscais dos gastos feitos para promover o jogo.

O Tesouro do Distrito Federal autorizou a liberação do dinheiro dois dias depois. Ficou ressaltado pelos técnicos que o pagamento havia sido autorizado pelo governador Arruda. Documento da Secretaria de Esportes mostra que a urgência no pagamento atendia a ordens expressas do governador. Na natureza do serviço prestado constava “Cessão de Direitos”.

No dia 21 de novembro, a Ailanto enviou fax com uma confusa prestação de

contas que dava a dimensão da farra com o dinheiro público. Havia notas fiscais da agência Cosmos, de Lisboa, com o valor das passagens aéreas das equipes de Portugal e do Brasil emitidas para a BSM. O voo da seleção de Portugal custou R\$ 1,2 milhão e o transporte dos jogadores da seleção brasileira saiu por R\$ 900 mil.

No mesmo relatório, a Ailanto informou ter gastado R\$ 151.208 com a hospedagem da delegação brasileira no Hotel Alvorada. Os jogadores ficaram na suíte *standard* com diárias a R\$ 504. Um detalhe interessante é que o presidente da CBF ficou hospedado na suíte presidencial do Hotel Grand Bittar, cuja diária a empresa informou ser de R\$ 4.750. A seleção de Portugal dormiu no Hotel Juscelino Kubitschek e o serviço custou R\$ 141.449. Os portugueses gastaram com alimentação, segundo a Ailanto, cerca de R\$ 20.120. Além desses gastos, a empresa relacionou aluguel de carros de luxo, segurança, ônibus, frigobar e direitos de transmissão. Um estranho item custou R\$ 200 mil: viagem de treinadores para apresentação do jogo. Outros R\$ 200 mil foram consumidos com comunicação e questões legais. A Ailanto conseguiu justificar gastos de R\$ 7.249.386,70. Bem inferiores aos R\$ 9 milhões recebidos.

- - -

Em 24 de novembro, menos de uma semana depois do amistoso, o procurador-geral Demóstenes Albuquerque e o promotor Albertino Netto solicitaram informações à secretaria de Esportes sobre os gastos do governo e os beneficiários da despesa. Pediram informações também sobre a receita do jogo.

A resposta do secretário de Esportes, Aguinaldo de Oliveira, só veio dia 17 de dezembro. Ele informou que o evento visara consolidar Brasília como sede para a Copa do Mundo de 2014, confirmando o pagamento de R\$ 9 milhões à Ailanto. A receita do jogo não foi informada pela Federação Brasileira de Futebol. Dois dias depois, o procurador-geral Leonardo Bandarra pediu cópia do contrato com a Ailanto. A papelada foi enviada em janeiro de 2009. Foi aberta a investigação que resultaria em uma enorme dor de cabeça para Sandro Rosell, Ricardo Teixeira e o governador José Roberto Arruda.

A investigação do Ministério Público Federal foi reforçada com a abertura de dois inquéritos no Tribunal de Contas do Distrito Federal. Um para verificar o motivo do gasto com um amistoso e se houve ilegalidade. Não bastasse isso, a Polícia Federal flagrou uma empresa de segurança de São Paulo trabalhando sem autorização na segurança VIP durante a partida. A companhia havia sido

contratada pela Federação Brasiliense e apresentou preços superfaturados.

No desenrolar das investigações foi descoberto um esquema primário de superfaturamento. Tudo no amistoso estava acima do custo. O tribunal considerou que era caso de polícia e pediu a abertura de inquérito. A investigação foi feita pela Divisão Especial de Crimes contra a Administração Pública.

No relatório da investigação policial, consta que a Ailanto declarou ter gasto R\$ 900 mil com as passagens aéreas da seleção brasileira. Mas os documentos indicam que o valor real foi bem menor, R\$ 617.772. O mesmo aconteceu com as diárias dos hotéis. A empresa de Rosell disse que pagou diárias de R\$ 504 a R\$ 944 para os jogadores e a comissão técnica. A polícia, no entanto, descobriu que naquele período as diárias variavam de R\$ 350 a R\$ 610. Um superfaturamento de 44%. A investigação apontou amigos de Ricardo Teixeira como beneficiários. A agência que fez as reservas foi a Pallas, do Grupo Águia, dos empresários Wagner e Cláudio Abrahão. Lembra deles, do primeiro capítulo?

A descoberta mais importante da polícia deu-se nos documentos da Federação Brasiliense. Foi declarada receita bruta de bilheteria de R\$ 1.392.380 e despesa total de R\$ 1.350.186,58. Ocorre que o governo do Distrito Federal contratou a Ailanto para organizar o amistoso e assumir todas as despesas. Logo, o dinheiro da venda dos ingressos deveria ficar nos cofres públicos. Na prática, a federação pagou as despesas e toda a verba do amistoso foi parar nas contas da empresa de Rosell.

As coisas pioraram para a turma de Teixeira quando, no meio da investigação, o governador José Roberto Arruda, que em tese poderia interferir politicamente, foi afastado e preso, acusado de envolvimento em um esquema de corrupção desvendado pela Operação Caixa de Pandora, da Polícia Federal.

O presidente da CBF, por sua vez, era alvo de reportagens da TV Record que denunciavam falcaturas no comando da CBF e expunham seus negócios com a Ailanto, Rosell e Vanessa.

Uma das reportagens trouxe uma revelação bombástica: ligou diretamente Vanessa, a laranja de Sandro Rosell no Rio, a Teixeira. O documento comprometedor descobrimos em um cartório do Rio de Janeiro.

- - -

Em uma tarde nublada de junho de 2011, encontramos o que vínhamos buscando obstinadamente. Era uma bomba! Prenúncio de uma chuva de granizo

na cartola de Teixeira.

Escondido nos arquivos do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, um contrato de arrendamento, de cinco páginas, colocava a pacata cidade de Piraí, no Sul fluminense, no centro de um dos principais escândalos recentes do futebol. A papelada, de fé pública inquestionável, comprovava o que muitos jornalistas, dirigentes, jogadores e profissionais do meio esportivo suspeitavam: a ligação direta entre Teixeira e Rosell.

Segundo a transação, o presidente da CBF arrendava a Fazenda Santa Rosa, uma de suas propriedades em Piraí, a Vanessa, secretária de Rosell e sócia na Ailanto Marketing. O aluguel era de R\$ 10 mil mensais, por 60 meses (total de R\$ 600 mil). O documento foi assinado em março de 2009, quatro meses depois do amistoso Brasil vs. Portugal.

O arrendamento pode ter sido um contrato de gaveta para esquentar a parcela do dinheiro público que saiu dos cofres do Distrito Federal destinada ao bolso do então presidente da CBF.

Primeiro era preciso checar se Vanessa, uma *socialite* do bairro chique do Leblon, ligado ao mundo da moda, tinha mesmo decidido adotar o estilo sertanejo e trabalhar no ramo agropecuário de botas, calça rancheira e chapelão.

Teria ela decidido se dedicar de verdade a um laranjal? Munidos de microcâmeras, fomos a Piraí checar a história.

– Aqui é a fazenda do sr. Ricardo Teixeira? – perguntamos.

– Sim – respondeu um funcionário.

– A dona Vanessa se encontra?

– Não conhecemos nenhuma dona Vanessa, não senhor.

– Mas essa não é a fazenda do senhor Ricardo Teixeira que está arrendada para a senhora Vanessa?

– É do Ricardo Teixeira. Mas não sei nada sobre essa tal Vanessa, não senhor.

Nossa investigação ouviu testemunhas que nunca viram Vanessa por lá. O caseiro que atendeu a equipe – usando uma camisa da seleção brasileira – disse que aquelas terras supostamente arrendadas eram mesmo de Teixeira.

Na fazenda ao lado, que também é do cartola, pelo menos no papel funcionou a empresa VSV Agropecuária Empreendimentos. É o que consta nos registros da Junta Comercial do Rio de Janeiro, a Jucerj. Quem eram os sócios da VSV? Bingo: Vanessa e a Ailanto.

Isso mesmo: a Ailanto, de Sandro Rosell, montou em sociedade com Vanessa

uma empresa agropecuária e deu como endereço a fazenda de Teixeira vizinha às terras supostamente arrendadas. A empresa foi aberta uma semana antes do amistoso entre Brasil vs. Portugal e encerrada em 2011. Não há sinais de que tenha desenvolvido negócios agropecuários.

A revelação do negócio pelo *Jornal da Record* chamou a atenção de policiais em Brasília. Era o indício mais forte de que Teixeira, Rosell e Vanessa se juntaram para ordenhar os cofres públicos, usando como instrumento a seleção brasileira.

- - -

Na manhã de 13 de agosto de 2011, um sábado, 12 policiais civis de Brasília cumpriram mandado de busca e apreensão no apartamento de Vanessa, no Leblon. O endereço era a nova sede da Ailanto. Com as novas denúncias fervilhando, a polícia obtivera ordem judicial para buscar documentos e computadores. A operação foi produtiva. Foram encontrados relatórios e milhares de *e-mails* que detalhavam como Teixeira e Rosell agiam e movimentavam dinheiro dentro e fora do Brasil.

Os policiais também acharam cheques nominais de Vanessa, no valor total de R\$ 600 mil, usados para quitar o contrato de arrendamento da fazenda do cartola, meses após o amistoso. Descobriram ainda um documento que indicava que o grupo havia remetido dinheiro ao exterior usando outra velha conhecida dos leitores, a corretora Alpes, empresa envolvida nas transações enroladas da Brasil 100% Marketing.

Por fim, uma fonte ligada à investigação disse em *off* (sem se identificar, no jargão jornalístico) que havia sido encontrado um enigmático papel no apartamento de Vanessa. Um bilhete escrito por alguém envolvido no esquema. Essa pessoa soube, por meio das reportagens da Record, que os negócios tinham rendido muito mais do que lhe haviam informado. Queria um acerto de contas, para receber a diferença. O bilhete era uma ameaça para que Vanessa transmitisse aos chefes que o silêncio teria preço. A polícia nunca descobriu o autor da chantagem. Pelo visto, um acordo providencial foi feito para silenciar o autor da cartinha. Vanessa nunca traiu a confiança do chefe.

- - -

As descobertas na sede da Ailanto deram novo fôlego à investigação. No fim de

2011, porém, uma tragédia abalou os agentes envolvidos no inquérito. O promotor Albertino Netto, a mulher Roberta e o filho Bruno, de 14 anos, morreram carbonizados em um acidente de carro na BR-040, próximo a Luziânia, no interior de Goiás.

Colegas prosseguiram o inquérito, que se transformou em processo na 1ª Vara da Fazenda Pública do DF. É uma Ação Civil Pública de improbidade administrativa. Os réus são José Roberto Arruda, o então secretário de Esportes Aguinaldo de Oliveira e a Ailanto Marketing. Na edição de 19 de agosto de 2013 do Diário Oficial da Justiça, pela primeira vez aparece o nome de Sandro Rosell como parte da ação.

Em fevereiro de 2014, Arruda foi condenado à perda dos direitos políticos, pagamento de multa e proibição de firmar contratos com o poder público por improbidade administrativa. O ex-secretário de esportes Aguinaldo de Oliveira também foi condenado. Os dois ainda podem recorrer. E a Ailanto? A empresa de Sandro Rosell foi absolvida: a Justiça brasileira entendeu que a culpa era só da administração pública!

Porém, os problemas da empresa de Rosell ainda não acabaram. Em 2013, foi aberto outro processo, na 8ª Vara Criminal do DF, para apurar crimes de falsidade ideológica e dispensa ilegal de licitação. Rosell e o ex-governador Arruda são os réus. É um desdobramento das investigações do amistoso na esfera criminal e decorre dos documentos apresentados pela Ailanto para justificar o recebimento de dinheiro público para promover o jogo. O processo tramita em segredo de justiça.

O envolvimento de Sandro Rosell com os amistosos da seleção brasileira ganhou um capítulo especial em 2013. Em 15 de agosto, Jamil Chade, repórter de *O Estado de S. Paulo*, revelou outra bomba: parte do dinheiro dos amistosos da seleção foi parar em uma empresa do cartola espanhol nos Estados Unidos.

Lembram-se da ISE, aquela companhia das ilhas Cayman que comprou os direitos para organizar amistosos da seleção brasileira? A ISE fechou contrato envolvendo 24 amistosos com a empresa Uptrend Development LLC, sediada em Nova Jersey.

Do dinheiro recebido por jogo, parte era repassada para a CBF e parte não contabilizada ia diretamente para a conta da Uptrend. A reportagem fala em US\$ 10,9 milhões pagos à Uptrend, o que representa cerca de US\$ 450 mil por partida. As transações ocorreram entre 2006 e 2012. Quem controla a Uptrend? Ele

mesmo, Sandro Rosell, o amigo de Teixeira.

No Certificate of Amendment, espécie de contrato social, consta que o espanhol é o dono da companhia, aberta em 24 de março de 2006 com capital social de US\$ 1.000. A empresa ficava na 811 Church Road, #105, Cherry Hill, Estado de Nova Jersey. No documento, figura como gerente da Uptrend a Fundacion Regata, com sede na Cidade do Panamá, outro famoso paraíso fiscal e sede de empresas *offshore* de quem tem muito a esconder.

A sede da Uptrend é no Tarragon Office Center. Na verdade, centenas de empresas ocupam o mesmo endereço. É um serviço de escritório virtual que fornece apenas um endereço e uma secretária para empresas de papel. Ou seja, a empresa norte-americana de Rosell não existe fisicamente. Como costuma fazer, inicialmente o cartola manteve silêncio sobre a denúncia. Depois, negou irregularidades e disse que o dinheiro recebido era referente a honorários por serviços realmente prestados. A Uptrend encerrou as atividades no dia 16 de abril de 2013.

É sempre assim, notaram? As empresas abrem e fecham. Parecem descartáveis. Quem está acostumado a investigar lavagem de dinheiro sabe que essa é uma forma clássica de dificultar eventuais investigações das autoridades.

Antes de deixar a presidência da CBF, em 2011, Teixeira garantiu negócios de longo prazo com a seleção brasileira. Renovou contrato com a ISE, a empresa árabe, até 2022. Com isso, blindou o esquema montado por Rosell.

Um detalhe da denúncia chamou a atenção. Parte do dinheiro pago pelos amistosos da seleção era encaminhada a uma conta do Andbank, banco do principado de Andorra, mais um paraíso fiscal europeu. Como você verá no próximo capítulo, Ricardo Teixeira movimentou dinheiro lá por meio de um procurador, segundo documentou a promotoria da Suíça.

Mas, antes, as consequências para Sandro Rosell. Por conta de mais essa denúncia, o catalão começou a desidratar seus negócios no Brasil. A Ailanto passou pelo mesmo processo de esvaziamento da Brasil 100% Marketing.

Em 18 de julho de 2013, a empresa comunicou à Junta Comercial do Rio de Janeiro redução drástica de seu capital social, de R\$ 12,8 milhões para R\$ 120 mil. Uma queda de 99%. A justificativa foi de que o capital era excessivo em relação ao objeto da empresa. O endereço também mudou, para um prédio na avenida Luís Carlos Prestes, na Barra da Tijuca. É o mesmo de uma empresa de eventos que, entre outros serviços, oferece belas e animadas recepcionistas. Vanessa Almeida

Precht continuou com R\$ 1 de participação na empresa.

- - -

Os negócios de Rosell no Brasil só se tornaram conhecidos recentemente, mas ele já era empresário na Espanha antes de assumir o Barcelona. Depois do sucesso na Copa de 2002, quando a Nike obteve seu primeiro título mundial no futebol graças à ajuda de Rosell, o cartola voltou às origens e dedicou-se a ampliar os próprios negócios.

Enquanto turbinava a atuação da BSM, aproveitou para abrir espaço na vida do Barcelona. Com o prestígio de quem havia fechado a parceria da Nike com o time da Catalunha, tornou-se vice-presidente do clube de 2003 a 2005. Em 2010, candidatou-se à presidência. Foi eleito com mais de 60% dos votos. A imagem de executivo bem-sucedido ajudou a derrotar Joan Laporta, antigo aliado e novo inimigo político.

Uma das polêmicas que antecederam a eleição foi justamente o envolvimento da BSM com o futebol do mundo árabe. A empresa possuía um projeto, o Aspire Football Dreams, que ajudava crianças em países pobres concedendo bolsas de estudo e treinamento na academia de futebol do Qatar. Na mesma época, com apoio de Teixeira, de forma polêmica, o Qatar foi escolhido sede da Copa do Mundo de 2022. Críticos dizem que foi uma aventura escolher o emirado árabe para sediar a Copa, por causa das temperaturas no verão. Cogita-se mudar o calendário do futebol para acomodar os dirigentes árabes e fazer o Mundial, pela primeira vez, no fim de ano. O certo é que, aparentemente, Teixeira e Rosell descobriram minas de ouro nas areias quentes do deserto.

Quase um ano após assumir a presidência do Barcelona, Rosell vendeu a BSM. Nos registros oficiais da Espanha, a empresa passou a ser propriedade da Sports Investments Offshore, sediada no Líbano. Em 6 de junho de 2011, os registros mostram que a empresa passou a ser administrada por Shane Ohannessian. Antes de passar a companhia adiante, o Barcelona fechou contrato milionário com a Qatar Foundation. Por €30 milhões, a fundação passou a estampar seu nome na camisa do clube catalão. O contrato, que vale até 2016, foi o maior já fechado por um clube de futebol.

- - -

A amizade entre Rosell e Teixeira nunca foi abalada pelas turbulências que ambos atravessaram. Onze anos depois do trauma da CPI, quando foi forçado por revelações oficiais a se afastar da Fifa e da CBF, Teixeira saiu de cena e se refugiou nos Estados Unidos. No autoexílio que se impôs, contou com a ajuda do amigo espanhol. Em novembro de 2012, meses depois de deixar o Brasil, Teixeira foi fotografado ao lado de Rosell na Espanha.

Tranquilos, os dois amigos foram flagrados por uma torcedora do Barcelona, que publicou a imagem na rede social Twitter. A dupla passeava pela Rambla, o famoso calçadão comercial de Barcelona.

O apoio explícito do catalão ao brasileiro foi acompanhado de apoio financeiro. Nos meses seguintes à saída de Teixeira da CBF, várias transações reveladas pela imprensa demonstraram a sólida amizade entre os dois. Rosell é padrinho do segundo casamento de Teixeira – desfeito em 2014 – e também padrinho da filha caçula do brasileiro.

Um dos negócios mais recentes dos dois foi a compra de duas salas comerciais no elegante *Shopping Leblon*, no Rio de Janeiro. Em 2009, uma sociedade entre a W Trade Brasil Importação e Exportação (empresa de Ana Carolina Wigand Teixeira, a segunda mulher de Ricardo), Sandro Rosell, a Brasil 100% Marketing e André Laport Ribeiro (um executivo do mercado financeiro) pagou R\$ 7,9 milhões pelas salas. Ana Teixeira ficou com 24% de cada imóvel.

Seis meses antes de Teixeira deixar o Brasil, em 2011, a Ailanto comprou a parte de Ana nas duas salas, por R\$ 2,8 milhões. Quando houve o negócio, a W Trade tinha capital social de apenas R\$ 50 mil. Em 7 de dezembro de 2009, menos de um ano após a aquisição, Ana Teixeira e Leonardo Diógenes Wigand Rodrigues, irmão e sócio-minoritário na empresa, aumentaram o capital social para R\$ 413.560. Ou seja, um acréscimo de 727%!

A relação comercial da mulher de Teixeira, Ana, com o catalão começou em 2007. Em 8 de fevereiro daquele ano, foi aberta a empresa Habitat Brasil Empreendimentos Imobiliários. Os sócios que constam na Junta Comercial do Rio são alguns velhos conhecidos: Claudio Honigman, Sandro Rosell e a W Trade. O capital social da empresa é de R\$ 9 mil. Honigman é sócio majoritário, com 50% das cotas. As demais estão divididas em partes iguais entre o espanhol Rosell e a W Trade. No mesmo mês, a empresa foi transformada em sociedade anônima. A principal atividade da companhia é incorporação de empreendimentos imobiliários. A firma possui o mesmo endereço da Brasil 100% Marketing – a

empresa de Honigman e Rosell que nunca foi formalmente desfeita.

Em 2011, quando fomos até esse endereço, ninguém conhecia as empresas ou os sócios. A sociedade na Habitat é outra evidência do vínculo comercial direto entre Teixeira, Rosell e Honigman. A firma continua ativa nos órgãos oficiais e com os mesmos sócios.

Após comprar a parte de Ana Wigand nas salas do *shopping*, Rosell generosamente depositou R\$ 3,8 milhões na conta da filha de Teixeira com Ana. Milionária aos 11 anos de idade, graças ao polpudo depósito de Rosell em sua conta bancária, numa agência da Barra da Tijuca, no Rio. Em resumo, em apenas um mês o espanhol mão-aberta repassou quase R\$ 10 milhões aos familiares de Teixeira.

O apoio não ficou só nos negócios da família. Em outubro de 2013, o jornal *O Estado de S. Paulo* revelou que foi paga por um sócio de Rosell a multa de US\$ 2,5 milhões imposta pela Justiça suíça a Teixeira, acusado de embolsar propinas da ISL, como você verá no próximo capítulo.

O valor foi quitado pela Bon Us. O dono da companhia, que não aparece nos registros, é sócio da empresa Co-Invest SP ZOO, da Polônia. Um dos sócios dessa segunda empresa é Joan Besoli, sócio de Rosell em outra firma, a Comptages SL, sediada no paraíso fiscal de Andorra. Besoli é conselheiro de finanças de Sant Julià de Lòria, uma localidade de Andorra. Coincidentemente, Teixeira comprou um imóvel lá. Além disso, Rosell escalou dois parceiros para ajudar Teixeira a obter a cidadania de Andorra, país que não tem tratado de extradição com o Brasil.

Os trâmites foram providenciados por Besoli, o parceiro que pagou a multa da Justiça suíça, e Ramon Cierco, diretor do Barcelona e também executivo de um banco de Andorra. Tudo foi feito com discrição, em setembro de 2012. Teixeira fez um depósito de US\$ 4,9 milhões no banco de Cierco e já tinha dois imóveis no refúgio fiscal. Precisava permanecer 150 dias por ano no país e investir € 400 mil. Andorra concedeu visto de permanência por um ano. O processo andava normalmente até que a notícia foi revelada pela Rádio Catalunya, em agosto de 2013. Rosell foi entrevistado e disse que de fato ajudava o amigo. O espanhol afirmou que Teixeira era perseguido pela imprensa brasileira, que o acusava de corrupção. A repercussão mundial da revelação provocou mal-estar em autoridades de Andorra. Em 21 de outubro de 2013, um diário de Andorra noticiou a decisão do governode rejeitar a renovação do visto de Teixeira. O argumento oficial é de

que ele morava em Miami, nos Estados Unidos. O jornal revelou também que a Justiça suíça enviara cópias do processo que envolveu o dirigente naquele país.

Se Teixeira e Rosell não foram muito incomodados pela Justiça do Brasil, o mesmo não aconteceu na Europa. Na Suíça, o queijo de Teixeira azedou.

CANIVETE SUÍÇO

“Eu já fui torcedor e deixei de sê-lo por causa da CPI. E não torço pra mais ninguém hoje.”

Dr. Rosinha, deputado federal

“Olha para mim e me fala se eu diria uma bobagem dessas. Que eu ia dizer que o Lula era nada. E pedir suborno em tribuna, na frente de todo mundo. Faz favor, né?”

Ricardo Teixeira

Dentro do campo, como vimos até agora, Teixeira era um beque de várzea que mandava a bola para fora do estádio por cima da arquibancada. Nos bastidores, no entanto, era um centroavante oportunista, que ficava na banheira esperando para tirar uma casqui-nha dos negócios da CBF.

Jogando em casa, ele se garantiu: montou uma ampla rede de relacionamentos envolvendo as principais instâncias de poder no País. Políticos, governantes, juízes, promotores e policiais orbitavam em torno do cartola atraídos pelos mimos que ele oferecia usando o fute-bol e a seleção brasileira como arma política. Os agrados garantiram a blindagem do cartola no Brasil por mais de duas décadas.

O problema se deu quando ele foi jogar fora de casa. Mais especificamente, numa terra de pernas de pau como ele. A Smça pode nao ter o melhor futebol do mundo, mas como “mãe” de todos os paraísos fiscais tem gente treinada para farejar malandragens justamente no terreno onde Teixeira era craque: os acertos obscuros de bastidores.

Ele caiu em 2012 na Suíça por causa de uma empresa da qual os brasileiros tinham ouvido falar pela primeira vez dez anos antes!

A Sanud, anagrama de Dunas.

Por isso é essencial que façamos outra viagem no túnel do tempo, até a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, requerida em 1999, mas instalada apenas em 17 de outubro de 2000. “Os maiores partidos recusaram-

se a assumir a presidência”, narra o livro *CBF Nike* dos relatores Aldo Rebelo (PCdoB-SP) e Silvio Torres (PSDB-SP), que foi proibido pela Justiça.

Em meio ao grande esquema de proteção, levar Teixeira a depor foi considerada a grande vitória da CPI da CBF/Nike. “Depois de nove horas sendo questionado, ficou evidente a responsabilidade de Teixeira na má administração da CBF, no uso indevido de seus recursos, nas doações ilegais para políticos em campanha eleitoral, na cooptação e corrupção de dirigentes de federações, na desorganização do futebol brasileiro. E vieram a público preciosos indícios do nebuloso enriquecimento do presidente da CBF e de seus amigos e sócios, da evasão de divisas, da lavagem de dinheiro, da sonegação fiscal”, descreve o livro. A CPI descobriu só uma pequena parte das ações dele no exterior. Ainda assim, conseguiu puxar a ponta de várias atividades nebulosas do cartola.

O incrível é que Teixeira tenha resistido praticamente incólume a essa lista de acusações por mais de dez anos!

Sobre a Nike, ficou claro na CPI que a empresa não se comprometeu a investir US\$ 369 milhões no futebol brasileiro, ao longo de catorze anos, graças apenas à cor dos olhos de Teixeira.

Na CPI, o contrato foi denunciado por permitir à empresa que sugerisse à CBF escalar seus principais jogadores – o que em tese seria impeditivo da renovação de talentos –, além de garantir a escolha de adversários e locais de jogos para um grande número de amistosos. O relatório final recomendou ao Ministério Público a abertura de uma ação civil pública “em razão de o contrato atingir interesses difusos integrados ao esporte como patrimônio nacional e cultural do País; e por infringir o Código de Defesa do Consumidor, na medida em que prejudica interesses e direitos do torcedor brasileiro”. Na visão do relator Silvio Torres (PSDB-SP), a CBF representou mal os interesses da seleção brasileira, ao aceitar “de olhos fechados termos, condições e imposições” da Nike.

Teixeira não assistiu a tudo sem reagir. Deputados integrantes da CPI foram subitamente substituídos por seus partidos. A “bancada da bola”, comandada pelo ex-presidente do Vasco Eurico Miranda, somou os votos necessários para barrar o relatório final. Produziu uma versão própria que serviria de “atestado de lisura” a Teixeira. Os deputados Silvio Torres e Aldo Rebelo, que comandaram as investigações com o apoio de um reduzido grupo de colegas, decidiram encerrar a CPI sem votar o relatório final que comprometia Teixeira. Restou a ambos levar os documentos ao procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, também

conhecido como “engavetador-geral”, ao Ministério Público Federal do Rio de Janeiro, à Receita Federal, à Polícia Federal, ao Ministério do Esporte e à CPI do Futebol no Senado.

Do ponto de vista jurídico, Teixeira escapou praticamente ileso. Para sufocar a repercussão da CPI, obteve autorização judicial para impedir a circulação do livro-resumo dos trabalhos da comissão. Alegou que as 250 páginas da publicação revelavam dados obtidos a partir de quebra de sigilo bancário e fiscal. Proibida pela Justiça, a obra saiu de circulação. Virou raridade em sebos, onde é vendida por até R\$ 500.

Em entrevista aos autores, o deputado Dr. Rosinha (PT-PR), um dos subrelatores da CPI, descreveu: “Não concluímos o relatório final porque o Ricardo Teixeira conseguiu, até onde nós sabemos, comprar o apoio dos presidentes das federações – ou por meio de cargos ou por meio de fornecimento de recursos financeiros para as federações. Com esse apoio, ele conseguiu que nada ocorresse no campo da política da CBF”.

Perguntado sobre se Ricardo Teixeira teria mentido nos depoimentos, Dr. Rosinha disse acreditar que o dirigente se intimidou com suas perguntas sobre o BMW acidentado em Miami, como vimos no capítulo 1. “Em seguida, perguntei se ele tinha uma casa em Miami. Ele disse: ‘Não tenho uma, tenho duas’. No registro não havia nenhum imóvel registrado na Receita Federal! Ao dar esse choque logo no início, acho que ele acabou mentindo pouco, porque não tinha muito como mentir. Tínhamos os dados da quebra dos sigilos bancários dele, da CBF e do sigilo fiscal. Queríamos colocá-lo em contradição. E ele se contradisse várias vezes.”

Como o relatório final da CPI não foi aprovado, os deputados fizeram uma representação junto ao Ministério Público, mas a investigação foi barrada por ação impetrada por Teixeira. Isso, além da proibição do livro *CBF Nike*. Rosinha ficou impressionado com a “grande capacidade de mobilização de Teixeira no mandato na CBF”. Segundo o deputado, a CBF financiava campanhas de parlamentares estaduais e federais – a famigerada “bancada da bola” – legalmente e via caixa dois.

Dr. Rosinha confirmou passagens do livro que mencionam o enriquecimento pessoal do dirigente em contraste com a má situação dos negócios no futebol. “É verdade e ainda continua. Ele foi viver fora do País, está vivendo muito bem, e o futebol brasileiro continua mal.” Depois de afirmar que não há mais nenhum grande time no futebol nacional, e que os clubes se tornaram empresas, o

parlamentar concluiu: “Se eu pudesse dar algum conselho para o povo, diria para deixar de botar paixão e dinheiro [no futebol] porque são todos empresários. Eu já fui torcedor do Santos e deixei de sê-lo por causa da CPI. E não torço para mais ninguém hoje. Aliás, para me fazer torcer até pra seleção brasileira é difícil”.

A CPI forneceu as primeiras peças de um quebra-cabeças cuja imagem só ficaria clara mais de uma década depois.

Fez registros de vários negócios obscuros de Teixeira envolvendo a CBF e a seleção. Associou o dirigente a empresas sediadas em refúgios fiscais, “paraísos” para sonegadores. A Ameritech Holding Ltd., baseada nas ilhas Virgens Britânicas, vendeu a Teixeira sua primeira mansão em Búzios, no litoral do Rio de Janeiro. No depoimento à CPI, em 10 de abril de 2001, o cartola negou ser o proprietário da empresa, apesar de ter feito dois pagamentos em nome dela, através de débitos em conta-corrente.

Os dados mais volumosos referiram-se à Sanud, que apareceria assim no relatório final: “Embora insistindo que não é dono de empresa alguma no exterior, o presidente da CBF admitiu em seu depoimento que a empresa Sanud tem sociedade com uma empresa de sua propriedade, a RLJ Participações. A Sanud, como a Globul, também tem sede no principado de Liechtenstein, na Europa. A empresa aparece como proprietária de 40% do capital da RLJ Participações. A sede da Sanud no Rio de Janeiro está instalada no escritório de João Havelange. E a casa onde Ricardo Teixeira mora, no Rio de Janeiro, está em nome da Sanud”.

A partir daí, o nome Sanud perseguiria Teixeira nos bastidores do futebol feito uma maldição. Adiante, você verá como tudo aconteceu.

- - -

A blindagem de Teixeira atingiu sua data de validade em 2010, fruto de uma denúncia que nasceu do outro lado do Atlântico, no Velho Continente.

Em maio daquele ano, a rede de televisão britânica BBC revelou que Ricardo Teixeira e seu ex-sogro, João Havelange, teriam recebido propina de US\$ 9,5 milhões, principalmente por meio da *offshore* Sanud Etablissement, situada no principado de Liechtenstein. A propina seria em troca de contratos assinados com empresas de comunicação sob a intermediação da ISL, que intermediava os contratos de *marketing* e transmissão para a Fifa.

Relembrando: a ISL foi criada por Horst Dassler, o dono da Adidas, que entendeu que poderia fazer uma montanha de dinheiro montando pacotes de

patrocínio para eventos como a Copa do Mundo e vendendo os direitos de transmissão. Para convencer dirigentes esportivos relutantes em fazer negócios com ele, Dassler colocou em campo o homem da mala, Jean-Marie Weber, encarregado de lubrificar os acertos de bastidores.

A investigação que detonou o cartola da CBF foi aberta pelo promotor da Suíça Thomas Hildebrand. Meticuloso, focado e aparentemente imune às pressões, ele fez o que a Justiça brasileira não conseguiu: comprovar que João Havelange e Ricardo Teixeira embolsaram propina quando eram dirigentes da Fifa. O sogro, como presidente, e o genro, como integrante do Comitê Executivo e comandante da poderosa CBF. Mais que isso, o promotor Hildebrand desfez o mistério em torno da Sanud, a empresa que, segundo depoimento de Ricardo Teixeira à CPI da CBF/Nike, na Câmara dos Deputados, em 10 de abril de 2001, era apenas, frisamos, *apenas* sócia dele.

Curiosamente, no dia daquele depoimento, Teixeira aparentemente não sabia direito em que país ficava a sede da Sanud. Um esquecimento compatível com a ideia de que essas empresas existem apenas no papel, não possuem imóveis, nem funcionários, são artifícios contábeis de escritórios de advogados. Quando o deputado Dr. Rosinha perguntou onde ficava a sede da Sanud, o cartola respondeu: “Na Suíça”. Depois, foi corrigido e concordou: “Liechtenstein”. O diálogo que segue, sobre a Sanud, levaria mais de dez anos para ser desmentido pelo promotor Hildebrand:

– O Sr. disse agora há pouco que não tinha nenhuma empresa no exterior afirmou o deputado.

– Sim, mas ela [Sanud] não é minha. Ela é simplesmente acionista de uma empresa que eu tenho – respondeu o cartola.

- - -

Quem espalhou o nome da Sanud pelo mundo foi o repórter britânico Andrew Jennings, através do programa *Panorama*, da BBC, que em 2010 tratou do que eram então apenas suspeitas de corrupção na Fifa. Jennings fez uma pergunta a distância, a Ricardo Teixeira, durante uma visita do cartola à Europa. Com seu característico sotaque escocês, disparou: “Mr. Teixeira, did you take your bribes through the Sanud company?” (“Sr. Teixeira, o senhor recebeu propinas através da empresa Sanud?”). Em seguida, como não ouviu resposta, gritou – enquanto o brasileiro entrava num automóvel: “Mr. Texeiiiiiiiiiiiiiiiiira!”.

O programa foi ao ar dias antes de o Reino Unido perder a disputa com a Rússia pelo direito de sediar a Copa de 2018. Meses depois, Teixeira seria incluído numa lista apresentada pelo ex-presidente da Associação de Futebol da Inglaterra (FA), David Triesman, no Parlamento britânico. Ele denunciou que seis cartolas ligados à Fifa pediram propina para apoiar a proposta britânica de sediar a Copa.

Além de Teixeira, constavam da relação pesos-pesados do Comitê Executivo da entidade: Jack Warner (então presidente da Concacaf, que dirige o futebol do Caribe e da América Central e do Norte), Nicoláz Leoz (então presidente da Conmebol, a Confederação Sul-Americana) e Worawi Makudi (presidente da federação tailandesa). Warner, personagem constante em escândalos da Fifa, pediu £ 2,5 milhões para construir um centro educativo em sua cidade natal, Trinidad, e mais £ 500 mil para comprar os direitos de transmissão do Mundial para o Haiti. Segundo o ex-presidente da Associação de Futebol Inglesa David Triesman, Makudi teria solicitado o dinheiro dos direitos de transmissão de um amistoso entre Inglaterra e Tailândia, em troca do apoio à candidatura inglesa para a Copa do Mundo de 2018. Teixeira, durante um amistoso do Brasil com a Inglaterra, teria dito a Triesman: “O [presidente] Lula não é nada. Venha e me diga o que você tem para mim”. Era uma forma velada de dizer que queria algo em troca do apoio à candidatura inglesa. O pedido mais inusitado, porém, partiu de Leoz, que requisitou ao ex-presidente da FA o título honorário de Sir.

Em entrevista à revista *Piauí*, Teixeira classificou as denúncias de “armação” do governo britânico e da emissora em que trabalha Jennings, considerado pelo cartola “um fanfarrão” que vive de palestras. “Esses ingleses estão putos porque perderam. Eles não se conformam. (...) Raciocina: a BBC é estatal, é do governo. Entende? É interesse do governo inglês anular a escolha da Rússia e tirar o Brasil do páreo, porque eles acham que podem nos substituir na última hora. É tudo orquestrado. Percebe?” Sobre o comentário a respeito do presidente Lula, interessado em ganhar em 2007 – em pleno segundo mandato – a sede da Copa de 2014, o cartola declarou: “Olha para mim e me fala se eu diria uma bobagem dessas. Que eu ia dizer que o Lula era nada. E pedir suborno em tribuna, na frente de todo mundo. Faz favor, né? (...) Esse Triesman está tendo que explicar na Justiça como gastou US\$ 50 milhões, sendo 15 do governo, na candidatura da Inglaterra. É uma quantia absurda, não se explica. Nós gastamos R\$ 3 milhões e levamos 2014. Eles não engolem isso, percebe?”.

A derrota do Reino Unido veio junto com a surpreendente escolha do Qatar

para ser a sede da Copa de 2022, uma demonstração da crescente influência árabe nos bastidores do futebol que passa por Teixeira e Sandro Rosell.

Em 2014, um novo escândalo estourou, agora envolvendo a controversa escolha de Qatar. De acordo com o diário britânico *Telegraph*, o FBI levantou que, dias depois da escolha, Jack Warner, então dirigente da Concacaf, recebeu U\$ 1,2 milhão, através dos filhos e de um empregado, de uma empresa ligada a Mohamed Bin Hammam, então representante do Qatar no comitê executivo da Fifa.

O caso passou a ser investigado quando um banco das ilhas Cayman se negou a fazer uma transferência de dinheiro, o que foi aceito por um banco de Nova York. A quantia transferida despertou a atenção do FBI. Um dos filhos de Warner, que mora em Miami, teria feito acordo para colaborar com as autoridades. Indício de que há ainda muita sujeira para tirar de sob o tapete do futebol.

Ao classificar a denúncia da BBC como armação, na entrevista à revista *Piauí*, Teixeira jogou para a plateia. Ele sabia o que estava acontecendo na Suíça. Sabia que o país não era mais o refúgio seguro para o dinheiro sujo de todo o planeta que fora no passado. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001 contra as Torres Gêmeas, em Nova York, os Estados Unidos passaram a defender – com o argumento do combate ao terrorismo – o fim do sigilo absoluto em transações financeiras. A pressão cresceu ainda mais depois da crise econômica mundial de 2008: governos que buscam arrecadar mais impostos já não aceitam com a mesma leniência o trânsito livre de dinheiro que favorece a sonegação.

Não se enganem: o sigilo ainda protege os ricos e poderosos, em especial as grandes corporações. A Enron, companhia de energia do Texas que faliu espetacularmente no início dos anos 2000, tinha 881 subsidiárias em paraísos fiscais, 692 delas nas ilhas Cayman. O Citigroup, controlador do Citibank, 427; a News Corporation, do magnata da mídia Rupert Murdoch, 152.

Porém, em casos específicos, autoridades locais acabam cedendo para não correr o risco de jogar o bebê fora junto com a água. Foi o que o promotor Thomas Hildebrand, da Suíça, conseguiu em relação a Teixeira: informações valiosas dadas por autoridades de dois refúgios fiscais tidos antes como invioláveis, Andorra e Liechtenstein.

Segundo Nicholas Shaxson, autor do livro *Ilhas do Tesouro: os paraísos fiscais e os homens que roubaram o mundo*, existem hoje cerca de 60 jurisdições secretas no planeta. Ele as divide em quatro grupos: as europeias, como Suíça, Andorra e Liechtenstein; as que se agrupam em torno do centro financeiro da City, em

Londres, como Jersey, Guernsey e ilha de Man; as que gravitam em torno da economia dos Estados Unidos, como as ilhas do Caribe; e as sortidas, como o Uruguai. Só há uma justificativa para tantos refúgios monetários: existe clientela.

Das 100 maiores corporações dos Estados Unidos, 83 atuavam em paraísos fiscais, de acordo com relatório do governo norte-americano divulgado em 2008. Objetivo: reduzir ou escapar da tributação. No livro, ácido, Shaxson desafia o senso comum e diz que a frase “fuga de capitais” é uma forma de culpar a vítima: na verdade, existe um sistema bancário altamente eficiente para tirar dinheiro da África, por exemplo, e desviá-lo para a Europa e os Estados Unidos. Um sistema manejado por um exército de “banqueiros, advogados e contadores respeitáveis”, ironiza o autor. Longe de representarem o lado transparente do sistema, afirma Shaxson, Nova York e Londres funcionam como centro de reciclagem do capital fugitivo e acabam lucrando com o dinheiro sugado pelos paraísos fiscais.

Em 2010, o FMI (Fundo Monetário Internacional) estimou que um terço do PIB do mundo, ou U\$ 18 trilhões, circulava nos centros financeiros destinados a esconder dinheiro. Esses territórios, pequenos em extensão geográfica, são literalmente chupins da economia global. Oferecem sigilo em troca de “migalhas” da riqueza, em forma de taxas e investimentos.

Tomemos o exemplo de Andorra, principado nas montanhas entre Espanha e França, com área de menos de 500 quilômetros quadrados. Ricardo Teixeira, com a ajuda indireta do amigo Sandro Rosell, chegou a se candidatar à cidadania local. Para isso, comprou dois imóveis. Ou seja, ajudou a movimentar a economia do país, que tem apenas 70 mil habitantes. O pedido de cidadania de Teixeira acabou não prosperando. Mas o que ele teria de volta para justificar seu investimento? Sigilo nas transações financeiras e, eventualmente, garantia de não ser extraditado por autoridades brasileiras, uma possibilidade altamente improvável.

Outro principado, o de Liechtenstein, entre Áustria e Suíça, tem cerca de 35 mil habitantes em 160 quilômetros quadrados. A renda per capita, de US\$ 34 mil, está entre as mais altas do mundo. Isso só se explica pelos serviços prestados a quem quer fugir de impostos em outros países, já que o principado não tem indústria, comércio ou agricultura notáveis. Foi num escritório de Vaduz, a capital de Liechtenstein, que a Sanud, a empresa com a qual Ricardo Teixeira disse ter apenas sociedade, surgiu, em 7 de novembro de 1990.

Ao ser criada, a Sanud era representada pelo advogado Alex Wiederkehr. É comum que isso aconteça: empresas de papel, protegidas pelo sigilo e manobradas

por escritórios de advogados, servem de fachada para que os verdadeiros donos fujam dos impostos. Em 29 de julho de 1992, Wiederkehr passou uma procuração para que o brasileiro Alberto Ferreira da Costa assinasse pela Sanud no Brasil. Alberto era aquele mesmo advogado que, seis meses antes, entrara no rol de testemunhas da formação da RLJ, no Rio de Janeiro. Como já mostramos, a RLJ – iniciais de Ricardo, Lúcia e João Havelange – era uma das mais importantes empresas de Teixeira. Estava estabelecido, assim, um canal para trazer legalmente investimento de fora. Sob proteção das rigorosas leis de sigilo de Liechtenstein, não era preciso identificar a origem do dinheiro.

Ao investigarmos o caso no Brasil também acreditávamos que a Sanud Etablissement usaria o método rotineiro dos doleiros brasileiros: camuflar-se como investidor estrangeiro para se tornar sócia de uma empresa brasileira, no caso a RLJ.

Os donos de uma empresa *offshore* são sempre anônimos. As autoridades só conhecem os seus administradores ou procuradores. Então, os verdadeiros sócios têm “cotas” na empresa, as quais são portáteis, ou seja, eles podem vender as suas participações a quem quiserem. No submundo da lavagem de dinheiro, as *offshores* (que só fazem operações intercontinentais) funcionam apenas como empresas-ônibus. São conhecidas assim porque somente exercem a função de levar e trazer dinheiro escondido no exterior.

Suspeitávamos que, disfarçada de investidor estrangeiro, a Sanud Etablissement seria usada por Teixeira para adquirir cotas de alguma de suas empresas no País. Como tudo não passa de um jogo de encenação, não acharíamos nada estranho se Ricardo Teixeira aparecesse nas duas pontas da transação: como procurador da Sanud Etablissement, no paraíso fiscal, e na condição de proprietário da RLJ, que passa a receber recursos do novo sócio do exterior.

Bastou uma pesquisa na Junta Comercial e nos cartórios de Títulos e Documentos para que nossas suspeitas se confirmassem. Mas, para pincelar a internação de dinheiro com mais capricho e certo verniz de legalidade, o ex-presidente da CBF se valeu de outra máscara: em vez dele mesmo, nomeou o irmão Guilherme Teixeira como procurador da Sanud Etablissement. Ele “herdou” a procuração que havia sido dada inicialmente ao advogado Alberto Ferreira da Costa para representar a Sanud no Brasil.

Ou seja, o eventual “investidor” europeu, se de fato realmente existiu, abriu mão de controlar seu próprio dinheiro e deixou tudo nas mãos de Ricardo e

Guilherme. Que bonzinho!

A oficialização do negócio conferiu à Sanud o direito de realizar operações de câmbio e injetar dinheiro na empresa de Ricardo Teixeira no Brasil. Toda a bolada, justificada como aumento de capital da RLJ e integralizada (colocada à vista) pela Sanud Etablissement, foi investida em negócios do presidente da CBF.

Para se associar à RLJ, a empresa de Ricardo Teixeira e Lúcia Havelange, a Sanud trouxe ao Brasil inicialmente Cr\$ 3,5 milhões (US\$ 394.486,20 em valores da época). Teixeira e Lúcia aumentaram sua participação na sociedade: juntos passaram a ter Cr\$ 3,503 milhões (US\$ 394.824,34, na ocasião).

João Havelange não participou diretamente do negócio, embora a inicial dele estivesse no nome da empresa. No dia em que RLJ e Sanud se juntaram, quem assinou como testemunha foi Ricardinho: primogênito de Ricardo e Lúcia e xodó de Havelange.

A parceria RLJ-Sanud plugou formalmente os negócios da família a um duto europeu. No Brasil, a relação empresarial entre Ricardo, Lúcia e João se expressou até na escolha de endereços: a sede da RLJ foi transferida para a avenida Rio Branco, 151, no centro do Rio, vizinha ao escritório de João Havelange na cidade.

- - -

O caminho que levou o promotor suíço Thomas Hildebrand a esbarrar na Sanud pode ser atribuído à lei das consequências imprevistas, que tem parentesco com a lei de Murphy, aquela que diz que tudo o que puder dar errado dará.

Em 29 de maio de 2001, quando Joseph Blatter já havia substituído João Havelange na presidência da Fifa, a entidade formalizou reclamação à Justiça do cantão de Zug, na Suíça. Alegava ter tomado um tombo de sua tradicional parceira, a ISL, na promoção da Copa do Mundo.

Como contamos anteriormente, foi o dono da Adidas e da ISL quem turbinou o poder de João Havelange no futebol mundial. Em troca, ficou com o filé-mignon dos contratos da Fifa, os de transmissão da Copa do Mundo, revendidos por quantias milionárias a emissoras de todo o mundo.

Porém, na segunda metade dos anos 80, esse arranjo caía pelas tabelas. Em 1987, Dassler morreu de câncer, aos 51 anos de idade. Havelange deixou a presidência da Fifa em 1998. Em 2001, depois de uma série de negócios desastrosos, a ISL faliu. Foi a segunda maior falência da história da Suíça.

A Fifa foi reclamar na Justiça. Disse que a ISL, antes de ir para o buraco, deixou

de repassar US\$ 49,5 milhões relativos a direitos de transmissão das Copas de 2002 e 2006, pagos pela TV Globo do Brasil. Mesmo que tenha contribuído com a fritura de Havelange, Teixeira e outros, Joseph Blatter nunca assumiu que deixava colegas feridos caídos na estrada. Sempre se colocou como defensor da “família do futebol”.

Quando, mais tarde, as propinas da ISL foram confirmadas, adotou o discurso de que à época os pagamentos não eram proibidos pela legislação suíça. O fato, porém, é que foi o recurso da Fifa à Justiça que fez a primeira pedra rolar.

Primeiro, gerou a investigação que levou ao julgamento de seis executivos da ISL, inclusive de Jean-Marie Weber, o “homem da mala” de Dassler, que distribuía mimos em nome da empresa. A Fifa atirou a primeira pedra, mas dirigentes dela tinham amplos telhados de vidro.

Ao investigar, o promotor Hildebrand descobriu que, num acerto feito à revelia da Justiça, a Fifa tinha tentado botar panos quentes e promovido um acordo de bastidores entre a massa falida da ISL e Ricardo Teixeira, pelo qual o cartola devolvera parte do que havia recebido de propina da empresa, totalizando 2,5 milhões de francos suíços, equivalentes a US\$ 1,3 milhão. Valor que, como dissemos anteriormente, suspeita-se que tenha sido pago por seu amigo catalão Sandro Rosell, então presidente do Barcelona.

O fato é que, em 8 de agosto de 2005, nasceu na Justiça do cantão de Zug, na Suíça, o processo que eventualmente levaria à desgraça pública de João Havelange e Ricardo Teixeira.

O rombo deixado pela implosão da ISL foi equivalente a mais de meio bilhão de reais. Era preciso arranjar dinheiro para não deixar os credores completamente na mão. Os liquidantes resolveram pedir de volta o dinheiro da propina que havia sido paga a dirigentes do futebol.

Com acesso a informações antes guardadas a sete chaves, os responsáveis pela massa falida documentaram algo que antes estava apenas no campo das especulações: a ISL e sua controladora, a ISMM, haviam pago quantias massivas a autoridades do futebol, a título de “comissão”, “remuneração”, “agenciamento ou pagamentos adicionais para aquisição” ou ainda “doações para indivíduos e executivos do mercado esportivo global”. Entre 1989 e 1998, foram exatos 122.587.308,93 francos suíços, o equivalente a US\$ 45.905.972,48.

Impressionante! Quase 46 milhões de dólares num único propinoduto, que desembocava diretamente no bolso da cartolagem! Não é surpresa que a empresa

tenha falido.

Mas não acabou aí. A partir de 1999, a tarefa de pagar propina em nome da ISL foi assumida indiretamente por outras duas empresas, a Sunbow e a Fundação Nunca, que distribuíram outros 36.130.220,50 francos suíços em propinas (algo em torno de US\$ 32 milhões).

A mudança no esquema de distribuir dinheiro aos cartolas aparentemente aconteceu quando a ISL considerava abrir o capital, ou seja, oferecer ações em bolsas de valores, razão pela qual teria de se submeter a regras incompatíveis com a existência de suborno declarado em contabilidade. O objetivo imediato da massa falida, ao acionar a Sunbow e a Fundação Nunca, era recuperar os 36 milhões de francos suíços.

A cronologia a seguir nos ajuda a entender melhor os bastidores fétidos do futebol.

Em 17 de dezembro de 1998, a Fundação Nunca foi estabelecida em Liechtenstein, o principado europeu que também era sede da Sanud, a empresa com a qual Ricardo Teixeira dizia ter “apenas” sociedade. Dirigentes do grupo ISL/ISMM figuravam como dirigentes da fundação. Já a Sunbow foi fundada no paraíso fiscal das ilhas Virgens Britânicas em 1º de dezembro de 1999. Recebeu da ISL a transferência de 36 milhões de francos suíços, na conta 193.223.31, de uma instituição bancária identificada apenas como “banco 1”. Em 8 de fevereiro de 1999 todos os bens da Sunbow foram transferidos para a Fundação Nunca, que, apesar do nome, passou a fazer sempre o pagamento de propinas em nome da ISL. Foi com esses dados iniciais que o promotor Thomas Hildebrand contou para iniciar seu trabalho.

Em 3 de novembro de 2005, uma operação de busca e apreensão aconteceu na sede da Fifa, em Zurique. Em seguida, a promotoria pediu que autoridades de Liechtenstein revertissem uma ordem anterior que barrava o acesso a informações sigilosas. Foi bem sucedida. Conseguiu o mesmo em Andorra, obtendo testemunhos e documentos que se revelariam altamente comprometedores para Ricardo Teixeira. Para justificar sua ação, o promotor alegou que a Fifa havia cometido um desvio em relação às suas finalidades, que oficialmente são de “melhorar o futebol continuamente, transmitindo-o globalmente”, para promover laços entre nações. Algo incompatível com a oferta de auxílio a Ricardo Teixeira para o pagamento de um cala-boca à massa falida da ISL.

O acordo para livrar Teixeira da bronca, fechado em fevereiro de 2004, tinha

como objetivo encerrar de uma vez por todas a discussão, empurrando a história das propinas – de Teixeira e de todos os outros dirigentes – para debaixo do tapete. A massa falida, que inicialmente buscava 36 milhões de francos suíços, aparentemente se contentou com os 2,5 milhões que tinha à mão. O pagamento foi feito no dia 17 de março de 2004, por um advogado que atuava em nome da Fifa. Inquirido pelo promotor Hildebrand, ele afirmou que a entidade tinha o interesse legítimo de não se envolver em especulação injustificada. “É por isso que a Fifa intercede para ajudar a fechar acordos nos casos em que funcionários estrangeiros do futebol receberam comissões”, afirmou o advogado.

O promotor seguiu a trilha do dinheiro. Começou com os dados que obteve de outra instituição financeira, identificada apenas como “banco 8”, baseada em Andorra, onde Ricardo Teixeira era o titular da conta 400428. Ao investigar, o promotor descobriu que, em 11 de abril de 2003, o cartola brasileiro havia recebido em Andorra vários depósitos vindos de quatro contas num banco identificado apenas como número “2”, baseado em Zurique, na Suíça. As transferências somaram US\$ 2,451 milhões.

O próximo passo foi entrevistar o cidadão de Andorra – cuja identidade foi preservada em documentos públicos – que atuou como procurador de Teixeira. Ele contou que, em nome do cartola brasileiro, transferiu dinheiro da conta 400428 para a de sua empresa. Em seguida, mandou o dinheiro para a conta do advogado da Fifa, que por sua vez pagou o cala-boca à massa falida da ISL.

Hildebrand concluiu que o acordo só foi possível graças à “grande contribuição da Fifa ou do advogado que a representava”.

O promotor foi além em sua investigação: quis saber de quem eram as quatro contas em Zurique que abasteceram a 400428, em Andorra, em nome de Teixeira. Descobriu que todas elas eram do próprio cartola. Uma foi aberta com um depósito em títulos avaliados em US\$ 300 mil; outra, com transferência eletrônica de US\$ 1 milhão. Mas as que mais interessaram ao promotor foram as duas primeiras, abertas em Zurique, no dia 1º de julho de 1998, com depósitos de US\$ 300 mil cada uma. Foi em meio à Copa da França. O promotor descobriu que a abertura das duas contas tinha sido precedida por um saque do cartola em outro banco, o “4”, no valor de US\$ 600 mil. O dinheiro estava na conta numerada 24,034-2-2.002, em nome da “instituição 2”.

Todos esses códigos foram utilizados pela promotoria suíça, em documentos públicos, para proteger pessoas e empresas que fizeram negócios com a dupla

Havelange-Teixeira. Eventualmente, elas poderiam ser prejudicadas pela publicidade negativa gerada pela investigação dos cartolas.

Desfizemos parcialmente o mistério quando tivemos acesso, em 2011, através de uma fonte europeia, a uma transcrição da lista original dos pagamentos de propina da ISL. O *Jornal da Record* foi o primeiro a divulgá-la no Brasil, bem antes do fim da batalha judicial que tornou públicas as informações. Na lista, todos os pagamentos feitos a João Havelange e Ricardo Teixeira entre 10 de agosto de 1992 e 12 de novembro de 1997, totalizando US\$ 10 milhões, foram transferências da ISL para a Sanud, baseada em Liechtenstein.

Ou seja, a “institution 2”, dona da conta bancária movimentada por Ricardo Teixeira, era a Sanud!

Thomas Hildebrand acabou descobrindo não só que o cartola brasileiro tinha conta bancária e procurador em Andorra, mas que era o verdadeiro dono da Sanud. É assim que ele aparece nos documentos oficiais: “dono beneficiário” da “institution 2”. Foram necessários nove anos para provar que o presidente da CBF mentiu aos deputados brasileiros no depoimento à CPI, quando disse, sobre a Sanud: “Ela não é minha. Ela é simplesmente acionista de uma empresa que eu tenho”. A empresa de Liechtenstein, portanto, não estava interessada em fazer investimentos estrangeiros no Brasil, como alegou Teixeira ao depor no Congresso. Era, na verdade, um propinoduto. Ao se associar à RLJ Participações, a empresa de Teixeira no Rio, a Sanud se converteu num veículo para enriquecer o cartola em terras brasileiras.

- - -

Se na Suíça a investigação contra Teixeira andou, no Brasil nada aconteceu. E isso apesar dos muitos indícios descobertos pela CPI dez anos antes.

Documentos levantados por parlamentares tinham detectado operações de Teixeira em outro paraíso fiscal: as ilhas Virgens Britânicas. A papelada mostrou que o cartola se valeu da *offshore* caribenha Ameritech Holding para ocultar a compra de uma casa de luxo no balneário de Búzios, no Rio de Janeiro. Nessa transação, além de parentes, Teixeira contou com a colaboração de advogados e ex-parceiros. Um dos donos da Swap (corretora que operava para a CBF), Otávio Koeper, simula a venda do imóvel para a *offshore* caribenha pelo preço insignificante de US\$ 14.500,00. Menos de um ano depois, a casa é transferida para familiares de Ricardo Teixeira por nada menos que R\$ 500 mil!

O uso da *offshore* e da corretora, além de esconder que o cartola era o felizardo proprietário da casa de praia, ajudou por um bom tempo a ocultar a provável origem do dinheiro desse imóvel: a própria corretora que prestava serviços para a CBF. Ele negou relação com a empresa, mas curiosamente pagou uma dívida de R\$ 18 mil em impostos contraída pela Ameritech Holding.

Ocorre que, ao contrário do que aconteceu na Suíça, nada disso pode ser investigado no Brasil. Foi a famosa blindagem de Teixeira que mencionamos no início deste capítulo. O cartola conseguiu uma liminar do STF (Supremo Tribunal Federal) proibindo a divulgação e a remessa das informações da CPI para a abertura de processos na Justiça. A decisão foi do então ministro Nelson Jobim, em 17 de setembro de 2001.

Só que, antes da decisão, dados sobre empresas instaladas no exterior envolvidas no esquema de Teixeira já haviam sido enviados ao Ministério Público Federal do Rio de Janeiro, que abriu uma investigação e solicitou a quebra do sigilo bancário dos envolvidos. Teixeira também não perdeu tempo. Seus advogados acionaram novamente o STF. Jobim, então, proibiu o presidente da Câmara dos Deputados de atender qualquer ordem ou solicitação do juiz da 6ª Vara Criminal Federal do Rio de Janeiro no processo que investigava os rolos de Teixeira e da CBF. Dizia o documento: “O senhor presidente da Câmara dos Deputados deverá deixar de atender e cumprir as determinações e solicitações oriundas do Juízo da 6ª Vara Criminal da Justiça Federal do Estado do Rio de Janeiro, proferidas nos autos da ação cautelar nº 201.5101534116-3”.

Como grande parte do material já estava nas mãos da procuradoria, a investigação avançou. Um dos casos que passaram a ser apurados pelos procuradores foi uma transação envolvendo o Delta Bank, de Nova York. A CBF tomou um empréstimo de US\$ 7 milhões, que foi pago antes do tempo e com uma suspeita taxa de juros muito acima do mercado. Segundo a denúncia do Ministério Público, seria um disfarce para remessa ilegal de dinheiro ao exterior. A denúncia da procuradoria foi aceita pela Justiça Federal. Teixeira, José Carlos Salim (diretor comercial da CBF) e Marco Antônio Teixeira, tio do cartola, viraram réus no processo. Eles recorreram ao Tribunal Regional Federal e conseguiram trancar a investigação para sempre.

O desembargador federal Alberto Nogueira, relator do *habeas corpus*, aceitou os argumentos da defesa do cartola e chegou a citar os mistérios do futebol em um texto *sui generis*, em se tratando de uma decisão judicial: “Para mim, é irrelevante

que seja um diretor da Confederação Brasileira de Futebol, instituição futebolística brasileira, que respeito. Sei que o mundo do futebol é um mundo de mistérios, de fantasias. É um mundo submerso em que tudo deve acontecer, pelo menos no imaginário popular, mas é uma instituição civil de direito privado, que se constituiu de acordo com as leis do País, em pleno funcionamento e contra a qual não pesa absolutamente nada. Não posso esquecer que, de um jeito ou de outro, somos pentacampeões. Não é pouca coisa. Vamos aguardar o hexa: Concedo, pois, a Ordem de *habeas corpus* para trancar a Ação Penal”.

A ação penal foi sepultada pela 5ª Turma do TRF (Tribunal Regional Federal), que, por unanimidade, decidiu confirmar a decisão do desembargador-torcedor. Foi mais uma das inúmeras decisões favoráveis da Justiça brasileira ao cartola. Não fosse o tribunal suíço, Teixeira talvez ainda reinasse absoluto no futebol brasileiro.

TELA QUENTE

“Ricardo Teixeira e João Havelange são acusados de deixar de revelar e entregar as comissões à Fifa. Eles causaram danos à Fifa por este comportamento e enriqueceram ilegalmente.”

Thomas Hildebrand

Se em uma Copa do Mundo futura uma partida for disputada durante a madrugada no horário local, não estranhe. É capaz de inventarem que o melhor momento para a prática do esporte é mesmo entre meia-noite e seis da manhã. O fenômeno quase já acontece no Brasil, com os jogos do Campeonato Brasileiro disputados a partir das 21h50 em dias de semana e, dependendo do andamento, encerrados depois da meia-noite.

A explicação para situações esdrúxulas em eventos esportivos é exatamente a mesma para os acontecimentos testemunhados por um dos autores deste livro, ao longo de cem transmissões ao vivo da antiga Fórmula Indy. Numa ocasião, por ingenuidade, insistiu em narrar um acidente em que o pneu de um carro voara sobre a arquibancada, matando um torcedor. O drible que deu em um fiscal da prova quase lhe custou sua credencial de repórter. Em outra ocasião, viu de perto que o piloto acidentado, que batera a cabeça numa árvore depois do voo espetacular de sua máquina, estava morto. Mesmo assim, simulou-se um “resgate” e a morte só foi anunciada após o fim da corrida, garantindo o cumprimento dos contratos, que no automobilismo preveem aparições bastante específicas das marcas e placas dos patrocinadores.

Em resumo: quem manda é a TV, estúpido!

Nas últimas décadas, parte do poder sobre o destino do esporte mundial migrou, lentamente, para as sedes das grandes emissoras. A venda de direitos de TV é hoje a principal fonte de renda de clubes, ligas e federações. As emissoras, cujo faturamento depende cada vez mais do esporte, fazem de tudo para adular patrocinadores. E esses querem a maior visibilidade possível para suas marcas,

nos horários mais atraentes.

O estádio de futebol virou estúdio de TV. Saem os desdentados da geral, entram as famílias saradas das numeradas. O esporte “do povo” se tornou o espetáculo “dos consumidores”. Pobre não tem vez. Nesse quadro, não faz sentido mostrar na televisão um estádio de 100 mil lugares com metade da lotação. Melhor um de 40 mil, sempre cheio, símbolo de sucesso da franquia. Menos gente, ingressos mais caros, elitização da plateia. Ponto para o *marketing*.

O poder das emissoras é tal que, atualmente, é a rede norte-americana NBC quem decide em grande medida o calendário das Olimpíadas, graças a bilionários contratos de exclusividade. Para assegurar os direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos até 2020, a emissora pagou ao Comitê Olímpico Internacional US\$ 4,38 bilhões já em 2011. O pacote inclui as Olimpíadas de Verão do Rio-2016 e de Tóquio-2020, além dos Jogos de Inverno de Sochi, na Rússia, disputados em 2014, e de Pyeongchang, na Coreia do Sul, marcados para 2018. Com tanto dinheiro investido, as TVs impõem, por exemplo, que as provas de natação aconteçam na primeira semana e as de atletismo só se iniciem depois de terminadas aquelas. Tudo para não encavalhar o sucesso histórico das equipes norte-americanas nessas modalidades. Quem paga pode.

O esporte assumiu um papel tão fundamental para o faturamento das TVs que a compra de um evento pode significar o sucesso ou o fracasso de uma empresa de comunicação. Nos Estados Unidos, competindo com as três gigantes locais, o barão da mídia australiano Rupert Murdoch só estabeleceu sua própria rede, a Fox, depois de adquirir os direitos de transmissão da NFL, de futebol americano, a mais popular liga do país.

Em certa medida, quem desencadeou essa transformação foi a dupla Havelange e Dassler, o homem da Adidas. O primeiro viu logo que a TV era uma mina de diamante; o segundo descobriu cedo como extrair e lapidar o mineral. A fome juntou-se à vontade de comer. Havelange foi um visionário. Como já contamos, assim que assumiu a CBD trouxe para (muito) perto o proprietário de uma das maiores emissoras de TV do Brasil. Mas aprendeu rápido que o caminho para ganhar dinheiro não era bem esse. Paulo Machado de Carvalho era um barão da mídia, tinha já seu espaço demarcado e não interessaria a ele dividir com o cartola algo que estava conquistado.

Quando assumiu a Fifa, portanto, o dirigente já sabia que amizade não era o caminho para ganhar dinheiro dos donos de TV. Era preciso se impor para mudar

as regras do jogo. Foi o que fez em sua primeira reunião importante no comando da entidade. Chamou a Zurique os representantes das emissoras de rádio e TV europeias que detinham os direitos de transmissão da Fifa. Os executivos, já donos da Copa de 1978 na Argentina, queriam conversar com o novo presidente para acertar detalhes sobre os direitos do Mundial de 1982. Os europeus ofereceram US\$ 4 milhões, Havelange falou que só vendia por US\$ 10 milhões. As emissoras perceberam que o jogo era duro, mas não havia alternativa: era aceitar ou aceitar. No mesmo dia, concordaram. Em contrapartida, queriam a garantia de que o material entregue pelos argentinos em 1978 seria de qualidade. Havelange assegurou que seus vizinhos sul-americanos fariam uma excelente transmissão, ao vivo e em cores – a primeira da história das Copas.

O presidente da Fifa teve de se desdobrar para cumprir a palavra. Sabia que a Argentina não estava preparada. Em 1976, foi ao Rio de Janeiro e pediu ajuda aos militares e a Roberto Marinho, dono do maior grupo de comunicação do Brasil, as Organizações Globo. Marinho prometeu resolver. Deu certo. Em janeiro de 1978, o mundo inteiro viu ao vivo e em cores a imagem de Ricardinho, neto e xodó de Havelange, sorteando as bolinhas da Copa. A cena evocava uma imagem histórica da Fifa. Para a Copa de 1938, o então presidente da entidade, Jules Rimet, também havia convocado o neto para escolher as bolinhas no sorteio no Salon d'Horloge do Ministério das Relações Exteriores da França, em Paris. Jules Rimet ficaria à frente da federação por longas 33 temporadas (1921-1954), cargo que deixou apenas dois anos antes de morrer. Por conta de seu papel para consolidar a Copa do Mundo como um dos maiores eventos esportivos do planeta, a taça do torneio ganhou seu nome. Ao resgatar a imagem famosa de Rimet, presidente da Fifa em cinco Mundiais, Havelange mostrava ao mundo quem mandava agora na entidade. Além disso, cumpria a promessa feita às emissoras europeias, que pagavam efetivamente a conta do futebol. Foi assim com todas as partidas da Copa do Mundo da Argentina, graças ao apoio técnico da Embratel e da TV Globo.

O sorteio da Copa da Argentina foi a primeira e última vez em que Havelange se expôs pessoalmente. Comprovada sua tese de que o futebol valia muito mais do que as emissoras pagavam, chamou Dassler para atuar no meio de campo. O herdeiro da Adidas já tivera a ideia, desde que assistira a um torneio de tênis em Wimbledon, de montar uma empresa para intermediar direitos de transmissão de esportes. Horst percebera que poderia fazer fortuna não apenas vendendo material esportivo, mas controlando direitos de transmissão e organizando

pacotes de patrocinadores para os eventos nos quais a própria Adidas figuraria com destaque. Nascia assim, em 1982, a empresa de *marketing* esportivo ISL, pioneira no ramo. O pagamento de propina pela empresa, como mostramos no capítulo anterior, era o óleo que lubrificava os acertos e foi o pivô da derrocada de vários cartolas.

Ao longo do tempo, a relação da ISL com a Fifa tornou-se tão íntima que, na disputa pelos direitos das Copas do Mundo de 2002 e 2006, a empresa norte-americana IMG, fundada pelo lendário golfista Arnold Palmer, apelidado de “The King”, apresentou uma proposta de US\$ 1 bilhão, informou publicamente que poderia aumentá-la e ainda assim foi preterida. A negociação, que se deu em 1996, foi a primeira depois de 20 anos de contratos ininterruptos da ISL com a Fifa de João Havelange. Na ocasião, o vice-presidente da IMG, Eric Drossart, escreveu uma carta ao então secretário-geral, Joseph Blatter, reclamando do “tratamento preferencial óbvio” que estava sendo dado à concorrência. Submetida a voto no Comitê Executivo da Fifa, a proposta da ISL venceu por 9 votos a 6, com três abstenções e duas ausências.

A vitória foi atribuída à ação de longo prazo do principal assessor de Dassler, Jean-Marie Weber. Apelidado de “homem da mala”, ao longo de duas décadas Weber teria distribuído milhões de dólares em propinas a dirigentes esportivos em nome dos interesses da gigante Adidas-ISL. O repórter britânico Andrew Jennings cita o caso de um dirigente esportivo que recebeu de presente uma Mercedes. Weber terminou a carreira em desgraça, condenado por fraude em um tribunal suíço.

- - -

Cabelos desgrenhados e fala debochada são as marcas de Jennings. Ele faz parte do seletto grupo de repórteres sem qualquer vínculo com autoridades, clubes ou craques do esporte. Autor de dois livros seminais sobre a corrupção no Comitê Olímpico Internacional e na Fifa, Jennings é reconhecido por ter sido o primeiro a revelar sujeira sob o tapete. Em 5 de dezembro de 2003, quando João Havelange ainda reinava no futebol mundial, assinou um texto no tabloide britânico *Daily Mail* com o título gritante: “Revelado: como um pagamento misterioso de £ 416 mil causou pânico nos corredores de poder da Fifa”.

A reportagem não nomeava quem havia recebido o pagamento, mas foi ilustrada com uma enorme foto de Havelange. Contava que, depois de vencer a

disputa pelos direitos de transmissão das Copas de 2002 e 2006 contra a concorrente norte-americana IMG, a ISL havia feito um pagamento de 1 milhão de francos suíços a um cartola, o que equivaleria a cerca de R\$ 2,8 milhões em janeiro de 2014. Porém, um funcionário desastrado tinha, inadvertidamente, entregado o jogo. Em vez de o depósito ser feito na conta pessoal do dirigente, entrou na contabilidade da Fifa. Em pânico, cartolas da entidade encaminharam o dinheiro para o verdadeiro destinatário, mas o estrago já estava feito. O propinoduto da ISL vazara para os escalões inferiores da Fifa.

Uma fonte citada no artigo assinado por Jennings afirmou: “Autoridades seniores da Fifa pressionaram o banco para apagar a transação. O pedido foi rejeitado, pois seria um ato criminoso. Os dados bancários suíços são arquivados por dez anos, por isso as provas ainda estão lá se um promotor se interessar em olhar”. O que Jennings não imaginava, àquela altura, é que a promotoria da Suíça já estava debruçada sobre o assunto e o implacável Thomas Hildebrand ficaria encarregado de esmiuçar o tema. Por ironia do destino, em consequência de uma ação movida pela própria Fifa.

- - -

A falência da ISL, em maio de 2001, surpreendeu o mundo do esporte. Na história da Suíça, ficou atrás apenas do desmoronamento da Swiss Air. O falecimento repentino do fundador da empresa, Horst Dassler, em 1987, contribuiu para a derrocada da empresa. Mas a pioneira do *marketing* esportivo começara a morrer em 1995, quando perdeu os direitos de transmissão e marketing dos Jogos Olímpicos.

O assistente pessoal de Dassler, o “homem da mala”, Jean-Marie Weber, assumiu o comando prometendo uma política agressiva. Usando sua influência, fechou acordos milionários com federações internacionais para a transmissão de eventos de natação, ginástica, vôlei, basquete e do campeonato de automobilismo da Cart, ex-Fórmula Indy. Assinou ainda contratos de exclusividade com dois clubes brasileiros, o Flamengo e o Grêmio. Gastou uma fortuna com um acordo de dez anos com a associação profissional de tênis, a ATP, por US\$ 1,2 bilhão. O problema é que o retorno dos contratos fechados se mostrou insuficiente para cobrir os compromissos do caixa da empresa.

E o propinoduto que levava aos bolsos dos cartolas sangrava a companhia.

A Fifa, parceira histórica da ISL, fez o que pôde para evitar o naufrágio. Não

faltou criatividade. Para enfrentar problemas imediatos, a ISL criou outra empresa, a ISL Football AG, para a qual vendeu os direitos das Copas de 2002 e 2006, que já eram de sua propriedade, por US\$ 66 milhões. A manobra contábil reforçou o caixa momentaneamente.

No Brasil, a ISL tentou um empréstimo da TV Globo, que em 29 de junho de 1998 tinha fechado contrato com a ISMM, empresa controladora da ISL, para a compra dos direitos de transmissão de rádio e TV das Copas de 2002 e 2006, no Brasil, por US\$ 221 milhões. A Globo concordou em adiantar o pagamento de uma das parcelas à ISL, como forma de ajudar a parceira. Ninguém sabe quem intermediou o negócio. A emissora brasileira pagou antes da hora US\$ 66 milhões, recebendo em troca um desconto da ISL (transferiu, na verdade, US\$ 59,2 milhões).

Nem toda a ajuda dos “amigos” foi suficiente. Com a decretação da falência, em maio de 2001, por um tribunal do cantão de Zug, na Suíça, teve início a lavagem da roupa suja.

Como contamos no capítulo anterior, a própria Fifa desencadeou o processo. Foi à Justiça contra a massa falida. Alegou que, por ter recebido um adiantamento – não um empréstimo – da Globo, a empresa de *marketing* deveria ter repassado 75% dos US\$ 66 milhões, ou seja, US\$ 49,5 milhões, à própria Fifa, como previa o contrato. A Justiça suíça ouviu testemunhas em várias partes do mundo. Enviou carta rogatória ao Brasil para colher depoimento dos executivos Marcelo Campos Pinto e Fernando Viegas Rodrigues Filho, ligados à Globo Overseas Investments B.V., empresa através da qual a TV Globo havia assinado contrato com a ISMM/ISL. Thomas Hildebrand, o promotor suíço, pediu documentos e o direito, concedido pelo Supremo Tribunal Federal, de participar do interrogatório dos executivos da Globo no Rio de Janeiro. Campos Pinto era muito próximo a Ricardo Teixeira.

Em consequência dos dados levantados por Hildebrand e sua equipe, a Justiça suíça processou seis ex-executivos da ISL, inclusive o antes todo-poderoso Jean-Marie Weber. A empresa foi à bancarrota com Weber na presidência.

Os executivos foram acusados de fraude, falsificação de documentos e desvio de dinheiro da Fifa. A defesa alegou que, por se tratar de um empréstimo concedido pela Globo, a ISL não tinha obrigação de repassar parte do dinheiro à Fifa. A Justiça acolheu, em parte, a argumentação da defesa. Jean-Marie Weber foi condenado por fraude, mas não relacionada ao pagamento da Globo: o cartola

não conseguiu explicar um desvio de cerca de US\$ 50 mil para sua conta pessoal. Justamente o homem acusado de lidar com milhões caiu por causa de um troco, pelo menos nos padrões das propinas do futebol. Outros dois executivos foram multados por falsificar documentos. A surpresa foi que os juízes consideraram a Fifa negligente no acompanhamento das dificuldades financeiras da ISL e obrigaram a entidade a pagar as custas do processo, de pouco mais de US\$ 115 mil.

Nos debates entre juízes, promotores e advogados durante o julgamento, vazaram informações de que a ISL havia pagado propina de US\$ 130 mil a Nicolás Leoz, presidente da Conmebol, a Confederação Sul-Americana de Futebol, e membro do Comitê Executivo da Fifa. Outros US\$ 250 mil foram pagos a um dirigente esportivo do Kuwait, Abdul Muttaleb, que dirigia o conselho olímpico da Ásia, com o qual a ISL tinha fechado contrato. Também foi revelado no tribunal que a Dentsu, empresa japonesa que havia comprado direitos de transmissão da ISL, tinha se esforçado para salvar a empresa de *marketing* com uma injeção de dinheiro emprestado. Uma fatia da verba voltou ao Japão, aparentemente em forma de propina – equivalente a R\$ 7 milhões, que acabaram na conta de um certo Gimark Hara Yuki Takahashi, executivo da Dentsu.

O propinoduto da empresa vinha sendo denunciado publicamente pelo homem encarregado de administrar a massa falida da ISL, Thomas Bauer. Ele representava os credores dos US\$ 300 milhões em dívidas da empresa e teve acesso à contabilidade secreta, com o mapa das propinas pagas pela ISL a dirigentes esportivos. Passou a fazer ameaças públicas e pedidos de ressarcimento.

Foi isso que, provavelmente, levou a Fifa a tentar encerrar as investigações, dando um cala-boca na massa falida da ISL. Ele tomou forma naquele acordo pelo qual quem recebeu propina devolveria parte do dinheiro recebido. Porém, faltou combinar com o promotor Hildebrand.

Inflexível, ele avançou sobre os detalhes do acerto e decidiu abrir processo contra a entidade, João Havelange e Ricardo Teixeira. Hildebrand acusou a Fifa de gerenciamento temerário por não contabilizar pagamentos feitos a seus executivos por fora de suas atividades formais. “Pessoa (ou pessoas) não identificadas foi (ou foram) encarregada(s), com base em transações legais, de gerenciar bens de outrem e, em violação de sua(s) obrigação(ões), causou (causaram) danos a esses bens várias vezes, enquanto alguém enriqueceu na medida dos danos causados”, diz o indiciamento.

Havelange e Teixeira foram acusados de fraude e enriquecimento ilícito. Os meticolosos investigadores cumpriram todas as formalidades com precisão suíça: comunicaram às autoridades brasileiras, por exemplo, os trechos da apuração que diziam respeito a cidadãos e empresas brasileiras.

Foi assim, por exemplo, que supostamente surgiram as primeiras pistas sobre o *modus operandi* da TV Globo na compra dos direitos das Copas de 2002 e 2006, cujos detalhes só se tornariam conhecidos por causa de um vazamento de documentos da própria Receita, em 2013. Através da Globo Overseas, a empresa dos irmãos Marinho investiu nas ilhas Virgens Britânicas para criar uma empresa de nome Empire (“Império”, em inglês).

Um ano depois, a Empire foi extinta. Com o capital, a Globo Overseas comprou os direitos de transmissão da ISL. A Receita considerou que foi uma forma de sonegar impostos. Por conta disso, a Globo foi multada em mais de R\$ 615 milhões. Em episódio ainda nebuloso, uma auditora fiscal deu sumiço no processo, que teve de ser refeito. A Globo diz que, ao aderir a um programa de refinanciamento de dívidas do governo federal, acertou sua situação com o Tesouro. A Receita Federal afirma que não pode comentar sobre a situação das empresas que investiga, por conta do sigilo fiscal. Internautas cobram da emissora o DARF, o Documento de Arrecadação de Receitas Federais, que seria a prova de que a emissora realmente pagou o que deve.

O contrato com a ISMM/ISL foi assinado pela Globo em 1998. Nos anos subsequentes, a emissora andou mal das pernas financeiramente. O negócio fechado pela Globo Overseas no paraíso fiscal do Caribe evitou que a empresa pagasse R\$ 183 milhões de impostos no Brasil. Uma quantia considerável.

- - -

Você, caro leitor, pode ser tão corrupto quanto os cartolas do futebol. Pelo menos assim se expressou um advogado da Fifa durante a investigação de João Havelange e Ricardo Teixeira. Ele disse que qualquer tentativa de conseguir de volta as propinas pagas aos cartolas pela empresa de marketing ISL, em troca de contratos lucrativos, provavelmente daria com os burros n’água. A Fifa não teria sucesso na recuperação do dinheiro pago a dirigentes da América do Sul ou da África, alegou o advogado, “porque pagamentos de propina fazem parte do salário habitual da maioria da população”. A declaração consta da página 32 do relatório de 42 páginas da promotoria do cantão de Zug, na Suíça, que foi o

último prego no caixão: comprovou que Havelange e Teixeira tinham levado dinheiro “por fora”.

Curiosamente, o documento foi divulgado pela própria Fifa, em julho de 2012, aparentemente para provar o compromisso da entidade com a transparência. Isso apesar de a federação ter catimbado o jogo nesse caso por um tempão. Meses antes de os documentos suíços virem a público, Teixeira havia se afastado da presidência da CBF, do Comitê Executivo da Fifa e do COL (Comitê Organizador Local) da Copa do Mundo de 2014. Havelange deixou o cargo que ocupara por meio século no Comitê Olímpico Internacional, entidade na qual era investigado pelo Comitê de Ética. Mas, ainda que de forma indireta, sogro e genro continuaram influentes. Joana Havelange, filha de Teixeira e neta de João, manteve-se segunda executiva mais importante do COL. Entre salário e outras vantagens, recebia mais de R\$ 100 mil mensais.

Mas voltemos ao relatório da promotoria suíça. A Fifa divulgou-o depois de, por mais de dois anos, ter lutado para resguardar os detalhes da apuração. Levou o caso até a Suprema Corte da Suíça, que decidiu em favor de várias empresas jornalísticas que pleiteavam acesso aos documentos.

Elas se juntaram ao repórter suíço Jean François Tanda, um dos pioneiros da investigação. Foi de Tanda a descoberta de uma segunda empresa que serviu de propinoduto a Havelange e Teixeira: a Renford. As propinas da ISL foram pagas aos brasileiros através da Sanud de 1992 a 1997. De 1998 em diante, eles usaram a Renford, como veremos adiante.

A confirmação aconteceu numa conversa telefônica curiosa. Tanda tinha recebido a dica de várias fontes e resolveu falar com o próprio Teixeira. “Eu liguei para o Teixeira e ele confirmou. No entanto, foi uma conversa difícil porque ele dizia só entender português e meu português não é dos melhores”.

O experiente repórter suíço, depois de investigar o caso, ficou com a mesma sensação do deputado Dr. Rosinha, que fez parte da investigação da CPI CBF-Nike no Brasil: “”Eu ainda amo futebol. Mas durante meu trabalho entendi que o esporte é dirigido por pessoas que não deveriam estar lá. O futebol é um bem cultural da humanidade e deveria ser governado pelo povo, não por velhos antidesportistas”.

Como Tanda, tivemos acesso aos papéis que compartilhamos parcialmente com os telespectadores, dada a limitação de tempo da TV. Agora, você saberá de todos os detalhes. Os papéis da Justiça suíça não nomeiam empresas, instituições,

bancos ou outros cartolas envolvidos, a não ser a própria Fifa, Teixeira e Havelange.

De interesse direto para os brasileiros, há uma tabela de duas páginas que comprova o pagamento de propina, cuja divulgação no Brasil foi antecipada pelo *Jornal da Record* um ano antes de acontecer oficialmente na Suíça. Ela nos foi fornecida por uma fonte europeia.

A tabela relacionava 21 pagamentos feitos pela ISL à empresa Sanud. Com o amplo levantamento realizado em cartórios e fontes públicas de informação, especialmente no Rio de Janeiro, já tínhamos centenas de páginas de documentos sobre os negócios do presidente da CBF.

Antes de prosseguir, uma curiosidade: o Ministério da Fazenda havia informado a uma das CPIs que investigaram Ricardo Teixeira que a Sanud havia sido fechada, em Liechtenstein, no dia 8 de janeiro de 1999. Porém, na Junta Comercial do Rio de Janeiro a sociedade entre ela e a RLJ, empresa do cartola, ainda estava ativa em 2012!

Os pagamentos da ISL à Sanud registrados oficialmente na contabilidade secreta da empresa suíça aconteceram entre 10 de agosto de 1992 e 12 de novembro de 1997. Somaram US\$ 9,5 milhões.

Para avançar na investigação, decidimos cruzar datas. O cartola assumiu a CBF em 16 de janeiro de 1989. A RLJ Participações foi registrada pela Jucerj em 16 de maio de 1992. O primeiro pagamento de propina à Sanud, de US\$ 1 milhão, foi feito em 10 de agosto de 1992. A sociedade entre a RLJ e a Sanud foi registrada no Rio no mês seguinte, em 28 de setembro de 1992. O segundo pagamento, também de US\$ 1 milhão, foi feito em 16 de fevereiro de 1993.

Nossa equipe completou o levantamento dos negócios de Ricardo Teixeira no cartório de Piraí, no interior do Rio de Janeiro, onde fica a fazenda do cartola. Ele costumava justificar sua fortuna de duas formas: dinheiro que ganhou no mercado financeiro e uma carreira bem-sucedida na produção de gado leiteiro. Batemos perna por supermercados e lojas da cidade e, curiosamente, não encontramos em 2011 o leite produzido por Teixeira naquele que seria seu mercado natural. É certo, no entanto, que o laticínio produziu: o cartola vendeu seus produtos à própria CBF. Descobrimos que a RLJ fez um investimento de R\$ 1 milhão na fazenda Santa Rosa em 1992, o que teria feito o negócio deslancar.

Quando estivemos lá, além do casarão luxuoso, com uma piscina cercada por palmeiras imperiais, havia o rebanho de gado leiteiro, campo de futebol e campo

de pouso para até dois helicópteros. Teixeira também havia comprado a fazenda vizinha, a Santo Antonio.

As palmeiras aparentemente fazem parte do gosto do cartola: aparecem também em várias de suas outras propriedades, como na casa no condomínio de Itanhangá, na zona oeste do Rio de Janeiro, e na casa de praia em Angra dos Reis, no litoral do Estado.

Em janeiro de 1993, descobrimos que a RLJ investiu outro milhão de reais em Barra do Piraí, numa transportadora que já não existia quando estivemos na cidade. Segundo a lista da propina, os pagamentos da ISL à Sanud continuavam na Europa, enquanto os investimentos de Teixeira se ampliavam no Brasil. A Sanud recebeu outro milhão de dólares em Liechtenstein em 11 de maio de 1993. E mais um pagamento, também de US\$ 1 milhão, em 7 de setembro de 1993. Patriótico! Em 1994, foram três pagamentos à Sanud totalizando US\$ 1,5 milhão, em fevereiro, maio e novembro.

Entre outubro de 1994 e 1996, Teixeira despejou R\$ 1,8 milhão no bar El Turf, de sua propriedade, no Jôquei Clube do Rio de Janeiro. Mais tarde, a CPI da CBF/Nike descobriu que o cartola alugava o bar para eventos pagos pela CBF. Ou seja, os negócios de Teixeira e os da CBF mais uma vez se confundiam.

Em 1995 a Sanud recebeu mais cinco pagamentos de propina na Europa, totalizando US\$ 2 milhões. Em 1996, a RLJ comprou uma casa no condomínio exclusivo de Itanhangá, no Rio de Janeiro. Levantamos os documentos da transação. A casa foi alugada a Ricardo Teixeira por R\$ 7 mil mensais. Quem assinou o contrato de aluguel, em nome da RLJ, foi o sobrinho do cartola, Nilton Teixeira Crosnag, que é de Piraí. Quem assinou como locatário foi o filho mais velho de Teixeira, Ricardo Teixeira Havelange. Em Piraí, procuramos Nilton. Ele nos disse, por telefone, que não participou da transação. Afirmou que não falava com o tio há mais de uma década. Na cidade, nos contaram que ambos haviam se desentendido por causa de negócios do Laticínio Linda, no qual o sobrinho de Teixeira trabalhou.

Em 1997 a Sanud recebeu mais US\$ 1 milhão em depósitos da ISL no paraíso fiscal de Liechtenstein. O último pagamento à Sanud foi em 12 de novembro de 1997. Pouco mais de um ano depois, em 8 de janeiro de 1999, a empresa fechou. Fez o papel típico das firmas de papel, que lavam dinheiro. Funcionou enquanto era um propinoduto. Nossa investigação sobre os negócios de Ricardo Teixeira resultou numa série de 11 reportagens, que foram ao ar desde junho de 2011.

Nelas, demonstramos:

- Que os sinais exteriores de riqueza do cartola se multiplicaram, no Brasil, à medida que a Sanud era abastecida de propinas na Europa.
- Que Teixeira envolveu familiares em todo tipo de negócio: das esposas aos filhos, do irmão ao sobrinho.
- Que ele teve parceiros de longo prazo, com os quais dividiu os contratos mais lucrativos da CBF e da seleção brasileira.

No geral, avançamos muito no trabalho que vinha sendo feito por colegas jornalistas que se dedicam à investigação dos negócios obscuros do futebol brasileiro. Mostramos a lista das propinas, cruzamos os pagamentos com os investimentos de Teixeira e deixamos claro que os negócios entre o cartola e o presidente do Barcelona, Sandro Rosell, eram muito mais amplos do que se sabia até então.

Também iluminamos o círculo de relações do cartola. Uma foto publicada pelo portal iG, em 11 de julho de 2011, captura como nenhuma outra imagem os mandachuvas do futebol brasileiro nas décadas de 90 e 2000. Nela, aparecem a partir da esquerda o presidente da Traffic, Julio Mariz, o proprietário da empresa, J. Hawilla, o diretor da Globo Esporte, Marcelo Campos Pinto, e o então presidente da CBF. Foi clicada na Copa América da Argentina, aquela em que Ricardo Teixeira também enfiou Rosell no ônibus para bater papo com Neymar.

A Globo Esporte é a empresa das Organizações Globo encarregada dos contratos do futebol. Os irmãos Marinho foram, sem sombra de dúvida, os que mais lucraram com a parceria de 20 anos com Teixeira. Apesar de rusgas eventuais, garantiram audiência e lucros bilionários. Agindo nos bastidores, Globo e Ricardo Teixeira implodiram o Clube dos 13, que cuidava dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro e ameaçou pôr fim à exclusividade da emissora. Quando aquela foto foi feita, a Globo, com ajuda do dirigente, havia acabado de fechar acordos clube a clube e atropelar propostas de outras emissoras que poderiam ser mais lucrativas, como veremos adiante.

O monopólio dos Marinho no futebol se assemelha em muito ao da ISL nos direitos da Copa do Mundo. Ao investigar o propinoduto, o promotor suíço Thomas Hildebrand deixou claro que a propina paga a Teixeira também era uma forma de garantir os contratos da ISL com a Globo. Na página 17 do relatório de acusação, ele escreveu: “Os pagamentos que foram feitos [pela ISL] ao longo de alguns anos tinham como objetivo a exploração da influência de Ricardo Terra

Teixeira na Fifa de tal maneira que relações contratuais foram concluídas entre a Fifa e a companhia 1 [ISL], de forma a subsequentemente usar sua influência como presidente da Confederação Brasileira de Futebol para assegurar a conclusão de acordos de sublicenciamento”.

O promotor se refere ao contrato de sublicenciamento assinado em 29 de junho de 1998, pelo qual a Globo comprou os direitos das Copas de 2002 e 2006 por US\$ 220,5 milhões. Emendado posteriormente, em 17 de dezembro de 1998, o valor subiu para US\$ 221 milhões. É importante destacar que os contratos com a Globo tinham um peso importante no orçamento da ISL. A empresa comprou da Fifa os direitos das duas Copas por US\$ 1,4 bilhão (US\$ 650 milhões pela cotação de 2002). Ao fechar os acordos com a Globo, já garantia o retorno de 15% do investimento. Isso explica a decisão da emissora brasileira de antecipar pagamentos à ISL quando a empresa, desesperada por dinheiro, corria o risco de falir. Nos bastidores do futebol, uma mão lava a outra.

A Globo segurava a ISL, que segurava a Fifa, que segurava Teixeira, que segurava a Globo. Entenderam o círculo?

- - -

Depois que a Sanud foi “aposentada” como propinoduto, a dupla Ricardo Teixeira e João Havelange passou a receber através de outra empresa sediada em paraíso fiscal, a Renford, cujos verdadeiros donos foram identificados publicamente pelo repórter Jean François Tanda. Entre 18 de março de 1998 e 4 de maio de 2000 foram mais oito depósitos. Os quatro últimos vieram da Sunbow, nas ilhas Virgens Britânicas, e da Fundação Nunca, em Liechtenstein, os veículos que a ISL inventou para tirar as propinas de sua contabilidade oficial, conforme já mencionamos. As tabelas completas da propina levantadas pela promotoria da Suíça demonstram que Teixeira e João Havelange embolsaram um total de 21.904.630 francos suíços, ou R\$ 61.318.122,63, em dinheiro de janeiro de 2014. Sessenta milhões de reais, uma enormidade!

A acusação da promotoria suíça contra a Fifa foi de gerência temerária ou desleal. Na visão do promotor Thomas Hildebrand, o dinheiro da propina embolsado por Teixeira e Havelange deveria estar nos cofres da entidade. O argumento dos advogados de defesa seria cômico, não fosse antes um retrato da normalidade com que as trapaças são encaradas nos bastidores do futebol. O representante da Fifa disse, por exemplo, que não era dever de Ricardo Teixeira

devolver o que havia recebido, já que era direito da entidade abrir mão de pedir que o cartola brasileiro entregasse os bens.

Houve uma intensa discussão sobre a prescrição de eventuais crimes. O Código Penal suíço, admitiu o promotor, não considera criminoso, de forma explícita, o recebimento ou pagamento de propina a pessoas físicas. Mas ele lembrou uma lei que combate a competição desleal e a opinião da Suprema Corte suíça de que se tratava de algo “imoral”. “É óbvio que os milhões que fluíram devem ter levado a uma distorção da competição [pelos contratos]”, escreveu.

A Fifa alegou que os pagamentos a Havelange e Teixeira eram parte da remuneração de ambos como resultado dos negócios fechados com a ISL. Teriam agido como “parceiros contratuais”. O promotor rebateu afirmando que o destino econômico da ISL dependia dos contratos fechados com a Fifa e que ela comprara influência. “Com a alimentação constante que aconteceu durante anos, os serviços não só de João Havelange, mas também os de Ricardo Terra Teixeira, foram comprados”, acusou.

Por isso, a promotoria queria enquadrar os cartolas brasileiros por apropriação indébita e, possivelmente, gerência temerária. “Em resumo, ambos, Ricardo Teixeira e João Havelange, são acusados de deixar de revelar e entregar as comissões à Fifa, comissões que receberam por conta de suas funções na Fifa, seja como membros do Comitê Executivo, de outros comitês ou da presidência. Eles causaram danos à Fifa por este comportamento e enriqueceram ilegalmente”.

Se julgados e condenados na Suíça, Teixeira e Havelange poderiam pegar até cinco anos de prisão. Porém, o promotor Hildebrand considerou que um acordo com os réus seria suficiente desde que eles pagassem reparações. “As investigações em andamento, o estresse psicológico associado a elas e também a cessão de bens tangíveis devem no futuro evitar que os acusados subvertam os objetivos de uma associação que tão claramente tem compromisso com a união de diferentes povos”, alegou.

Depois de analisar o caso, o promotor concluiu que a pena máxima de prisão para Teixeira e Havelange, se condenados, dificilmente passaria dos dois anos. Quanto à Fifa, ficou claro que o pagamento de propinas era do conhecimento de toda a direção da entidade. O próprio CFO, ou *chief financial officer*, da entidade foi testemunha de que um pagamento de 1 milhão de francos suíços (R\$ 2,8 milhões em valores de 2014), destinado a João Havelange, caiu erroneamente numa conta da Fifa. “Não apenas o CFO tinha conhecimento disso, mas, entre

outros, o P1 deveria saber”, escreveu o promotor. P1 foi o código usado para identificar o sucessor de Havelange na presidência, Joseph Blatter, como ele próprio admitiu.

A Fifa foi punida por não resguardar seus próprios direitos. Como parte das reparações, depositou 2,5 milhões de francos suíços numa conta da promotoria. O dinheiro foi destinado a instituições de caridade. A pena de Ricardo Teixeira foi devolver 2,5 milhões de francos suíços à Fifa. Quanto a João Havelange, o advogado de defesa apelou para o fato de que, àquela altura, ele estava com 94 anos de idade. Apresentou a declaração de imposto de renda no Brasil, de 2008, segundo a qual Havelange teve uma renda de 87.350 francos suíços (equivalente a R\$ 224.521 em 2014). Os bens dele no País somariam pouco mais de R\$ 13 milhões. O promotor aceitou fechar o acordo reduzindo a reparação a ser paga por Havelange à Fifa, de 2,5 milhões para 500 mil francos suíços (R\$ 1,287 milhão em valores atuais). Pobre menino rico!

O advogado de Ricardo Teixeira fez questão de declarar que seu cliente não admitia ter cometido qualquer ato ilícito. Thomas Hildebrand contrapôs: “Deve ser notado que nenhum dos acusados admite explicitamente a violação da lei; no entanto, isso deve ser colocado em perspectiva pelo fato de que reparações na casa dos milhões de francos foram pagas, o que pode ser considerado uma confissão implícita de conduta criminosa”.

- - -

Teixeira apenas aparentemente perdeu o poder. O cartola continua atuando nos bastidores. Tem amigos que contam com o silêncio sobre o que fizeram juntos nos verões passados e não querem perder negócios. No sorteio das eliminatórias para a Copa brasileira, antes da queda de Teixeira, houve um exemplo de como essa atitude é rentável. Para organizar o evento, o COL (Comitê Organizador Local) recebeu R\$ 30 milhões em dinheiro público. Não houve concorrência. Metade saiu da Secretaria de Esportes e Lazer do Estado do Rio. Outra metade da Riotur, a autarquia municipal encarregada de promover o turismo. A alegação é de que a cidade teria retorno a longo prazo. Isso mesmo: R\$ 30 milhões em dinheiro público em troca de uma promessa vaga de retorno.

Quem embolsou o dinheiro? A Geo Eventos, encarregada de organizar o sorteio que a Globo transmitiu. Os donos dessa empresa? A própria Globo tem 57% das ações e a RBS, parceira da Globo no Sul do País, tem outros 38%, com o restante

pulverizado entre executivos. A CBF se eximiu de responsabilidade, dizendo que cabia ao COL responder pelo uso de dinheiro público. Ali, note-se, estava instalada a filha de Teixeira, Joana, em cargo-chave.

Fora do Brasil, Teixeira pode contar ainda com o amigo Sandro Rosell. Antes de deixar o poder, o cartola cuidou da Globo, mas também do amigo. O contrato para promover amistosos da seleção brasileira com a empresa árabe ISE, assinado pelo cartola no Catar, foi estendido até 2022.

Rosell confirmou que recebeu parte do dinheiro dos amistosos, nos Estados Unidos, através da Uptrend. Disse a uma rádio da Catalunha que fez apenas um bom negócio, nada de ilegal, que arranhou os melhores adversários para a seleção brasileira. Deve mesmo ser complicada a tarefa de arrumar rivais que queiram enfrentar a seleção pentacampeã mundial. Quase ninguém quer jogar contra o Brasil, certo?

Quando o acerto foi exposto, revelou-se também que Rosell instruía a ISE, baseada no paraíso fiscal das ilhas Cayman, no Caribe, a depositar quantia não revelada numa conta do Andbank, em Andorra. Seria um repasse a Teixeira? Teria sido o motivo de o cartola tentar a cidadania no paraíso fiscal europeu? A conta é a mesma que Teixeira usara antes em Andorra, quando fez um acordo com a massa falida da ISL para devolver parte das propinas que embolsou? Perguntas ainda sem resposta. As que existiam em torno da Sanud levaram quase uma década para serem respondidas.

Os negócios de Teixeira passavam por seus laços com a TV Globo, herdados das relações históricas entre a emissora do Jardim Botânico e Havelange. Globo e Teixeira eram parceiros nas negociações dos direitos de TV dos principais torneios de futebol do País. Mas a parceria foi arranhada uma única vez, há 13 anos, quando a TV, de forma surpreendente, resolveu investigar a fundo as negociatas do dono da bola do futebol brasileiro. A relação esfriou. E houve retaliações.

FESTA VIP

“Ricardo, a Copa é um bolo de 12 pedaços. O que você vai fazer com os outros 11 eu não sei. Mas, se você mexer no meu pedaço, eu te fodo.”

Juvenal Juvêncio

“Orlando [Silva], manda o Ricardo Teixeira parar de falar merda sobre esse negócio de estádio.”

Lula

Quando Ricardo Teixeira assumiu a CBF, em 1989, a TV Globo já mandava no futebol. E no País. No final daquele ano, a emissora conseguiu manipular a primeira eleição presidencial após a redemocratização do Brasil. Ao longo da campanha, favoreceu o candidato Fernando Collor de Mello, sócio da Globo em Alagoas, onde tinha sido governador. Com apoio da grande imprensa e do empresariado, Collor foi ao segundo turno contra o ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva. No dia seguinte ao debate final da campanha, transmitido pela emissora, a direção determinou que o *Jornal Nacional*, principal telejornal do país, exibisse uma edição favorável a Collor. O “caçador de marajás”, como o político era conhecido em Alagoas, foi eleito.

Ao neófito cartola, portanto, era prudente fazer a política de boa vizinhança - ou, em português claro, rezar a cartilha da família Marinho. O mais importante, àquela altura, era não mexer na galinha dos ovos de ouro: os direitos de transmissão dos jogos da seleção brasileira. Desde 1978, quando deu aquela mãozinha para João Havelange na transmissão do Mundial da Argentina, a Globo detinha os jogos da Copa do Mundo. O sogro já havia instruído seu pupilo de que a parceria com a família era antiga – e deveria ser cuidada com carinho.

A aproximação havia começado dois anos antes, no início de 1976, para tratar da transmissão da Copa. A pedido de Havelange, Roberto Marinho e o seu então superintendente de Produção e Programação, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho,

o Boni, receberam o presidente da Fifa para um almoço na sede da emissora, no Rio. Em sua biografia, Havelange descreve Marinho como “um homem de personalidade e palavra”. A recíproca desse carinho ficou marcada na memória do cartola por um episódio que ocorreu muitos anos depois. Em 1994, um amigo de Havelange e Boni foi preso: o bicheiro Castor de Andrade. Acusado de contravenção, Castor esteve foragido até ser preso no meio do Salão do Automóvel de São Paulo, disfarçado com bigode postiço e peruca preta.

Naquela época, o diretor da Globo e o presidente da Fifa eram mais que amigos: “Tenho no Boni um irmão mais novo”, definiu o cartola. Os três viviam grudados. Boni ficou próximo de Castor pelo samba – o bicheiro, morto em abril de 1997, foi patrono da Mocidade Independente de Padre Miguel e ajudou a criar a Liga das Escolas de Samba do Rio. Havelange conheceu Castor no futebol, como já contamos, como patrono do Bangu – e se tornaram amigos do peito: reportagem do próprio jornal *O Globo*, de 9 de abril de 1994, chamou o presidente da Fifa de “avalista moral de Castor” e lembrou que, segundo o Ministério Público, o cartola apareceu na lista de propinas do bicheiro – que andava com um “atestado de idoneidade” assinado de próprio punho pelo presidente da Fifa.

Quando o bicheiro foi preso, a dupla foi ao presídio prestar solidariedade. “Doutor Roberto” descobriu, pela imprensa, a visita de seu diretor a um contrabandista num presídio e ficou incomodado. No livro sobre a vida de Havelange o episódio é narrado assim:

“Assim que soube, Roberto Marinho chamou Boni à sua sala, no décimo andar da sede da TV Globo:

- Boni, eu estou muito aborrecido com o fato de você ter ido visitar o Castor.
- Mas, doutor Roberto...
- Não precisa explicar, não. Eu sei que você foi lá por causa do Carnaval.
- Eu não fui lá por causa do Carnaval, não, doutor Roberto. Eu fui pra lá por causa do João Havelange.
- Bom, então pelo menos nós temos aí uma boa desculpa pra eu não me zangar com você. Eu adoro o João Havelange.”

Foi nesse ambiente do “tudo junto e misturado” que o cartola Ricardo Teixeira foi formado. Ganhou blindagem de todos os lados. Era protegido, bajulado, paparicado. Até o dia em que mexeu onde não devia. Já seguro de si, com mais de uma década no comando da CBF, resolveu crescer os olhos sobre os direitos de transmissão da seleção brasileira.

Era noite de sexta-feira, 17 de agosto de 2001, quando o programa *Globo Repórter* foi ao ar com uma grande reportagem chamada “Crise na seleção brasileira”. Pela primeira e, talvez, última vez, Ricardo Teixeira foi atacado pelo antigo aliado.

O programa jornalístico apresentou uma crise no futebol brasileiro que afetava a seleção. Com o gancho na Comissão Parlamentar de Inquérito da Nike, que o *Globo Repórter* chamou de CPI do Futebol, foram exibidos detalhes das descobertas da investigação, os rolos da CBF e as falcaturas de Ricardo Teixeira no exterior. Era assim: “Exclusivo no *Globo Repórter*. As revelações secretas da CPI do Futebol. Nossos repórteres acompanham a investigação oficial e revelam como o dinheiro do futebol brasileiro passeia por paraísos fiscais e porque a CBF tem prejuízo, apesar do milionário contrato com a Nike”. Na sequência, o hoje apresentador Marcelo Rezende esmiuçou as contas da CBF: 30% do que arrecadava ia para os clubes e o restante para o pagamento dos dirigentes. Os principais beneficiários eram Ricardo Teixeira e o tio dele, Marco Antônio. A CBF havia doado dinheiro até para a campanha política de Nilton Teixeira, sobrinho do cartola que se candidatara a vereador em Piraí, no interior do Rio de Janeiro.

Segundo os documentos obtidos pela CPI, a CBF pagou jantares de dirigentes em restaurantes que na época pertenciam a Teixeira, e a agência que possui o contrato para as viagens da seleção brasileira pertence a Wagner Abrahão. Uma estranha transação financeira feita pela CBF encerrou o terceiro bloco. Nessa operação, a entidade tomou empréstimo no Delta Bank, em Nova York. Só que pagou juros acima do mercado e parte do dinheiro sumiu. Antes de retornar ao Brasil, o dinheiro passou por vários bancos e paraísos fiscais, como as ilhas Cayman, no Caribe. Dois anos depois, o Delta Bank estaria entre os envolvidos num megaesquema de lavagem de dinheiro descoberto pela Polícia Federal, que ficou conhecido como “escândalo do Banestado”.

A reportagem sinalizou que o alvo do quarto bloco seria o próprio Teixeira: “Em busca desse dinheiro, nos mesmos paraísos fiscais, a CPI encontrou pistas sobre negócios dos dirigentes do futebol brasileiro”. E o apresentador encerrou essa parte informando que Ricardo Teixeira havia sido procurado por duas semanas e que não havia respondido às acusações. Ele chamou o próximo bloco com uma pergunta: “Mas, o que mais a CPI descobriu sobre o dinheiro do futebol

brasileiro?”.

O quarto bloco talvez tenha sido o que mais raiva causou ao presidente da CBF. Já começava com um ataque direto, relacionando o passeio do dinheiro da confederação em paraísos fiscais ao aumento do patrimônio de Teixeira. A reportagem revelou que a CPI encontrou registros de três empresas *offshore* do cartola com sede em países usados para lavar dinheiro. Os parlamentares descobriram que, em 1996, o El Turf, bar de Teixeira, tomou empréstimo de US\$ 2,5 milhões do Banco Real de Nova York. Até aí nada de mais, mas uma correspondência enviada ao Banco Real do Rio chamou a atenção dos deputados. Afirmou a reportagem: “A mensagem dizia que, se o empréstimo não fosse pago, a matriz brasileira não precisaria ressarcir a filial americana. O banco abriria mão do dinheiro. A CPI considerou estranho um banco não querer receber uma dívida”.

A bomba estava lançada. Teixeira quase infartou – literalmente. Duas semanas após as denúncias de Marcelo Rezende, o presidente da CBF foi submetido a uma angioplastia de emergência. Em seu livro de bastidores das principais reportagens, *Corta pra mim*, Marcelo Rezende revela que o pedido de investigação contra o presidente da CBF partiu da direção de Jornalismo.

Mas onde foi, exatamente, que se deu o desgaste entre a Globo e seu grande aliado na CBF, parceiro de muitos anos? Foi em um contrato da emissora com a CBF que garantiu a exclusividade da transmissão dos jogos da seleção brasileira de 1999 a 2002. O acordo previa que os horários das partidas deveriam ser compatíveis com a programação da Globo. Para não atrapalhar as novelas e o *Jornal Nacional*, os jogos no meio de semana começavam no absurdo horário das 21h45 – hoje, têm início às 21h50.

Na época, a CBF sinalizava que poderia abrir a concorrência para outras emissoras disputarem o contrato de transmissão dos jogos e que também poderia alterar o horário, que até hoje é odiado pelos torcedores e amantes do futebol. A reportagem do *Globo Repórter* era uma ameaça direta a Ricardo Teixeira. Ou deixava tudo como estava e fechava com a Globo, ou seria destruído.

O cartola, porém, não deixou barato. Logo após o *Globo Repórter*, o presidente da CBF ligou para seu aliado Julio Grondona, presidente da AFA (Associação de Futebol Argentino), e pediu para alterar o horário do amistoso entre as duas seleções marcado para o próximo dia 5. Das 21h45, foi para as 20h. A mudança provocou prejuízo à Globo, que deixou de veicular diversos anúncios no horário mais caro da programação. Teixeira descreveu assim a vendeta, em entrevista à

revista *Piauí*, dez anos depois: “Pegava duas novelas e o Jornal Nacional. Você sabe o que é isso?”.

Uma mudança definitiva de horário para mais cedo provocaria um prejuízo milionário à emissora. Mas os lados se acertaram e nunca mais a emissora perturbou o cartola. Ficou para a história: a Globo, que fez até presidente da República, não conseguiu derrubar o mandatário da CBF. Pelo contrário, diretores da área esportiva da emissora aprofundaram as nebulosas relações com o dirigente. Teixeira ganhou *status* de autoridade na emissora do Jardim Botânico. Nas entrevistas, era tratado como “doutor”, apesar de nem mesmo ter concluído o curso de bacharel em Direito.

Em 2002, ano seguinte ao *Globo Repórter*, o contrato de exclusividade na transmissão dos jogos da seleção foi renovado com a CBF e permanece até hoje.

A paz voltava ao reino dos poderosos do futebol brasileiro. Ricardo Teixeira ficou próximo como nunca de Marcelo Campos Pinto, o homem da Globo Esportes. Com a dupla em sintonia, a CBF passou a ser uma extensão da Globo – e vice-versa. Formado em Direito, o executivo está na emissora há 20 anos. Estava sendo preparado pela família Marinho e pelo próprio Teixeira para a sua sucessão na CBF depois da Copa de 2014. Um projeto que naufragou pela ganância e excesso de confiança da turma.

- - -

“Ricardo, a Copa é um bolo de 12 pedaços. O que você vai fazer com os outros 11 eu não sei. Mas, se você mexer no meu pedaço, eu te fodo.” Ricardo é o Teixeira. O autor da frase é Juvenal Juvêncio. O bolo são os estádios das 12 cidades-sede, a parte mais apetitosa da festa que foi organizar uma Copa do Mundo no Brasil. Juvenal era o presidente do São Paulo Futebol Clube, dono do estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Ele procurou o presidente da CBF para reafirmar o que lhe parecia certo. Quando da escolha do Brasil para receber a Copa, o Morumbi era considerado uma barbada: seria o palco da abertura. Seria. A única obviedade no futebol brasileiro era a palavra final de Ricardo Teixeira.

Corria o ano de 2010. O São Paulo se considerava o principal clube do País, naquele momento. Vinha de conquistas importantes: um tricampeonato brasileiro (2006, 2007 e 2008), um Mundial e uma Libertadores da América (2005). Em 2009, ficou na 10ª colocação no *ranking* mundial de clubes. Tinha a maior receita

entre os times nacionais – puxada, principalmente, pela arrecadação no seu estádio com publicidade, bilheteria, camarotes e aluguel. Intitulava-se “Soberano”. Tudo isso dava a Juvenal a sensação de que podia com Teixeira. E foi intimidá-lo.

Havia pouco tempo, a relação entre Teixeira e os clubes era calorosa. Menos de dois anos antes, ele havia sido reeleito presidente da CBF com todos os votos. Inclusive o do São Paulo, que nunca morreu de amores pelo dirigente (no escrutínio anterior, em 2003, somente o clube paulista e o Vitória, da Bahia, não apoiaram Teixeira). O clube paulista queria a reaproximação para garantir seu estádio no Mundial.

Mas cordialidade e dinheiro raramente se misturam. No mundo do futebol, essa hipótese é nula. A Copa do Mundo, todos sabiam, envolveria uma enxurrada de dinheiro e ninguém queria ficar de fora. O São Paulo não só não queria como não aceitava essa hipótese: o clube se julgava grande demais para ser escanteado de um evento desse porte. Ao seu lado, toda a opinião pública, com discurso unânime: não fazia sentido deixar de fora da Copa o principal estádio da cidade, que passaria ainda por uma reforma. Não havia argumento moral que sustentasse a exclusão.

Questionado sobre a autoria da frase da divisão do bolo, o cartola paulista solta a gargalhada clássica de quem viu o circo pegar fogo. Diante de nossa insistência, confirma o teor do monólogo, com outras palavras. Quem veleja pela rede de esgoto que permeia o futebol brasileiro, porém, garante que foram exatamente esses os termos. Sem um “ferro” a mais ou um “fodo” a menos. Como o presidente da CBF reagiu à frase de Juvenal, não sabemos. Fato é que, desde então, eles se tornaram inimigos ferozes.

Com seu estilo mineiro de triturar adversários, Teixeira engoliu o pedaço de bolo de Juvenal e chupou os dedos. Em 16 de junho de 2010, o estádio do São Paulo foi oficialmente excluído da Copa. Menos de dois anos depois, Ricardo Teixeira tomaria o mesmo rumo do Morumbi. Com efusiva colaboração de Juvenal Juvêncio.

- - -

A ameaça do presidente do São Paulo surgiu quando ficou escancarada a guerra entre CBF e o Clube dos 13, a entidade que reunia os grandes times do País. Como já contamos, o C13 foi criado em 1987 no vácuo da bagunça em que estava o futebol brasileiro. O objetivo inicial era organizar o campeonato nacional daquele

ano, mas a coisa cresceu. A entidade ganhou corpo e se tornou a protetora dos interesses políticos e econômicos dos maiores clubes do País, especialmente a negociação dos direitos de transmissão. Nesse jogo, a Globo, parceira do grupo desde seu nascimento, sempre teve prioridade. Mas ter o poder de escolher o comprador era uma arma poderosa nas mãos do C13. Ricardo Teixeira e Globo sabiam disso. A solução para eles era óbvia: tomar o comando do grupo.

Na presidência do C13, desde 1995, estava Fabio Koff, um juiz-desembargador aposentado e presidente do Grêmio de Porto Alegre. O cartola sempre teve uma relação conturbada com Teixeira. Em 1998, porém, aceitou o convite para ser o chefe da delegação brasileira na Copa da França. E foi muito criticado, inclusive por integrantes do C13. Ainda assim, manteve-se forte na presidência, pela qual recebia um salário líquido de mais de R\$ 50 mil.

No início de 2010, partiu para a campanha pelo sexto mandato. Para desbancá-lo, o presidente da CBF escalou Kleber Leite, jornalista e empresário, que havia terminado o mandato como presidente do Flamengo no meio de 2009. A característica mais importante de Leite: ele é dono da empresa de *marketing* esportivo Klefer, parceira antiga da CBF e da TV Globo. (Adendo: pouco antes de deixar a presidência na CBF, Teixeira vendeu para a Klefer os direitos de transmissão das eliminatórias da Copa do Mundo de 2018.)

Em público, Kleber Leite disse que sua candidatura era um pedido de dois clubes, Cruzeiro e Corinthians. No comando do clube paulista, dono da segunda maior torcida do País, estava um outro parceiro de Ricardo Teixeira: Andrés Navarro Sanchez. O mandatário do Corinthians, que se tornaria o grande defensor do chefão da CBF, é um dos cartolas mais polêmicos da história recente do futebol brasileiro. Filho de um casal de espanhóis, começou a trabalhar ainda menino no *box* de frutas da família na Ceasa, a Central de Abastecimento de São Paulo. Tentou ser jogador aos 14 anos, quando passou na “peneira” do Corinthians, como lateral-direito, mas não deu certo – já fumava e bebia. Parou os estudos no ensino médio e foi tocar os negócios da família, que migrou para o ramo da indústria plástica. Ao longo dos anos, uma ramificação de empresas foi criada em torno do nome da família Navarro Sanchez – todas gravitando em torno da Sol Embalagens. Empresas foram abertas e encerradas em um emaranhado que a Receita Federal tenta desatar. Algumas tiveram os bens bloqueados por irregularidades. Mas, por enquanto, nada de ilegal foi comprovado.

Hoje, Andrés Sanchez diz a amigos que se afastou das empresas – e largou tudo

nas mãos dos familiares. Isso aconteceu depois que entrou para o pelotão de frente da cartolagem brasileira. Tudo começou quando, aos 27 anos, ele fundou a torcida organizada Pavilhão 9, cujo nome fazia referência a um dos setores do Complexo Penitenciário do Carandiru – foi nesse pavilhão que, dois anos depois, teve início a briga que culminou com um massacre de 111 presos em uma das mais truculentas ações da Polícia Militar de São Paulo. A torcida criada por Sanchez contava com alguns ex-detentos do Pavilhão 9, o uniforme da organizada é de listras horizontais em preto e branco, como o de penitenciários, e os mascotes são os irmãos Metralha, a quadrilha de ladrões desenhada por Walt Disney.

Sócio do clube desde criança, Andrés Sanchez começou a trabalhar como coordenador nas divisões de base do Corinthians, e ganhou a confiança do então presidente Alberto Dualib. Com a eleição de Lula, em 2002, Sanchez cresceu no clube – até hoje, faz propaganda de sua amizade com o líder do PT, partido do qual também é filiado desde a década de 80 e pelo qual deve sair candidato a deputado federal em 2014. Mas o grande passo do cartola se deu em 2004, quando foi um dos responsáveis pela controversa parceria do Corinthians com a Media Sports Investment (MSI), que seria do bilionário russo Boris Abramovich Berezovsky, morto em 2013. A empresa injetou dinheiro no clube paulista com contratações de peso, como dos argentinos Carlitos Tevez e Javier Mascherano. Freqüentador da noite paulistana, Sanchez ganhou logo a amizade do enigmático Kia Joorabchian, o representante da MSI no Brasil. Com o crivo do iraniano, virou diretor de futebol do clube.

Mas, em 2006, a parceria virou caso de polícia. Joorabchian e Dualib foram acusados pelo Ministério Público Federal e pela Polícia Federal dos crimes de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha (o processo ainda corria na Justiça, até o fechamento deste livro). Ambos chegaram até a ter a prisão decretada. Em setembro de 2007, Dualib não resistiu às denúncias e renunciou à presidência do Corinthians. Mesmo responsável pela parceria e envolvido nos grampos da PF, Andrés Sanchez nunca foi acusado de participar do esquema. Estava habilitado, portanto, para assumir a vaga do antigo colega.

Sanchez sentou no trono e, poucos meses depois, o Corinthians sofreu o pior revés da sua história: o rebaixamento no Campeonato Brasileiro. A partir dessa humilhação, o cartola mudou a história do clube. “Há um Corinthians antes de mim e outro depois de mim”, costuma dizer. No final do ano seguinte, o time conquistou o título da Série B e, na sequência, anunciou a contratação do atacante

Ronaldo Fenômeno. Em 2009, intensificou sua costura pelo poder no alto do comando da CBF. Grudou a tal ponto em Ricardo Teixeira que conseguiu reatar o elo entre o todo-poderoso do futebol brasileiro e a estrela do seu time, Ronaldo. Essa relação de Sanchez com o presidente da CBF se estendia à Globo. O presidente do Corinthians passou a ser o líder da dupla dentro do Clube dos 13.

Preocupado com o forte *lobby*, Fabio Koff antecipou as eleições do C13 de novembro de 2010 para 12 de abril. E teve de compor com outro nome de força: Juvenal Juvêncio, advogado, ex-deputado estadual, ex-investigador de polícia, um dos caciques do futebol paulista desde a década de 80. Com Juvêncio de vice na chapa, os dois quase octagenários – ambos nasceram no início da década de 30 – precisaram correr contra o tempo para evitar uma debandada. A dupla teve muito trabalho. Do lado de lá, muitas promessas e pressão – a CBF chegou a emprestar dinheiro ao Botafogo, que mudou de lado, e a Globo adiantou verba ao Corinthians.

Por 12 votos a 8, Koff venceu Kleber Leite. “Foi um ato de heroísmo dos clubes que ficaram ao lado do Koff, por não se deixarem influenciar pelas pressões. O Clube dos 13 é o último bastião dos clubes. As federações estão ocupadas e não representam nossos interesses”, declarou o hiperbólico Juvêncio, ao final do pleito. E deixou uma intrigante e incompleta frase no ar: “Se eu fosse contar os bastidores desta eleição...”

A guerra havia começado. Troca de ofensas e retaliações dominaram os bastidores do futebol brasileiro ao longo daquele 2010. Dois meses após a disputa pelo comando do C13, Ricardo Teixeira deu o maior dos golpes em seu principal inimigo: o Morumbi foi oficialmente excluído da Copa do Mundo no Brasil. A Fifa queria que o São Paulo fizesse uma reforma de R\$ 630 milhões; o clube apresentou um projeto de R\$ 265 milhões (quase um terço). O Morumbi foi descredenciado. Ato contínuo, Juvenal Juvêncio voltou a ameaçar – desta vez, publicamente. Horas após o anúncio, o São Paulo Futebol Clube emitiu uma nota oficial de 700 palavras com desfecho esfíngico: “A Justiça é filha do Tempo. O Tempo é o Senhor da Razão. O Tempo dirá. E nós também”.

- - -

O estádio do São Paulo foi “fritado” antes mesmo de o Brasil ser oficializado como sede do Mundial. “Todo mundo sabe que o Morumbi não tem estacionamento e está no meio de uma das áreas mais caras da cidade. Teria de

haver uma reforma que seria muito complicada em termos financeiros”, disse Ricardo Teixeira, em janeiro de 2007.

Com seus vários “pontos cegos” (assentos no estádio com a visibilidade do campo prejudicada pela estrutura de sustentação) e longa distância entre o gramado e as arquibancadas, o Morumbi foi alvo constante de críticas diretas e veladas do presidente da CBF e de Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa. Ricardo Teixeira tinha 100 milhões de motivos para não colocar o estádio na Copa.

A partir de 31 de maio de 2009, quando as 12 cidades-sede foram escolhidas nas Bahamas – as ilhas do Caribe tão apreciadas no mundo da bola –, a pressão aumentou. Interesses políticos e “econômicos” forçavam a construção de um novo estádio na cidade mais rica do País, confrontados por críticas da opinião pública. “O São Paulo está fazendo de tudo para se adequar às normas do Caderno de Encargos, mas, pelo que a gente sente, a Fifa gostaria mesmo é de ter um estádio zero quilômetro para abrir a Copa, assim como foi na Alemanha, em Munique, e agora na África do Sul, em Joanesburgo”, disse, mais tarde, Caio Luiz de Carvalho, coordenador do Comitê Paulista responsável pela organização da Copa do Mundo na cidade de São Paulo.

Nesse período de disputa, Juvenal passou a mão no telefone, em 2009, e ligou para Lula, de quem se considera “amigo pessoal”. Em 23 de junho daquele ano, o então presidente da República baixou de helicóptero no gramado do Morumbi. Era uma visita oficial para prestigiar o estádio. Para não deixar dúvidas de seu objetivo, arrastou uma comitiva: a primeira-dama, Marisa Letícia, o ministro do Esporte, Orlando Silva, o ministro do Turismo, Luiz Barretto, o prefeito da cidade, Gilberto Kassab, o presidente da Federação Paulista de Futebol, Marco Polo del Nero, e até o presidente do Corinthians, Andrés Sanchez. Sentiu falta de alguém na lista? A pessoa mais importante não foi: Ricardo Teixeira deu de ombros para o evento. Irritado com a postura do presidente da CBF, Lula disse para o ministro dos Esportes na frente de várias testemunhas: “Orlando, manda o Ricardo Teixeira parar de falar merda sobre esse negócio de estádio”.

O presidente da CBF não só não parou como, apenas um ano depois, fez a Fifa descredenciar o Morumbi assim que saiu derrotado da batalha pelo comando do Clube dos 13. Queria mostrar, de uma vez por todas, quem mandava no futebol brasileiro. Para isso, lançou mão de uma estratégia perfeita. Apresentou uma alternativa que, de uma forma ou outra, agradava muita gente que participou da visita ao Morumbi: colocar para abrir a Copa um estádio do clube mais popular de

São Paulo. Era a vez de o Corinthians entrar no jogo.

A muitos, uma grande obra na capital financeira do País com participação de dinheiro público era mamão com açúcar. Apesar das promessas de não envolver verba do município em estádio, o então prefeito Kassab já vinha se empenhando em uma alternativa para o Morumbi meses antes da exclusão pela Fifa: uma arena multiuso no bairro de Pirituba, zona norte da capital. Uma semana após a exclusão do estádio, o prefeito já tinha em mão o projeto completo do “Piritubão” para apresentar aos organizadores do Mundial. Promotor do *boom* imobiliário que tomou conta da cidade durante sua gestão, o ex-corretor de imóveis Kassab dizia que um estádio aceleraria o desenvolvimento daquela região. Essa sanha imobiliária virou palco do maior escândalo descoberto na gestão do então prefeito: a “máfia do ISS” foi um esquema de fiscais da Prefeitura que cobravam propina de construtoras para reduzir o valor do Imposto Sobre Serviços. Testemunhas do esquema acusaram de envolvimento em corrupção o ex-prefeito Kassab, seu secretário de Finanças, Mauro Ricardo Costa, e Marco Aurélio Garcia, irmão do secretário estadual Rodrigo Garcia, parceiro político de Kassab.

Na disputa pelo estádio da Copa, o principal aliado de Kassab, o então governador José Serra, corria por fora. “Serra não queria o Morumbi na Copa”, disse Juvenal Juvêncio. “Ele é palmeirense de ajoelhar na frente do televisor.” Mas não era só uma decisão de torcedor. Conselheiro do Palmeiras, articulava para que o novo estádio do seu clube ganhasse a vaga na Copa. “Não mencionem a Copa [como objetivo do novo estádio], porque ela vai cair no nosso colo”, teria dito Serra à diretoria palmeirense numa reunião no Palácio dos Bandeirantes, segundo a revista *Placar*.

As intenções de Serra iam além. Durante a construção do novo estádio do clube, a Arena Palestra, uma das empresas contratadas pelo Palmeiras foi a PluriSport S/A, do engenheiro Vladimir Antonio Rioli. O empresário trabalhou durante muitos anos no extinto Banespa e chegou a ser condenado pela Justiça à prisão por má gestão. Mais do que isso: ele é ex-arrecadador de campanha do PSDB e ex-sócio de... Serra. Durante nove anos, Rioli e o tucano foram sócios na Consultoria Econômica e Financeira Ltda.

A postura do ex-governador no caso do estádio paulista é criticada até hoje. Em março de 2014, de maneira surpreendente, o economista Luís Paulo Rosenberg, vice-presidente do Corinthians e um dos responsáveis pelo projeto do Itaquerão, criticou a (falta de) postura do Palácio dos Bandeirantes em relação à Fifa.

“Continuo achando que a abertura deveria ser no Morumbi. O governador deveria ter dito: ‘aqui não é a casa da mãe Joana, que a Fifa vem dizer que um estádio desse tamanho, com R\$ 250 milhões de reforma que o São Paulo queria fazer, não serve para a abertura da Copa’. Acho absurdo”, disse Rosenberg, em entrevista ao jornalista Ricardo Perrone. “Quem disse que o Brasil tem que fazer a abertura no estádio mais moderno do mundo? Não precisa. Por que não pode ser no Morumbi? Como economista, digo que a solução mais racional seria a abertura no Morumbi.” Para o cartola, “foi um erro” o Corinthians ter aceitado fazer a abertura do Mundial. Com custo muito maior que o previsto, o Itaquerão seria entregue inacabado à Fifa poucos dias antes da Copa. Culpa da negligência de alguns e da gula de outros.

Em abril de 2010, dois meses antes do descredenciamento do Morumbi, Serra abandonou o governo do Estado e a briga dos estádios para tentar a presidência da República. Largou a bucha nas mãos de seu vice, Alberto Goldman, que pouco pôde fazer. Com Serra derrotado nas urnas e sem a mesma envergadura política, Goldman foi atropelado pela vontade de Kassab e pela animação de Lula com o projeto proposto por Teixeira para o Corinthians.

No mês seguinte, Lula recebeu a trupe da CBF e a seleção brasileira no Palácio da Alvorada. Era um pedido do presidente para dar “boa sorte” aos jogadores que estavam a caminho da África do Sul, para a disputa da Copa de 2010. Pegar a bênção de Lula foi o último compromisso da equipe antes do embarque para Joanesburgo. O desempenho da seleção naquele Mundial (caiu frente à Holanda nas quartas de final) só não foi mais constrangedor que a posição de Ricardo Teixeira na foto oficial da visita no Alvorada. Prensado entre Lula e Andrés Sanchez, o presidente da CBF ficou numa situação rara: sem saber onde meter a mão.

Já Sanchez estava bem na foto. Foi o único vencedor na África: além de ter sido chefe da delegação brasileira, saiu de lá com a certeza de que a abertura da Copa seguinte seria sua. Apenas um mês depois, declarou ao jornal *O Estado de S. Paulo* que o estádio ia sair do papel. O Itaquerão era a chance de o Corinthians anunciar a construção de sua arena própria no ano do centenário do clube. Apesar de seu esforço inicial para segurar o Morumbi na Copa, o presidente da República viu no projeto de Teixeira uma chance de satisfação pessoal e realização política. E se empenhou ao máximo.

Lula se prontificou a viabilizar o estádio. Foi até Emílio Odebrecht, de quem

ficou muito próximo, pedir ajuda na construção do Itaquerão. Dono de uma das maiores empreiteiras do País, o empresário foi convencido de que deveria bancar a obra e recebeu a promessa de ajuda de dinheiro público. “Quem fez o estádio fui eu e o Lula. Garanto que vai custar mais de R\$ 1 bilhão. Ponto. A parte financeira ninguém mexeu. Só eu, o Lula e o Emílio Odebrecht”, contou Andrés à revista *Época*.

Questionado pela revista *Brasileiros* como o então presidente entrou nisso, o cartola foi enigmático: “Se eu contar, eu e ele ‘tamo’ morto. [Não conto] nem no pau de arara!”. Conselheiro do clube, Lula ajudou a tirar do caminho todos os obstáculos burocráticos que impediam o andamento da obra do estádio. Pela sua paciência e cooperação, Emílio Odebrecht recebeu o título de “associado benemérito” do clube.

Sanchez diz que tanto ele quanto o presidente não projetaram o estádio para sediar a Copa. Lula preferia o estádio do São Paulo no Mundial, para minimizar acusações de uso político a favor de seu clube. Mas, em meio ao embate, optou por não peitar a Fifa para impor o Morumbi e aceitou de bom grado o mimo de Ricardo Teixeira e Jérôme Valcke ao Corinthians. Lula deu um tapa nas costas de seu amigo Juvenal Juvêncio e colocou a troca de estádio na conta da cartolagem.

- - -

Depois desse tiro de bazuca, ao Clube dos 13 restava uma única arma: os direitos de transmissão do Brasileirão. Koff anunciou que pretendia fazer um “processo licitatório” na renovação do contrato com a Globo e deixar de lado a cláusula que sempre deu prioridade à família Marinho. A emissora carioca pagava ao Clube dos 13 em média R\$ 300 milhões por ano. Com a mudança, a expectativa era aumentar a arrecadação para mais de R\$ 1 bilhão. As outras emissoras ficaram atiradas, especialmente a Record. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e o Ministério Público Federal (MPF) entraram no circuito e declararam ilegal a cláusula que favorecia a Globo e orientaram o C13 a abrir o processo de venda dos direitos para todo mundo.

Em dezembro, Koff deu a demonstração pública definitiva de que a relação entre clubes, CBF e Globo mudaria para sempre: contratou uma pesquisa para saber qual era o horário preferido do torcedor brasileiro para assistir aos jogos. Resultado: nas cidades médias, 20h30; nas grandes, 21h00, por causa do trânsito. Lembrem-se da frase de Ricardo Teixeira sobre sua retaliação contra a Globo?

“Pegava duas novelas e o *Jornal Nacional*. Você sabe o que é isso?”. A única diferença da pesquisa do C13 é que pegava “só” uma novela e o *Jornal Nacional* – as duas maiores audiências e faturamentos da TV Globo.

Apesar de o C13 informar que a pesquisa tinha como objetivo o canal fechado, foi uma provocação. A ideia era, no ano seguinte, convocar um fórum com imprensa, secretarias de segurança pública, clubes, CBF e Ministério do Esporte para discutir os horários de transmissão dos jogos. A bomba estava lançada.

Já catapultada à vice-liderança de audiência, a TV Record foi a primeira a demonstrar interesse na disputa com a Globo pela transmissão do Campeonato Brasileiro. A emissora paulista havia adquirido os direitos exclusivos dos Jogos Pan-Americanos e Olímpicos – que seriam realizados em 2011 (Guadalajara) e 2012 (Londres). Estava, portanto, investindo pesado em esporte. Além da Record, RedeTV! e SBT entraram na disputa com a Globo, que tem a Bandeirantes como parceira de transmissão. A emissora de Silvio Santos fez apenas sondagens e não levou a conversa adiante.

O processo licitatório – conduzido pelo diretor-executivo da entidade, Ataíde Gil Guerreiro, conselheiro do São Paulo – tinha término previsto para março de 2011. Com essa disputa, os clubes pretendiam triplicar a arrecadação com TV. Mas a licitação acabou antes do previsto. Em 22 de fevereiro, Andrés Sanchez comunicou o afastamento do Corinthians do Clube dos 13. Segundo o dirigente, as negociações não estavam sendo conduzidas da forma correta. No dia seguinte, anunciou a desfiliação definitiva: “O simples fato de, durante reunião de ontem da comissão de negociação do Clube dos 13, seu diretor executivo, no meio das discussões, ter ligado para um alto executivo de uma das emissoras concorrentes para saber o que ele achava de uma deliberação em discussão (confirmado por dois membros da comissão de TV) demonstra que este processo não está sendo conduzido com isenção e macula, de forma indelével, a lisura dos trabalhos que estão sendo realizados”, disse Sanchez, por meio de carta ao C13, para justificar a saída do Corinthians.

Começava a implosão da entidade que havia nascido em 1987 para defender os grandes clubes. No mesmo dia, os quatro principais times do Rio de Janeiro tomaram o mesmo caminho do Corinthians. Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo não se desfiliam, mas comunicaram ao C13 que fariam por conta própria a negociação dos direitos de transmissão de seus jogos, por “não reconhecer como adequada a forma pela qual o Clube dos 13 conduziu, perante

seus associados, o projeto para o novo contrato de transmissão”. O resumo da história era o seguinte: Corinthians e Flamengo, as duas maiores torcidas do Brasil, estavam fechados com a Globo.

Como previsto no roteiro da peça teatral, no dia seguinte, 25 de fevereiro, a Globo emitiu uma nota à imprensa para informar que não participaria mais da licitação do Clube dos 13. Em texto que não é claro, tentou explicar que o pedido dos clubes era alto: “As condições impostas na carta-convite não se coadunam com nossos formatos de conteúdo e de comercialização, que se baseiam exclusivamente em audiência e na receita publicitária, sendo incompatíveis com a vocação da televisão aberta que, por ser abrangente e gratuita, é a principal fonte de informação e entretenimento para a maioria dos brasileiros. Assim é, em respeito ao interesse do público, que a Rede Globo se sente impedida de participar desta licitação e pretende manter diálogo com cada um dos clubes para chegarmos a um formato para a disputa pelos direitos de transmissão que privilegie a parte mais importante desse evento: o torcedor”. O resumo da nota era: a Globo estava fechando com os clubes individualmente e dando uma banana para o Clube dos 13.

Questionado sobre a posição da emissora carioca, o Clube dos 13 mostrou uma falsa surpresa: “A entidade lamenta o fato de a emissora ter mudado abruptamente de posição, uma vez que desde a criação do Clube dos 13 a Rede Globo foi sempre parceira na construção e no fortalecimento do futebol brasileiro”. Mas a verdadeira resposta veio mais tarde. Em entrevista a Juca Kfoury, Fabio Koff foi bem mais incisivo: “Essa ruptura do Clube dos 13 é coisa do Ricardo [Teixeira] e do Marcelo [Campos Pinto]. Eles são vizinhos de sítio e tramam tudo nos churrascos que fazem. O Andrés Sanchez veio até minha sala, encheu-me de elogios e avisou que o Corinthians ia sair. Eu até disse que entendia, que admitia que quem entra pode sair, mas que queria saber o motivo. Ele disse que, quando alguém pega um rumo, tem de ir até o fim. ‘Mas que rumo?’, perguntei. ‘O rumo, o rumo’, respondeu”.

Em entrevista à ESPN, o presidente do Atlético-MG, Alexandre Kalil, revelou a conversa que teve com Sanchez sobre o assunto: “Falei com ele e perguntei: ‘Que sacanagem é essa?’. Porque ele é tudo, menos bobo”, afirmou Kalil. “‘Kalil, estou ganhando um estádio’, ele me respondeu. Virei as costas e saí andando. Porque eu também, se me dessem um estádio, detonava a mesa”. Questionado sobre a suposta declaração, Sanchez diz que Kalil é “mentiroso”.

A decisão do presidente do Corinthians de atacar o Clube dos 13 teve um custo: a vingança de Juvenal Juvêncio. A implosão da entidade era a segunda derrota do presidente do São Paulo para seu rival, que já havia conseguido o Itaquerao para a abertura da Copa. No dia 3 de maio, o presidente do Corinthians foi convidado a participar de uma reunião no Clube dos 13. Era um encontro, a portas fechadas, para discutir ideias, debater as negociações com a Globo, refletir sobre o futuro do C13. Pareceu armadilha. Boca-aberta por natureza, Sanchez fala o que não deve com microfone ligado; em recinto fechado, perde completamente a compostura. Quem o convidou sabia disso. Mas deixou uma câmera ligada, sem a ciência do presidente do Corinthians.

Três dias após a reunião, vazou a informação para Juca Kfoury de que Sanchez havia xingado a Globo. Kfoury deu uma nota e foi questionado por todos os lados sobre a veracidade da informação. No dia 18, o jornalista recebeu o vídeo. Em pé, com a palavra ao microfone, Sanchez solta a pérola: “Sou amigo do Ricardo Teixeira mesmo. Sou amigo da Globo mesmo, apesar de [a Globo] ser gângster. Sou amigo de não sei de quem... Eu não tenho problema, não. Acabou! Eu vejo o meu clube”. Ouve-se uma (única) gargalhada ao fundo.

O corintiano enlouqueceu com o vazamento do vídeo. Teve de se desculpar publicamente com sua parceira TV Globo. Foi uma clara tentativa de queimá-lo com a emissora. Em entrevista coletiva, Sanchez foi direto: “Eu sabia que o Juvenal era prepotente, metido, mas não sabia que ele era cagueta (sic). Não sou eu que acho que ele vazou, o Ataíde [Gil Guerreiro] confirmou”. Fato é que, àquela altura, todos já haviam feito acordos individuais com a emissora carioca – inclusive o São Paulo.

Procuramos Fabio Koff. Contamos a ele o projeto do livro e que gostaríamos de fazer algumas perguntas. O que se deu foi intrigante. “A sua ligação me deixou embaraçado. Eu prometi à minha família que eu não me envolveria mais em questões de natureza política, por tudo que passou, que foi muito desgastante para mim. Eu me senti isolado, sozinho numa briga de cachorro grande. Gostaria que você me desse um tempo. Tem muita história a ser contada, muita coisa não foi contada. Eu acho um tema muito interessante que vocês estão abordando. É um registro histórico de um momento que não deve voltar. É necessário esse registro para que não ocorra mais para frente a mesma coisa, com os mesmos ou outros personagens. Então, me dá um tempo [para pensar]. Repito: acho importantíssimo o registro que vocês estão fazendo. Pode me ligar amanhã”, disse o dirigente. Koff

não atendeu mais as nossas ligações.

- - -

Mas, se o Clube dos 13 foi para o beleléu depois da guerra, a TV Globo saiu com o bolso bem arranhado. Estima-se que, somente com Corinthians e Flamengo, a Globo passou a gastar R\$ 200 milhões – ou seja, 66% do que pagava antes a todos os clubes! Ataíde Gil Guerreiro, o diretor-executivo do C13, perdeu a guerra mas saiu satisfeito: “O Marcelo Campo Pinto falou que os Marinhos não podem ouvir o meu nome. Disse que eu dei R\$ 2 bilhões de prejuízo para eles”.

E a Record não podia ouvir o nome de Ricardo Teixeira. Dez anos após a Globo, chegava a vez de a emissora paulista expor a verdade sobre o presidente da CBF. Foi aí que entramos em campo. A direção da emissora decidiu transferir a missão a profissionais sem qualquer vínculo com o jornalismo esportivo. O objetivo era mostrar o lado sujo do futebol – o jogo duro, o jogo que é profissional, não o jogo mostrado aos telespectadores nos gramados.

De 12 de junho a 5 de setembro de 2011, foram 18 matérias que desnudaram Ricardo Teixeira e seus parceiros. A primeira delas foi exibida no programa *Domingo Espetacular*. Em uma reportagem especial de nove minutos, a grande novidade era a revelação da lista de 21 pagamentos de propina que a Sanud havia recebido da ISL. A lista, que integrava a investigação na Suíça, era a prova mais forte até então da ligação entre o cartola, a Sanud e a empresa usada para os pagamentos de propina aos dirigentes da Fifa.

As reportagens continuaram no *Jornal da Record* com a série “Jogo Sujo”. Mostramos a vida de luxo de Teixeira, os negócios nebulosos do cartola no Brasil envolvendo vários personagens, como o então presidente do Barcelona, Sandro Rosell, que apareceu no escandaloso episódio do amistoso da seleção brasileira contra Portugal.

Veículos de comunicação do Brasil e da Europa repercutiram as matérias da Record. Com acesso a documentos levantados por nós, a influente revista britânica *Economist* fez um perfil de Teixeira em que narrou “os gols contra do Senhor Futebol”. O texto foi escrito pelo repórter suíço Jean François Tanda. Como é comum nos bastidores do jornalismo, passamos a trocar figurinhas com Tanda, o britânico Andrew Jennings e outros colegas europeus, uma necessidade diante de um escândalo globalizado.

No Brasil, as reportagens fortaleceram a indignação popular que culminou com

o movimento “Fora Ricardo Teixeira”, e os protestos que se seguiram a ele. O governo ficou numa saia justa e Teixeira, isolado. As reportagens resultaram na reabertura de investigação no Ministério Público Federal do Rio de Janeiro, inquérito na Polícia Federal e pedido de investigação no Congresso Nacional. Ricardo Teixeira ficou ensandecido.

Quando começou o bombardeio, o presidente da CBF estava acompanhado da jornalista Daniela Pinheiro, da revista *Piauí*. Com autorização do diretor de comunicação da entidade, Rodrigo Paiva, a repórter viajou com Teixeira, inclusive para Zurique, e o acompanhou em passeios, reuniões, almoços. O tiro de Paiva saiu pela culatra. O perfil publicado pela *Piauí* foi desastroso para o dirigente. Sob o título “O presidente” e uma caricatura em que o emblema da Copa de 2014 tem o rosto de Ricardo Teixeira no lugar do globo terrestre, a reportagem de 17 páginas exala a insolência do cartola. Questionado pela reportagem sobre como reagia às denúncias, respondeu como um lorde inglês: “Não ligo. Aliás, caguei. Caguei montão”. Naquele momento, Teixeira mantinha a mesma linha de raciocínio dos anos 80: “Só vou ficar preocupado, meu amor, quando sair no *Jornal Nacional*”.

A emissora carioca fez esforço para blindar Teixeira. A repórter conta que uma equipe da Globo havia sido enviada a Zurique com o objetivo de entrevistar o presidente da CBF sobre os preparativos da Copa. “Executivos da Federação, inclusive Teixeira, falaram longamente sobre as obras de infraestrutura no Brasil, a construção de estádios e as cidades-sede dos jogos. Apesar de todas as denúncias sobre corrupção e suborno, nenhuma pergunta foi feita sobre o assunto pela Globo.” Em outro momento, a repórter conta que Teixeira recebeu um telefonema de um representante da empresa Match que queria saber se, numa entrevista agendada com a TV Globo, haveria perguntas sobre os altos preços de hotéis e restaurantes no Brasil. “Não vai ter isso, não: está tudo sob controle”, disse Teixeira.

A Match Hospitality foi a empresa suíça que comercializou os ingressos VIPs da Fifa para a Copa no Brasil – entre os sócios, há uma empresa que é presidida por Philippe Blatter, sobrinho de Joseph Blatter. Foi da Match que a Traffic, de J. Hawilla (aquele), e o Grupo Águia, de Abrahão (aquele), compraram os direitos exclusivos das vendas desses pacotes de luxo. Entendeu?

Mas não estava tudo tão “sob controle”, como queria o dirigente da CBF. Nossas matérias começaram a sair do forno. Daniela relata na reportagem o dia em que

Teixeira soube do que estava acontecendo: “Chovia com intensidade e o celular de Paiva não parava. Em outro telefonema, alguém avisou que uma reportagem ‘bombástica’ sobre Teixeira seria exibida, no domingo, na Rede Record. Ele reagiu amaldiçoando a emissora, jornalistas, sites noticiosos e a imprensa toda. Disse que não se preocupava porque o programa da rede da Igreja Universal ‘dava traço’. Achava até bom: ‘Quanto mais tomo pau da Record, fico com mais crédito na Globo’. Ao longo dos dias, porém, teve a sensação de que era injusto tomar bordoadas sozinho por causa de uma briga deletéria entre a Globo e a Record”. “Dava traço” é uma expressão usada quando um programa de TV dá zero ponto de audiência na medição do Ibope. Naquela noite de 12 de junho, o programa *Domingo Espetacular* ficou em primeiro lugar de audiência durante a reportagem.

No dia seguinte, Teixeira recebeu a informação de uma nova “reportagem avassaladora”. Segundo a *Piauí*, “mandou o advogado preparar a notificação para um processo”. Ação judicial que nunca aconteceu. Aliás, nem dele, nem de Sandro Rosell (que também fez ameaças, em entrevistas na Espanha), nem de nenhum dos personagens denunciados em nossas reportagens – todas embasadas em documentos oficiais. A justificativa de Teixeira para a balbúrdia era a mesma de sempre: o macete de, supostamente, tirar dinheiro público da CBF logo que assumiu: “Que porra as pessoas têm a ver com as contas da CBF? Que porra elas têm a ver com a contabilidade do Bradesco ou do HSBC? Isso tudo é entidade privada. Não tem dinheiro público, não tem isenção fiscal. Por que merda todo mundo enche o saco?”.

Na CBF, não tinha dinheiro público direto. Mas Teixeira era, naquele momento, mais que o todo-poderoso do futebol brasileiro: era ele o presidente do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014 – para onde jorrava dinheiro público e isenção fiscal. Mais do que nunca, tudo o que Teixeira precisava era de paz para tocar seus negócios.

- - -

A festança começou em 2006. Quando Thierry Henry apareceu sozinho dentro da área do Brasil, era difícil saber quem estava mais distraído, se Roberto Carlos ou Ricardo Teixeira. Enquanto o lateral-esquerdo da seleção ajeitava os meiões, o atacante francês aproveitou uma cobrança de falta de Zinedine Zidane e fez o gol que eliminou o Brasil nas quartas de final da Copa da Alemanha. Nas tribunas, o presidente da CBF ajeitava os bolsos. A cabeça do cartola estava longe dos

gramados. Como sempre. Em 4 de julho, três dias após a derrota em campo, Joseph Blatter confirmou que a Copa de 2014 estava a caminho do Brasil.

Teria sido o cumprimento de uma promessa feita lá atrás, quando Havelange apoiou a eleição de Blatter e Teixeira decidiu cuidar do futebol “em casa”.

Além do jogo político de Teixeira e Havelange, pesou a favor do Brasil uma mudança no regulamento interno da Fifa, em 2000, quando foi determinado um rodízio entre os continentes para sediar o evento. Em 2002, a Copa foi na Ásia (Japão e Coreia do Sul); em 2006, na Europa (Alemanha); em 2010, na África (África do Sul); e, em 2014, deveria acontecer na América do Sul.

Em 28 de setembro, Blatter se encontrou com o presidente Lula para saber se o Brasil estava disposto a aceitar tudo o que pregava a cartilha da Fifa para abrigar o Mundial. Um contrato leonino, que levaria o País a gastar cerca de R\$ 30 bilhões – correspondentes à soma do custo dos três Mundiais anteriores. Dentre várias coisas, o caderno de encargos da entidade exige:

- Isenção de impostos para a Fifa e suas parceiras (estudo do Tribunal de Contas da União apontou que o País deixou de arrecadar mais de R\$ 1 bilhão).
- Liberação da comercialização de bebida alcoólica nos estádios, que é proibida no País pelo Estatuto do Torcedor.
- Cessão de dois quilômetros de perímetro ao redor dos locais oficiais da competição como área de exclusividade para a Fifa e seus patrocinadores.
- Disponibilizar serviços de segurança, médicos e de imigração.
- Passar para a União a responsabilidade civil de problemas envolvendo a segurança do evento.
- Punição a quem, até o fim de 2014, reproduzir ou piratear os símbolos da Fifa e comercializar produtos que envolvam a Copa, com pena que pode chegar a um ano de detenção.

O presidente Lula mandou Blatter e Teixeira tocarem a brincadeira adiante, que ele assinaria tudo (para fazer valer o acordo feito por Lula, a presidenta Dilma teve de sancionar a Lei Geral da Copa, em 2012). A Fifa ficou tão animada com a boa vontade do governo brasileiro que antecipou a data de inscrições dos países sul-americanos candidatos de fevereiro de 2007 para dezembro de 2006. No último dia, a Colômbia apareceu como candidata – mas, sem apoio de Blatter e sem condições de bancar tudo o que a Fifa pedia, desistiu da disputa.

Em 30 de outubro de 2007, chegou o dia da festa em Zurique. Um trem da alegria foi convidado pelo governo federal para prestigiar a oficialização do Brasil

como país-sede do evento. Além de Lula e Ricardo Teixeira, estavam na comitiva 12 governadores, o então ministro do Esporte, Orlando Silva, o então técnico da seleção, Dunga, o treinador de 1994, Carlos Alberto Parreira, o escritor Paulo Coelho, além dos ex-jogadores Bebeto, Cafu, Carlos Alberto Torres e, por ironia do destino, Romário.

Blatter promoveu a *mise-en-scène*, afagou Lula, mas fez a cobrança em público, para o mundo inteiro ouvir: “O país que produziu os melhores jogadores do planeta, que tem cinco títulos mundiais, terá o direito, mas também a responsabilidade, de sediar a Copa em 2014”. Explosão de alegria na plateia! Quem estava ali estava só para festejar. A responsabilidade ficaria mesmo para os governos seguintes.

Em meio às comemorações, o governo federal prometeu à população transformar o País em um canteiro de obras. O resultado final todos conhecem: muitas delas não saíram do papel. Para isso, Teixeira e Fifa não estavam nem aí. A única preocupação era o cumprimento do caderno de encargos, que envolvia o cofrinho deles. Questionado pela *Piauí* sobre os problemas de infraestrutura, o então presidente da CBF foi direto ao ponto: “Isso é o governo. E se o governo acha que a Copa não é prioridade, não posso fazer nada. Esse é o SEU país”. Assim mesmo: “seu”. Ricardo Teixeira era isso. Sempre tratou o futebol como um mundo à parte, um território independente dentro do Brasil. Do qual o dono era ele e, portanto, não devia satisfação às autoridades locais.

Ao longo deste livro, você deve ter se perguntado algumas vezes: de onde vinha toda essa força política? Por que governantes do País não romperam com essa cartolagem, tão detestada pela população? O jornalista Juca Kfoury, um dos mais argutos críticos dos dirigentes esportivos brasileiros, acredita na teoria do canto da sereia. “Penso numa situação, que é pura imaginação, mas que acho que tem algum fundamento:

- Como é meu dia amanhã, Gilberto?
- O senhor toma café da manhã às 8h com o ministro da Saúde...
- Pô. Meu dia começa quente, com problema.
- Às 10h30, vem o embaixador da Bélgica apresentar credenciais.
- Pô. Que coisa chata!
- Às 12h30, o senhor almoça com a primeira-dama.
- Não pode ser a Gisele Bündchen? Hahaha!
- Às 16h30, o Ministro da Justiça.

– Putz...

– Depois vem o Ricardo Teixeira, que vai trazer o Ronaldinho.

– Oba! Chama todo mundo para tirar foto. Traga meus netos!”

Kfourri não é propriamente um jornalista ingênuo. Longe disso. Sabe que, além de o ópio do povo alucinar até quem não é do povo, existem interesses maiores por trás dessa aproximação entre políticos e os podres poderes do futebol. O jornalista, inclusive, é testemunha ocular de um dos episódios mais polêmicos dessa relação.

Em 2 de maio de 2005, o presidente Lula esteve em São Paulo para a comemoração de 5 anos do jornal *Valor Econômico*. No meio da tarde, chamou o jornalista e o ex-jogador Sócrates no prédio da Presidência da República na capital paulista. Queria, segundo Juca, ouvi-los sobre a criação da Timemania. A ideia do jogo de loteria esportiva havia nascido no ano anterior, com o objetivo de sanar as dívidas de mais de R\$ 900 milhões dos clubes de futebol com a União. No início de 2005, o então ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, munido de justificativa estapafúrdia, convenceu Lula e os presidentes do Senado e da Câmara de que a proposta era urgente para o País.

Segundo Juca, o presidente da República quis saber sua opinião e a de Sócrates. “Sentamos José Dirceu, Lula, Gilberto [Carvalho], Sócrates e eu. Tanto Sócrates quanto eu éramos contra a Timemania e, mais contra ainda, o fato de ele [Lula] editá-la como medida provisória. Ele disse: ‘Não assino isso daí nem fodendo’. Eu disse: ‘Presidente, o senhor vai ter problema. O ministro [Queiroz] está chamando toda a cartolagem quarta-feira pra assinatura’. Ele virou para o Gilberto e perguntou: ‘Eu prometi alguma coisa pra ele?’. Ele [Carvalho] falou: ‘Prometer não prometeu, mas também nunca foi taxativo’. ‘Não assino nem fodendo’”, conta Kfourri. “O Zé Dirceu pôs o Toffoli [José Antonio Dias Toffoli, então subchefe da área de Assuntos Jurídicos da Casa Civil e hoje ministro do Supremo Tribunal Federal] no viva-voz. Eu ouvi o Toffoli dizendo ‘não há pressa nenhuma, não há o que justifique isso como medida provisória e isso tem que ser discutido no Congresso. Lula: ‘Não assino nem fodendo’.” A história segue: “Segunda-feira, eu cheguei na CBN, repeti isso [que a Timemania não seria criada por medida provisória], sentei, mandei minha coluna para o *Lance!*, fui para a TV Cultura, fiz meu comentário no *Jornal da Cultura* e abri o *Cartão Verde* elogiando o fato de ser projeto de lei. À meia-noite, chego em casa, toca o meu telefone, era o editor do *Lance!*, Marcos Augusto Gonçalves. ‘Juca, você viu o *Jornal da Globo?*’ ‘Não, não

vi.’ ‘A Ana Paula Padrão acaba de informar que o Lula assina quarta-feira a medida provisória.’ Eu fiquei puto. Eu falei: ‘Tira, derruba minha coluna. Eu passei duas horas com o Lula, e você está acreditando na Ana Paula Padrão?!’”.

Na terça-feira, a coluna de Kfoury foi publicada com elogios à decisão de não criar a Timemania por medida provisória. No dia seguinte, dia 4 de maio de 2005, o presidente Lula assinou a medida provisória, ao lado de Agnelo Queiroz e Ricardo Teixeira (no ano seguinte, assinou a lei 11.34/2006, que oficializou a Timemania). “Escrevi que o Lula tinha traído, e tinha testemunha nessa traição. Tempos depois, eu o cobreí desse episódio. Sabe o que ele falou? ‘Juquinha, você me chamou de filho da puta. Eu fui filho da puta com você. Tá zero a zero. Você acha que entre ser filho da puta com você e com o Agnelo, que era o meu ministro, você acha que eu ia ser com quem?’.”

O pragmatismo do ex-presidente, pelo jeito, só perde para o de Ricardo Teixeira – adquirido por osmose de seu padrinho João Havelange. O cartola pairava sobre todos os partidos políticos com a naturalidade de um urubu que cerca o animal agonizante, à espera do bote. Pouco antes da eleição de Lula, em 2002, Teixeira subiu a rampa do Planalto ao lado de Fernando Henrique Cardoso, a quem foi levar o troféu da Copa do Mundo daquele ano. Em 30 de junho, a seleção brasileira venceu a Alemanha por 2 a 0 e conquistou o chamado pentacampeonato (o quinto título mundial, não consecutivo). Foi uma campanha brilhante, comandada por Felipão, com sete vitórias em sete jogos. Um dos vilões da Copa de 1998, Ronaldo foi o grande herói daquela Copa do Japão e da Coreia do Sul. Na volta de Yokohama, parada obrigatória da delegação em Brasília, para tirar fotos e receber medalhas do tucano. Teixeira, que havia ameaçado não levar a seleção à capital federal por causa das CPIs, fez questão de se ser fotografado ao lado de Fernando Henrique.

Meses depois, o multifacetado Teixeira declarou voto em Ciro Gomes (então do PPS) na disputa pela presidência da República. Lula levou, e o cartola passou a bajulá-lo, mas acendendo vela para a oposição. Tornou-se amigo íntimo do tucano Aécio Neves, seu conterrâneo. Em 2004, o então governador de Minas Gerais laureou o cartola com a medalha da Inconfidência, alta comenda concedida pelo governo mineiro, atribuída a cidadãos que tenham contribuído para o prestígio e projeção do Estado.

Sempre solícito, o dirigente paparicou todos os presidentes da República com quem conviveu: José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique,

Lula e Dilma Rousseff. Dessa última, porém, recebeu o tratamento esperado de um chefe de Estado. O presidente da CBF tentou, inúmeras vezes, audiência com a presidenta da República desde que ela tomou posse, em janeiro de 2011. Teixeira, que se acostumou a passar sextas-feiras papeando sobre futebol e tomando uísque com Lula, caiu do cargo sem nem mesmo ser recebido por Dilma.

O tamanho do desprezo da presidenta à figura de Ricardo Teixeira era proporcional à certeza que ele tinha da impunidade, alimentada pelos anos de acesso privilegiado às mais altas instâncias dos três poderes. Na entrevista à *Piauí*, de dentro do jatinho da CBF, Teixeira deu a declaração que melhor representa esse sentimento: “Até 2014, posso fazer a maldade que for. A maldade mais elástica, mais impensável, mais maquiavélica. Não dar credencial, proibir acesso, mudar horário de jogo. E sabe o que vai acontecer? Nada. Sabe por quê? Porque eu saio em 2015. E aí, acabou”.

Nunca antes na história deste País, Ricardo Teixeira esteve tão errado sobre seu futuro.

A PRIVATARIA NOS ESTÁDIOS

“A Copa do Mundo é um evento privado. O papel do governo não é de investir, mas de ser facilitador e indutor. Não há motivo para pensar em dinheiro público. Faremos toda a competição com investimento privado.”

Ricardo Teixeira

Os técnicos do Corinthians e do Palmeiras dao entrevista juntos. Ao fundo, visível para as câmeras, a frase diz que a rivalidade só existe “dentro do campo”. É, supostamente, uma campanha para evitar violência entre as torcidas. Curiosamente, acontece às vésperas de os dois clubes inaugurarem seus novos estádios. São arenas multiuso. Com a Copa do Mundo, o futebol brasileiro entra em nova fase. Estádios menores e mais confortáveis diminuem o risco de arquibancadas vazias aparecerem na TV. A iluminação é de estúdio.

Como explicou o ex-presidente do Corinthians Andrés Sanchez, o Itaquerão é um *shopping center* com um campo no meio. A ideia, como acontece na Europa e nos Estados Unidos, é convencer o torcedor a gastar não só com o ingresso: ele pode fazer compras, refeições ou participar de outros eventos no estádio. No jargão dos marqueteiros, é preciso “qualificar” o público. Trocando em miúdos, expulsar os pobres. As torcidas organizadas serão enquadradas para obedecer à numeração dos assentos. A pressão para desmantelá-las vai crescer. Na nova era, são inconvenientes. É preciso atrair famílias, que ajudam a aumentar o gasto médio “por tíquete”, que é o jeito de falar dos marqueteiros. Qual pai de classe média vai negar o pedido do filho que quer a camiseta oficial do ídolo a R\$ 200? Que venham as crianças.

Romário, o craque que celebrou tantas vezes seus gols diante da geral, no Maracanã, observou sobre a reforma do estádio: “É triste ver o Maracanã como está hoje. O verdadeiro Maracanã acabou. Esses políticos que não têm

compromisso com o que é do povo desfiguraram o Maracanã”, afirmou o Baixinho. Zico, que reinou no estádio na década de 80, demonstrou preocupação com o que se tornou o futebol com as novas arenas. “Eu lamento demais que não exista um jeito de garantir que o torcedor mais pobre tenha acesso ao estádio”, afirmou o ex-jogador.

Talvez Zico e Romário sejam saudosistas. Mas é certo que a ideia do futebol como esporte do povão, no Brasil, vai se tornar coisa do passado. Não existe mais a batalha entre arquibaldos e geraldinos, clássica definição de Nelson Rodrigues para os tipos que habitavam os dois espaços da plateia dos estádios. As arenas mataram os geraldinos; os arquibaldos foram transformados em espectadores de peça de teatro, em que levantar é um ato de desrespeito. Torcer no estádio ficou burocrático.

É preciso vender carnês anuais, para antecipar a renda. E isso só se faz com quem tem emprego seguro e bom salário. Sai o povão, entra a classe média. Mudança dramática, especialmente quando o povão está ajudando a pagar os novos estádios. Quando o Brasil ganhou o direito de sediar a Copa, estimou-se que ela seria bancada em 80% com investimento privado. O Tesouro público entraria com 20%. Porém, o que se viu na prática foi quase o inverso. Dinheiro do contribuinte foi injetado nas obras. Em massa.

- - -

Os custos da Copa no Brasil devem passar de R\$ 30 bilhões, 70% em dinheiro público. Será o torneio mais caro de todos os tempos.

A previsão inicial só para os gastos de construção e reforma de todos os 12 estádios era de aproximadamente R\$ 5,1 bilhões, segundo divulgou o Ministério do Esporte em janeiro de 2010. Em fevereiro de 2014, a conta estava em R\$ 8,5 bilhões. Desses muitos bilhões investidos em estádios, apenas R\$ 133,2 milhões não envolvem os cofres públicos, ou seja, pouco mais de 1,5%. O cálculo engloba incentivos fiscais, empréstimos e ainda a participação efetiva do governo como “dono” de arenas – R\$ 3,9 bilhões do montante, praticamente metade, estão atrelados a financiamentos públicos através do BNDES. O governo alega que vai reaver o dinheiro, com juros. Que a Copa criou milhares de empregos. Que o evento turbinou a economia. Que projeta o país e reforça o turismo.

A única certeza absoluta é que os gastos foram feitos. Quanto ao retorno, é incerto. Um bom exemplo de como as coisas foram tratadas no Brasil é a estrutura

provisória de segurança dos estádios. O padrão internacional exigido pela Fifa prevê a instalação de detectores de metais, equipamentos de raio-x, tendas, cercas, enfim, vários apetrechos de segurança. São R\$ 40 milhões por estádio. Por contrato, os clubes proprietários das arenas que foram beneficiados com a Copa deveriam bancar a parafernália.

Mas, em fevereiro de 2014, Corinthians, Atlético Paranaense e Internacional anunciaram que não iriam pagar pela segurança provisória. Os clubes agem dessa maneira porque sabem que o dinheiro sai de algum lugar. Provavelmente, caro leitor, de seu bolso.

- - -

Além de sorver uma boa dose de dinheiro do contribuinte, a Copa desenha uma transformação nos bastidores do futebol de que poucos se deram conta: 2014 é o ano de as empreiteiras mergulharem no ramo do entretenimento!

O tão sonhado estádio do Corinthians, por exemplo, não pertencerá ao clube tão cedo. O dono do estádio será a Arena Fundo de Investimento Imobiliário (FII), cujos sócios são o clube paulista, a construtora Odebrecht e a BRL Trust, administradora do estádio.

Além do terreno, o Corinthians cedeu ao fundo todos os direitos comerciais futuros do estádio, incluindo renda, *naming rights* (direito de vender o nome da arena a alguma empresa), placas de patrocínio e aluguel de lojas. O FII controlará as finanças da arena até a quitação de um empréstimo com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), no valor de R\$ 400 milhões. A princípio, a empresa atuará no Itaquerão durante 16 anos. Foi o fundo quem obteve o empréstimo, já que o órgão federal não pode dar dinheiro a clubes de futebol.

Com isso, a Odebrecht passa a ter interesse direto nos rumos do futebol, assim como outras grandes empreiteiras que construíram estádios da Copa e eventualmente vão controlar sua administração.

Esqueçam o “esporte do povo”. Acima de tudo, a partir de agora, ele será o esporte do lucro. Privado.

Os rolos com o dinheiro público ainda vão render muitos calhamaços de papel na Justiça. O que envolve a construção do Itaquerão, por exemplo, ainda está longe do fim. Marcelo Milani, promotor de Justiça, moveu uma ação contra o ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, hoje no PSD, que abriu mão da arrecadação

de R\$ 420 milhões em impostos para ajudar o clube. Milani argumenta que o poder público municipal deu vantagens indevidas a uma instituição privada.

O governo estadual, de Geraldo Alckmin (PSDB), também deu uma força: fez obras no entorno e negociou com a iniciativa privada uma parceria para construção das arquibancas removíveis.

Já o governo federal, além de abrir os cofres do BNDES, propôs e conseguiu aprovação no Congresso da Lei Geral da Copa.

Ela concede isenção fiscal, por exemplo, a material importado utilizado nos estádios. Se o Corinthians instalou uma cozinha industrial trazida de fora para preparar as refeições servidas nos camarotes, não recolheu imposto sobre o equipamento. Sem exagero, pode-se dizer que o contribuinte da periferia paga uma fração do filé-mignon consumido por um turista estrangeiro que veio ver a Copa. O lucro será rachado entre a Fifa, Corinthians e Odebrecht.

- - -

A Copa é, assim, um Robin Hood às avessas, que transfere renda de quem tem pouco para quem já tem bastante. O Mundial encheu os cofres das maiores empreiteiras do País: Odebrecht, Andrade Gutierrez e OAS. Dos 12 estádios, em nove deles apareceu o nome de pelo menos uma dessas empresas. As nove obras custaram mais de R\$ 7 bilhões.

Só no Maracanã foi mais de R\$ 1 bilhão, com a participação de Odebrecht e Andrade Gutierrez. O projeto de privatização do maior estádio do País foi desenvolvido pela empresa IMX, do empresário Eike Batista. Escandalosamente, a IMX faz parte do consórcio que ganhou a concessão, ao lado da AEG e da Odebrecht. Em outras palavras, a IMX bateu o escanteio e subiu para cabecear. Negócio entre amigos.

O governador fluminense, Sergio Cabral, do PMDB, rebateu os críticos da privatização. “O governo do Estado, que tem que cuidar de mil escolas, 50 hospitais públicos, 45 mil PMs, 12 mil policiais civis, 70 mil professores, vai cuidar também do Maracanã?”, justificou-se. “A gente adora falar do futebol europeu. Então, vamos seguir o futebol europeu. A gente adora falar da NBA americana. Então, vamos seguir a lógica desses países civilizados onde estádio não é coisa de governo”, acrescentou.

O que o governador Cabral omitiu é que o Maracanã foi construído, mantido e reformado com dinheiro público. Ou seja, é um patrimônio público cujos lucros

foram privatizados.

O consórcio que obteve a concessão do estádio irá administrar a arena por 35 anos, fazendo um repasse anual ao poder público de R\$ 5,5 milhões. Ou seja, o Rio de Janeiro vai recolher um total de R\$ 182 milhões em três décadas e meia, segundo a Complexo Maracanã Entretenimento S.A. O concessionário prometeu ainda investimentos de R\$ 600 milhões na criação de um polo esportivo, de lazer e entretenimento.

A privatária do futebol é um fenômeno global, à medida que as pessoas gastam cada vez mais com entretenimento.

O estádio Olímpico utilizado nos Jogos de Londres, em 2012, também foi concedido à iniciativa privada. Após receber mais de cem propostas, entre elas até da MLB, a liga norte-americana de beisebol, houve uma pré-seleção de dois consórcios, no dia 12 de novembro de 2010. Os consórcios selecionados, ambos encabeçados por times de futebol da cidade, foram o Tottenham/AEG e o West Ham/Newham Council.

No caso do Maracanã, o Ministério Público calculou que o poder público poderia ganhar muito mais se ficasse com a exploração comercial do entorno do estádio. “Geraria um rendimento maior para o Estado, poderia aumentar suas receitas dos R\$ 5,5 milhões, previstos na proposta vencedora da licitação, para os R\$ 30 milhões por ano, segundo estimativas do MP”, disse o promotor Eduardo Santos Carvalho.

Além de perder dinheiro, o governo fluminense quase pôs abaixo parte do patrimônio público. Foi a reação da população que evitou a demolição do estádio de atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio de Lamare, ambas arenas históricas do esporte olímpico brasileiro, já utilizados no Pan do Rio-2007, e do Museu do Índio – demolições previstas no contrato inicial com a concessionária. Sabe como é: atletismo e natação não rendem tanto dinheiro quanto futebol, estacionamento e *shopping center*.

- - -

Os obscuros acertos de bastidores envolvendo os estádios da Copa não ficaram restritos a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Em Minas, três empresas assumiram o Mineirão, rebatizado de Minas Arena: Egesa, Construcap e Hap Engenharia. Olhai as empreiteiras, de novo.

Nos registros do TRE descobriu-se que elas doaram R\$ 25 milhões a campanhas

políticas nas eleições de 2010 e 2012, sendo R\$ 6 milhões para o partido que controla o Executivo mineiro, o PSDB. O contrato de concessão, de 25 anos, inclui uma cláusula que garante faturamento mínimo ao consórcio de R\$ 3,7 milhões mensais. Se não chegar a isso, o governo estadual generosamente completa a diferença. Capitalismo sem risco! Melhor, impossível.

Em abril de 2014, deputados da oposição pediram a criação de uma CPI (algo raro na Assembleia Legislativa mineira durante as gestões tucanas de Aécio Neves e Antonio Anastasia) para investigar o contrato entre o governo do Estado e a Minas Arena. Saíram dos cofres públicos R\$ 44,4 milhões com destino aos cofres da empresa.

Alguns rolos envolvendo o Mineirão foram parar na Justiça. O Ministério Público Federal pediu e obteve de um juiz o bloqueio de bens de autoridades do governo e de um escritório de arquitetura contratado sem licitação para fazer o projeto de reforma do Mineirão. Valor? R\$ 17,8 milhões. Isso mesmo, sem concorrência pública. O promotor estranhou que o escritório de Oscar Niemeyer tivesse cobrado muito menos, R\$ 6 milhões, para fazer um projeto mais complexo, o da Cidade Administrativa do Executivo mineiro. O dono do escritório beneficiado, Gustavo Penna, é amigo do ex-governador de Minas Gerais, Aécio Neves, do PSDB. Esses acordos entre amigos, garantindo lucro privado com dinheiro ou patrimônio público, aparentemente se tornaram a norma.

Por isso, a Lei Geral da Copa passou no Congresso sem grande oposição. Tem muita gente tirando sua casquinha.

- - -

Em Brasília também haverá privataria. O investimento no estádio Mané Garrincha foi de mais de R\$ 1,4 bilhão, em obra da Andrade Gutierrez. Uma ONG (Organização Não Governamental) calculou que é o quarto estádio mais caro do mundo. O governador Agnelo Queiroz, do PT, endossa a privatização. “Já existe interesse por parte de muitas empresas na administração deste espaço multiuso que será muito importante para o desenvolvimento econômico da cidade”, afirmou.

O promotor do DF Demóstenes Albuquerque recomendou a redução da capacidade do estádio de 71 mil lugares para entre 30 e 40 mil, com o objetivo de diminuir os gastos públicos. O conselho é sensato, já que a média de público do Campeonato Brasiliense de 2013, por exemplo, foi de 1.176 pessoas, segundo

dados da Pluri Consultoria. O total de público que assistiu aos jogos de todo o torneio foi de 89.353, pouco mais que a capacidade total do Mané Garrincha! Para conseguir melhor aproveitamento do espaço, o jeito será continuar levando clássicos do Campeonato Brasileiro para ocupar a arena.

- - -

Muito se falou sobre possíveis elefantes brancos. Há candidatos mais fortes do que o estádio de Brasília. Entre eles, a Arena da Amazônia, em Manaus, construída pela Andrade Gutierrez; a Arena das Dunas, em Natal, feita pela OAS; e a Arena Pantanal, em Cuiabá, obra da Mendes Júnior. Curioso notar, antes de tudo, como o bolo da Copa foi fatiado entre várias empreiteiras. Se os negócios eventualmente não derem certo, o prejuízo será público; se houver lucro, ficará com a iniciativa privada. Do futebol, é improvável que venha o retorno para essas construções monumentais.

Contemos o caso de Cuiabá, em Mato Grosso. O locutor esportivo Rubens Neves lembra que os tempos áureos do futebol local foram nos anos 80, quando a média de público do Campeonato Estadual atingiu 15 mil torcedores. Nos anos 90, com o bombardeio de transmissões televisivas do eixo Rio-São Paulo, e o aquecimento do mercado da TV a cabo, oferecendo outras atrações, começou a decadência. Muitos jovens de Cuiabá desde cedo adotam clubes de fora, que acompanham pela TV. Não querem saber de ir ao estádio.

Os clubes locais mais importantes atualmente são o Cuiabá e o Luverdense, de Lucas de Rio Verde. Ambos foram parar na série C do Campeonato Brasileiro. O Luverdense ficou famoso nacionalmente em 2013, quando derrotou o Corinthians, então campeão do mundo, por 1 a 0, pela Copa do Brasil. Equipes mais tradicionais também penam. O Mixto, recordista de títulos estaduais, está na Série D do Brasileirão. O Operário, de Várzea Grande, outro clube tradicional do Mato Grosso, tem amargado temporadas na segunda divisão do Estado e sofre com problemas econômicos frequentes. “É difícil acreditar na recuperação do futebol de Mato Grosso. Não é impossível, mas será bem demorado. Esse estádio será um grande elefante branco. O legado que vai ficar para Cuiabá é a mobilidade urbana, mas ainda estamos esperando que o prometido fique pronto. Cuiabá é uma cidade muito carente em saúde pública e transporte”, analisa Rubens Neves.

Não é de estranhar que o povo chie. Fica mais difícil encarar a fila no hospital quando se vê uma obra magnífica construída em tempo recorde. A Arena Pantanal

tem 42.968 lugares, bastante espaço para um Estadual cuja média de público em 2013 foi de 605 pessoas, a 22ª mais baixa entre os 25 Estados do País. O estádio custou R\$ 518,9 milhões e será utilizado em quatro partidas da Copa do Mundo. Segundo enquete feita em 2013, com arquitetos, pelo *site* espanhol *El Gol Digital*, é a sétima arena mais bonita entre as que estavam sendo construídas ou reformadas no mundo no período. Duro vai ser lotar o ambiente depois que a Copa acabar.

O caso do Mato Grosso não é único. Outra obra, a Arena Amazônia, tem capacidade total para 42.374 pessoas. Isso para abrigar, basicamente, jogos do Campeonato Amazonense, cuja média de público não passou de 807 torcedores em 2013. Ou seja, essa média seria capaz de lotar apenas 1,9% do estádio.

Para complicar ainda mais, um dado específico do Amazonas: os clubes do interior têm conseguido um sucesso nunca antes alcançado. Dos dez últimos Estaduais, cinco foram vencidos por equipes de fora de Manaus. Dos clubes tradicionais da capital, apenas o Nacional se mantém como força regional. O Rio Negro, em crise financeira, já foi rebaixado três vezes no Estadual, sendo a última em 2013. O custo final da Arena Amazônia ficou em R\$ 605 milhões, 21% acima do previsto.

Quem quer que fique com a administração do estádio terá de suar sangue para ter retorno financeiro que cubra os custos de manutenção.

A Arena das Dunas, em Natal, considerada uma das mais bonitas construídas para a Copa do Mundo, também é forte candidata a ficar vazia. Em comparação com os estádios construídos para a Copa, ela até que tem capacidade modesta: poderá abrigar 31.375 pessoas, ao custo de R\$ 423 milhões. O problema é que servirá a um regional que obteve média de apenas 958 torcedores em 2013 (3% da capacidade do estádio). ABC e América, as duas principais equipes da capital do Rio Grande do Norte, têm frequentado a Série B do Brasileirão. O último a disputar um campeonato na elite foi o América, rebaixado no Brasileirão em 2007.

No mundo dos sonhos, as arenas multiuso serão utilizadas para concertos, eventos e convenções. Podem colocar o Brasil de vez na rota dos grandes *tours* internacionais de *shows* e exposições. Os clubes que controlam algumas delas vão deixar de depender exclusivamente do futebol. Terão interesse em ocupar os estádios tanto quanto possível. O lucro, nos casos de melhor aproveitamento, é certo. Vai ficar para os próprios clubes e para as empresas que assumirem a administração. A dúvida é sobre o que vai acontecer naqueles casos em que a renda não for suficiente, por exemplo, para cobrir os empréstimos do BNDES.

Alguém tem dúvida de que a conta será pendurada no Tesouro público?

A curto prazo, os novos estádios geraram uma constatação política da população do entorno, que testemunhou a capacidade do Estado de agir com rapidez e eficiência, quando quer. Por isso, os moradores passaram a exigir o mesmo padrão em relação aos serviços públicos essenciais. Na Zona Leste de São Paulo, onde fica o Itaquerão, o estádio da abertura da Copa, moram quatro milhões de paulistanos.

A obra é belíssima e contrasta com um dos terminais de metrô mais lotados da cidade. A pouco mais de 100 metros do terreno da arena, tráfico de drogas e prostituição infantil correm soltos. Faltam vagas em creches na região. Com os exageros retóricos sobre o impacto da Copa, especialmente de autoridades, a expectativa de uma transformação completa na vida do bairro foi frustrada.

Cadê o médico no posto de saúde? A reforma da escola? Algo mudou para melhor, sim. Ao lado do Itaquerão, foram erguidas uma faculdade e uma escola técnica. Mas a rodoviária, o Fórum, um parque e um posto de polícia, previstos no plano de desenvolvimento, foram descartados, pelo menos por enquanto. Os imóveis valorizaram, mas o preço do aluguel também disparou, provocando expulsão dos mais pobres. Obras viárias para facilitar o acesso ao estádio provocaram remoções e criaram um clima de incerteza entre os que vivem em áreas de ocupação.

- - -

Em todo o Brasil, ao menos 150 mil pessoas serão removidas de suas moradias por causa das obras, calcula o Portal Popular da Copa e da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro. Parece pouco, mas cada drama pessoal repercute com amigos, vizinhos e familiares.

O Estado é rápido para retirar, muitas vezes à força, mas lento na hora de indenizar. Quando indeniza. Raquel Rolnik, relatora especial do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Moradia Adequada, fez um balanço devastador do chamado “legado da Copa”. Ela notou a conclusão de alguns projetos viários e de infraestrutura para facilitar a ligação entre aeroportos, zonas hoteleiras e estádios. Nem sempre eram os prioritários. Muita coisa ficou por fazer. No Rio, por exemplo, faltam a limpeza da baía de Guanabara e obras de saneamento.

“Por outro lado, para a implantação desses projetos de infraestrutura foi

necessário remover comunidades e assentamentos que se encontravam naqueles locais há décadas sem que uma alternativa adequada de moradia tenha sido oferecida. Para as pessoas diretamente atingidas, em vez de um legado, a Copa deixa um ônus”, afirma Raquel.

O professor Carlos Vainer, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), vai além. No caso específico do Rio, sede da Olimpíada de 2016, ele acha que a cidade está entregue à lógica de uma empresa. Em vez de servir aos moradores, o espaço urbano servirá, acima de tudo, ao lucro. Essa cidade-empresa compete com outras, de todo o mundo, por turistas, eventos e investimentos de grandes corporações. O povo não é consultado. O poder foi transferido para uma coalizão de grandes interesses econômicos.

As obras da Copa e da Olimpíada atendem, acima de tudo, a esses grupos. “Envolve antigas oligarquias da cidade, grandes escritórios de advocacia, uma elite deste tipo; tem também os interesses dos grandes comerciantes, dos grandes proprietários de terra, do que restou do capital industrial, de todo o capital que gira em torno da atividade turística”, afirmou o professor.

Para ele, o domínio pertence cada vez mais às grandes empreiteiras. “Nós as contamos nos dedos das mãos, são dez: Odebrecht, Camargo Corrêa, Mendes Junior, Carioca Engenharia, OAS e mais cinco.” Algumas cresceram construindo Brasília; outras fizeram as grandes obras da ditadura militar. “E, depois, se instauraram na república democrática como um dos vetores fundamentais dos grupos dominantes. Inclusive, como nós sabemos, as grandes empreiteiras, ao lado dos grandes bancos, são os maiores financiadores de campanhas, são o esteio do sistema político construído a partir da Constituição de 1988”, analisa Vainer.

Chegamos ao ponto crucial da privatária. Àqueles que são os grandes ganhadores da Copa, independentemente do resultado da final dos jogos. São as empreiteiras que fizeram os estádios, muitas das quais vão administrá-los em concessões de longo prazo. Pensem bem. Alguns estádios já estavam prontos, em áreas nobres. Foram apenas reformados. Outros vão se transformar em polos de desenvolvimento urbano. As empreiteiras assumiram, com juros baixos financiados pelo Tesouro, imóveis de primeira linha. Faturaram na construção, podem faturar por mais 20, 30 anos, se souberem promover o futebol com *shows* de artistas, convenções, hotéis, *shopping centers* e outras atividades.

Como dissemos no início, elas são tão protagonistas da Copa do Brasil quanto o

Neymar, embora atuem silenciosamente nos bastidores.

Com uma mãozinha das empreiteiras, houve atrasos nas obras. A Fifa havia estipulado 31 de dezembro de 2013 como a data-limite de entrega dos estádios. Seis sedes não entregaram no prazo: São Paulo, Manaus, Curitiba, Porto Alegre, Cuiabá e Natal. Não por acaso, nas duas primeiras aconteceram as maiores tragédias. Dos oito operários mortos nas obras dos estádios (até o fechamento da edição deste livro), quatro foram na Arena Amazônia e três no Itaquerão – a oitava vítima foi no bilionário Mané Garrincha de Brasília.

Após o acidente que matou o operário Fábio Hamilton da Cruz no Itaquerão, o ex-presidente do Corinthians Andrés Sanchez, responsável pela construção do estádio, atenuou a responsabilidade das construtoras: “Na vida, cometemos erros e excessos. Já dirigi carro a 150 km/h. Eu não bebo. Vocês já devem ter dirigido ‘mamados’. Infelizmente, cometemos erros que acabam em fatalidade. Realmente, é padrão na construção civil”. À opinião pública, porém, ficou a sensação de que os acidentes foram resultado de trabalho feito às pressas.

É preciso admitir que houve má vontade contra o governo, por razões eleitorais: 2014, ano da Copa, também é ano eleitoral. Manchetes sensacionalistas, como a capa da revista *Veja*, prevendo que os estádios ficariam prontos apenas em 2038, foram um óbvio exagero. Coisa de gente mesquinha, que torce contra a Copa para prejudicar adversários políticos.

Os políticos, de todos os partidos e em todas as esferas, muitos dos quais com campanhas financiadas pelas empreiteiras, garantem que a Copa é um bom negócio para você. O governo federal, da presidente Dilma Rousseff, diz que é preciso parar de mesquinha e pensar grande: o evento estimula toda a economia. O governo admite que retirou 22 das 55 obras prometidas na Matriz de Responsabilidades da Copa, em 2010, mas prometeu que elas serão feitas posteriormente, pelo PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento.

Em artigo, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, do PCdoB, defendeu o evento: “A Copa tem um orçamento-teto de R\$ 33 bilhões, a contar da escolha do Brasil em 2007. Consultorias independentes estimam que R\$ 112 bilhões adicionais circularão na economia brasileira no período de 2010 a 2014. Serão criados 3,6 milhões de empregos e a população vai auferir renda extra de R\$ 63,48 bilhões”.

O ministro não explicou exatamente de quem são essas consultorias independentes. Se receberam do governo para fazer o trabalho, talvez queiram agradar quem paga a conta. Muitos números, como a geração de empregos,

também são difíceis de quantificar. Quantos desses postos de trabalho não teriam sido criados independentemente da Copa do Mundo? Como estimar quantos turistas virão a mais ao Brasil por causa do Mundial? Viriam de qualquer maneira, mesmo que a competição não fosse aqui?

Outro problema é que muitas promessas foram claramente descumpridas. Em tempos de internet, o Google ajuda a eternizá-las:

Do então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, do PSD: “A Prefeitura de São Paulo reafirma sua decisão de não utilizar recursos públicos para a construção de nova arena na cidade de São Paulo, pois entende que seu papel é fazer investimentos em obras de infraestrutura urbana, que melhorem ainda mais o cotidiano dos paulistanos”. O cotidiano de São Paulo não melhorou “ainda mais”. Apesar de o Itaquerão ter ficado lindo. Para o Corinthians.

Do ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira: “A Copa do Mundo é um evento privado. O papel do governo não é de investir, mas de ser facilitador e indutor. Não há motivo para pensar em dinheiro público. Faremos toda a competição com investimento privado”.

Do ex-ministro do Esporte, Orlando Silva, do PCdoB: “Os estádios para a Copa do Mundo serão construídos com dinheiro privado. Isso eu como ministro, posso garantir. Não vamos mexer com o dinheiro público. O País tem outras prioridades”.

Do ex-presidente Lula, do PT: “Faço questão absoluta de garantir. O Mundial de 2014 será uma Copa em que o poder público nada gastará. Nem um centavo. Tudo sairá por conta da iniciativa privada. Todos os gastos. Para o povo brasileiro restará a festa. A celebração do amor ao futebol”.

Do então presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, que se dá bem com todos os partidos: “Se a Fifa me der R\$ 300 milhões, R\$ 30 milhões por mês, ou me arrumar quem me dê esse dinheiro, eu faço o estádio para a abertura da Copa. Faço tudo do jeitinho que eles querem, para 68 mil pessoas e tudo o mais”. A entidade não deu o dinheiro. Nem um mísero centavo. O estádio ficou em R\$ 1,1 bilhão. Dinheiro que saiu de um banco público, o BNDES, a juros amigáveis, e dos impostos dos contribuintes de São Paulo.

A Fifa não deu um tostão, mas leva uma bolada. Sai do Brasil com um faturamento recorde, na casa dos R\$ 8,8 bilhões. Bem mais que os R\$ 7 bilhões da África do Sul ou os R\$ 4,4 bilhões da Alemanha. Boa parte disso vem dos direitos de transmissão, mas há também dezenas de contratos de patrocínio. Você,

obviamente, vai ajudar a encher o cofre do sr. Joseph Blatter, do partido do dinheiro: a Fifa enfiou goela abaixo do governo brasileiro, com anuência do Congresso, o recebimento de isenções fiscais que somam R\$ 1 bilhão. Nada mau, para uma entidade que, em 2012, tinha quase US\$ 1,4 bilhão em caixa na Suíça. Ainda bem que a Fifa não tem “fins lucrativos”.

Para o torcedor comum, a impressão que fica é de que tem gente ganhando muito dinheiro com a Copa. E não é ele. No intervalo do jogo, se conseguir ingresso, ainda vai encarar o cachorro-quente de R\$ 8 e a cerveja de R\$ 9 no Maracanã. Em fevereiro de 2014, isso ficou claro. Em pesquisa feita pela Confederação Nacional dos Transportes, 75,8% das pessoas disseram que os gastos com o Mundial eram desnecessários. Já 80,2% acreditavam que os investimentos feitos em estádios seriam mais úteis em áreas como saúde e educação.

Desde 2002, é inegável que o Brasil experimentou uma transformação. Cresceram os empregos e os salários. Houve mais investimentos sociais. O consumo das camadas mais pobres da população explodiu. A desigualdade diminuiu pouco, mas diminuiu.

Tudo isso, aparentemente, despertou novos desejos e exigências. O País foi pego de surpresa pelas manifestações de junho de 2013.

O Brasil do ano do Mundial é bem diverso daquele que festejou nas ruas a escolha do País para sede da Copa do Mundo, em 2007, e da Olimpíada, dois anos depois. De acordo com pesquisa encomendada pela CNT, 50,7% das pessoas seriam contra o Mundial, se a escolha fosse em 2014.

A enquete apenas mostra uma constatação óbvia. O povo brasileiro não se sentiu convidado para a festa do futebol em seu próprio país. Testemunhou acertos de bastidores e gasto de dinheiro público e viu preços de ingressos inacessíveis para a grande maioria.

Apesar disso, como contribuintes, também pagaram a conta da Copa do Mundo. Muitos perceberam isso e assumiram um novo papel, fora das arenas. O mito do brasileiro cordial, empregado como propaganda para tentar apaziguar um povo que sempre lutou, nunca esteve tão fora de moda.

Ricardo Teixeira sentiu o peso dessa mobilização. Não só ele. A era das manifestações, inclusive aquelas contra o presidente da CBF, balançou as instituições nacionais.

NÃO VOTEI NA FIFA

“Não se faz Copa do Mundo com hospital. Tem que fazer estádio.”

Ronaldo

“Vamos esquecer toda esta confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações, e vamos pensar que a seleção brasileira é o nosso país, o nosso sangue. Não vamos vaiar a seleção.”

Pelé

Duas décadas de mudanças arbitrárias, casuísmos, negociações suspeitas e baixarias constrangedoras da dupla Ricardo Teixeira-João Havelange na gestão do futebol ajudaram a provocar o inimaginável: jogaram o brasileiro contra sua “paixão nacional número 1”. O tempo e os fatos corroeram a inocência do torcedor, aficionado pelo clube do coração, de que assistia apenas a disputas honestas dentro de campo.

A desilusão com o futebol é um fenômeno recente. Até a popularização da internet e o surgimento das redes sociais, críticas e denúncias eram restritas a raros colunistas de jornais e de revistas especializadas. O noticiário era dominado pela relação espúria da TV Globo com a CBF e por uma crônica esportiva majoritariamente complacente ou limitada. Para a população, portanto, tudo parecia muito bem; para os cartolas, melhor ainda. Por trás dos ídolos e apresentadores sorridentes havia uma poderosa máquina de maquiar o esgoto que corre nos subterrâneos do futebol.

No entanto, a internet rompeu a barreira que protegia os cartolas e provocou nos torcedores a catarse dos sentimentos de frustração acumulados. *Blogs, sites* e acesso ao noticiário internacional fragilizaram a blindagem. Em pouco tempo, a revolta transbordou para as ruas, para desespero dos cartolas.

Àquela altura, a ideia de que a Copa seria um evento de poucos e do lucro já se consolidava. No Rio, as remoções de moradores repercutiam. As denúncias do

pagamento de propina a dirigentes da Fifa, vindas de fora, ganhavam corpo.

Aconteceu quase ao mesmo tempo: pouco depois das primeiras reportagens da TV Record denunciando as falcatriuas de Ricardo Teixeira e da CBF, um grupo de torcedores criou na internet o movimento “Fora Ricardo Teixeira”, com *site*, *blog*, página no Facebook e campanha no Twitter. As notícias começaram a ser veiculadas dia 30 de junho de 2011. Em menos de um mês, em 21 de julho, o *site* foi colocado no ar.

O objetivo era reunir torcedores e simpatizantes do movimento #foraricardoteixeira. Em poucas horas, quase 30 mil pessoas haviam tuitado a campanha pela saída do cartola. A manifestação virtual se transformou em pesadelo para o mandatário da CBF e seus parceiros, a nove dias da primeira cerimônia oficial do calendário da Copa do Mundo de 2014: o sorteio das eliminatórias. O evento seria no dia 30 de julho, um sábado, no Rio de Janeiro, realizado por uma empresa das Organizações Globo e transmitido para todo o mundo.

A campanha bombou e deveria ter chegado já no primeiro dia aos *trend topics* – a lista de assuntos mais comentados na rede social –, mas, por um obscuro travamento, a *hashtag* desapareceu do Twitter. Conforme a campanha #foraricardoteixeira ganhava força no mundo virtual, grupos de torcedores espalhados pelo País se mobilizavam em torno do movimento.

Em 23 de julho, dois dias depois do lançamento da campanha, a Frente Nacional dos Torcedores anunciou um protesto para o dia do sorteio das eliminatórias. O cartaz era bem claro: “Marcha Por Uma Copa do Povo. Fora Ricardo Teixeira”. A convocação virtual e a mobilização no Twitter reuniram milhares de pessoas. Dezenas de charges nada elogiosas a Teixeira ganharam a internet. A campanha tinha até logotipo, bótons, camisetas e cartazes para serem exibidos nas ruas e nos estádios. Ganhava corpo a revolta contra Teixeira e tudo o que ele representava.

Mesmo assim, o presidente da CBF, a Fifa e as autoridades subestimaram a força do protesto que se anunciava. Acreditavam que bastaria a Globo para conter a revolta dos torcedores. Talvez por isso, os veículos da emissora, mesmo os especializados em esporte, ignoraram o movimento. Apesar da repercussão do assunto nas redes sociais, a ordem era o silêncio. Seguiam o lema de Teixeira: se não saiu no *Jornal Nacional*, não existe. Porém, o mundo era outro. O cartola e seus apadrinhados descobririam isso da maneira mais difícil.

Enquanto torcedores preparavam a manifestação do dia 30 de julho, os protestos virtuais fervilhavam. Entre os dias 27 e 28 foi marcado um tuitaço com a *hashtag* #foraricardoteixeira. Era uma forma de protestar também contra a censura velada que o Twitter estava fazendo ao eliminar o item dos assuntos mais discutidos do Brasil e do mundo. Nas primeiras horas, a censura da rede social prosseguiu forte, tornando as manifestações virtuais invisíveis nos *trend topics*. Porém, o bloqueio foi rompido horas depois, com a *hashtag* aparecendo em primeiro lugar em Cuiabá e em Portugal.

Na quarta-feira 27, o cartola sofreria uma amarga derrota. Para burlar o que lhes parecia censura do Twitter, os organizadores criaram variantes da *hashtag* como #adeusrt, #caiforaricardoteixeira e #foraoficial. Deram uma espetacular demonstração de força. Foram os assuntos mais tuitados de São Paulo, do Brasil e do mundo.

Como a repercussão era enorme, a Globo se viu forçada a noticiar os protestos virtuais contra o cartola, além da ameaça de manifestação no dia do sorteio. O portal Globo.com publicou uma reportagem que mais parecia uma peça de relações públicas da Fifa para minimizar o mal-estar que as manifestações contra o cartola começavam a gerar nos parceiros. O secretário-geral da entidade, Jérôme Valcke, dizia esperar que os protestos não atrapalhassem a festa. O dirigente declarou ainda que nenhum país organizou a Copa do Mundo sem gastar dinheiro público, exceto os Estados Unidos.

Na véspera do evento, na Marina da Glória, no Rio de Janeiro, o clima era de tensão. Ninguém no governo ou na CBF sabia se os protestos virtuais ganhariam as ruas. E se havia o risco de o Brasil passar um vexame histórico. Na véspera, o Twitter banuiu a *hashtag* #foraricardoteixeira, numa aparente tentativa de conter ou abortar as manifestações do dia seguinte. Como previsto pelos organizadores, o movimento estava em marcha e não era mais possível estancá-lo. Ricardo Teixeira finalmente percebeu o clima. Bateu boca com jornalistas ingleses e cancelou a entrevista coletiva que concederia à imprensa internacional.

Na sexta-feira, 29 de julho, os protestos virtuais ganharam rosto, voz e nome. A Frente Nacional dos Torcedores e Comitê Popular da Copa anunciaram que o protesto do dia seguinte seria contra as remoções de moradores e pela saída de Ricardo Teixeira da presidência da CBF e do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014.

O sorteio das chaves das eliminatórias do Mundial indicava com clareza como

seriam as coisas durante a Copa no Brasil. Organizado pela Geo Eventos, empresa das Organizações Globo, a festa custou R\$ 30 milhões, pagos pela Prefeitura e pelo Governo do Rio de Janeiro. Nem a Globo, nem a CBF e nem a Fifa botaram a mão no bolso. Ou seja, mais lenha na fogueira da revolta popular. O espaço aéreo do Aeroporto Santos Dumont, um dos mais movimentados do País, foi fechado na hora da festa porque o barulho dos aviões poderia atrapalhar a transmissão do evento, medida impensável em qualquer país do mundo.

Autoridades, artistas, jogadores, dirigentes da Fifa e Ricardo Teixeira estavam na Marina da Glória. A presidente Dilma Rousseff também compareceu, mas manteve distância do cartola, a quem evitou durante a cerimônia. Cerca de 1.000 pessoas, entre torcedores e moradores de comunidades pobres do Rio de Janeiro afetados pelas obras da Copa, representantes de organizações não governamentais, professores e pessoas indignadas com os gastos públicos no torneio se reuniram horas antes no Largo do Machado e seguiram em passeata até a Marina da Glória. Um bloqueio feito pela Polícia Militar as impediu de chegar perto do evento. Foi um protesto pacífico, com muita música e faixas contra Ricardo Teixeira – algumas em inglês, denunciando os gastos do governo com a Copa e a corrupção no futebol. Não foram registrados incidentes.

Um forte temporal dispersou os manifestantes e atrapalhou o sorteio. A passeata dividiu a atenção da imprensa nacional e internacional. Ricardo Teixeira, sempre bajulado, começava a sentir que as coisas não iam bem. Foi discreto e silencioso. Principal alvo dos protestos, saiu de fininho. Essa primeira manifestação, no entanto, foi o estopim de algo muito maior. Nos dias que se seguiram, os protestos se espalharam para várias cidades do País. No dia 13 de agosto, cerca de 400 pessoas se reuniram no vão central do Museu de Arte de São Paulo e seguiram até a Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu. O protesto foi organizado pela Frente Nacional dos Torcedores, Associação dos Torcedores Paulistas e Frente Pelo Dia do Basta.

A revolta iniciada na internet e levada às ruas alcançou repercussão internacional. No dia 19 de agosto, o jornal francês *Le Monde* publicou reportagem especial sobre os protestos contra o cartola.

Mas foi só o começo. Torcedores de todo o Brasil, incentivados pela Confederação Nacional das Torcidas Organizadas, convocaram protestos dentro dos estádios na rodada do Brasileirão da última semana de agosto. O anúncio das manifestações nas arquibancadas acuou a CBF e Teixeira, mas eles não baixaram a

guarda. Numa atitude no mínimo estranha, a Federação Catarinense de Futebol publicou em seu *site* nota proibindo os torcedores de protestar contra o cartola dentro do estádio Orlando Scarpelli, em Florianópolis. O jogo marcado era entre Avaí e Figueirense, clássico da capital catarinense. Mas o plano não deu certo. Os torcedores conseguiram liminar que garantiu o direito de livre manifestação, assegurado pela Constituição.

Naquele final de semana, todos os estádios do País foram palco de protestos. Faixas pedindo a saída de Ricardo Teixeira foram esticadas nas arquibancadas junto com as bandeiras dos times. Foi uma das poucas vezes em que houve unanimidade nas arquibancadas fora de jogos da seleção. Torcedores de times arquirrivais, que costumavam frequentar as manchetes esportivas apenas por causa de violência, adotaram o mesmo grito, pedindo a saída de Teixeira. Em Minas Gerais, terra natal do cartola, os torcedores não puderam se manifestar. A Polícia Militar impediu a entrada de uma faixa de protesto contra o cartola na Arena do Jacaré, em Sete Lagoas, onde ocorreu o clássico entre Atlético-MG e Cruzeiro.

Nenhum dos protestos nas arquibancadas apareceu no noticiário da Globo. Se a tradicional blindagem não estava dando certo, pelo menos a emissora não poderia ser acusada de deslealdade a Teixeira.

Isso durou até 13 de agosto, um sábado. Nesse dia, 12 policiais civis de Brasília cumpriram mandado de busca e apreensão no apartamento de Vanessa Almeida Precht, no Leblon, no Rio de Janeiro. O endereço era a sede da Ailanto, a empresa de Vanessa e Sandro Rosell acusada de desviar dinheiro do amistoso entre Brasil e Portugal. Diante de novas denúncias, a polícia obteve na Justiça autorização para vasculhar a empresa em busca de documentos e computadores. A busca foi noticiada no *Jornal Nacional*. Teixeira enfureceu-se. Na quinta-feira subsequente, veio a vingança. O colunista Ricardo Feltrin publicou uma suposta ameaça de Teixeira ao diretor da Globo Esportes, Marcelo Campos Pinto. Segundo Feltrin, o dirigente estava disposto a revelar gravações, em seu poder, que mostrariam a forma como a Globo manipulou horários de partidas de clubes e da seleção. E mais: outras gravações evidenciariam a prepotência da cúpula da Globo Esportes e o desprezo por concorrentes. A pessoas próximas, Teixeira teria dito estar perplexo com “a cacetada da Globo” e se sentindo traído. Sua maior revolta se devia ao fato de, poucos meses antes, ter ajudado a Globo a manter os direitos de transmissão do futebol.

O recado de Teixeira, via imprensa, inibiu a Globo de avançar no noticiário. Mas o cartola percebeu que alguma coisa estava fora da ordem. Mesmo a contragosto, a Globo havia noticiado alguma coisa contra ele. Era o sinal mais claro de que a informação no Brasil não tinha mais dono.

Um fenômeno causado tanto pela disseminação do acesso à internet quanto pela redução relativa do alcance de veículos tradicionais. Em 1989, por exemplo, quando o cartola tomou posse na CBF, a média de audiência do *Jornal Nacional* era de 59 pontos. Em 2013, foi de 26. Ou seja, quase seis em cada dez telespectadores do *Jornal Nacional* mudaram de canal. E grande parte deles estava se informando sobre as denúncias contra Teixeira.

- - -

Antes da virada do ano, a saída de Teixeira já era dada como certa. Mas o cartola ainda tinha um trunfo: Ronaldo Luís Nazário de Lima. Teixeira nomeou o ex-jogador para o Comitê Organizador Local, em uma tentativa de desviar o foco do noticiário com a popularidade do artilheiro das Copas do Mundo, com 15 gols em quatro participações.

Para Ronaldo era uma oportunidade de agregar prestígio de administrador esportivo à sua bem-sucedida carreira nos gramados – ele é dono da 9ine Sports & Entertainment, uma agência de *marketing* que, entre outros serviços, cuida da imagem de jogadores, alguns da seleção. A escolha foi celebrada por Marcelo Campos Pinto, da Globo, para quem o ex-jogador levaria credibilidade à organização da Copa.

Andrés Sanchez, responsável pela jogada de *marketing* de contratar Ronaldo para o Corinthians, em 2008, ganhou o cargo de diretor de seleções da confederação, como um dos prêmios pela sua lealdade a Teixeira. Assumiu em janeiro, assim que acabou seu mandato no Corinthians, com um salário de R\$ 75 mil. Chegou com carta branca. Em meio à enxurrada de denúncias, Teixeira tinha de cuidar de si.

Logo que foi anunciado no novo cargo, em dezembro de 2011, Sanchez deixou clara a estratégia à revista *Brasileiros*: “Vou tomar conta de tudo na CBF”. O plano, segundo ele, era Sanchez mandar na confederação, Ronaldo, no COL, e Teixeira “ficar por cima, viajando, fazendo as coisas que ele tem que fazer”. “Qualquer problema, chamo: ‘Ô, presidente, como é que é isso aqui?’ Pronto, acabou.” Foi Andrés quem costurou a nomeação do Fenômeno, contornando as rugas entre o

ex-jogador e o dirigente. Em 2010, numa festa da Traffic, de J. Hawilla, o cartola convenceu Ronaldo a ir até a mesa de Teixeira cumprimentá-lo.

Um ano antes, em sabatina promovida pelo jornal *Folha de S. Paulo*, o centroavante rompedor tinha partido para o ataque, chamando o cartola de “uma pessoa de duplo caráter”. A relação entre os dois azedou na Copa da Alemanha. Até lá, Ronaldo era a grande peça de *marketing*, o queridinho da mídia e dos torcedores, que alavancara contratos milionários para a seleção brasileira nos anos 90. A história de superação de Ronaldo, que saiu da inatividade para ser peça-chave no título mundial do Brasil na Copa do Japão e da Coreia do Sul, em 2002, ficou marcada na imaginação dos torcedores. No entanto, após o vexame do Mundial de 2006, Teixeira saiu disparando contra Ronaldo nos bastidores e responsabilizou o atacante pela derrota. “É muito fácil, na hora que ganha, estar do seu lado, levantar troféu e ser campeão junto com os jogadores. Na hora que perde, é fácil também apontar alguém para Cristo e crucificar essa pessoa”, disse Ronaldo na sabatina de 2009.

Quando discursou apresentando Ronaldo em seu novo cargo no COL, Teixeira tinha esquecido disso tudo e das farpas trocadas nos bastidores com Ronaldo. O cartola perna de pau parecia determinado a abandonar a longa história de confrontos com nossos maiores craques. “Chegou o momento de conciliação, de um grande mutirão nacional, para podermos fazer a maior e mais bonita Copa do Mundo de todos os tempos. E nada melhor para esse propósito de identidade nacional do que convocar para entrar em campo um nome que encarna com perfeição essa identidade. Um grande craque, Ronaldo, um ídolo que encantou várias gerações e que até hoje, encerrada a sua carreira, é símbolo do que o nosso país pode produzir de melhor”, afirmou Teixeira em fase diplomática. Ele também citou o ex-desafeto Pelé, “embaixador em todos os campos do mundo”. Lembrou inclusive de seu principal adversário no meio esportivo, o tetracampeão mundial Romário, eleito deputado federal com a “tarefa necessária e própria dos ambientes democráticos de fazer questionamentos e indagações sobre os rumos do projeto da Copa”.

Teixeira, que não aceitou responder perguntas dos repórteres, exaltou o “momento de conciliação” para o “espetáculo inesquecível” que seria a Copa. Também disse, talvez em ato falho, que o Mundial tinha “vários donos”, mas passaria para a história como um evento do Brasil e dos brasileiros. Se tinha vários donos, indiscutivelmente Teixeira se considerava um deles – agora, com a

concordância de Ronaldo.

- - -

Então, veio a tragédia. Questionado sobre o alto custo dos estádios, financiados com dinheiro público, Ronaldo soltou uma pérola que viraria marca nas manifestações populares: “Não se faz Copa do Mundo com hospital. Tem que fazer estádio”.

Teixeira escalou o ex-atacante provavelmente quando já tinha decidido tirar o time de campo. Sabia que a Suprema Corte da Suíça, à qual havia apelado em última instância, provavelmente votaria por tornar públicos os detalhes da investigação que expôs as propinas milionárias embolsadas por ele e Havelange, como de fato aconteceria mais tarde.

O cartola botou Ronaldo em campo e tratou de preservar a fortuna pessoal, estimada em R\$ 50 milhões. Segundo a revista *Veja*, no início de 2012, começou a se desfazer do patrimônio acumulado no Brasil. Leiloou o gado da fazenda de Piraí, encerrou as atividades do laticínio, fechou negócios no Rio de Janeiro e vendeu um apartamento de luxo no Leblon.

Comprou uma casa na Flórida e um apartamento em Paris. Cuidou também dos amigos. Demitiu o tio, Marco Antonio. Outro nome-chave de sua administração, o diretor financeiro Antonio Osório Ribeiro da Costa, sairia meses depois da chegada de José Maria Marin ao poder. Arquivos vivos dos anos Teixeira, ambos receberam indenizações milionárias. O cartola, por sua vez, entre quatro paredes, já acertava com o vice, José Maria Marin, a promessa de que todos os seus esqueletos continuariam no armário.

Marin tem um passado que convida aos acordos espúrios. Em 1975, deputado estadual pelo partido de sustentação da ditadura militar, a Arena, Marin subiu à tribuna da Assembleia Legislativa de São Paulo para fazer um aparte a um discurso do colega Wadih Helu, que denunciava a “comunização” da TV Cultura de São Paulo. À época, o jornalismo da Cultura abrigava militantes comunistas e era acusado de só dar notícias “negativas”, inclusive da guerra do Vietnã com um viés anti-Estados Unidos. “Já não se trata nem de divulgar aquilo que é bom e deixar de divulgar aquilo que é mal. Se trata de grande intranquilidade que já está tomando conta de todos em São Paulo. É um assunto que não é comentado apenas nessa tribuna”, discursou Marin.

O deputado pediu providências contra a Cultura ao governador de São Paulo,

Paulo Egydio Martins, já que o Estado tem poder sobre a fundação que controla a emissora. Os discursos na Assembleia e a colunas publicadas pelo jornalista Claudio Marques no jornal *Shopping News* são tidos como parte da campanha que levou à prisão o jornalista Vladimir Herzog, da TV Cultura, morto nas dependências do DOI-CODI, o centro de torturas de São Paulo.

Convicto de que um homem que tem seus próprios esqueletos no armário vai preservar os alheios, Teixeira embarcou para Miami em 17 de fevereiro. Foi de jatinho acompanhado pelo amigo Wagner Abrahão. Os rumores de que deixaria a CBF naquele final de semana foram fortes, mas desmentidos. Uma nota da confederação assegurou que tudo estava em ordem e que o cartola havia viajado para os Estados Unidos apenas para passar o Carnaval. Ele reassumiria normalmente as funções assim que retornasse do descanso. Questionado sobre quando seu aliado-chefe iria renunciar, Andrés Sanchez ironizou: “Quando? Quando o sargento Garcia prender o Zorro”. E caiu do cavalo: Teixeira já não suportava mais a pressão.

Em 8 de março, o presidente da CBF voltou a Miami. Quatro dias depois, a entidade anunciou oficialmente a renúncia de Ricardo Teixeira. O vice, José Maria Marin, disse que Teixeira deixara a presidência para cuidar da saúde e da família. Ele tinha certa razão: a renúncia foi decidida após um ultimato de sua esposa, que não resistiu à pressão das denúncias. A gota d’água foi uma crise nervosa da filha Antônia após ser chamada de “filha de ladrão” na escola, segundo um amigo da família. No mesmo dia, Ana comunicou Ricardo Teixeira que estava de mudança para Miami. O cartola desabou e fez as malas.

Como planejado e de acordo com o estatuto da entidade, Marin, o mais velho vice-presidente, assumiria o comando do futebol. Ele leu a carta deixada por Teixeira para justificar a decisão. O cartola posou de mártir e rasgou autoelogios: “Hoje, deixo definitivamente a presidência da CBF com a sensação do dever cumprido. Não há sequência de ataques injustos que se rivalizem à felicidade de ver, no rosto dos brasileiros, a alegria da conquista de mais de 100 títulos, entre os quais duas Copas do Mundo, cinco Copas América e três Copas das Confederações. Nada maculará o que foi construído com sacrifício, renúncia e dor”.

A carta contém verdades. Nos números. Depois de 23 anos e 56 dias no trono, Ricardo Terra Teixeira deixou não somente uma extensa capivara de denúncias. Durante seu mandato, o Brasil ganhou as Copas do Mundo de 1994, superando 24 anos de fila, e 2002. A seleção também venceu a Copa América em 1989, no

Maracanã, após outro jejum, esse de 40 anos. O time voltaria a erguer o troféu em 1997, 1999, 2004 e 2007. A equipe nacional conquistou ainda três Copas das Confederações (2005, 2009 e 2013), três Mundiais sub-20 (1993, 2003 e 2011) e outros três sub-17 (1997, 1999 e 2003).

Sala de troféus cheia, caixa registradora também. Em meio às denúncias de 2011, a CBF divulgou o balanço da entidade com um superávit de R\$ 83 milhões em 2010. Foram R\$ 263 milhões de arrecadação, sendo R\$ 193 milhões de patrocínios. Em 1989, quando Teixeira assumiu, o cofre estava raspado. Pelas mãos do cartola, a seleção mais admirada do mundo passou a valer o que merecia. No processo, Teixeira enriqueceu. Em sua visão, provavelmente, a Nação deveria lhe ser apenas grata. Afinal, como ele disse à revista *Piauí*, “que porra as pessoas têm a ver com as contas da CBF?”.

- - -

Boca Raton é uma cidade no condado de Palm Beach, na Flórida. É uma região de casas luxuosas. O lugar também é um refúgio de artistas e milionários, como Donald Trump, o roqueiro Rod Stewart, Ricky Martin e a cantora Shakira. Esse foi o paraíso escolhido por Ricardo Teixeira para o autoexílio do Brasil. Em fevereiro de 2013, reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* mostrou a vida do cartola em terras norte-americanas. Ele comprou uma casa no exclusivo condomínio Sunset Island, um dos mais chiques da região, com mansões à beira-mar e marinas particulares. Teixeira pagou R\$ 15 milhões pela mansão.

A casa já havia sido o refúgio da ex-tenista Anna Kournikova, badalada mais por seus atributos estéticos do que pelos resultados em quadra durante seus sete anos de carreira, dos 15 aos 22. Para as revistas de fofocas, a trajetória de Kournikova foi um prato cheio. Houve rumores até de investidas frustradas do jovem craque Ronaldo Fenômeno sobre a tenista. Não bastasse isso, ela foi capa constante nas revistas de celebridades por conta do longo relacionamento com o cantor Enrique Iglesias.

Astros do mundo *pop*, estrelas do milionário circuito do tênis. Esse era, em 2013, o novo patamar do ex-presidente da CBF. A reportagem da *Folha* mostrou que a mansão tem sete dormitórios e oito banheiros dispostos em mais de 600 metros quadrados. Na garagem, foram fotografados um Porsche e duas Mercedes.

Como de costume, a compra da mansão não foi registrada diretamente no nome do cartola. Foi comprada pela empresa Ochab Properties, empresa criada oito dias

antes da transação. A firma possui o mesmo endereço da empresa Kronos Capital Investments, constituída no dia seguinte à criação da Ochab. A Ochab está no nome de uma empresa que faz a intermediação de negócios entre brasileiros que não querem aparecer e norte-americanos. Já a Kronos foi registrada no nome de Teixeira e da mulher dele.

Em agosto de 2013, o cartola veio ao Brasil. A viagem, que era para ser na mais absoluta discrição, vazou para a imprensa. Teixeira estava com uma séria crise renal e veio se tratar no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Havia perdido dez quilos, estava abatido e teve de fazer hemodiálise. Aproveitou a temporada para se encontrar com Ricardo Trade, o Baka (de Bacalhau), homem forte do Comitê Organizador Local da Copa, indicado por ele, para se inteirar dos negócios. Depois retornou à Flórida. No dia 3 de outubro, de volta ao Brasil, foi submetido a um transplante de rim no mesmo hospital. O doador foi o irmão Guilherme.

Antes das idas e vindas do cartola ao País para tratar da saúde, ele foi alvo de um solitário protesto. No início de junho de 2013, o jornalista Mário Magalhães mostrou em seu *blog* que um veterano da campanha Fora Teixeira aproveitou uma viagem aos Estados Unidos e foi até Boca Raton, onde ergueu cartazes da campanha e tirou fotos com a camiseta usada nos protestos de 2011. Uma demonstração de que a memória do torcedor brasileiro não perdoa.

- - -

As jornadas de junho de 2013, as maiores manifestações de rua no Brasil desde a campanha pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor, em 1992, tiveram como estopim as manifestações contra o aumento de tarifas de ônibus em São Paulo. A repressão brutal da Polícia Militar paulista causou revolta nacional.

Porém, a realização no país da Copa das Confederações, no mesmo mês, já tinha servido para mobilizar os movimentos sociais. No dia da abertura do torneio, em 14 de junho, 2 mil pessoas marcharam até a entrada do estádio Mané Garrincha, em Brasília. A polícia montou barreiras. Os manifestantes tentaram furar o bloqueio. Vinte e três pessoas foram presas e dezenas ficaram feridas no confronto com a Tropa de Choque e a Cavalaria.

Lá dentro, o Brasil derrotou o Japão por 3 a 0. Na tribuna de honra, a presidente Dilma, o presidente da Fifa Joseph Blatter e o novo chefe da CBF José Maria Marin sentiram o clima de revolta. Na abertura do evento, foram vaiados.

A Globo não mostrou as vaías em seus telejornais, mas foi em vão.

Nos dias seguintes, os protestos se repetiram. Em Belo Horizonte, 400 manifestantes tentaram chegar ao Mineirão, onde jogavam Taiti e Nigéria. Na segunda partida do Brasil, contra o México, no Castelão, em Fortaleza, a repressão policial a um protesto deixou dezenas de feridos.

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, em nota lacônica, tentou defender a entidade: “O Brasil pediu esta Copa do Mundo. Nós não impusemos ao Brasil esta Copa do Mundo. Eles sabiam que naturalmente para ter uma boa Copa do Mundo teriam que construir estádios”. Pelé tentou contribuir: “Vamos esquecer toda esta confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações, e vamos pensar que a seleção brasileira é o nosso país, o nosso sangue. Não vamos vaiar a seleção”.

Ainda assim, faixas com os dizeres “Educação e saúde padrão Fifa”, “Fora Fifa” ou “Não votei na Fifa” passaram a ser vistas nos protestos, tanto no entorno dos estádios quanto nos protestos que tinham começado por conta dos reajustes de tarifas de transporte e agora tinham como alvo instituições públicas, bancos e concessionárias de automóveis.

Em Salvador, onde jogariam Uruguai e Nigéria, manifestantes usaram banheiros químicos como barricadas, atearam fogo em contêineres de lixo e quebraram carros e lojas. Dezenas de pessoas ficaram feridas. Quinze ônibus foram incendiados no caminho do estádio da Fonte Nova, que foi reconstruído. Impedidos de chegar ao estádio, os manifestantes seguiram para o Hotel Sheraton, onde estava hospedada a comitiva da Fifa. O hotel só não foi invadido pela ação da Tropa de Choque. Mesmo assim, houve enfrentamento: dois micro-ônibus usados pela entidade foram apedrejados quando passavam em frente ao hotel. Ninguém se feriu, mas o pavor tomou conta da entidade.

No dia 21, a Fifa ameaçou cancelar a Copa das Confederações por causa dos tumultos. O ataque ao hotel em Salvador foi a gota d’água. A comitiva italiana já tinha manifestado a intenção de deixar o País, pressionada pelos jogadores que temiam pela segurança deles e de familiares.

A Fifa passou a ser cobrada pelos patrocinadores. Um telão instalado no Rio de Janeiro para exibir jogos do Brasil na avenida Presidente Vargas foi destruído por manifestantes. Era bancado pela Globo, Coca-Cola, Brahma e Hyundai.

A presidente Dilma Rousseff tratou do assunto em pronunciamento à Nação. “Em relação à Copa, quero esclarecer que o dinheiro do governo federal, gasto

com as arenas, é fruto de financiamento que será devidamente pago pelas empresas e governos que estão explorando estes estádios. Jamais permitiria que esses recursos saíssem do orçamento público federal, prejudicando setores prioritários como a saúde e a educação.” Mais adiante, acrescentou: “Não posso deixar de mencionar um tema muito importante, que tem a ver com a nossa alma, e o nosso jeito de ser. O Brasil, único país que participou de todas as Copas, cinco vezes campeão mundial, sempre foi muito bem recebido em toda parte. Precisamos dar aos nossos povos irmãos a mesma acolhida generosa que recebemos deles. Respeito, carinho e alegria. É assim que devemos tratar os nossos hóspedes. O futebol e o esporte são símbolos de paz e convivência pacífica entre os povos. O Brasil merece e vai fazer uma grande Copa”.

Ainda assim, o clima não esfriou. No Rio, 500 bolas de futebol foram colocadas na praia de Copacabana em manifestação contra a alta taxa de homicídios no País. Houve protestos, maiores ou menores, em todas as sedes do torneio. A polícia manteve os manifestantes longe do chamado perímetro da Fifa, no entorno dos estádios. Algumas das manifestações mais violentas aconteceram em Belo Horizonte. Numa delas, um jovem caiu de um viaduto e morreu.

A final do torneio, no Rio, foi marcada por forte esquema de segurança. Mais de 6 mil policiais da Tropa de Choque cercaram o Maracanã, um aparato que incluía veículos blindados. Blatter veio ao Brasil ver a partida, mas a presidente Dilma não foi.

Em 30 de junho, enquanto o Brasil derrotava a Espanha por 3 a 0, jogando um lindo futebol, do lado de fora do estádio bombas de gás e balas de borracha eram usadas contra os manifestantes.

Segundo um balanço da Secretaria Extraordinária de Segurança de Grandes Eventos, 864 mil pessoas protestaram durante a Copa das Confederações. Mas o que certamente mais impressionou as autoridades foram os resultados de pesquisas demonstrando as dúvidas dos brasileiros sobre a Copa.

Os protestos que precederam a abertura da Copa na África do Sul e os que aconteceram no Brasil durante a Copa das Confederações mostram que algo mudou na opinião pública em relação aos grandes eventos. O povo já não acredita na promessa de que eles sejam capazes de resolver a vida de um país. Sabe que são passageiros e que a conta será cobrada, mais cedo ou mais tarde.

Em 2012, o cartola francês Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, disse que o Brasil precisava de um “pontapé no traseiro” para concluir no prazo as obras dos

estádios. Enquanto ele dizia isso, os brasileiros já trocavam informações entre si sobre as exigências da Fifa que violam a soberania nacional, as vantagens econômicas que ela arranca dos países-sede, as negociações de bastidores, a ideia de que tem gente lucrando à custa de dinheiro público e os preços exorbitantes de ingressos, sem falar nos escândalos que envolveram a gerontocracia da Fifa.

No mundo contemporâneo, das redes sociais em tempo real, nem as poderosas empresas que torram milhões de dólares pelos direitos exclusivos da Copa controlam mais todo o fluxo de informações. Por isso, quem esteve muito mais próximo de receber o pontapé retórico de Valcke, pelo menos no Brasil, foi a própria Fifa.

EPÍLOGO

“O futebol é um patrimônio do povo brasileiro. Mas, historicamente, tem sido usado por alguns para enriquecer. Quando o torcedor perceber a força que tem e os jogadores entenderem que são os principais atores do espetáculo, essa exploração acaba.”

Paulo André

Ao dar início às nossas investigações, partimos da declaração de um presidente de federação a um dos autores deste livro: “Futebol é um prostíbulo, e não há espaço para freiras”. Sabíamos, portanto, que o resultado final de nosso trabalho seria um paliativo.

Este livro mostra por que a aspiração de “consertar” o futebol é utópica. Trata-se, hoje, de um grande negócio em torno do qual gravitam interesses inconfessáveis. Para se ter dimensão das cifras envolvidas, a Fifa faturou US\$ 1,4 bilhão somente no ano passado. E, como em ano de Mundial o caixa cresce, a tendência é que o faturamento de 2014 seja ainda maior com a Copa no Brasil.

Nada mal para uma entidade que 40 anos atrás tinha menos de US\$ 20 no caixa, segundo João Havelange, que ficou no comando de 1974 a 1998, e deixou o órgão com US\$ 4 bilhões nos cofres. Ele recebe pensão da Fifa até hoje. Prêmio pelos serviços prestados.

Havelange foi substituído por Joseph Blatter. O economista suíço faz gênero de burocrata, com seu discurso banal. Na verdade, é um velho lobo que aprendeu a atuar nos bastidores com gente que sabia como ninguém fazer cara de paisagem enquanto esfaqueava adversários pelas costas: Horst Dassler, o dono da Adidas, e o brasileiro João Havelange. Antes da Copa dos Estados Unidos, em 1994, especulou-se que Blatter concorreria contra Havelange. Ele nunca confirmou. Reeleito pela sexta vez, o brasileiro sacou o punhal e eliminou aqueles que supostamente tramaram contra ele. Blatter sobreviveu.

Ou o brasileiro acreditou que o suíço de fato jamais o trairia, ou tinha motivo

para temer o secretário-geral. O fato é que Havelange anunciou, também, que deixaria o poder em 1998. Abriu caminho para Blatter. Fez campanha por ele. Embora tenha adotado o discurso da transparência, era pura bravata. Blatter nunca revelou seu salário, nem as mordomias que recebe da Fifa. Falou sempre em defender a “família” do futebol. Poderia ter dito “famiglia”.

Pelo menos em público, foi sempre leal aos cartolas que caíram em desgraça com revelações escandalosas de corrupção. Quando, no Brasil, duas CPIs decidiram investigar a CBF, Blatter falou em suspender o País de competições internacionais. Quando se especulou que Blatter sabia podres de João Havelange, ele negou. Não, não tinha sido informado de que o chefe tinha recebido, por erro, na contabilidade da Fifa, um pagamento milionário de propina. Quando a ISL, empresa de *marketing*, foi à falência, o suíço correu o sério risco de não se reeleger. Para manter as mordomias da cartolagem, a Fifa precisou fazer empréstimos dando como garantia futuros contratos de TV. Na defensiva, Blatter montou um comitê de auditoria da entidade. Um dos indicados por ele, acreditem, foi Ricardo Teixeira, o campeão das propinas da ISL.

Mais recentemente, os advogados da Fifa fizeram tudo o que estava ao alcance da entidade para enterrar as investigações da promotoria da Suíça. Derrotados, montaram uma barricada para evitar acesso da imprensa aos detalhes da podridão. Argumentaram que receber propina não era proibido na Suíça e que o dinheiro embolsado era parte da remuneração dos cartolas. Blatter não acabou com o compadrio na entidade que comanda o futebol. Pelo contrário, tirou proveito dele sempre que necessário. Prega a transparência. Para os outros. A queda de vários aliados acabou por abrir caminho para que ele reforçasse seu poder na entidade. Com a escolha do Qatar para sediar a Copa de 2022, cimentou relações bilionárias para suas futuras campanhas. Já completou 12 anos no poder. Provavelmente será reeleito, em junho de 2015, aos 78 anos de idade. Se é possível falar num modelo de malandragem suíça, é ele.

- - -

A máquina de fazer dinheiro criada por Havelange e consolidada por Blatter na Fifa talvez seja a ruína do esporte como o conhecemos. O modelo foi imitado nos quatro cantos do planeta. O talento cedeu lugar ao *marketing*. O poderio da Nike e da Adidas, principais patrocinadoras do futebol pelo mundo, pode ser medido pelo patrocínio dos principais jogadores da Copa de 2014.

Na seleção da Nike temos Cristiano Ronaldo (Portugal), Neymar (Brasil) e Ribéry (França). Na concorrente alemã, jogam Messi (Argentina), Iniesta (Espanha) e Özil (Alemanha). Das 32 seleções que disputam o Mundial do Brasil, dez são Nike e 16 são das empresas fundadas pelos irmãos Dassler – oito da Adidas e oito da Puma.

O futebol e o *marketing* associados serviram para turbinar o caixa das emissoras de televisão. Elas compram os direitos de transmissão dos jogos e vendem as cotas de patrocínio para os anunciantes. Talvez os bilhões envolvidos expliquem a fábrica de celebridades esportivas que faz tanto sucesso na mídia mundial. Para se ter uma ideia do que estamos falando, a TV Globo deve faturar em 2014 R\$ 2,55 bilhões com a venda de cotas de patrocínio da Copa do Mundo e dos campeonatos pelo Brasil.

Quando começamos a vasculhar o submundo do futebol, sabíamos, portanto, que o resultado seria incerto. Seria possível, talvez, jogar um pouco de luz nas trevas do que se transformou o futebol brasileiro. A queda de Ricardo Teixeira trouxe uma breve esperança de que as coisas poderiam mudar. Mas durou pouco. Muito pouco.

A estrutura do grande negócio permite acomodar gente como o “medalhista” José Maria Marin no comando da CBF. Um gesto constrangedor dele, quase uma anedota, demonstra como são tratadas as questões do futebol brasileiro. Um mês antes da queda de Teixeira, Marin foi flagrado literalmente embolsando uma das medalhas que seriam distribuídas aos jogadores e comissões técnicas do Corinthians, que venceu a Copa São Paulo de juniores, a Copinha. Marin, a CBF e a FPF se apressaram em divulgar a versão de que ele não fez nada de errado. Era maledicência da imprensa. Isso porque Marin também ganharia uma medalha. Mas por que o vice-presidente da CBF ganharia uma medalha? Menos de 50 dias depois, Marin era alçado ao trono do futebol brasileiro.

Boa parte dos cartolas e da imprensa esportiva acreditava que o governo Marin era provisório, por sua idade avançada e por trapalhadas como a da medalha. Aos poucos, o ex-governador biônico de São Paulo, indicado pela ditadura militar, mostrou que não estava ali por acaso. Foi conquistando espaço e apoio das federações. Não conseguiu se aproximar da presidente Dilma, mas ganhou a confiança da Globo e dos patrocinadores. Enfrentou os protestos das ruas, mas mostrou habilidade mesmo quando encarou os protestos dentro de campo.

Em 30 de setembro de 2013, um grupo de 20 jogadores fundou o Bom Senso FC,

um movimento dos atletas de futebol para cobrar melhores condições de trabalho, como redução no número de jogos por temporada e mais dias de férias, entre outras medidas. Na liderança do movimento, jogadores como Alex (Coritiba), Seedorf (Botafogo), Dida (Grêmio), Rogério Ceni (São Paulo), Juninho Pernambucano (Vasco) e Paulo André (Corinthians), que atuava como porta-voz da entidade. Adotaram o *slogan* “por um futebol melhor para quem joga, quem torce, para quem transmite, para quem patrocina, para quem apita”.

Com apoio de “mais de 300 atletas das séries A e B do Campeonato Brasileiro”, o grupo conseguiu articulação rápida – facilitada pelo uso do aplicativo WhatsApp, pelo qual se comunicavam minuto a minuto. No início de outubro, Marin chamou os representantes para uma reunião e fez promessas, que não foram cumpridas no prazo acordado. No fim de outubro, durante a 30ª rodada do Campeonato Brasileiro, os jogadores deram um abraço coletivo, como forma de protesto. Quatro rodadas depois, ficaram 30 segundos sem se mexer depois do apito inicial do árbitro. Nova reunião com a cartolagem, e nada resolvido. A pressão crescia e a possibilidade de greve já era grande. No fim de novembro, a CBF divulgou uma nota para esfriar o clima e ganhar tempo. Era final de temporada e a entidade esperava um 2014 mais morno. O novo ano chegou e os jogadores ameaçaram não entrar em campo nos estaduais.

Marin manobrou e esvaziou o movimento. Colocou pressão sobre os cartolas e também contou com a sorte. Seedorf foi para o Milan, Dida trocou o Grêmio pelo Inter e Juninho Pernambucano encerrou a carreira. Faltava dar um jeito no principal cabeça do movimento: Paulo André. Jogador de características raras na história do futebol brasileiro, o zagueiro é escritor, pintor, politizado e bastante articulado. Havia muito tempo estava incitando os atletas a se rebelarem. Quando Ricardo Teixeira caiu, postou em seu *microblog*: “Ricardo Teixeira renuncia à CBF e ao comitê da Copa. Marin assume... Começamos bem a semana! Mas não adianta mudar a presidência e não alterar a mentalidade e o modelo de gestão aplicado pela CBF. Novas ideias são bem vindas, espero. Que sejam boas, me coloco (sic) à disposição para ajudar”. A coragem de Paulo André fez com que a cartolagem se unisse. Até Andrés Sanchez criticou o jogador, que incomodava não só a CBF como também a Globo. Era preciso sumir com ele.

Em fevereiro de 2014, Paulo André foi para o outro lado do planeta: o Corinthians anunciou sua venda para o Shandong Luneng, da China. No aeroporto, disse, ironicamente, que o empresário dessa negociação foi José Maria

Marin. “Essa resposta foi dada de forma irônica e o objetivo era mostrar a minha tristeza em deixar o País em um momento tão importante na nossa luta por um futebol melhor. Não tenho dúvida de que os dirigentes ficaram felizes quando souberam que eu ia parar de pressioná-los publicamente a cada entrevista”, explicou Paulo André, em conversa por *e-mail*, direto da cidade de Jinan. “O futebol é um patrimônio do povo brasileiro. Mas, historicamente, tem sido usado por alguns para enriquecer. Quando o torcedor perceber a força que tem e os jogadores entenderem que são os principais atores do espetáculo, essa exploração acaba.” Para ele, com a saída de Ricardo Teixeira “não houve evolução ou retrocesso” no futebol brasileiro.

Não há nenhuma perspectiva de melhora no horizonte. No dia 17 de abril de 2014, o candidato de Marin, Marco Polo del Nero, foi eleito presidente da entidade – tento como vice o próprio Marin e o empresário Fernando José Macieira Sarney. Filho do senador e ex-presidente da República José Sarney, Fernando Sarney está na cúpula da CBF desde 2004. Nesse período, ele foi denunciado pela Polícia Federal por formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, gestão de instituição financeira irregular e falsidade ideológica, após ser deflagrada a “Operação Faktor”, que investigou suposto caixa dois na campanha de sua irmã, Roseana, ao governo do Estado Maranhão em 2006. Ele sempre negou as acusações.

A chapa de Del Nero foi praticamente aclamada. Dos 47 votos possíveis, teve 44. Candidato único, recebeu apoio de 25 das 27 federações estaduais de futebol – gaúchos e paranaenses votaram em branco. Dos 20 clubes da Série A, 19 ficaram ao lado de Nel Nero. E o apoio não foi unânime por uma questão estratégica: o Figueirense não participou do escrutínio porque ainda disputava na Justiça a vaga à primeira divisão do Campeonato Brasileiro e seu voto poderia ser impugnado posteriormente.

Ex-vice da CBF e presidente da Federação Paulista de Futebol, ele chegou a ser envolvido em uma operação da Polícia Federal, no fim de 2012, que investigou uma quadrilha que vendia dados sigilosos de pelo menos 10 mil pessoas. Foi liberado, após depor que contratou um escritório de investigação para resolver um problema pessoal e acabou no rolo.

Andrés Sanchez ensaiou uma oposição a Del Nero. O ex-presidente do Corinthians tem sede de vingança contra o grupo de Marin. Ele era o diretor de seleções da CBF quando o novo presidente assumiu, no lugar de Ricardo Teixeira,

de quem era fiel escudeiro. Sanchez passou a ser frito diuturnamente. O projeto de Del Nero era aniquilar o rival politicamente: mantê-lo no cargo de diretor de seleções, a fim de amarrá-lo à entidade, e simultaneamente isolá-lo lá dentro. Prova disso veio em novembro de 2012, quando a cúpula da CBF decidiu trocar o comando técnico da seleção principal sem comunicar seu diretor.

Sanchez soube da decisão de maneira insólita: recebeu a ligação de um garçom corintiano, que trabalha em um dos mais luxuosos restaurantes de São Paulo. “Presidente, não estou ligando para pedir camisa. Quero te falar uma coisa que o senhor precisa saber.” No dia anterior, Marin e Del Nero contaram a convidados da mesa que fariam a “demissão de todo mundo”. “Exceto o senhor, presidente”, disse o garçom. Sanchez sacou o jogo.

No dia 23, Mano Menezes, amigo e indicação do ex-presidente corintiano, foi mandado embora do cargo após fracasso na Olimpíada de Londres. No dia 27, o então diretor de seleções participou do programa *Mesa Redonda*, da TV Gazeta, e recebeu a informação de um jornalista de que Luiz Felipe Scolari seria o novo treinador. Sanchez ficou irado. No dia seguinte, Felipão foi confirmado no cargo e Sanchez entregou sua carta de demissão na CBF.

A partir daí, iniciou forte campanha contra os novos dirigentes da entidade. Dizia aos quatros ventos que seria presidente da CBF, nas eleições previstas para 2015. Mas Marin, raposa velha, compôs com todos os aliados do dirigente corintiano: manteve todos os acordos com a Globo, não investigou a administração de Ricardo Teixeira e deu todo apoio necessário a Ronaldo no Comitê da Copa.

Isolado, Sanchez desistiu da candidatura. E, para sua mais absoluta ira, Del Nero foi eleito de forma acachapante, com até mesmo voto do Corinthians. A partir de 2015 (sem data definida para início de mandato, até o fechamento deste livro), governará com apoio de todos. Inclusive de Ricardo Teixeira.

- - -

Você, que aceitou o convite para fazer a viagem por estes corredores pantanosos, acha mesmo que agora, depois de ter abdicado, Teixeira ficou sem poder? Pense de novo. O cartola, como já mostramos, assumiu a CBF em 1989. A entidade estava praticamente falida. Ele trouxe o modelo implantado pelo sogro na Fifa – aliando *marketing* e televisão –, e transformou o futebol brasileiro num negócio altamente lucrativo e rentável. Principalmente para ele. O ponto alto de

Teixeira foi trazer a bilionária e lucrativa Copa do Mundo ao País. Abatido em pleno voo, o cartola foi embora, mas deixou a filha Joana em um cargo-chave do comitê que organizou a Copa no Brasil. Vários parceiros ficaram em postos estratégicos.

E continua atuando nos bastidores. É dono de todos os segredos do futebol brasileiro. Marin atuou contra Teixeira somente enquanto esse ocupava a cadeira que ele desejava – ainda assim, apenas nos bastidores. Depois que assumiu seu lugar, jamais instaurou qualquer procedimento para investigar as denúncias contra o antecessor. Com a Justiça brasileira, Teixeira também não deve perder suas noites de sono. Apesar de investigações abertas pelo Ministério Público, Polícia Civil e Polícia Federal, o cartola até aqui ganhou de goleada. Nunca foi condenado nos diversos processos sobre lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, apropriação indébita e evasão de divisas. Em alguns, o processo simplesmente foi suspenso para toda a eternidade. É um sobrevivente.

Investigado por duas CPIs do Congresso, no início dos anos 2000, chegou a dizer publicamente que não seria mais candidato. Ficou, depois, mais uma década no cargo! Hoje, mesmo fora do poder, goza de ótima relação com membros do Poder Judiciário. Só não conseguiu, até hoje, bater o outro peso-pesado do futebol brasileiro nos campos da Justiça: o sobrenome Havelange.

A separação de Lúcia foi litigiosa e teve o efeito prático de congelar os negócios de Teixeira. Mesmo que quisesse, o cartola não teria mais como apagar o rastro dos papéis, sobre os quais mais tarde duas Comissões Parlamentares de Inquérito se debruçaram. A CPI da CBF, instalada em 2000, apurou que a separação custou a Teixeira R\$ 924 mil em bens, que ele transferiu à ex-mulher quando o processo judicial terminou, em 1999 (o litígio teve início em 27 de agosto de 1998).

Em 2011, após nossas primeiras denúncias, Ricardo Teixeira mexeu no processo, de número 0138524-43.1998.8.19.0001. Segundo o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 20 de setembro, o caso foi desarquivado. Quem retirou os volumes foi o advogado Carlos Eugênio Lopes, homem de confiança de Teixeira. A CPI da Nike mostrou que Lopes era um dos advogados pessoais do cartola que recebiam os honorários com dinheiro da CBF. O motivo do desarquivamento do processo de separação é desconhecido, porque está em segredo na 10ª Vara da Justiça do Rio de Janeiro. Estranhamente, o processo não havia sido devolvido pelo advogado à Justiça até o fechamento deste livro.

Essa é uma das constatações de que os laços entre Ricardo Teixeira e Lúcia e

João Havelange ainda devem durar muitas Copas. Iniciada no Carnaval e construída nas tribunas do futebol, expressões populares do Brasil por excelência, a relação amorosa que sacudiu as tribunas do futebol mundial prossegue agora nos tribunais.

Uma eventual reabertura do processo pode mexer em feridas. João Havelange demorou anos para engolir o que Ricardo Teixeira fez. Engoliu, mas nunca digeriu, como deixa claro no livro *Jogo duro*: “Há uma coisa que o senhor nunca se esqueça: o Ricardo é pai dos meus netos. E eu não quero perder os meus netos. Então, tenho de tratá-lo bem. Acho que me fiz compreender, ora bolas!”.

O afastamento durou anos. No episódio mais marcante de sua ira contra o ex-genro, João Havelange humilhou o então presidente da CBF diante de centenas de pessoas. Em 11 de janeiro de 1999, Ricardo Teixeira preparou um jantar de gala no Golden Room do suntuoso Copacabana Palace para homenagear Havelange – que simplesmente não apareceu. O evento foi anunciado como a entrega do título de presidente de honra da CBF ao ex-presidente da CBD. No entanto, todos estavam cientes de que, de fato, haviam sido convidados para testemunhar o restabelecimento dos laços entre Teixeira e Havelange.

Dentre os convivas, o ministro dos Esportes (Rafael Greca), o governador (Anthony Garotinho) e o prefeito do Rio (Luiz Paulo Conde). Teixeira, que havia acabado de passar por uma cirurgia na perna direita, ficou mais de uma hora na porta do elevador à espera do ex-sogro. O presidente da CBF havia passado por cirurgia no fêmur e na clavícula, quebrados em uma queda de cavalo justo no dia em que saiu com sua primeira namorada oficial pós-Lúcia, a socialite Narcisa Tamborindeguy. No Copacabana Palace, a dor maior era no ego. Constrangido, Ricardo Teixeira entregou a medalha para seu filho Ricardinho, o xodó do ex-presidente da Fifa. O rompimento com o ex-genro fez Havelange até reatar com Pelé, com quem havia brigado só por causa de Ricardo Teixeira – afastado do ex-genro, não havia mais motivo para ficar brigado com o “atleta do século”.

Em depoimento à *Piauí*, João Havelange conta que foi a esposa, Anna Maria, que o convenceu a aceitar o ex de sua filha. “Ela me disse: ‘Não te esqueças que ele é o pai dos teus netos’. E aí apaguei tudo. Voltei a me relacionar como se ele ainda estivesse casado com a minha filha. Porque neto é neto. Bisneto é bisneto”, contou Havelange. E ainda teceu um comentário que deve ser elogioso, na família: “Se a senhora um dia tivesse que definir a malandragem, no bom sentido, claro, ela se chamaria Ricardo Teixeira”.

Como autores deste livro, percebemos isso *in loco*. Testemunhamos o descompasso entre as fontes de renda conhecidas de Teixeira e o luxo que ele desfruta na vida pessoal. Hoje, continua recebendo cerca de R\$ 120 mil mensais da CBF – quase o mesmo valor que ganhava oficialmente quando mandava na entidade – e R\$ 60 mil por ano da Fifa.

O ex-presidente da CBF sempre sustentou que fez fortuna no mercado financeiro, antes de assumir o futebol, em 1989. Inimigos dele, como o ex-presidente do Flamengo Márcio Braga, rebateram de forma ácida: “É óbvio que o dinheiro dele vem do futebol. Quando ele assumiu a CBF, vinha de uma firma de investimentos muito ruim, a Minas Investimentos. Foi vendida por um dólar depois de declarar falência”.

Na rara ocasião em que falou em público sobre seu patrimônio, ao depor numa CPI do Congresso, em dezembro de 2000, Teixeira disse que tinha R\$ 4 milhões em bens. Obviamente, àquela altura os senadores ainda não sabiam que, desde 1992, o cartola recebia propinas em dólares numa conta secreta no exterior.

Ao retratar a história de sogro e genro que sobreviveram no comando do futebol por quase seis décadas – isso mesmo, quase 60 anos! –, nosso objetivo foi demonstrar que, se a paixão turva a mente dos torcedores, há quem se aproveite disso. Gente que não necessariamente gosta de futebol. Na entrevista que nos concedeu, o raro Paulo André definiu bem o que se passa: “O futebol é um patrimônio do povo brasileiro. Mas, historicamente, tem sido usado por alguns para enriquecer. Quando o torcedor perceber a força que tem e os jogadores entenderem que são os principais atores do espetáculo, essa exploração acaba”. Esses “alguns” deitam ainda em berço esplêndido.

Para nós, a ficha caiu de vez quando fomos ver de perto os berços realmente esplêndidos dos quais eles desfrutavam.

- - -

Palmeiras, muitas palmeiras. Na fazenda de Piraí, na mansão de Itanhangá, no condomínio da Flórida, no casarão de Angra dos Reis... Lá estavam elas, as palmeiras. Talvez seja paixão por botânica; quem sabe tenham ficado gravadas como símbolo de opulência na cabeça do menino do interior de Minas, que nasceu distante do mar. Ricardo Teixeira gosta de palmeiras. E de luxo.

Fomos ao condomínio onde ficava a casa de praia de Teixeira, em Angra dos Reis. Entrar por terra, só com o convite de algum morador milionário. O jeito foi

ir à marina. Quando informamos aos barqueiros nosso objetivo, todos desconversaram. Tivemos de alugar uma lancha de passeio turístico para chegar perto. Depois de 30 minutos cruzando a baía de Angra, avistamos a impressionante mansão. Descobrimos que Teixeira tinha sido vizinho de Ayrton Senna, esse sim um herói nacional e milionário de renda comprovada graças à carreira espetacular na Fórmula 1.

Um iate estava ancorado no local. Um homem aparentemente fazia a manutenção. Como o objetivo era gravar imagens em vídeo, não havia como esconder o equipamento. A reação foi imediata. O homem começou a gritar em tom ameaçador.

- Vocês não podem gravar aqui não!
 - Por que não?
 - Porque não pode. É área particular.
 - Mas o mar é público!
 - É público nada. Tudo aqui tem dono. Até o mar.
- Donos do mar, vejam só!

Na Flórida, só um braço do Atlântico separa Teixeira do espigão do centro de Miami. As casas que o cartola ocupou no condomínio Polo Club, em Delray Beach, são barracos perto da mansão atual, comprada em 2012. É preciso deixar o centro da cidade e atravessar uma ponte para chegar às Sunset Islands. Pela posição geográfica, quem mora ali tem a melhor vista de *downtown*. Numa guarita, um segurança é encarregado de controlar o acesso. Ele aparentemente nos confunde com um morador e abre passagem com um cumprimento: “Boa tarde!”.

Quem conhece bem a Flórida pode dividir claramente os ricos que frequentam a cidade. Seriam quatro degraus, com o topo reservado aos megabilionários que vivem em West Palm Beach. Teixeira, numa das Sunset Islands, chegou ao degrau número 3. Os moradores se orgulham de dizer que é uma comunidade relaxada, de ruas estreitas, onde os donos passeiam pelas ruas com filhos e cães sem maiores preocupações. Não é o caso de Teixeira, que, quando estivemos lá, morava na casa com Ana Carolina Wigand, a bela morena, 30 anos mais jovem do que ele, com quem se casou em 2003. Com Ana Carolina, Teixeira teve uma filha, Antônia (com Lúcia, foram três: Ricardinho, Joana e Roberto). Em tese, são três pessoas ocupando 600 metros quadrados. A casa é uma das poucas do bairro protegidas por altos portões de metal e sob guarda de uma empresa de vigilância 24 horas por dia.

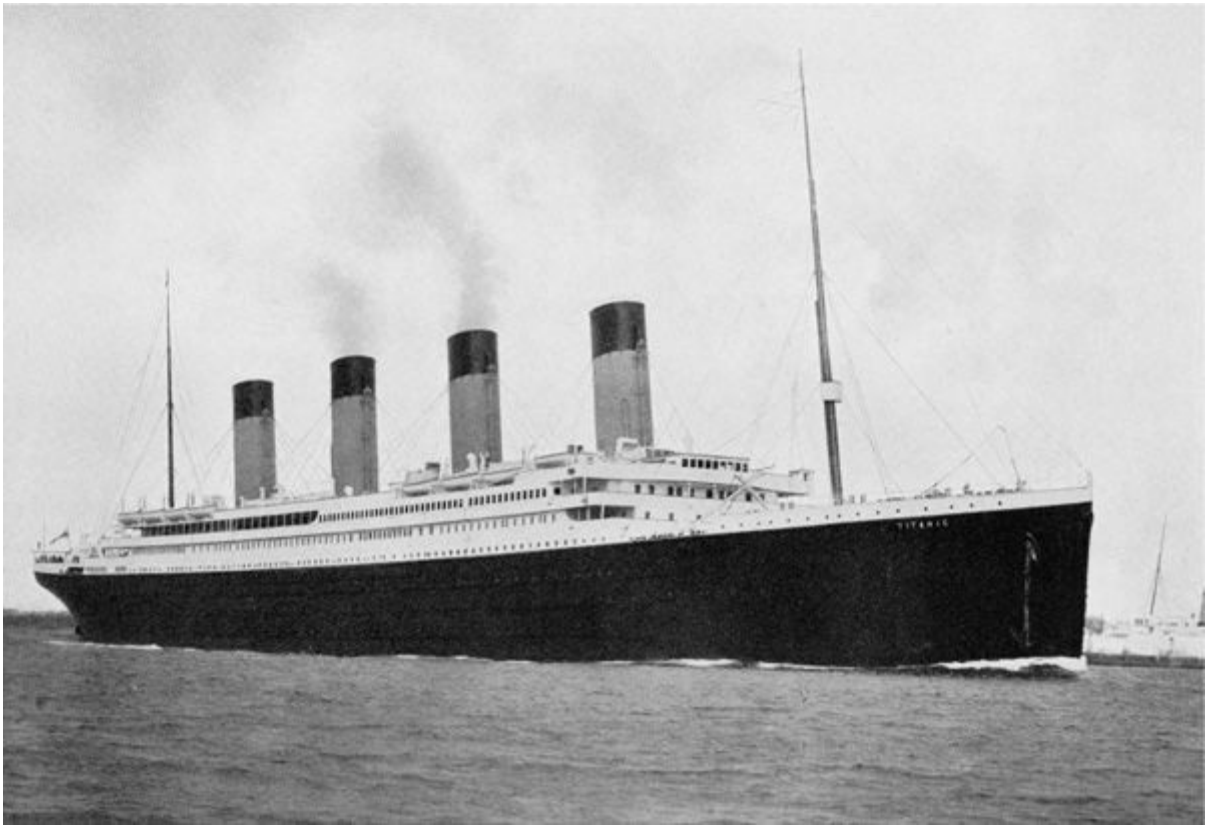
Para não ser injusto com Teixeira, é provável que ele tenha herdado os portões da moradora anterior, a tenista e celebridade Anna Kournikova. Quando fechou o negócio, em janeiro de 2012, a russa deu ao cartola um desconto de US\$ 2 milhões no preço original. Coisas de mercado imobiliário desaquecido, num país em crise. Crise que, aparentemente, nunca chegou a certa turma do futebol.

Por trás do portão grandioso, um pátio calçado de pedras compõe um belo cenário com os muros cobertos de vegetação. As construções são em estilo mediterrâneo. No miolo delas, portas em arco se abrem para uma fonte cercada por palmeiras. Os janelões dos quartos do sobrado desembocam em varandas, de onde se vê a piscina. Mais palmeiras. É possível tomar banho de *jacuzzi*, no spa, de olho nos barcos que entram e saem do canal. Da piscina se tem acesso ao ancoradouro. Do fundo da casa, Teixeira pode embarcar direto num iate em direção à cidade. Ou sair para passear de *jet ski* na baía de Miami.

Os prazeres da mansão perderam sentido com o término de seu segundo casamento no início de 2014. Teixeira voltou para o Brasil. Hoje, segundo os amigos, curte a vida de solteiro na noite do Rio de Janeiro, regada a vinhos caros em restaurantes finos.

Daqui, consegue acompanhar de perto os negócios que amarrou antes de deixar o comando da CBF. Estão em vigor contratos milionários assinados e tutelados por Teixeira. O da Ambev vai até 2018. O da Nike termina só em 2027. A Globo já tem os direitos das Copas de 2018 e 2022. E o mais importante: o contrato dos promotores de amistosos da seleção, do qual participa o sócio Sandro Rosell, só expira em 2022.

De tudo isso, uma conclusão é certa. Não importa quem levante a taça em 2014, 2018 ou mesmo em 2022, caro leitor. Os donos da bola já ganharam, de forma antecipada.



1. *Universal History Archive/Getty Images*



2. Acervo UH/Folhapress

Titanic (1) foi a primeira vitória de João Havelange, segundo o próprio. Seu pai, Faustin, perdeu a hora de embarque e, dois anos depois do naufrágio, nasceu seu primogênito. A primeira grande conquista, de fato, foi a Copa de 1958. O então presidente da CBD acompanhou por telefone, de seu gabinete (2).



3. Bob Thomas/Getty Images



4. *Arquivo Público do Estado de São Paulo*



5. *Acervo UH/Folhapress*

Desde que assumiu a CBD, Havelange bajulou todos os presidentes. O primeiro foi Juscelino Kubitschek, que recebeu os jogadores campeões do mundo em 1958 **(3)**. Jânio Quadros também foi visitado pelo cartola com os jogadores **(4)**. João Goulart esteve com a seleção campeã de 1962 **(5)**.



6. *Gazeta Press*



7. *Acervo UH/Folhapress*



8. Agência Brasil



9. Arquivo/Estadão Conteúdo

Imediatamente após o golpe de 1964, Havelange se aproximou dos militares. Levou Pelé a Castello Branco (6, ao fundo, Ernesto Geisel, quarto presidente do regime). Visitou Costa e Silva (7). Entregou o troféu do tri a Médici (8). Já na década de 80, o último presidente militar, Figueiredo, passou a entidade ao empresário Giulite Coutinho (9).



10. *Marcelo Ferrelli/Gazeta Press*



11. *Marcelo Ferrelli/Gazeta Press*

O cartola e político José Maria Marin, apoiador dos militares, sempre rezou a cartilha de Havelange (10). Abaixo (11), Marin discursa na Assembleia paulista, ao lado dos militares e do governador biônico Paulo Maluf. Ele é acusado de, em um desses discursos, ter incitado a prisão do jornalista Vladimir Herzog, que seria morto na cadeia.



12. *Luludi/Estadão Conteúdo*



13. *Arthur Cavalieri*



14. *Ricardo Teixeira – Foto Gláucio Dettmar/Agência O Globo*



15. Luiz Pinto/Agência O Globo

No final da década de 80, Havelange retoma o comando do futebol brasileiro pelas mãos de seu então genro, Ricardo Teixeira (**12**). A articulação envolveu os presidentes das federações, como o paulista Eduardo José Farah (**13**). Com a CBF em frangalhos (**14**), Teixeira teve apoio maciço de dirigentes e esportistas, inclusive de Pelé (**15**).



16. Agência News



17. *José Paulo Lacerda/Estadão Conteúdo*

Havelange apresentou a Teixeira sua rede de aliados. José Bonifácio Sobrinho, o Boni (**16**, prestigiado pelo cartola no lançamento de seu livro), foi a porta de entrada na TV Globo, de quem o dirigente se tornaria grande parceiro. O bicheiro Castor de Andrade (**17**, com Teixeira) era fiel amigo de Havelange e Boni.



18. *Jane de Araújo/Agência Senado*



19A. Renato Alves/Folhapress



19B. Sérgio Lima/Folhapress

Ricardo Teixeira seguiu Havelange e subiu a rampa do Planalto. A José Sarney (**18**), primeiro presidente pós-ditadura, deu a vice-presidência da CBF – o filho Fernando Sarney ocupa a cadeira até hoje. Aproximou-se de Collor, mas não houve tempo de agraciá-lo. Em 1994, presenteou Itamar Franco com a camisa do tetra e, em 2002, entregou o troféu do penta a Fernando Henrique Cardoso (**19A** e **19B**).



20. *Arquivo pessoal dos autores*



21. *Arquivo pessoal dos autores*



22. *Ana Carolina Fernandes*



23. *Lutz Bongarts/Getty Images*

Em 13 de outubro de 1995, o acidente fatal na estrada Flórida Turnpike (**20**). Na lama próxima ao acostamento, encontramos peças de um carro (**21**). A morte de Adriane dava início à ruptura entre sogro e genro (**22**). Para sua sucessão na Fifa, Havelange troca Teixeira por Joseph Blatter, a quem passa o bastão na Copa de 1998 (**23**).



24. Ailton de Freitas/Agência O Globo

O MELHOR CONTRATO DO MUNDO

PAÍS	VALOR / ANO
BRASIL	US 16 MILHÕES
INGLATERRA	US 11 MILHÕES
ARGENTINA	US 8 MILHÕES
FRANÇA	US 8 MILHÕES
ITALIA	US 7 MILHÕES
ALEMANHA	US 7 MILHÕES
EUA	US 7 MILHÕES
HOLANDA	US 5 MILHÕES

25. Evaristo SA/AFP/Getty Images



26. *FolhaPress*

A derrota para Blatter na Copa de 98 foi acompanhada por outro revés, o massacre da França sobre o Brasil na final. Um incidente com Ronaldo, antes do jogo, motivou parlamentares brasileiros a investigarem a CBF (**24**) e sua fornecedora de material esportivo, a Nike (**25**) – acusada de ter forçado a escalação do atacante (**26**) no jogo.



27. *Gilberto Almeida/Estadão Conteúdo*

Para socorrer Ricardo Teixeira e limpar a imagem da Nike, a multinacional enviou o executivo Sandro Rosell ao Brasil (**27**), que se tornaria amigo e sócio do presidente da CBF. Concomitantemente, Teixeira se acertou com a TV Globo, com quem havia rompido durante a Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional.



28. Agência Brasil/Fabio Rodrigues Pozzebom



29. Flávio Florido/Folhapress

De volta à vida boa, no início de 2002 Teixeira se aproximou do recém-empossado presidente Lula, a quem levou a delegação antes do embarque para a Copa da África do Sul **(28)**, em 2010. Tornou-se também amigo íntimo de Aécio Neves, um dos líderes da oposição a Lula, de quem recebeu a medalha da Inconfidência, quando o político governava Minas Gerais **(29)**.



30. *Divulgação CBF*



31. *Rafael Ribeiro/CBF*



32. *Ricardo Teixeira convida parceiros para convívio com a seleção/Portal IG*

Em 30 de outubro de 2007, saiu o grande gol de Teixeira: a conquista da Copa de 2014 para si mesmo (**30**). Para a organização do Mundial no Brasil, teve como avalista Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa (**31**). O palco estava montado para favorecer seus parceiros, como a Globo de Marcelo Campos Pinto e a Traffic de J.Hawilla (**32**, o trio na Copa América de 2011).



33. *Fernando Pilatos/Gazeta Press*



34. Tom Dib/Lancepress

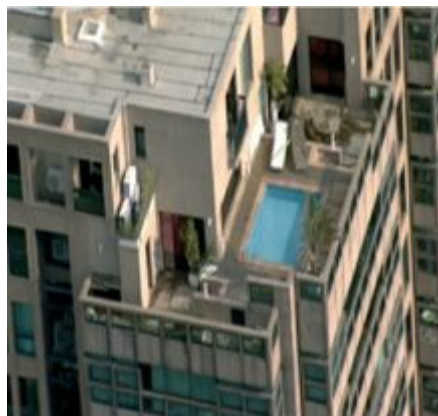


35. Ricardo Stuckert/Instituto Lula

Na briga política da Copa, Lula foi ao Morumbi dar apoio ao estádio para ser palco da abertura (33). Teixeira, o único a não comparecer, articulou com Kassab e Serra a exclusão do campo do São Paulo (34). Derrotado pela Fifa, Lula acionou Emílio Odebrecht para ajudar o Corinthians, do aliado de Teixeira Andrés Sanchez, a construir o Itaquerão (35).



36. *Reprodução TV Record*



37. *Reprodução TV Record*



38. *Reprodução TV Record*



39. Reprodução TV Record



40. Reprodução TV Record

Em 2011, começamos a investigar os negócios de Teixeira. Um patrimônio milionário: casa na Flórida **(36)**, duplex no Rio **(37)**, fazenda luxuosa em Piraí **(38)**. Mostramos as transações com Rosell e Honigman **(39)**. Na Copa América daquele ano, Teixeira colocou seu sócio Rosell, já presidente do Barcelona, no ônibus da seleção para negociar com Neymar **(40)**.



41. *Wilton Junior/Estadão Conteúdo*



42. *Buda Mendes/LatinContent/Getty Images*



43. *Divulgação/CBF*

O cartola começou a perder poder. Ao contrário de seus antecessores, a presidenta Dilma ignorou Teixeira. No sorteio da Copa, colocou Pelé e Blatter a seu lado, para evitar contato com o dirigente da CBF e seu ex-sogro (**41**). Desgastado, Teixeira procurou blindagem em Ronaldo e Sanchez (**42** e **43**).



44. *Arquivo pessoal dos autores*



45. *Arquivo pessoal os autores*



46. *Arquivo pessoal dos autores*



47. *Diari d'Andorra*



48. *Divulgação/CBF*

Longe da CBF, Teixeira curte a boa vida conquistada com o dinheiro do futebol. Do condomínio luxuoso em Delray Beach **(44)**, mudou-se para uma mansão maior **(45)**, com vista espetacular de Miami **(46)**. Comprou também uma propriedade em Andorra, **(47)**. Deixou o comando do futebol nas mãos do “medalhista” Marin, que fez Marco Polo del Nero seu sucessor **(48)**, no dia da eleição), com apoio de Teixeira.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alzira Alves de & BELOCH, Israel & LATTMAN-WELTMAN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer (coords.) – *Dicionário histórico- biográfico brasileiro*. 5 vols. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas/CPDOC, 2001.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos & GOUSSINSKY, Eugênio – *Deuses da bola: histórias da seleção brasileira de futebol*. São Paulo: DBA, 1998.
- BAGGIO, Luiz Fernando – *Copas do Mundo: histórias e estatísticas*. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2005.
- CALDAS, Waldenyr – *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CALDEIRA, Jorge – *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CARDOSO, Maurício – *Os arquivos das Olimpíadas*. São Paulo: Panda, 2000.
- CARMONA, Lédio & RODRIGUES, Jorge Luiz & PETRIK, Tiago – *Brasileiros olímpicos*. São Paulo: Panda, 2000.
- COLLI, Eduardo – *Universo olímpico. Uma enciclopédia das Olimpíadas*. São Paulo: Códex, 2004.
- _____. *O Brasil nos Jogos Pan-Americanos: de Buenos Aires 1951 a Rio 2007*. São Paulo: Editora Caras, 2007.
- CONNOLY, Kevin & MACWILLIAM, Rab – *Fields of glory, paths of gold: the History of European football*. Edimburgo: Mainstream Publishing, 2006.
- COUTO, José Geraldo – *Futebol brasileiro hoje*. São Paulo: Publifolha, 2009.

CUNHA, Loris Baena – *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Desenvolvimento Esportivo, s/d.

DRUMOND, Maurício – *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FITZPATRICK, Richard – *El clásico: Barcelona v Real Madrid: football's greatest rivalry*. Londres: Bloomsbury, 2012.

FOER, Franklin – *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOOT, John – *Calcio: a history of Italian football*. Londres: Harper Collins Publishers, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário – *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio – *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOLDBLATT, David – *The Ball is round: a global history of football*. Londres: Penguin Books, 2007.

GUTERMAN, Marcos – *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HAMILTON, Aidan – *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo & SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo – *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HESSE-LICHTENBERGER, Ulrich – *Tor! The story of German football*. Londres: WSC Books Ltd, 2007.

JENNINGS, Andrew – *The Great Olympic Swindle*. Londres: Simon & Schuster, 2000.

____. *Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos*.

São Paulo: Panda, 2011.

KELLY, Sylvio – *História dos Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gol/Instituto Nacional do Livro, 1972.

KLEIN, Marco Aurélio & AUDININO, Sergio Alfredo – *O almanaque do futebol brasileiro*. São Paulo: Escala, 1998.

KUPER, Simon – *Football against the enemy*. Londres: Orion Books Ltd, 1996.

KUPER, Simon & SZYMANSKI, Stefan – *Soccernomics*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MÁXIMO, João & CASTRO, Marcos de – *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAZZONI, Tomás – *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Editora Leia, 1950.

_____. *O Brasil na Taça do Mundo: 1930-1934-1938-1950*. 4ª ed. São Paulo: s/ed., 1950.

MONTESINOS, Enrique – *Juegos Panamericanos: desde Buenos Aires-1951 hasta Rio de Janeiro-2007*. Havana: Editorial Deportes, 2010.

MURRAY, Bill – *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

NICOLINI, Henrique – *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo: Phorte, 2001.

NOGUEIRA, Cláudio – *Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)*. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2006.

OLDERR, Steven – *The Pan American Games: a statistical history. 1951-1999*. Jefferson (North Carolina): McFarland & Company, 2003.

PAIOLI, Caetano Carlos – *Brasil olímpico*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1985.

PEREIRA, Luís Miguel – *Bíblia da seleção brasileira de futebol*. Lisboa: Prime

Books/Almedina Brasil, 2010.

PORTO, Roberto – *Botafogo: o glorioso*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

PRIORE, Mary Del & MELO, Victor Andrade de (orgs.) – *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

REBELO, Aldo & TORRES, Sílvio – *CBF Nike*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

REZENDE, Marcelo – *Corta pra mim: os bastidores das grandes investigações*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

RIBEIRO JÚNIOR, Amaury – *A privataria tucana*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

RODRIGUES, Ernesto Carneiro – *Jogo duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário – *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSELL, Sandro – *Bienvenido al mundo real*. Barcelona: Ediciones Destino, 2006.

SALDANHA, João – Bate-papo. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.) – *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Vida que segue: Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTIAGO JÚNIOR, José Renato Sátiro – *Os arquivos dos Campeonatos Brasileiros*. São Paulo: Panda, 2006.

SANTIAGO JÚNIOR, José Renato Sátiro & CARVALHO, Gustavo Longhi de – *Copas do Mundo: das eliminatórias ao título*. São Paulo: Novera, 2006.

SCLIAR, Salomão (coord.) – *História ilustrada do futebol brasileiro*. 4 vols. São Paulo: Edobras, 1968.

SHAXSON, Nicholas – *Treasure islands: uncovering the damage of offshore banking*

and tax havens. Palgrave Macmillan, 2012.

SEVERIANO, Jairo & MELLO, Zuza Homem de – *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras. Vol. 2: 1958-1985*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SIMSON, Vyv & JENNINGS, Andrew – *Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas modernas*. São Paulo: Best-Seller/Círculo do Livro, 1992.

SMIT, Barbara – *Invasão de campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

____. *Sneaker wars: the enemy brothers who founded Adidas and Puma and the family feud that forever changed the business of sports*. Nova York: Harper Perennial, 2009.

SOTER, Ivan – *Enciclopédia da Seleção: as seleções brasileiras de futebol*. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.

VALENTINI, Danilo (editor) – *Enciclopédia do futebol brasileiro*. 2 vols. São Paulo: Lance!, 2001.

WAHL, Alfred – *La balle au pied: histoire du football*. Paris: Gallimard, 1990.

WALLECHINSKY, David – *The complete book of the Olympics*. Londres: Aurum Press, 2012.

WEILAND, Matt & WILSEY, Sean – *O guia cult para a Copa do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

YALLOP, David A. – *Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da Fifa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

JORNAIS:

O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, A Gazeta Esportiva, O Globo, Le Monde, Lance!, Marca e Valor Econômico

REVISTAS:

Carta Capital, Época, IstoÉ, Piauí, Placar, Playboy, Sports Illustrated, The New Yorker e Veja

TVs:

BBC, ESPN, Fox, TV Cultura, TV Gazeta, TV Globo e TV Record



O lado sujo do futebol

foi composto utilizando a fonte Bell Mt Std para a Editora Planeta do Brasil, em maio de 2014.